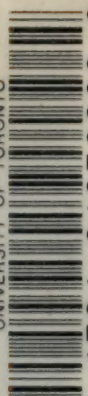


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01659869 0

LUIZ DE CAMÕES

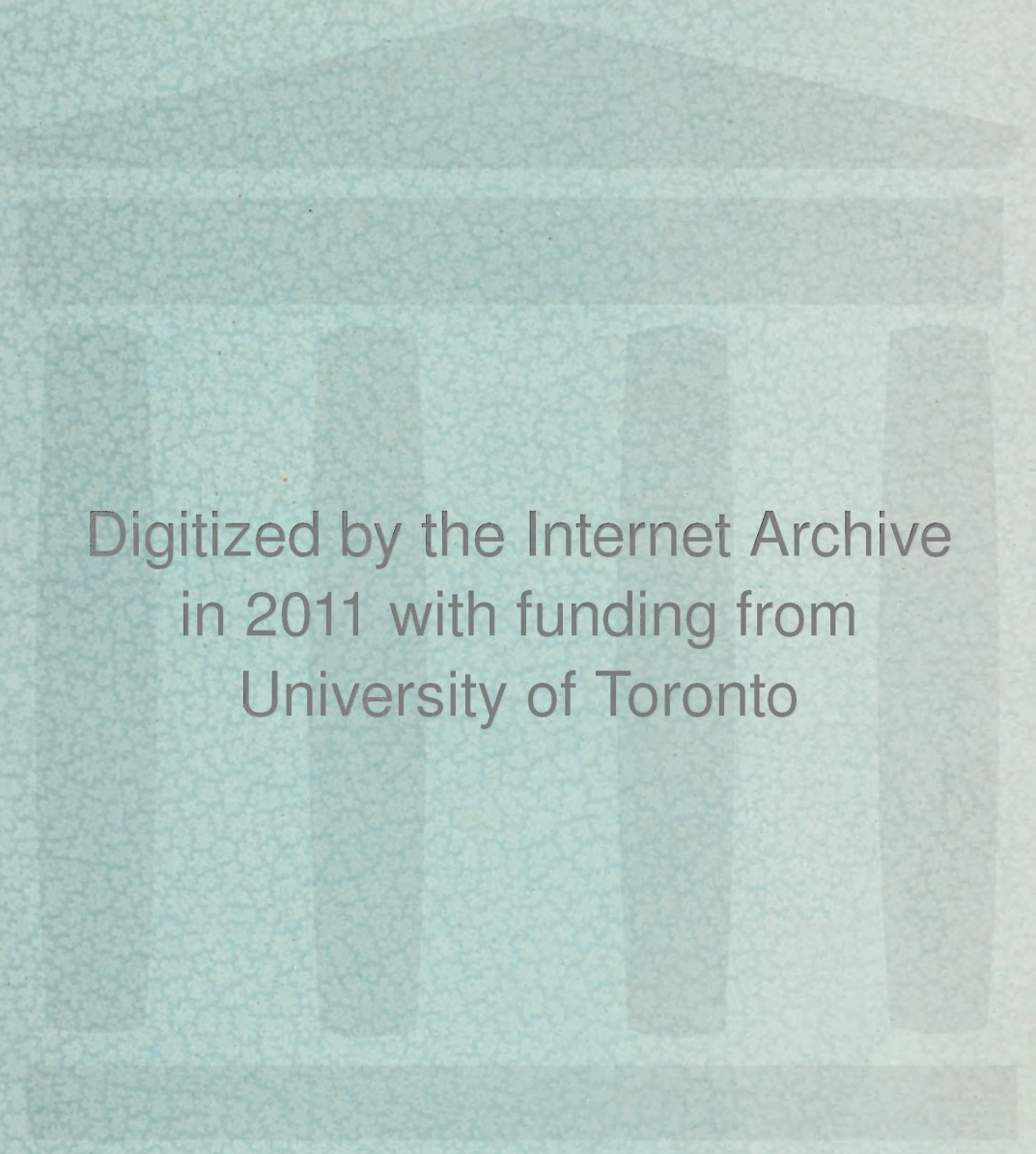
Os
Lusiadas

O MUNDO DO LIVRO

L. da Trindade, 11 - 13

Telef. 2 9951 — LISBOA

N.º 30485



Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

<http://www.archive.org/details/oslusiad00cam>

PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

REIMPRESSÕES

I

OS LUSIADAS

DE

LUÍS DE CAMÕES

REIMPRESSÃO «FAC-SIMILADA» DA VERDADEIRA 1.^a EDIÇÃO DOS LUSIADAS, DE 1572

Precedida duma introdução
e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



LISBOA

TIP. DA BIBLIOTECA NACIONAL

1921

Alberto de Andrade

Set. 1924

of. do Rafael

OS LUSIADAS

DE

LUÍS DE CAMÕES



MVSIS. ET POSTERITATI . S.
 LVDOVICO DE CAMOËS, Equiti Lusitano, Poetæ celeberrimo,
 Musarum delitius Gratiarum Munno Humanarum litera-
 rum Encyclopædico, Nec non armata Paladis egregio secta-
 tori. In quo felicissimum Ingenium et aduersa Fortuna,
 Decertarunt: GASPAR SEVERINVS de Faria veram Effigiem enea
 Tabula incisam vt qui orbem Sam Tama occupauit, presentia
 decorret. D. D. Q.

Paulus Saup.

PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

REIMPRESSÕES

I

OS LUSIADAS

DE

^{CAMUENS}
LUÍS DE (CAMÕES)

REIMPRESSÃO «FAC-SIMILADA» DA VERDADEIRA 1.^a EDIÇÃO DOS LUSIADAS, DE 1572

Precedida duma introdução
e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



LISBOA

TIP. DA BIBLIOTECA NACIONAL

1921

274

L Por
C 195 ku Ro

BB9A78
12/2.52

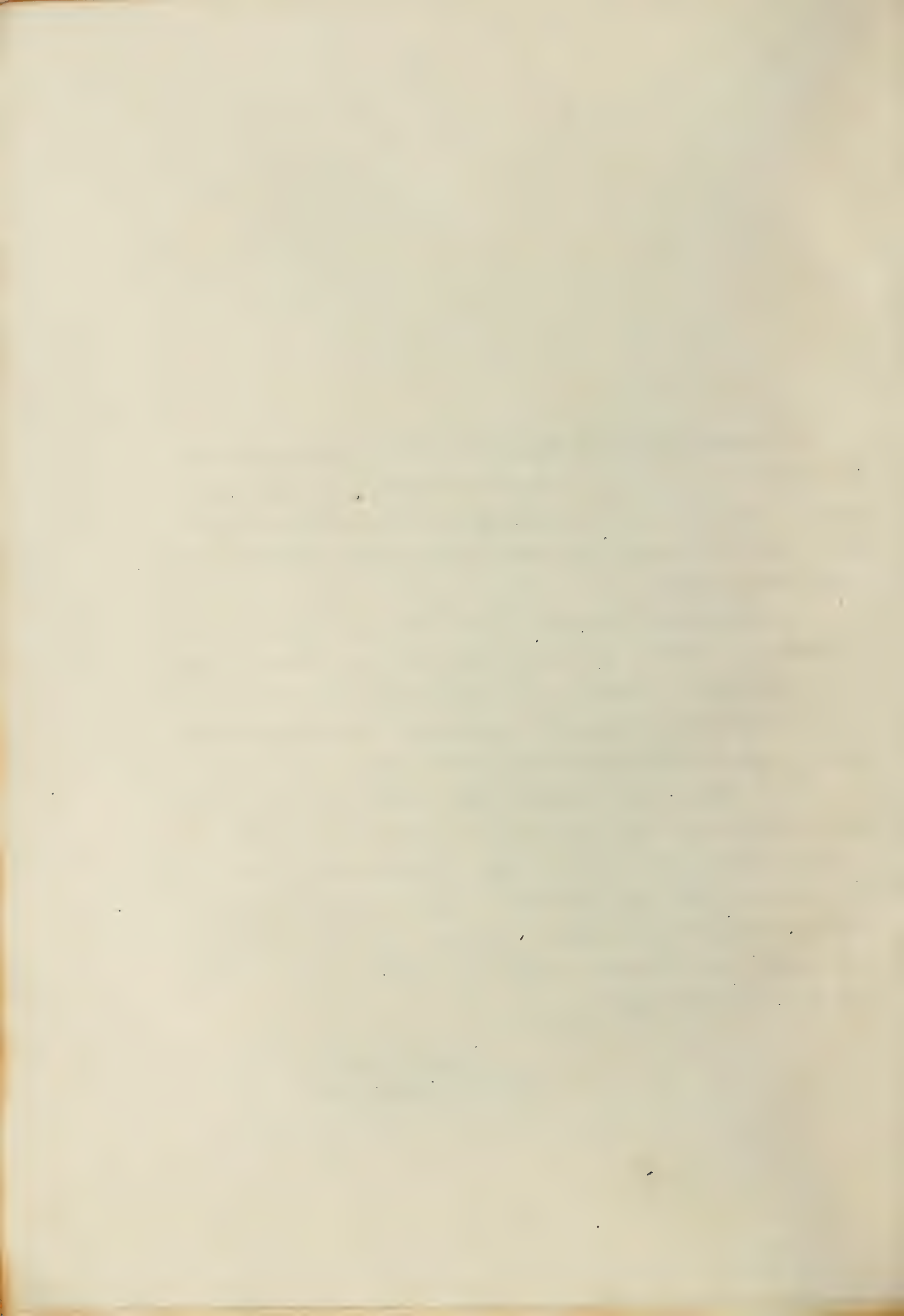
A Biblioteca Nacional, desejando realizar plenamente os seus fins, introduziu no plano dos seus novos trabalhos uma série de publicações, que envolvem a reprodução fac-simile ou tipográfica de obras raras e valiosas, a impressão de manuscritos, a Biblioteca do Bibliotecário e Varia.

Propositadamente iniciamos a série com esta edição fac-simile e crítica dos Lusíadas. Entendemos que era dever primeiro oferecer aos estudiosos, à semelhança do que se tem feito com os cimélios das literaturas estrangeiras, a restituição tanto quanto possível exacta do texto primitivo da mais representativa obra nacional.

Dos cuidados tão fadigosos dessa edição, que exigiam um saber vastissimo e a mais alta probidade scientifica, encarregou-se, a nosso pedido, a pessoa que melhor a podia realizar. Ao sábio Prof. Doutor José Maria Rodrigues, a quem agradecemos a sua colaboração na obra da Biblioteca Nacional, cabe, pois, a honra de ter erguido — não duvidamos afirmá-lo, o melhor dos monumentos à memória do nosso epónimo.

JAIME CORTESÃO

Director da Biblioteca Nacional



INTRODUÇÃO

§ I

A EDIÇÃO «PRINCEPS» DOS LUSÍADAS

Das duas edições da nossa epopeia nacional, datadas de 1572, qual foi publicada primeiro: a que na portada apresenta o pelicano com a cabeça voltada para a esquerda do espectador e começa o v. 7 de 1, 1, pelas palavras *E entre* (edição *Ee*), ou a outra, em que a cabeça daquela ave nos fica para a direita, e a primeira palavra do citado v. é a preposição *Entre* (edição *E*)?

O confronto do texto, da ortografia e do material tipográfico das duas edições não deixa dúvidas a respeito da prioridade de *Ee* (1).

A) Em quanto ao texto: a) encontram-se em *E* discordâncias de *Ee*, que não podem provir do manuscrito do Poeta, nem se explicam como erros de imprensa. Assim, logo na f. 1, 1, 7 (2), no original por que se fez a composição com certeza se lia o que está em *Ee* — *E entre* —, pois a supressão da copulativa, feita por *E*, desliga uma da outra as duas primeiras est. do poema, que formam um só período grammatical, e altera-lhes completamente o sentido (V. o *Ap. crit.*). E foi decerto o ponto final por que termina a oitava que levou o editor de *E*

(1) É absolutamente insustentável a opinião de Silva Túlio, segundo a qual *Ee* e *E* não seriam duas edições distintas, mas uma só, em que se foram fazendo correções durante a tiragem (*Archivo pittoresco*, t. iv, p. 173 e segg.). O facto das correções deu-se, como veremos, com *Ee*, o que não destroi, é claro, a unidade desta edição; mas para *E* houve uma nova composição tipográfica, desde a primeira até a última estância. Não ha página nenhuma do poema que disto nos não ofereça provas cabais, pois só de longe em longe é que aparece alguma oitava em que se não encontrem divergências na ortografia, no tipo, etc.

(2) I. é: na folha 1.^a desta ed., est. 1.^a, v. 7.

a mudar o texto de *Ee* e a substituir por dois pontos o ponto final do 6.^o v. (1). Na f. 5, 1, 4, em *Ee* lê-se — *De Luso* — e em *E* — *Do Luso*. Ora o contexto mostra que o P. escreveu o que nos é transmitido por *Ee*. *De Luso* é complemento de *gente* (cf. ff. 7 v., 1, 4; 11, 3, 1; 21 v., 3, 6; 36, 2, 6; 46 v., 1, 7; 53 v., 3, 8; 100 v., 3, 7; 113 v., 1, 1); mas como o v. 3 da f. 5, 1, termina em *Ee* por uma vírgula, o editor de *E*, iludido também aqui sobre a função do sinal gráfico, supôs que *Luso* devia ser um continuado de *gente* e daí a substituição do *De* por *Do*, passando assim *Luso* de substantivo a adjetivo, como nas ff. 27, 1, 8; 163 v., 2, 2; 168, 1, 8. Por vezes a divergência tem ou parece ter a sua origem na ignorância do editor de *E*, em assuntos de mitologia. É assim que a *Phebe* da f. 99 v., 1, 6, que o compositor de *Ee* leu no ms. do P., é transformada por *E* em *Phebo*, ficando errado o conceito que se queria exprimir. Do mesmo modo o epíteto *Larissea* (f. 160 v., 2, 1) passa em *E* a ser um nome próprio, pela eliminação do artigo, e o nome de *Prometeu*, que o P. escreveu assim e assim se lê em *Ee* (ff. 79, 2, 5, e 98, 3, 4), aparece estropiado em *E*, com a mudança para *o* do *e* da 2.^a sílaba, como que para evitar confusões com o perfeito do verbo *prometer*. E é possível que tenha a mesma causa a desastrada substituição de *filho de Maia* (f. 28, 3, 2) por *filho de Maria* (cf. f. 45 v., 1, 3). Cf. também f. 100 v., 1, 6, *Circes* (*Ee*) (2) e *Circos* (*E*); f. 102 v., 3, 6, *Eoo* (*Ee*) e *Eolo* (*E*) (cf. 102, 3, 5); f. 110, 2, 2, *Doutra Scylla* (*Ee*), *Doutro S.* (*E*); f. 110 v., 2, 6, *Oriente* (*Ee*), *Oriente* (*E*); f. 155, 2, 2, *Philomela* (*Ee*), *Philomena* (*E*). É curiosa a emenda da f. 28, 1, 5, motivada pelo desconhecimento do género da palavra *Chersoneso*. Supondo-a masculina, por causa da desinência, o editor de *E*, mudou o epíteto *Aurea* (cf. f. 181, 3, 5-7) para *Aureo*, mas deixou ficar o feminino *rica*: *a rica Aureo Chersoneso*. Sobre outra emenda que parece

(1) A respeito da pontuação dos *L*. véja-se o § iv desta *Introdução*.

(2) *Circes*, em vez de *Circe*, leu o P., por ex., no *Can. Geral* de G. de Resende (iv, 2) A vírgula que em *E*, f. 94, 2, 3, se segue indevidamente à palavra *Magas*, epíteto do plural *Circes*, talvez se encontrasse em alguns exemplares de *Ee*, pois aparece também nas traduções castelhanas de Caldera e de Tapia, feitas por *Ee*. A não ser que os dois tradutores e o editor de *E* tivessem todos a mesma lembrança de emendar o que estava bem. Cf. no *Ap. crit.* a n. a v., 88, 3.

ter ficado em meio, vid. o *Ap. crit.* a 1 38,5. A respeito de *labastro* cf. o *Ap. crit.* a 111 142,4.

b) Não raro, as discordâncias entre *E* e *Ee* não podem explicar-se senão pelo desejo de introduzir variantes em *E*, para a diferenciar de *Ee*. E já *a priori* se pode calcular qual o mérito da maior parte dessas variantes. Exemplifiquemos: f. 19, 1, 7, *infidas gentes (Ee)*, *fungidas gentes (E)* (1); f. 53 v., 1, 8, *todos (Ee)*, *tudo (E)*; f. 59 v., 2, 8, *amostrais (Ee)*, *mostrais (E)* (2); f. 66, 1, 3, *fero Huno (Ee)*, *forte H. (E)* (3); f. 138 v., 3, 3, *niquicia (Ee)*, *iniquicia (E)*; f. 175, 3, 8, *A Lebre, & os Cães (Ee)*, *A Lebre, os Cães (E)*. Entram ainda neste grupo, f. 11 v., 2, 1, *Responde (Ee)*, *Respondeu (E)*; f. 31, 3, 2, *Da gente (Ee)*, *De g. (E)*; f. 46 v., 2, 6, *do sangue (Ee)*, *de s. (E)*; f. 56 v., 1, 5, *o arrogante (Ee)*, *e ar. (E)*; *ibid.*, 3, 5, *o Ceo (Ee)*, *ao C. (E)*; f. 57 v., 1, 8, *por Jesu (Ee)*, *de J. (E)* (4); f. 132 v., 3, 8, *e Goadiana (Ee)*, *e o G. (E)*; f. 167, 3, 2, *com que Albuquerque (Ee)*, *c. q. o Alb. (E)*; f. 172 v., 1, 2, *Co restante (Ee)*, *Com rest. (E)*; f. 176 v., 3, 6, *que a parte Africa (Ee)*, *q. parte A. (E)*. E também, a não ser que se trate de erros de imprensa, f. 43 v., 2, 5, *batalha (Ee)*, *trabalho (E)*; f. 46 v., 2, 8, *Tornado (Ee)*, *Tornando (E)* (5); f. 68, 3, 6, *sopesando a lança (Ee)*, *sopeando a l. (E)*; f. 106, 1, 6, *amimados (Ee)*, *animados (E)*; f. 133 v., 2, 2, *perjurio (Ee)*, *perjuo (E)* (6). Apontarei ainda uma

(1) Além da superioridade do epíteto *infidas*, a prova de que era este o que se lia no ms. do P. encontra-se na repetição do mesmo conceito por meio do adj. *perfidio* (f. 20, 3, 5; 21 v., 2, 5; 24, 3, 4; 29, 3, 8). E o *fungidas* não custou muito a encontrar ao editor de *E*. Cf. f. 20, 3, 7.

(2) Apesar do verso ficar errado, houve mais de um editor que repetiu o *mostrais*, a começar por P.

(3) Falando de Atila, diz M. A. Sabélico, uma das fontes do P.: «Erat Hunni superbia *fera*que crudelitas omnibus terris nota.» *Enneades*, VIII, 1.

(4) Com o *de* fica a frase equívoca, visto que *Depois de* póde ser uma locução prepositiva.

(5) Só lendo *Tornando* como *Tornando-o* é que esta palavra poderia fazer sentido. Deve ser erro de imprensa o *Tornarmos*, em vez de *Tornamos*, a f. 81, 1, 6. Apesar disso P. adoptou-o.

(6) São muito poucas as alterações feitas por *E* que, embora não melhorem o texto, o não prejudicam. Cf. f. 13 v., 1, 4, *do seu jugo (Ee)*, *de s. j. (E)*; f. 14 v., 3, 3, *todo o dano (Ee)*, *todo dano (E)*; f. 35 v., 2, 2, *resoando (Ee)*, *resonando (E)*; f. 94, 1,

alteração feita por *E* no texto de *Ee*, para a qual não encontro explicação aceitável. É a troca do futuro *Tornarão* de *Ee*, na f. 5 v., 3, 8, pelo pretérito *Começáram*, que o contexto repele, mas que apesar disso reaparece em outras edições, á frente das quais está *P*.

c) Quis o *P*. deixar exemplificadas nos *L*. várias particularidades de fonética, que aqui e além encontrava nas obras dos nossos poetas e prosadores. Estas particularidades são em geral conservadas por *E* (1), mas uma vez ou outra desaparecem, fornecendo assim outros tantos argumentos para demonstrar a prioridade de *Ee*. É típico o *mão* por *mao*, na f. 91,3,2. O *P*. achou aquela forma em mais de uma obra (v. no *Ap. crit.* a n. a v 71,2) e quis deixá-la registada; mas o editor de *E*, julgando naturalmente tratar-se de um erro de imprensa, fez desaparecer o til. É óbvio que, se *E* fosse a edição *princeps*, *Ee* não transformaria por sua conta o *mao* em *mão*. Por outro lado, o *P*. deixou de escrever uma vez a palavra *mãy* (*mãi*) com a nasal (*mais*, f. 66 3,3), por ser grafia usada no *C. G.*, III, 369, etc., e no *Palm.* (t. 1, p. 17; etc.). O editor de *E*, supondo haver erro, emendou para *mãis*, como logo adiante está escrito (f. 66 v., 2, 7). O caso de fonética sintática da f. 52, 1, 2 (*do rios* = *dos rios*), em que o *do* foi mudado por *E* em *dos*, ministra-nos um argumento igual ao que fica formulado a propósito do *mão* e de *mai*. A respeito de *alvoraçado* cf. o *Ap. crit.* a II 2,5. E de *caminos*, *ibid.* a v 79,3.

d) Ha entre *Ee* e *E* um certo número de discordâncias que só se explicam como emendas feitas de *Ee* para *E*, e não vice-versa. Tal é o plural *das cintas* (f. 8 v., 3, 5), que o *P*. podia ter escrito (cf. *Ap. crit.*), mas que em *E* foi substituído pelo singular. Compreende-se bem como o editor de *E* fizesse a emenda no texto de *Ee*, mas não é

5, *toda Ausonia* (*Ee*), t. a *A.* (*E*); f. 137 v., 1, 3, *gentes* (*Ee*), *gente* (*E*). Do passivo de *E* deve descontar-se o *Capitam* da f. 133, 3, 3, pois Tapia leu também esta palavra no texto de *Ee*, por que fez a sua tradução. Quer dizer: o compositor de *Ee* confundiu o *Cipião* do ms. do *P*. com a abreviatura de *Capitão* e só durante a tiragem é que se deu pelo erro e se emendou. No activo de *E* ha apenas a contar o *Mouros* da f. 186 v., 2, 4 (cf. o *Ap. crit.*), não falando na correcção de alguns erros de imprensa de *Ee*, largamente compensada pelos muitos que introduziu. Cf. o *Ap. crit.*, *passim*.

(1) Cf., por ex., *do sopros*, por *dos sopros* (f. 39, 3, 4); *Guardase*, por *Guardarse* (f. 127 v., 1, 2); *Mostra lhe* por *Mostrar lhe* (f. 149, 1, 6).

crível que o editor de *Ee* sentisse o desejo de passar para o plural o singular de *E*. O mesmo se deve dizer do plural *Os* (*Ee*) da f. 23, 1, 7, singular *O* de *E*, e do singular *vella* (*Ee*), mudado por *E* para o plural (f. 79, 1, 2). É o que também se dá, por ex., com a forma *trédoros*, da f. 144, 3, 2, que em *E* se lê *tredores*, e com o *Paresce* da f. 73, 1, 1, em *E* escrito sem o *s*: *Parece*.

B) Em matéria de ortografia são inúmeras as alterações feitas por *E*, com o intuito de corrigir *Ee*, e que por isso mostram ter esta edição precedido aquela.

a) Em *Ee* aparecem às vezes os apelidos escritos com inicial minúscula: *Vasco da gama*, (f. 8, 3, 1); *Egas moniz* (f. 44, 1, 7); *Nuno aluerez* (f. 64, 3, 2); etc. Era a grafia que o P. encontrava em Castanheda, em D. Galvão, na *Crón. do Condestabre*, etc. Era assim também, diga-se de passagem, que o primeiro daqueles assinava o seu nome (1). Ora conhecido o critério adoptado pelo P., que o levou a deixar exemplificadas nos *L.* muitas particularidades de construção gramatical e de métrica, e a dar acolhida a opiniões divergentes sobre o mesmo assunto (cf. no *Ap. crit.*, a n. a VIII 3, 1), não é de estranhar, antes o devemos supor *a priori*, que, a par do uso da maiúscula inicial nos apelidos (cf., por ex., ff. 109 v., 3, 1; 133, 3, 4; 131, 3, 5; etc.), ele os escrevesse também com minúscula. O editor de *E* emendou *Gama* e *Moniz*, mas com a inconseqüência de que deixou tantos exemplos (2), no terceiro caso limitou-se a mudar *alverez* em *alvarez* (3) e noutros reproduziu pura e simplesmente *Ee* (f. 92, 3, 2; etc.).

b) Foi do mesmo modo com o manifesto intuito de melhorar a grafia de *Ee* que em *E* se mudou para maiúscula a inicial minúscula de várias palavras. Cf. *Padre* (f. 7, 3, 1, e 7 v., 3, 1); *Spirito* (f. 20 v., 3, 2); etc. Outras

(1) V. em Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, o fac-simile inserto entre as pág. 50 e 51.

(2) Basta notar o que acontece com a desinência *ão*, predominante em *Ee*. Em geral, *E* substitui-a por *am*, mas ha muitos casos em que subsiste o *ão* de *Ee*, às vezes ao pé do *am*, proveniente da mudança. Cf., por ex., ff. 65 v., 2, e 92. O mesmo se dá com o *çe* e *çi* de *Ee*.

(3) Na *Crón. do Condestabre* (Lisboa, 1526), a par de *Nuno alvarez*, lê-se a cada passo *Nunaluarez* e *Nunalurez*, o que explica o *aluerez* do P.

vezes, e pelo mesmo motivo, são as maiúsculas de *Ee* substituídas em *E* por minúsculas. Assim, *climas e ceos* (f. 5 v., 3, 3), *celeste* (f. 18, 1, 4); *ciudades* (f. 26 v., 2, 1); *estrelas* (f. 45 v., 1, 2); *ilhas* (f. 80, 2, 3); *sanguesuga* (f. 83, 1, 1); etc.

c) É freqüente aparecerem em *Ee* sem letra dobrada palavras que etimologicamente a deverião ter. Ora *E* introduz por vezes a letra omitida. Ex.: *excellente* (f. 2 v., 2, 7); *differentes* (f. 37, 1, 1); *Joanne* (f. 3, 2, 7); *succede* (f. 53, 2, 1); etc. (1). Outras vezes *E* elimina a letra dobrada de *Ee*, que não tem justificação etimológica. Ex. *Africa* (f. 1, 2, 4, e *passim*) (2); *polo* (f. 45 v., 1, 2); *molesto* (f. 33, 3, 7); etc. É por um motivo análogo que o *i* de *Ee* é substituído por um *y* em *Ulysses* (f. 26 v., 1, 1), em *Ulysseos* (f. 47 v., 2, 8) e *Ulyssea* (f. 50, 3, 8).

d) Na acentuação são inúmeras as modificações introduzidas por *E*, em geral para melhor (3), mas, segundo o costume, sem seqüência, nem coerência. Alguns exemplos apenas. F. 1, 1, 7 e 8: *edificarão* e *sublimarão* (*Ee*), *edificáram* e *sublimáram* (*E*); 2, 1, 5: *Vos o novô* (*Ee*), *Vos ô n.* (*E*); f. 3 v., 2, 1: *Em vos* (*Ee*), *Em vôs* (*E*); etc. Sobretudo os acentos circumflexos, muito freqüentes e por vezes descabidos em *Ee*, são substituídos ou eliminados a cada passo por *E*. Alguns ex.: f. 11 v., 1, 2, *tê* (*Ee*), *fê* (*E*); f. 21, 3, 4, *sincêro* (*Ee*), *sincêro* (*E*); f. 48, 1, 8, *dêrão* (*Ee*), *dêram* (*E*); f. 67, 2, 3, *pês* (*Ee*), *pês* (*E*); f. 68, 3, 2, *sêtas* (*Ee*), *setas* (*E*).

e) Muitas são também as alterações, quasi sempre para melhor, feitas por *E* na pontuação de *Ee* (4). Alguns exemplos apenas, sem sair

(1) É escusado observar que estas mesmas palavras aparecem em outros passos de *Ee* com as letras pedidas pela etimologia. Cf. ff. 130, 1, 4; 12 v., 2, 5; 62, 2, 6; etc.

(2) A grafia *Affrica* provém dos mss. latinos da idade média (Cf. o *Thesaurus l. l.*, v. *Africa*) e é corrente no *C. G.*, 111, 259; etc.

(3) Mas não faltam casos como o de *Tânôr* (f. 163, 1, 2), emendado por *E* para *Tânor*, apesar da rima; o de *Aromâta* (f. 176 v., 3, 1), erradamente acentuado em *Ee* (o próprio verso pede o acento na antepenúltima) e em *E* (*Aromatâ*, para acertar o verso); o de *almádias* (f. 16, 3, 1, e 33 v., 2, 2), em que *E* suprimiu o segundo acento (*almâdias*); etc.

(4) Sobre esta matéria veja-se o § iv da *Introd.*

do canto I. Ponto final, em *E*, no fim das est. 10 (2 v., 2); 27 (5 v., 1); 29 (*ibid.*, 3); 32 (f. 6, 3); 34 (f. 6 v., 2); 72 (f. 15, aliás 13, 1); 96 (f. 17, 1). Mudança da vírgula para o fim do verso na f. 1 v., 2, 3. Vírgula no fim da f. 2 v., 3, 1. Dois pontos no fim das ff. 3, 2, 6, e 3, 3, 6. Mudança da vírgula para o fim do v. na f. 4, 3, 2 e 6 (1).

C) A prova material de que a ed. *E* foi publicada depois de *Ee* resulta da combinação destes dois factos: 1.^o o tipo empregado em *E*, no seu conjunto, é o mesmo que serviu para *Ee*; 2.^o esse tipo está muito mais gasto em *E*. O exame dos respectivos exemplares não deixa dúvidas a respeito destes dois pontos (2). Em *E* (poema e privilégio, pois é diferente o tipo da informação de Fr. B. Ferreira), apenas foram substituídas a capital ornamentada *E* do privilégio, a capital *I*, também ornamentada, dos cantos II e VII, e as iniciais do 1.^o verso de quasi todas as oitavas, em que se recorreu a letras do tipo redondo (3), naturalmente por já não oferecerem a necessária resistência as do tipo itálico (4). E apa-

(1) Como curiosidade direi que o fragmento de vírgula, que na f. 79 v., 1, 6, mal se descortina depois da palavra *desfraldando* constitue um argumento em favor da prioridade de *Ee*. Esta vírgula, mais visível em alguns dos exemplares de *Ee*, falta de todo em *Ee* 11. E falta também em *E*, apesar da absoluta semelhança, em quanto ao resto, das duas est. em *Ee* e *E*. Quer dizer: *E* foi composto por um exemplar de *Ee*, em que a vírgula faltava ou não era facil de reconhecer como tal. Caso análogo se dá com os dois pontos depois de *naos* na f. 166, 2, 7, que o contexto faz supor e de que ainda restam claros vestígios em *Ee* 11. (No *T* ha um vago resto do ponto inferior).

(2) Estas conclusões, a que eu tinha chegado, foram confirmadas por dois peritos da Imprensa Nacional, os srs. J. A. Dias Coelho, chefe da revisão, e J. Vitorino Ribeiro, revisor.

(3) Cf. *Ee*, fl. 45, 3, 2; 51, 2, 2 e 4; 52, 1, 8; etc.

(4) Foi igualmente substituída a velha portada, que servira pela primeira vez na edição de 1548 da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*. Mutilada, a partir de 1554, encontrava-se já em 1570 (*Repertorio dos tempos*) em poder de António Gonçalves. Para a edição *E* foi aberta nova portada, copiando-se a que tinha servido para *Ee*; o gravador, porém, não inverteu o desenho, ficando por isso a nova às avessas da antiga. Esta última ainda aparece em 1586 na *Regra do glorioso patriarca S. Bento*, publicada por A. Ribeiro. V. sobre o assunto desta nota os *Estudos Camoneanos* do sr. Gomes de Brito, na *Revista Lusitana*, t. xx (1917). A portada do exemplar da ed. *E* da Biblioteca Nacional é apócrifa. Mostra-o claramente a marca do papel, o desenho e a letra dos dizeres *Impressos* etc., que é gravada.

rece além disso em *E* uma combinação do *sp*, que se não encontra em *Ee*. Afora isto, o tipo é o mesmo, até na variedade de algumas letras, como os *AA*, os *CC*, os *aa* e os *oo*. Em quanto ao estado de conservação do tipo, não ha página nenhuma de *E'*, confrontada com a de *Ee*, que não forneça claros indícios de que foi o desta que serviu para aquela, e não vice-versa.

D) A conclusão a que nos leva o que fica dito sob as letras *A*), *B*), e *C*) é ainda confirmada pelo seguinte facto: Entre as variantes que se encontram nos exemplares de *Ee*, ha esta no c. II, e. 39, v. 6 (f. 25 v., 1, 6) — *Sem quanto merecesse* (exemplar da Academia das Sciências de Lisboa), em vez de *Sem que to merecesse*, como se lê em todos os outros que examinei e como deve ser. Eis a reprodução da est. daquele exemplar.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

*Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem quanto merecesse, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.*

Ora o *quanto*, em vez de *que to*, só pode explicar-se pela abreviatura *q̃ to* do ms., que o compositor leu como se fosse *q̃to* (*quanto*), saindo uma ou mais folhas com esta palavra, até se dar pelo engano. Quer dizer: o exemplar da Academia, que pertence á edição *Ee*, foi composto

por um manuscrito, pelo manuscrito do P., e não por um exemplar impresso, por *E* (1).

A hipótese de que a ed. *Ee* foi publicada depois de *E*, dentro do mesmo ano, com o fim de corrigir os numerosos defeitos desta, cai pela base, se repararmos nos muitos e por vezes graves erros, comuns ás duas edições. Mencionarei os seguintes: *diuidoso*, por *duridoso* (f. 5 v., 1,2); *Os segredos*, por *Ó s.* (f. 12 v., 3, 5); *enefanda*, por *e n.* (f. 20, 3, 5); *findo*, por *fundo* (f. 31, 3, 6); *manda*, por *mandas* (f. 38 v. 1, 7); *algum*, por *alguns* (f. 48, 1, 7); *não retagoarda*, por *na r.* (f. 66, 2, 5); *valer*, por *valor*, em rima (f. 75 v., 2, 6); *o Mynias*, por *os M.* (*ibid.*, 3, 5); *Guido*, por *Gnido* (f. 80, 3, 8); *por nos*, em vez de *por naos* (f. 92, 3, 3); *repousou*, em vez de *repouso* (f. 93 v., 2, 5); *a vez* por *a voz* (f. 95, 1, 8); *emperio*, por *emporio* (ff. 105 v. 3, 8, e 181, 2, 6); *quem* por *que* (f. 137 v., 1, 1); *a rustico*, por *o r.* (f. 154 v., 2,2); *o flor*, por *a f.* (*ibid.* 5); *Vam* por *Tam* (f. 155, 1, 4); *durão*, por *dura* (f. 156, 2,3); *corroras*, por *correras* (f. 158, 1,4); *a leua*, por *o l.* (f. 159, 2,1); *O trabalhos*, por *Os t.* (*ibid.*, 3,4); *Reis Bipur*, em vez de *R. de B.* (f. 163, 1,2); *pradrupedante*, por *quadrupedante* (f. 172 v., 2,4); *aste* por *este* (f. 176, 2,5); *Qut* por *Que* (f. 178 v., 2,8); *profundo* por *profundo* (f. 185, 2, 8).

É manifesto que a maior parte, pelo menos, destes erros não poderiam ter escapado em uma edição feita com o propósito de corrigir aquela em que eles se encontravam. *Ee* não foi feita com intuito de emendar os erros de *E*. Nesta é que se fazem ou pretendem fazer correções áquela, embora não fosse esse o fim da sua publicação.

(1) Não vem fora de propósito notar que as duas primeiras traduções castelhanas dos *Lusíadas*, a de B. Caldera e a de G. de Tapia, publicadas ambas em 1580, foram feitas por *Ee* e não por *E*. Bastam os seguintes confrontos. Em I, 1, 7, Caldera, *y entre*; Tapia, *Que entre*; em I, 24, 4, C., *de Luso*; T., *esta gente del Luso*; em I, 27, 8, C., *de nuevo seguiran*; T., *Proseguira... su derrota*; em II, 1, C., *gentes infidas*; T., *las gentes perfidas*; em III, 34, 3, C., *En batalla*; T., *en contienda*; em IV, 24, 3, C., *el fiero Hunno*; T. omite o epíteto; em VIII, 32, 3, C., *Portugues Cipion*, mas T., *Capitan* (cf. supra a última nota a A) b); em X, 97, 8, C., *Cuamquem... y Arquiro*; T., *Zuarque con Arquiro*; em X, 156, 4, C. e T., *muros*.

§ II

QUANDO, POR QUEM E COM QUE INTUITO
FOI PUBLICADA A EDIÇÃO *E*?

Conexas com a questão que fica discutida, mas de somenos importância para a fixação do texto dos *L.*, são as que acabo de enunciar. *A priori*, a data de 1572 da portada de *E* pode ser verdadeira. Não é inacreditável que no mesmo ano fossem publicadas duas edições dos *L.* Foi o que aconteceu em 1609, em que Pedro Crasbeeck imprimiu para o livreiro Domingos Fernandes duas edições diferentes do poema (1). Podiam também as duas edições de 1572 não ter nenhuma indicação de prioridade, como acontece, por ex., com as duas de 1609, com as duas primeiras do *D. Quichote* (1.^a p.), publicadas em Madrid no mesmo ano (1605), e com as duas que, da mesma obra e na mesma data, apareceram em Valência (2). Podia ainda *E* ter saído sem nova licença da Inquisição, pois também a edição dos *L.* de 1591 foi publicada com a licença que serviu para a de 1584 e nas duas de 1609 a licença é só uma. E esta ainda serviu para a de 1612.

Mas as dificuldades surgem com a divergência entre os dois textos. Como é que no mesmo ano, o mesmo tipógrafo, que parece ter sido também o editor, faria nova edição, introduzindo no texto da primeira alterações que não se achavam no ms. do P., nem dêste podiam provir como emendas? Compreende-se bem que mais tarde, depois da morte

(1) Este reaparecia agora na integra, sob a égide de um deputado do Santo Officio, o ilustrado e patriota D. Rodrigo da Cunha. Ambas as edições reproduzem *Ee*, introduzindo apenas na f. 148, 2.^o, a palavra *māy*, que vinha da tradução castelhana de Caldera, através da ed. de 1597, e fazendo num ponto ou noutro alguma ligeira modificação. Sobre as diferenças entre as duas ed., cf. Brito Aranha, *Dic. Bibl. Port.*, t. XIV, p. 46-47.

(2) V. o *Catálogo* de Salvá, v. *Cervantes*. Ainda no mesmo ano foram impressas duas em Lisboa, mas com licenças de data diversa e em tipografias diferentes. A 1.^a e parece que a 2.^a de Lisboa são anteriores á 2.^a de Madrid. V. *Catálogo de la exposicion celebrada etc. Año 1905*.

do P. e da de A. Gonçalves (1), alguém adquirisse o tipo que serviu para a primeira edição dos *L.*, a fim de os publicar de novo, querendo fazer supor que era a segunda edição de 1572, introduzindo-lhe por isso certos caracteres diferenciais, bem patentes, e fazendo no texto, na ortografia, na pontuação, um certo numero de modificações, como que para sugerir a ideia de que essa edição fôra revista pelo P. e era, portanto, superior à primeira; mas não se compreende outra edição feita em 1572, nas condições de *E*. Não tendo havido revisão do P., pois esta não se pode admitir para *E* (2), a nova edição, se realmente datasse de 1572, devia ser apenas uma reimpressão de *Ee*, com mais ou menos emendas ou melhoramentos de ordem tipográfica, mas conservando intacto o texto primitivo. Até ao editor convinha, se da sua parte houvesse quaisquer intuitos de fraude, que as duas edições se não distinguissem uma da outra. Acresce ainda que, se *E* tivesse saído dos prelos de A. Gonçalves em 1572, o papel em que está impressa esta ed. devia naturalmente apresentar as marcas de agua do que foi empregado em *Ee* e em outras publicações do mesmo impressor, o que se não verifica (3).

Mas se *E* não apareceu em 1572, haverá quaisquer indícios para se lhe poder fixar outra data? Tito de Noronha, no seu livro *A primeira edição dos Lusíadas* (Porto, 1880) e o Dr. G. Guimarães, no prefácio da edição de Coimbra (1919), supoem que *E* veio a lume depois da chamada edição dos *piscos* (*P*), i. é, depois de 1584, devendo porisso datar de 1585 (T. de N.), ou ser mesmo um pouco posterior (G. G.). E *E* seria uma edição clandestina, motivada pelas deturpações de *P*. Como a

(1) A última obra que saiu das oficinas dêste tem a data de 1576. V. Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no seculo XVI*, no Instituto de 1921, p. 524 e seguintes.

(2) A respeito de *Ee*, veja-se o § III.

(3) Eis textualmente a informação que sobre o assunto me deu o Sr. Ataíde e Melo, distinto funcionário da B. Nacional: «Comparando as filigranas dos papéis usados por André Lobato e António Gonçalves e as da edição dos *Lusíadas* de 1572 que tem o bico do pelicano voltado para a direita, vê-se que estas se aproximam muito mais do papel empregado por André Lobato. Donde parece poder-se atribuir a este último a impressão da referida edição dos *Lusíadas*, e provavelmente entre 1580 e 1584».

Inquisição não deixaria reproduzir o texto primitivo, o único meio que se oferecia era fazer uma edição que imitasse o melhor possível a de 1572 (*Ee*), embora o desenho da portada, por esquecimento do gravador, ficasse ás avessas.

Mas, para se ver que esta opinião é inadmissível, basta notar: 1.º) que entre *E* e *P* ha muitos pontos de contacto; 2.º) que, sendo *E* uma edição completa, não podia ter sido feita por *P*, edição mutilada, em que foram omitidas vinte e três estâncias e em muitas das outras se fizeram alterações mais ou menos profundas. Eis as lições comuns a *P* e a *E*, e em que estas edições se afastam de *Ee*: *Entre* (f. 1, 1, 7); *Do Luso* (f. 5, 1, 4); *Começaram* (f. 5 v., 3, 8); *Da cinta* (f. 8 v., 3, 5); *Respondeo* (f. 11 v., 2, 1); *todo dano* (f. 14 v., 3, 3); *resonando* (f. 35 v., 2, 2); *larido* (f. 46, 1, 5); *mostrais* (f. 59 v., 2, 8); *Tornarmos* (f. 81, 1, 6); *a miude* (f. 103, 2, 1); *nonas* (por *nouas*) (f. 122, 3, 5).

Basta isto para mostrar que *P* supõe *E*, pois não se podem tais lições explicar por meras coincidências, nem é crível que o editor de *E*, tendo diante de si (e não podia deixar de o ter) o exemplar completo de *Ee*, o abandonasse de tempos a tempos, para ir buscar a *P*, edição mutilada e alterada, variantes ou inadmissíveis ou desnecessárias. Foi portanto *P* que adoptou lições de *E*, e não vice-versa (1). Por consequência, esta última edição é anterior ao aparecimento de *P*.

Restam os anos que decorrem desde que cessa a actividade de A. Gonçalves (1576) até 1584. E destes temos ainda por certo de deduzir os que vão de 1576 até 1582, data em que terminavam os dez anos do privilégio concedido ao poeta pelo alvará de 24 de setembro de 1571. Não é

(1) Mas não quer isto dizer que *P* seguisse sempre *E*, pois a partir do c. 11 começa a notar-se a influência de *Ee*. É assim que na f. 19, 1, 7, traz *infidas*, como esta, e não *fungidas*, como *E*; f. 23, 1, 7, *Os*; f. 31, 3, 2, *Da*; f. 43 v., 2, 5, *batalha*; f. 53 v., 1, 8, *todos*; f. 57 v., 1, 8, *por J.*; 143, 3, 2, *pera a t.*; f. 149, 2, 1, *todo os*. Foi talvez a pouco feliz substituição de *infidas* por *fungidas*, em 11, 1, 7, que pôs de sobre-aviso o editor de *P* relativamente aos méritos de *E*, que, como segunda edição, datada de 1572, deveria ser superior a *Ee*, e seria a princípio tomada como base exclusiva para o texto de *P*. Alguns anos depois, M. Correia fazia o seu comentário (ed. de 1613) por *Ee*, mas num ponto ou noutro dava a preferência a *E*, às vezes com bem pouca felicidade. Tal é o *mostrais* da f. 59 v., 2, 8, que deixa o verso errado. O *perjuro* da f. 133 v., 2, 2, encontra-se também no *C. G.*, 111, 253.

natural que neste prazo se fizesse uma edição clandestina, com as particularidades de *E*, que os interessados provariam com a maior facilidade ser diferente de *Ee*. E se a edição fosse feita por quem estava ao abrigo do privilégio, não havia motivo nenhum para lhe pôrem uma data falsa. Resta portanto o tempo que decorre de 1582 a 1584. Ora nesta época estabeleceu-se em Lisboa o impressor espanhol Andres Lobato (1), em cuja tipografia o moço da capela do Paço, Afonso Lopes, imprimiu, em 1586, a 2.^a ed. das obras de Gil Vicente, e, em 1587, os autos de António Prestes, dois de Camões (*Enfatriões e Filodemo*) e outros (2). Não seriam êles os autores de *E*? As emendas feitas nesta edição não ultrapassam, antes supõem, o critério de um moço de capela, metido a editor de obras como as que ficam citadas, mais ou menos intendido em questões de pontos e de vírgulas, de acentos, de letras simples ou dobradas, e arrojado até o ponto de mexer nos próprios textos de Camões, de A. Prestes, etc. É o que se diz neste titulo: *Primeira parte dos Autos e Comedias portuguezas, feitas por Antonio Prestes & por Luis de Camões, etc... Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Affonso Lopez, moço da Capella de Sua Magestade, & á sua custa. Impressas com licença & priuilegio Real. Por Andrés Lobato.*

Motiva esta conjectura o facto de que a portada de *E* aparece tambem na 2.^a ed. das obras de Gil Vicente, completa, no princípio dos livros 2.^o e 4.^o, e fragmentada, em várias páginas da obra, como ornato.

Desta maneira, *E* seria uma fraude comercial. Com o tipo que serviu para *Ee*, comprado aos herdeiros de A. Gonçalves, simular-se hia uma segunda edição de 1572, fazendo, pela antiga, uma nova portada, que propositadamente ficasse às avessas, para não haver dúvidas de que se tratava de outra edição, mudando muitas vezes, e com o mesmo fim, a desinência *ão* em *am*, e o *çe* em *ce*, melhorando, mas sem um

(1) A primeira obra por êle impressa em Lisboa, de que há notícia, appareceu em 1584. V. Sousa Viterbo, *O movimento*, etc., no vol. citado do *Instituto*, p. 336 e segg. A última conhecida foi publicada em 1587.

(2) Sobre este A. Lopes veja-se *Vida e Obras de Gil Vicente*, do sr. Braamcamp Freire, p. 292.

plano seguido, a pontuação, os acentos, a ortografia, emendando alguns erros de imprensa (mas deixando escapar outros e introduzindo muitos de novo) e — o que é mais e peor — tocando no texto, para fazer supor que se tratava de uma edição revista e melhorada pelo próprio autor.

§ III

A EDIÇÃO *Ee* E O MANUSCRITO DOS *LUSÍADAS*

O texto da nossa epopeia nacional devemos buscá-lo em *Ee*. Mas reproduzirá esta edição integralmente o ms. do P.?

Apesar do que se tem dito e redito (1), nenhuma alteração foram nele feitas pela Inquisição. É bem explicito o parecer de Fr. B. Ferreira, que declara não ter encontrado no livro submetido ao seu exame «cousa algũa escandalosa, nem contraria â fe e bõs costumes», intendendo porisso que é «digno de se imprimir» e ponderando que «o autor mostra nelle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas». E é o próprio revedor que se encarrega de remover a dificuldade que poderia provir do emprego de mitologia. É que «o autor; como poeta, não pretende mais que ornar o estilo poetico» e porisso não

(1) Eis o que escreve, por ex., G. de Amorim: «Fr. Bartholomeu Ferreira, licenciando a primeira vez os *L.*, só Deus sabe com que violações atrozes, é o mesmo frade que... licenceia a deturpadissima edição dos jesuitas, em 1584.» *Os Lusíadas* etc., t. 1, p. 51. Felizmente em 1572 ainda não dominava o critério rigorista que já se revela no *Catálogo* de 1582 (Lisboa, Antonio Ribeiro), em que se acha incluída a *Eufrosina*, a *Menina e Moça*, as obras de Jorge de Montemor, etc., etc., e se proíbe «o prólogo das obras de Gil Vicente, até que se proveja na emenda dos seus autos». O *Catálogo*, assinado por Fr. Bartolomeu Ferreira, sugere a conjectura de que os *Lusíadas* estavam reservados *in petto* para uma ampla monda, na primeira oportunidade, que aliás não tardou. E se o *Catálogo* se não refere já a eles, como o faz ás obras de Gil Vicente, também anteriormente aprovadas, é isso talvez devido á circunstância de ser a mesma a pessoa que o subscrive e a que tinha emitido o elogioso parecer de 1572. Não impediu este, porém, as secas palavras, que equivalem a uma retratação, do parecer que precede a ed. de 1584: «o qual liuro, asi emmendado como agora vay, não tem cousa contra a fee e bõs costumes».

ha «inconveniente em ir a fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal.»

Se Fr. B. Ferreira, na sua qualidade de revedor, tivesse feito quaesquer emendas ou julgasse que estas se deviam fazer, have-lo hia expressamente declarado no seu parecer, segundo a praxe corrente em tais casos (1).

Mas se o douto dominico, como revedor, nada emendou no ms. dos *L.*, não teria tido, como particular, qualquer intervenção no texto do poema?

É convicção minha que a teve, em mais de um passo.

É conhecido o epigrama que Andrade Caminha lhe dirigiu, «com os seus versos para os examinar»:

Para poderem ser de ti aprouados
Meus versos, e de todos bem ouvidos,
Devem primeiro ser de ti emendados
Com mão d'amigo, e com cuidado lidos.
Serão com tua lima confiados,
Com tua aprouação bem recebidos;
Daquella ficarão cultos e puros;
Com esta poderão correr seguros (2).

São também conhecidas as relações que ele mantinha com outros poetas, um dos quais, o Dr. Francisco Lopes, médico da rainha D. Catarina, diz a esta, na dedicatória dos *Versos en loor de la Virgen*: «Mostrellos al muy Reverendo Padre Fr. Bartholomé Ferrera, nó a fin de los imprimir, sino para poderlos leer y comunicar, y el sobredicho Padre me los emendar» (3).

Ora é possível que o P., ainda que não fosse senão por mera for-

(1) V., por ex., o parecer relativo ao *Sucesso do segundo cerco de Diu*, que é também de Fr. B. Ferreira e tem a data de 16 de fevereiro de 1572. Nele se diz: «alem dalgũas clausulas que emendamos, vão aqui alguns vocabulos» etc.

(2) B. Nacional, Ms. n.º 6383, f. 3o v. Epigrama já muitas vezes publicado.

(3) V. Sousa Viterbo, *Fr. Bartholomeu Ferreira* (Lisboa, 1891), p. 16.

malidade e para captar a benevolência do revedor, se lhe tivesse dirigido em termos parecidos aos que ficam citados.

É possível ainda que, embora isto se não tivesse dado, Fr. B. Ferreira, segundo o hábito em que estava, fosse emendando, aqui e além, uma ou outra palavra que lhe merecia reparo e em que julgava ter havido lapso por parte de Camões. O que tenho como certo é que na edição *Ee* ha vários lugares em que deve ter intervindo mão estranha e essa intervenção só assim a posso explicar (1).

Supõe isto que o P. não reviu as provas, aliás não deixaria passar as obsequiosas *emendas*. Mas esta mesma falta de revisão por parte dele é confirmada pela existência de certas erratas em *Ee*, que não teriam escapado á atenção de Camões, por menos cuidadoso ou menos experiente que ele fosse no assunto (2). O ms. aprovado passou por certo directamente da mesa do Santo Officio para a tipografia e o P. não foi por esta ouvido nem achado para nada. E para quê, se a obra impressa tinha de reproduzir fielmente o ms. aprovado, com o qual depois havia de ser conferida, e se a revisão entregue ao autor constituiria um verdadeiro perigo para o editor, por causa da tentação que aquele teria de fazer uma ou outra emenda no original, podendo inuti-

(1). V. no *Ap. critico* as notas a I 6, 7; 72, 7; III 11, 4; 65, 5; 100, 5; 132, 3-6; IV 18, 7; 54, 1; VI 18, 8; 33, 5; 92, 6; VII 77, 1; VIII 3, 5; IX 21, 6. Cf. as nn. a IV 29, 5, e X 8, 7.

Também me parece ter sido lembrada ao P. por Fr. B. Ferreira a matéria das est. 82-84 do c. x (ff. 174, 3, e 174 v., 1-2), especialmente a dos quatro últimos vv. da est. 84, segundo os quais a Sagrada Escritura chama deuses não só aos anjos bons, mas também aos maos, aos demónios, que são os falsos deuses dos gentios. Ficava assim facilitado o parecer favorável do revedor, ficava, «salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gétios sam Demonios.» Com esta ressalva podia o P. chamar deuses a Júpiter, a Venus, etc. O que é sem dúvida um arrojo é a declaração que, a par disto, ele faz de que Júpiter e os outros deuses da mitologia representam no seu poema, aquele, *a santa providencia*, estes, os anjos, por intermédio de quem ela governa o mundo (est. 83-84). Mas ao menos podiam as consciências timoratas ficar tranquilas com o maravilhoso mitológico do poema.

(2) Refiro-me especialmente a versos ou rimas erradas. Cf. ff. 20, 2, 8; 35 v., 2, 5; 75 v., 2, 6; 93 v., 2, 5; 133 v., 1, 4; 137, 3, 8; 5; 1, 8; 143 v., 1, 5; 148, 2, 6; 163, 1, 2; 176 v., 3, 1.

lizar assim a edição? (1) Para o trabalho mecânico de pôr o que se fosse compondo em conformidade com o ms. aprovado, intendia-se que bastava e era até preferível a revisão técnica da tipografia ou do editor.

Discutindo o assunto, a propósito da edição *princeps* do *Don Quichote*, que «tiene las erratas por centenares», escreve o sr. Rodríguez Marín, na sua valiosíssima edição crítica da incomparável novela: «Pero ¿es que CERVANTES, como autor de la obra, no corrigió sus pruebas?» Esto se han preguntado muchos, juzgando de lo de antaño por lo de hoy... Lo que en esto pasaba es lo que ha dicho don Agustín G. de Amezáua:... «En cuanto un autor vendía el *privilegio* de su obra á un librero, desentendiase enteramente de todo lo que tocaba á la impresión, que era de exclusiva cuenta de aquél...» Así, pues, vendido el privilegio del *Quijote* al librero Francisco de Robles, el autor no vió prueba alguna, ni tenía para qué verla, á menos que espressamente se hubiera pactado esta condición, nada usual, al ceder el dicho privilegio... Sólo así puede explicarse que en todas las ediciones del *Quijote* hayan corrido durante ciento y más años muchas groseras erratas» (2).

(1) Segundo a regra 10.^a das que precedem o catálogo dos livros prohibidos, mandado organizar pelo Concílio Tridentino, o ms. do livro aprovado para a impressão devia ficar em poder do examinador, autenticado e rubricado pelo próprio autor. (Estas regras acham-se traduzidas no *Rol dos livros que neste reino se prohibem*, Lisboa, 1564). Neste caso, devia ir para a imprensa uma cópia devidamente autenticada do ms., que ficava em poder da censura. Mas ha notícia de casos em que para a imprensa ia o próprio original. Assim, por ex., na aprovação do *Sucesso do segundo cerco de Diu*, publicado dois anos depois dos *L.*, lê-se: «Vista a informaçam... imprima-se;... & o proprio original tornará a este cõselho com hum livro dos impressos, para se ver se concordam.» Que aconteceria com os *L.*? Iria para a imprensa o próprio original, escrito pelo P., ou alguma cópia, feita por outra pessoa? Se foi cópia, poderia haver qualquer discordância em pontos secundários (ortografia, acentos, pontuação), mas no texto não deve ter havido alteração. Pelo menos, o P. teria ouvido ler a cópia. Mas ha nos *L.* tantas particularidades que o P. queria que apparecessem na obra impressa, que tudo me leva a crer que a composição foi feita por um autógrafo.

(2) *El ingenioso hidalgo* etc. — Edición crítica. Anotada por Francisco Rodríguez Marín, Madrid, 1916, t. 1, p. 5-6.

O que se deu com Cervantes foi o mesmo que uns tres decénios antes tinha acontecido a Camões. Nenhum dos dois geniais escritores reviu as provas dos livros que os imortalizaram.

Em todo o caso, houve um certo cuidado com a revisão de *Ee*. Os erros não são tantos como os de *E* e ainda durante a tiragem se foram fazendo emendas, como se vê pelo confronto dos exemplares existentes (1). É claro que daqui não pode de modo nenhum inferir-se que houvesse mais de uma edição de *Ee*.

§ IV

A PROPÓSITO DA GRAMÁTICA, DA MÉTRICA E DA ORTOGRAFIA DOS LUSÍADAS

A) «A gramática é freqüentes vezes ofendida nos *Lusiadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacouto das figuras e das nimio elásticas licenças poéticas» — sentenciou Castilho na *Conversação preambular*, que escreveu para o *D. Jayme*.

Felizmente a grave censura desvanece-se, comparando a linguagem da nossa epopeia nacional com a dos melhores escritores do séc. xvi.

Vivendo em uma epoca de transição, em que o elemento psicológico, factor capital na vida da linguagem, começava a recuar perante a chamada disciplina gramatical, baseada nas categorias lógicas, o P., que conhecia como ninguem a indole, os segredos da sua língua, tomou a resolução de, ao mesmo tempo que escrevia o seu poema no português que ainda é o de hoje, ir deixando dispersos por ele certos esquemas de construção, quasi todos em pleno vigor no seu tempo, mas que estavam destinados a desaparecer e até muitos a serem tachados de erros de gramática. *Vae victis!*

É esta a origem da injusta censura feita ao P.

É claro que não resistem á férula nem á proverbial inurbanidade

(3) V. no *Ap. critt.* as notas a II 39. 6; III 71. 7; 73. 2; 107.8; IV 48.6; 71. 2; V 12. 5; 17. 7; 40. 5; IX 74. 1; X 64. 8; 83. 7; 86.6; 87. 1; 88. 6; 97.8.

do gramático (1) o *e* ilógico (ff. 124 v., 3,5, e 137,2, 6), o *e* pospositivo (f. 170 v., 2,4), o verbo na terceira pessoa do singular com o sujeito no plural (f. 48,2, 7-8), as orações principais de particípio imperfeito ou de part. perfeito (f. 23 v., 1,5; f. 147,3), o particípio coordenado a um verbo finito (f. 172 v., 3, 5-7), as mudanças de sujeito (f. 14 v., 2,3), a passagem de orações subordinadas para orações principais (f. 32 v., 2, 1-3), as intercalações, a transposição de versos (cf. no *Ap. crit.* a n. a III 66,3) (2), as construções dos tipos: *é tão bom coma ti* (f. 93, 3, 7) e *lê-se livros* (f. 36,2, 1-2); as contaminações (f. 93 v., 3, 1); etc., etc.

Mas tudo isto viveu (3), tudo isto teve a sua origem na actividade consciente ou inconsciente da alma humana, tudo isto se encorporou na língua literária, onde teve foros de cidade durante muito tempo.

Ao editor e comentador do P. incumbe, portanto, não argüi-lo ou pretender emendá-lo, mas louvar-lhe o intuito e mostrar a proveniência histórica e as causas psíquicas dos modos de dizer hoje repudiados.

Com outro grupo de particularidades — as de fonética sintática e de pronúncia — se avieram mais facilmente os editores e comentadores, sem lançarem suspeitas sobre o P. Expungiram-nas, a título de erros de imprensa! Cf. ff. 39, 3,4 (cf. 181 v., 3,3); 52, 1,2; 127 v., 1,2; 149, 1,6; 174 v., 1,5; 17 v., 1,7; 54 v., 2,2; 65, 3,4; 99 v., 1,8; 108 v., 1,7;

(1) A expressão *lê-se* em Severim de Faria, nos *Discursos varios*, p. 4^a, 1.^a ed.

(2) Aos ex. de intercalações e transposições, cit. no *Ap. crit.*, acrescentem-se estes, que o P. leu no *C. G.*: «O pay velho q̃ trazia | a deosa may *confiança*. | o filho que o seguya, | me dauam q̃ nom faria | daquy nenhũa mudança» (111, 256). Dido expõe as razões que lhe *dauam confiança* de que Eneas se não iria embora. E na p. 301, no epitáfio de Tibulo: «Por que mais hy nom ouuesse, | em elegias disesse, | quem amores desyguaes, | ou as batalhas campaes | dos rreys screuer podesse.» É claro que estes versos não fazem sentido, postos pela ordem em que estão. É preciso ler o 3.^o entre o 1.^o e o 2.^o Outro ex. da p. 234: «Temo hũ Heitor, nõ sey qual, | que Pa-res diz que dizia | de quem ho poder he tal | com mão de ferro mortal, | que crua guerra faria». Aqui, como se vê, os vv. devem ser construídos por esta ordem: 1.^o, 3.^o, 2.^o, 5.^o, 4.^o Menos complicado é este passo da p. 298: «Duas merçes me fareys, | hũa he que me gabeys, | e o que ey de perguntar, | a outra que menssyneys.»

(3) E em parte tende às vezes a sobreviver, mesmo no falar corrente das pessoas cultas,

111, 1,2, e 2,2; 114 v., 2,3; 140, 2,2; 144, 3,7; 155, 2,8; 66, 3,3; 91, 3,2; 132, 2,4; etc.

B) Referindo-se á métrica, prossegue o ilustre homem de letras ha pouco citado: «A versificação dos *Lusiadas* está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificar e rimar é hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assinar como sua uma unica estância inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estância phenix, que ao fim de quasi tres séculos está ainda tão lustrosa e juvenil» (1).

Com a métrica dá-se o mesmo que com a gramática. O P. tomou como ponto de partida a métrica — mas não os metros — do *Cancioneiro geral*, publicado em 1516 por G. de Resende; deixou exemplificados os processos e artifícios de metrifcação que nele encontrava e escreveu em admiráveis versos da medida nova um poema, que devia constituir a base da nossa educação nacional.

Que as deficiências — ou melhor, o que hoje julgamos deficiências — de certos versos são propositadas, é o que para mim não oferece dúvidas.

Logo na 1.^a est. do poema, que custava a C. escrever

Passáram inda alem da Taprobana,

se *inda* nada difere de *ainda* emquanto á significação e se é de uso corrente no poema?

É que o P. quis deixar exemplificada, aqui e em outros versos, a

(1) As ideias de Castilho a respeito da gramática e da métrica de Camões são também as de Silva Tulio; mas este torna responsável, não o P., mas o copista do manuscrito que foi entregue ao impressor. «Que o exemplar manuscrito que serviu para sobre ele serem feitas as duas primeiras edições dos *Lusiadas*, não fôra o original do poeta, parece ser ponto fóra de toda a controvérsia. Pois como convir que Camões, tão conhecedor de tudo quanto no seu tempo se sabia, do que é boa prova a vastissima erudição derramada pelos seus escritos, fosse o copista do manuscrito de um poema, cuja primeira edição é torpissima pelos muitos erros de ortografia, até de syntaxe, de metro e de rima, que nela aparecem?» *Archivo pitoresco*, 1v, 74-175.

contracção em uma só sílaba dos sons *ão + a*, como por vezes se faz também no *C. G.* Cf. o *Ap. crít.* a I 1,4.

Na f. 21 v., 3,5, a palavra *treição* é trissílaba:

E nesta *treição* determinavão.

Ora o P. facilmente podia evitar isto, recorrendo a outra preposição. Tinha ainda ao seu dispor a forma *traição*, que na f. 136 v., 2,3, tem tres sílabas, o que não é de estranhar, por haver a palavra, na sua evolução, passado por esta fase. Mas lá estava o *C. G.* com um verso em que *treição* se conta por tres sílabas. Cf. o *Ap. crít.* a II 17,5.

Os hiatos, que tão freqüentes e ás vezes para nós tão desagradáveis são no *C. G.*, podia Camões te-los em geral evitado com a maior facilidade.

Assim, por ex., na f. 148 v., 3,1:

Ja sobre os Idalios montes pende,

bastava substituiro *sobre os* por *sobollos*, que se encontra pouco adiante (f. 154 v., 2,6).

Mas hiatos como este não faltam no *C. G.* «Que o macho na jornada» (iv, 181). «Sam amigo d'amiguos» (*ibid.*, 246). «Teve parte, e quynhom» (v, 178). «A vida que ey de ter» (*ibid.*, 154).

Na *Epistola de Dido a Eneas* (*C. G.*, III, 245 e seg.) diz aquela: «Por teu pay, as sagradas (1) | reliquias Diliaom | pollas setas» etc. (pág. 261).

No 1.º verso, do *y* de *pay* sae a conjunção *e*, que completa também o v., a que falta uma sílaba (2).

Do primeiro artifício se serviu o P. na f. 115, 1,5:

Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios.

(1) A ed. de Coimbra acrescenta um [&] depois de *pay*.

(2) Nos vv. seguintes desenvolve-se um *o* depois dos *ou*: «Pareças ferdyzello | ... ou genrro de Jam de mello | ou senhor de Caraçena». *C. G.* II, 175.

Do segundo, i. é, da sílaba que não se acha representada graficamente, temos exemplos no *vão* da f. 121 v., 1,1, e no *Vendo* da f. 157, 1,3. Cf. no *Ap. crít.* as nn. a vii 50,1, e ix 74,1.

No *C. G.*, I, 221 e segg., leu o P. estes vv.: «Leuantanse as moedas | quanto mingã nossos fruytos | temporaes, | estas pratykas azedas | estes nossos males muyto | sam geraes». Como se vê pelo sentido, o *muyto* é um advérbio, que se liga a *geraes*; mas tem de rimar com *fruytos* e para isso se lhe junta o *s* de *sam*. Caso análogo temos nos *Lusiadas* f. 21, 2,3, em que o particípio *enganado*, para poder rimar com os outros dois particípios, tem de unir-se ao *os* por que começa o v. seguinte.

Neste passo: «Mas poys o letreyro | ponto nam herra, | contara primeyro | o estado da terra» (*C. G.*, I, 163), ao segundo v. falta uma sílaba, que é o *o* final do v. anterior (1). Também nos *L.*, f. 66 v., 3,7, o *a* final de *rara* exerce a função de pronome, embora se não conte como sílaba, no princípio do v. seg. Faz, porém, de conjunção, e completa métricamente o verso que se lhe segue, o *se* que na f. 25 v., 3,5-6, provém do *s* de *dentes*. Deste processo, no meio do verso, ha um exemplo no lugar do *C. G.*, cit. no *Ap: crít.*, a II 41,6. Da passagem do *s* para o v. seguinte temos um caso no *C. G.*, I, 232: «Ca muytos bayxos indinos | de nobreçydos lugares | perualecem, | & com rrycos trajos fynos, | cadeas douro, colares | engrandecem.» I. é: colares sengrandecem.

No *C. G.*, iv, 350, a propósito do outro, «q̃ no sserão del rrey se meteo em hũa chimine, & fez seus feytos nũ braseyro», conta-se que o reposteiro, acudindo ao odor, «ficou esmoreçydo | quando vyo comem sahya | causa cassy rrecendia». Aqui o *a* de *sahya* exerce dupla função, como o de *rara* no passo dos *L.* há pouco citado.

Nestes vv.: «Tam bẽ mãda q̃ nã goarde | as cousas que me defende, | que as nam fale nem brade», (*C. G.*, v, 84), o *e* final de *defende* serve de copulativa para o verso seguinte. E' o que se dá nos *L.*, f. 49 v., 2, 3.

(1) E este fica ao mesmo tempo servindo de artigo. A ed. de Coimbra acrescenta o [o].

Em conclusão: se nos *L.* ha versos que ultrapassam ou não chegam á medida hoje fixada, o *P.* assim os escreveu intencionalmente. E intencionalmente rebuscou também no *C. G.* os artificios métricos que aí aparecem de longe em longe, para deles fazer uso (1).

Emquanto aos casos de rima incompleta, cf. no *Ap. crít.* as nn. a vii 77, x 88 e 128, e a iii 120 e iv 32. Sobre vv. da medida velha, cf. a n. a v 77,3.

C) Relativamente á ortografia (maneira de escrever as palavras, uso dos acentos e pontuação), cumpre observar o seguinte: a) Dado o critério do *P.*, podemos supor *a priori* que nos *L.* hade haver uma grande variedade no modo como estão escritas as palavras, e até, é claro, a mesma palavra, pois que neles se devem achar representadas as grafias em uso no seu tempo. E assim é, com efeito. Umas vezes a ortografia usada é a etimológica, mais ou menos extreme; outras a sónica, com as variedades a que ella se presta. Casos ha em que a mesma palavra está escrita, parte num, parte noutra destas ortografias. E modos de escrever se encontram por vezes que não entram em nenhuma destas categorias, mas se explicam, ao menos em parte, pelo facto de apparecerem em obras de escritores autorizados. Acontece também que, se o mesmo nome próprio pôde ser ou foi escrito por diferentes formas, estas quasi sempre se acham usadas nos *L.*

Alguns exemplos (2), começando pelos nomes próprios. *Affonso* (f. 43), *Afonso* (f. 3); *Alexandro* (f. 1 v.), *Alexandre* (f. 130); *Anrique* (f. 42), *Henrique* (f. 134), *Enrique* (f. 129 v.); *Cipião* (f. 133), *Scipião* (f. 95 v.); *Mafoma* (f. 37), *Mahoma* (f. 116), *Mafamede* (f. 56 v.) (*Maphamed*, a f. 131), *Mahamed* (f. 17 v.); *Baco* (f. 6), *Bacho* (f. 41 v.); *Phebo* (f. 1 v.), *Febo* (f. 10); *Proteo* (f. 4), *Protheo* (f. 102 v.) (3);

(1) Um artifício ficou excluído dos *L.* o que consiste em elidir a sílaba inicial de um verso (uma vogal, é claro) na sílaba final do v. anterior, para aquele ficar certo. «... Nam maueis descapar | sem vos bem nam escozer. | E pois quẽ (= *que em*) day qua q̃la (= *aquella*) palha | vos castigo» etc. (*C. G.*, iv, 252). O *E* do 3.º v., em que há uma sílaba a mais, considera-se como fazendo parte do v. precedente.

(2) Citarei só um caso de cada palavra, mas os *apax graphomena* que convenha registrar, serão indicadas pelo ponto de exclamação.

(3) O *h* não é etimológico. Cf. *Ptolomeu* (f. 87 v.) e *Ptholomeu* (f. 145), em que o *h* nada tem que fazer.

Africa (f. 1), *Africa* (f. 55) (1); *Barbaria* (f. 80 v.), *Berberia* (f. 117); *Citia* (f. 115), *Cytas* (f. 39 v.), *Scitia* (f. 59); *Hesperia* (f. 71), *Hisperia* (f. 138), *Hispheria* (f. 37); *Lybia* (f. 59) (2).

As mesmas particularidades se notam nas outras espécies de palavras. Alguns exemplos apenas, dentre os inúmeros que se podiam apresentar: *Barões* (f. 1), *varões* (f. 102 v.) (3); *seita* (f. 10 v.), *ceita* (f. 113 v.) (4); *Occeano* (f. 4), *Oceano* (f. 99 v.) (5); *ciencia* (f. 82), *sciencia* (f. 95 v.); *cetro* (f. 171 v.), *ceptro* (f. 51) (6); *antam* e *antão* (f. 29 e 39 v.), *entam* e *então* (ff. 8 e 10 v.); *semeiar* (f. 67), *samear* (f. 114 v.); *agradecer* (f. 14 v.), *agardecere* (f. 96); *māy*, *mais* (!) (f. 66); *mao*, *mão* (!) (f. 91); *subito* (f. 82), *supita* (!) (f. 12 v.) (7); *ingles* (f. 102 v.), *ingres* (!) (f. 104); *perguntar*, *pregunta* (!) (f. 87 v.); *outro*, *otro* (!) (f. 92); *resposta* (!) (f. 88 v.), *reposta* (f. 9); etc., etc. (8).

Dá-se também nos *L.* o curioso facto da duplicação do *l* no meio da palavra, não pedida pela etimologia (9): *vellas* (de navio), a par de *velas* (ff. 4 e 8 v.); *elloquente* e *eloquente* (f. 118 v. e 40); etc. Destas e das outras particularidades ortográficas (os verbos *haver* e *ir* com e

(1) *Africa* é corrente, por ex., no *C. G.* Cf. *Affricano* (f. 5 v.), *Affrico* (*ibid.*), *Africano* (f. 87 v.), *Africa*, adj. (f. 176 v.).

(2) A grafia etimológica é *Libya*. Cf. *Syrena* (f. 94 e 161 v.), em que o *y* não pertence à palavra.

(3) Registrando os tres passos em que ocorre *varões* (vi 37, ix 91, x 7), E. D. observa que esta grafia «parece dever-se considerar como erro tipográfico» (t. 1, p. 329). O P., de conformidade com o seu plano, escreveu *varōs*, a par de *barões*, porque no *Palm.*, por ex., leu este passo: «Nas cousas da honra antre os excelentes varões, a opiniam della pode mais» etc. (1, p. 345).

(4) «As ceitas dos Philosophos». *Ulysippo*, A. 1, sc. 6.^a, p. 224, ed. de 1787.

(5) *Occeano* no *Mem.*, p. 283. No *Mem. Scila* por *Sila*. Cf. nos *L. Scinis* por *Sinis* (f. 44 v.).

(6) No *Palm.*, *ceptro* e *cetro* (1, p. 24 e 322).

(7) *Supito* corrente no *Palm.* E também *agardecere*.

(8) É curioso que, sendo tão usada a grafia *Lixboa*, mesmo em obras literárias, por ex., no *C. G.*, o P. a não empregue nunca.

(9) Tinha sido muito usada a duplicação no fim: *Portugall*, *soll*, etc. No *C. G.* abundam os exemplos. *Velas* e *vellas* se encontra a cada passo no *C. G.*, ás vezes na mesma poesia. Cf. iv, 34-35.

sem *h*; o artigo com *h*; etc.) não faltam exemplos nos contemporâneos do poeta (1).

b) No *C. G.* e no *Palmeirim* não se faz ainda uso da acentuação. Não admira, portanto, que esta seja muito rudimentar nos *L.*, quer em quanto ao número das palavras acentuadas, quer com relação á maneira de usar dos acentos. Pelo que toca á freqüência destes, basta advertir que nas 106 estâncias do c. I ha só umas 37 palavras acentuadas; que no c. II a proporção é de 113 est. para 47 acentos; no III, de 143 para 75; no IV de 104 para 36; e assim por diante. Com respeito ao modo de empregar os acentos, apenas alguns exemplos. São típicas as grafias da palavra *fê*: *fê*, *fee*, *fê*, *fè* (v. *Ap. crít.*, p. 2). Na f. 2, 1, *vós ó* está escrito *vos ô* e *vos o*. Outras vezes este *ó* aparece com acento agudo ou com o circunflexo (f. 32 *v.*, 113 *v.*; etc.). O *dá* (do verbo *dar*) ou não tem acento (f. 129 *v.*), ou o tem, ora grave (f. 108), ora circunflexo (f. 119). Cf. *mòr* (f. 85 *v.*) e *môr* (f. 93 *v.*), *serâ* e *sera* (f. 110 *v.*), *yrà* e *yrás* (ff. 171 e 173 *v.*), *gales* e *galés* (f. 130 *v.*), *pee* e *pê* (ff. 7 e 116 *v.*); *pôr* (f. 97) e *pór* (f. 108); *prezâra* e *tomàra* (em rima, f. 44 *v.*); etc.

Em resumo: são raros os acentos, não ha coerência no seu emprego e o que predomina é o circunflexo, mesmo em vogais que decerto se liam abertas.

Mas, imperfeita e incompleta como é a acentuação dos *L.*, não ha razão para a não atribuímos ao P., salvo num ou noutro caso. Assim, nas ff. 142 e 143 *v.* a palavra *almadias* tinha naturalmente dois acentos, como nas ff. 16 e 33 *v.*, e foi por certo na composição que se eliminou o mais necessário, ficando errados aqueles dois versos. Também não é crível que na f. 176 *v.* fosse Camões que acentuasse indevidamente na penúltima a palavra *Arómata*, para deixar o *v.* com o acento na 7.^a sílaba. Observação análoga se pode fazer a respeito do *Jupíter* da f. 175 *v.*, que a métrica dispensa, a não ser que o P. propositadamente quisesse

(1) A grafia *itrãformãdo* da f. 61 *v.*, a pouca distância de *transformado* (ibid.), se não é erro de imprensa, representa uma alteração da palavra, semelhante à que se deu com o *veo* (*velo*) da f. 50 e talvez com o *horrissimo* da f. 35.

fazer uso de uma das licenças que lhe eram reconhecidas pelos tratadistas (1).

c) A pontuação dos *L.* deixa, ao primeiro aspecto, a impressão da mais completa desordem. Mas esta impressão desaparece, ficando sem explicação plausível apenas alguns casos (talvez da responsabilidade do compositor ou do revisor), se atendermos a que no poema ha dois sistemas muito diversos de pontuação, que não raro brigam um com o outro.

Basea-se um deles nas relações lógicas das ideias: é a pontuação exclusiva da prosa, a pontuação lógica. Funda-se o outro na estrutura das oitavas: é a pontuação métrica.

Sob este segundo aspecto, cada oitava forma um todo, terminado por ponto final ou pontuação equivalente (2), embora haja ligação, às vezes bem estreita, com a oit. seguinte (3). Cada verso tem metricamente a sua independência; deve porisso, em rigor, terminar pelo menos por uma vírgula, como tantas vezes acontece nos *L.*, embora tenham de ficar separados conceitos que logicamente formam um todo. Mas, além disso, no 4.^o e no 6.^o verso a pontuação deve em teoria ser maior do que a indicada por uma simples vírgula. E para o efeito desta pontuação no 4.^o verso, estão quasi todas as estâncias dos *L.* redigidas de maneira que o sentido a permite ou exige. Nos dois últimos versos não costuma haver essa independência de sentido, mas a pontuação maior no fim do 6.^o justifica-se pela nova rima, que dá uma certa unidade aos versos 7.^o e 8.^o

A maior parte das anomalias que se observam na pontuação de *Ee* derivam da aplicação dos dois sistemas, tantas vezes em opposição

(1) Cf. *Ap. crit.*, p. 15. Chegou o desaforo a transformar *Cadmo*, não já em *Cádimo*, mas em *Cadino*. Fê-lo João de Mená, com cuja autoridade argumenta Encina, e repete-o o nosso *C. G.*: «& vy Çila por rrey Nino | & as fylhas de Cadino» (I, p. 365). Cf. v, 218, em que *Cadino* rima com *mofino*.

(2) Isto é, o ponto de interrogação e a exclamação. Esta só se encontra uma vez, no fim do canto IV. O ponto e vírgula não aparece em *Ee*.

(3) E' o sistema seguido também no *C. G.*, que na passagem de quadra para quadra, de quintilha para quintilha, etc., dentro da unidade maior (oitava, décima, etc.), separa por ponto final os elementos da frase mais intimamente ligados.

um com o outro, e da confusão que isto devia causar, quer ao compositor, quer ao revisor. Ha oitavas cujo ponto final falta ou foi substituído; é muitas vezes omitida a pontuação maior ou até a vírgula no fim do 4.^o verso, em que o sentido a pede; aparecem no meio dos versos vírgulas deslocadas; etc. Ora não me parece que disto seja responsável o P.

§ V

OS SUPOSTOS MANUSCRITOS DOS LUSÍADAS

a) Com o n.^o 4:413 existe na Biblioteca Nacional um volumoso códice, que tem por título: «*Cancioneiro em que uão obras dos milhores poetas de meu tempo ainda não empresas e tresladadas de papeis da letra dos mesmos que as composerão comessado na india a 15 de janeiro de 1557. e acabado em lx.^a em 1589. per luis franco correa companheiro e muito amigo de luis de camoens.*» O sr. Pedro de Azevedo, a cuja reconhecida competência recorri, para me fazer o exame paleográfico deste ms., chegou ás seguintes conclusões: «O códice foi escrito todo pelo mesmo individuo, que empregava a letra cursiva do séc. xvi. As notas marginaes sôbre se as peças transcritas estão ou não publicadas são em grande parte do séc. xviii, algumas são anteriores, mas nenhuma é do séc. xvi ou de letra usada neste século. O frontispicio é muito posterior ao códice e foi colado a este (1)... A marca de agua do papel em que foi escrito não se reproduz nas várias filigranas das folhas do códice.»

Estamos, portanto, em presença de um manuscrito, que, afóra a portada, data do séc. xvi. Ora de f. 203 a 215 *v.* acha-se transcrito o c. I dos *L.*, no fim do qual se lê a seguinte observação: «Não continuo porq̃ sahio a lus.» E a letra destas palavras, diz o sr. P. de Azevedo, «é da mesma mão do copista, se bem escrita com tinta mais desbotada.» Se fossem verdadeiros os dizeres do título do códice (2) e os da obser-

(1) Supõe o Sr. Azevedo que se trata de uma imitação do primitivo frontispicio, «que provavelmente teve de ser substituído, por se encontrar lacerado».

(2) Não é preciso entrar aqui na apreciação das impossibilidades e improbabilidades que êles envolvem. Basta ocupar-me do que é relativo aos *L.*

vação citada, teríamos aqui um texto do canto I dos *L.*, anterior ao que foi impresso em 1572 e emanado directamente de um autógrafo do próprio poeta. E como são numerosas e por vezes grandes as divergências entre os dois, vê-se que importância teria o ms. para o estudo crítico do poema.

Mas *A* (assim designarei o texto do *Cancioneiro*) não passa, a começar pelo título *Elusiadas* (1), de uma audaciosa deturpação do texto impresso de *Ee*, feita com o fim de valorizar a colecção manuscrita. Querendo introduzir variantes — e variantes que, em regra e por sua natureza, devem ser inferiores á lição de *Ee*, pois foram substituídas por esta (2) —, o falsificador a cada passo ultrapassa a meta, atribuindo ao poeta cousas que ele nunca escreveria ou versos que contrariam os mais rudimentares preceitos da métrica.

Comecemos por alguns exemplos destes versos. Tendo omitido as est. 29 e 30 (ff. 5 v., 3, e 6, 1), não tendo, portanto, falado ainda em Baco, *A* começa por este verso a est. 31:

Baco que dos fados ouvira que viria (fl. 206 v.).

Nada menos de doze sílabas, além do resto! Mas, para compensar, temos este com oito (f. 5, 2, 5):

Pois contra o Brigio (3) tam temido (fl. 206).

É claro que também não faltam versos de onze sílabas:

A natureza sem lei e sem Razão (f. 9 v., 3, 4).

Disse lhe que o premio largo levarão (f. 12 v., 2, 3).

(1) Por certo que nunca o P. se lembrou de tal título, pois já encontrou, por assim dizer, consagrada a palavra *Lusiadas*. Cf. a n. da p. 33. Ao nada escrupuloso coleccionador foi êle sugerido pelo epíteto *Elisio* de viii, 3, combinado com o verdadeiro título do poema.

(2) Uma vez ou outra, essas variantes são pretendidas emendas do texto. Assim, *vossa, que M.* (f. 1 v., 3, 6); *Da sinta* (f. 8 v., 3,5); *o Gama* (f. 15, 1, 3); etc.

(3) Este *Brigio*, como sinónimo de *Castelhano*, tem a sua origem no *Brigo* da f. 63, 3, 1.

E outros de nove:

Com fronte cornigera inclinada (f. 15 v., 2, 6).

Nada a gente forte se temia (f. 17, 2, 8).

Tudo isto motivado, como se vê pelo confronto com *Ee*, pelo desejo de introduzir variantes, e como se o P. pudesse ter alguma dificuldade em escrever logo certos estes versos.

Do mesmo modo são a cada passo maltratados o senso comum e a gramática. Alguns exemplos: *vereis comũs* (1) *façanhas... louvar os vossos* (f. 2 v., 3, 1-3); *comecese a sentir o peso grosso... de exercicios... d'Africa a terra*, etc. (f. 3 v., 1, 5-8) (2): *de pano de algodão... brancos e listrados* (f. 8 v., 3, 1-2); *do licor que Noe* etc. (isto é, de vinho) *enchem vasos de vinho* (f. 9, 2, 6); *aqui gente de Christo não havia | e a que avia a medo celebrava* (f. 18, 1, 3-4).

Alguns versos foram estropiados, mas depois voltaram por emenda à forma primitiva. E' o que acontece, por ex., na f. 2, 2, 1, em que se escreveu *ó tenro*, mas depois se riscou o *ó*. Também na f. 3 v., 3, 8, foi cortado *Real*, para se substituir pelo epíteto de *Ee* (*suprema*), e na f. 11, 1, 4, depois de escrito *navegando*, reparou-se no contrasenso e emendou-se: *habitando*, que é a lição de *Ee*.

Por vezes assiste-se ao trabalho empregado para corrigir a primitiva adulteração do texto, depois de se advertir que esta era disparatada. Dois exemplos. O v. 2 da f. 5, 2, foi assim alterado: *Com um poder singelo e não pequeno*. Depois notou-se que os dois epítetos brigavam um com o outro e riscou-se o *não*, escrevendo por cima *tão*, e poz-se em entrelinha outro *tão*, antes de *singelo*. Esqueceu, porém, o *Com um*, em vez do *Cum* de *Ee*, indicado pela métrica. O v. 2 da f. 8, 3, foi substituído por este: *o que a armada manda e obedece*. Depois em entrelinha

(1) A facilidade de mudar *com vãs* em *comũs* e as palavras do v. 2 fizeram que passasse despercebido o verbo do v. 3.º e assim ficaram as façanhas *a louvar*.

(2) Seria injuriar o P. supôr que êle escreveu uma cousa destas. Na est. seg., v. 2, também a palavra *exicio* foi mudada para *exercio* e depois, por emenda, para *exercicio*, resultando este verso: *Em quem ve seu exercicio afigurado*, no qual o conceito regula pela métrica.

acrescentou-se *toda* em seguida ao *que*. Mas quem é o sujeito de *obedece*? Para o arranjar, emendou-se *o que* para *a quem*. Mas quem é agora o sujeito de *manda*?

Bastam estas razões — e muitas outras se poderiam ainda aduzir — para nos convenceremos de que *A* não representa uma redacção do c. I, proveniente do P. e anterior á forma definitiva que se encontra em *Ee*, mas não passa de uma audaciosa e mal alinhavada falsificação de *Ee* (1).

Este processo completa-se, como é natural, com o da supressão de umas estâncias e a intercalação de outras. É assim que em *A* faltam as est. 29, 30 e 32 (fl. 5 v., 3, e 6, 1 e 3), e são substituídas por outras, em numero de tres, as est. 77-78 (ff. 13 v., 14). São as primeiras das chamadas *estâncias omitidas*, verdadeiras excrescências, que a cada passo revelam a sua origem (2).

b) Outro ms., que continha os seis primeiros cantos (3), encontrou-o Faria e Sousa em um livreiro de Madrid. Ficou, como é de supor, contentissimo com o achado, pois «apenas ay estancia en estos seis cantos, que no tenga alguna alteracion en lo que imprimiò: i en muchas dellas notablemente;... i en las estancias que mudò enteras, o quitò o añadiò... Oxalà alcançáramos los otros quatro cantos que faltan, para que vieramos tan gustosas alteraciones; si es que el P. los tenia compuestos a este tiempo» (4).

Mal sabia o erudito comentador que tinha diante de si uma fraudulenta lucubração, saída da mesma pena que adulterou o canto I do chamado *Cancioneiro de Luís Franco Correia*! O falsificador reviu aquele canto, acrescentando novas alterações, modificando algumas das já feitas, e, com o mesmo critério, deturpou também os cinco cantos seguintes. Disto não deixa dúvida o confronto do *Cancioneiro* com as va-

(1) De *Ee*, e não de *E*, como se vê por I 1, 7 (*e entre*), e 24, 4 (*g. de Luso*).

(2) V. W. Storck, *Vida*, etc. p. 606.

(3) Eis a declaração que se lia no fim: «Estes seys cantos se furtarão a Luis de Camões da obra que tem começado sobre o descobrimento e conquista da India por os Portugueses». etc. V. a not. seg.

(4) *Vida del Poeta*, c. XVI, no *Comentário dos L.*, t. I.

riantes que F. e Sousa encontrou no ms. comprado em Madrid (1). e que indicarei por *B*. Alguns exemplos: f. 1 v., 2, 1, *A*. e *B*: *T. Musas*; *ibid.*, 3, *A* e *B*: *Pois sempre*; f. 2, 3, 1, *A* e *B*: *o sagrado R.*; f. 2 v., 3, 1, *A* e *B*: *comũs* (2); f. 3, 3, 7, *A* e *B*: *A. invencivel*; f. 4, 1, 2, *A* e *B*: *Muito mais do que os vossos o desejam*; f. 5, 2, 5, *A*: *contra o Brigio*; *B*: *c. o B. duro* (3); f. 5, 3, 7-8, *A* e *B*: *Por capitão geral o peregrino que achou*; f. 6, v., 1, 3, *A* e *B*: *Por quanta semelhança*. É escusado citar mais coincidências, para se ver que relações existem entre *A* e *B*. Também neste não faltam, é claro, as *est. omitidas* de *A*, embora com algumas variantes (4).

As alterações feitas nos cantos II a VI revelam o mesmo critério do forjador de *A*, mas em todo o caso já um pouco mais apurado, a julgar pelo que F. e Sousa transcreve. São dêle duas emendas aproveitáveis: *moradores* (f. 63 v., 3, 7) e *Julio e M.* (f. 67, 3, 8) (5). Mas o P. não podia, por ex., ter escrito *filha de T.* (f. 21, 2, 8), nem *o Capitão do Rei* (f. 35 v., 3, 1-2), nem *Invenção do Sagrado N.* (f. 91 v., 3, 2).

c) Outro ms. que F. e Sousa adquiriu também em Madrid tinha por título *Lusiada de L. de C., agora novamente reduzida por Manuel Correa Montenegro* (6). Este Montenegro, português, mas corrector em Salamanca de livros que aí se imprimiam, como informa Barbosa Machado, foi-se aos *L.*, que já ha muito corriam impressos, e no dizer de F. e S., só deixou incolumes 132 *est.* «Todas las otras alterò, ô en pa-

(1) Como *A*, *B* tem por base o texto de *Ee.* Assim, por ex., em II, 1, lê *infidas*. F. e Sousa, que considerava *E* como *princeps*, observa, ao dar notícia da suposta variante: «i empeorose» (em *E*). V. *Lecciones varias* no t. IV, 649 e segs.

(2) «Biê mudado» (por *E*), pondera ingenuamente F. e S.

(3) Isto revela que o falsificador ia fazendo progressos. Na *est.* 44, 2 (f. 8, 3, 2), *B* antepõe a *obedece* o pron. *lhe*: «Que toda a armada manda e lhe obedece». Mas é o caso de *quem torto nasce*... Outros pretensos melhoramentos: *onze* (f. 3, 1, 6); *ra-lor* (f. 7, 3, 4). Cf. o *Ap. crit.*

(4) W. Storek acusa F. e Sousa de ser o inventor de *B* e não está longe de suspeitar dele com relação ao *Cancioneiro de L. F. C.* (Obr. cit., p. 18 e 63 e segs.). Mas neste capítulo está F. e S. inocente.

(5) Também tem pretensões a emenda o *venceram* da f. 61 v., 2, 4.

(6) Cit. *Vida del P.*, § 16. Cf. *Com.*, IV, 658.

labras, ò en versos, ò en la mitad, ò en todo»; emfim, «puselo de manera casi todo, que es lastima». E o que também é lastima é que F. e Sousa piamente acreditasse na autenticidade de não sei quantas estâncias, que o mesmo Montenegro queria fazer supôr que encontrou em um «original de los mas antiguos en que no falta nada de quanto el Poeta escrivio». E não contente com reproduzir essas estâncias, «que el (Poeta) reprovò al imprimir el Poema», F. e Sousa indica «las lecciones varias que en esta copia (o ms. de Montenegro) pueden ser del Poeta.» Entre essas figuram *prata* por *vidro* (I 49, 7); *Neptuno* por *Nocturno* (II 1, 6); etc.

d) Sôbre o triste caso do *manuscrito rarissimo* dos *L.*, que se dizia *emendado por Camões mesmo*, e cuja copia, *tambem rarissima*, Filinto Elisio possuia, por que *ainda não acertára com curioso comprador* (1), veja-se Brito Aranha, no *D. Bibl. Port.*, t. XIV, p. 140 e segg.

§ VI (2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevendo os *L.* para imortalizar os feitos heroicos dos portugueses, Camões deixou patentes no seu poema os indícios da colaboração que nele tiveram muitos escritores nacionais.

Não seria difficil aos poetas do *C. G.*, a Fernão Lopes, a Rui de Pina, a Duarte Galvão, a Castanheda, a João de Barros, a Francisco de Moraes, a André de Resende, apontarem os versos, as estâncias, para

(1) Palavras do próprio Filinto no t. II das suas obras, p. 11-12 (ed. de Paris, 1817). A Biblioteca Nacional possui um exemplar dos *L.* (n.º 150 preto da *Camoneana*), que lhe foi enviado do Brasil, com as *variantes*, que Filinto Elisio, compelido pela falta de meios, se lembrou de attribuir a Camões, e com as anotações que o mesmo Filinto faz a alguns passos da suposta cópia.

(2) O § citado com este n.º no *Ap. crit.* está incorporado no § IV.

cujo conteúdo ou formas de expressão êles haviam fornecido os elementos (1).

Mas não é só isto. Nos *L.* não ha só a colaboração dos poetas, dos cronistas, dos historiadores, dos eruditos, dos mestres da lingua, que precederam o *P.* ou foram seus contemporâneos. Também aí se acham intencionalmente arquivadas muitas particularidades de fonética, de construção gramatical, de ortografia, de métrica, que neles ocorriam. Isto é: os *L.* são ao mesmo tempo um poema e um museu; são um monumento duplamente nacional, erigido pelo génio do poeta, para glorificar a pátria, com materiais buscados principalmente em obras portuguesas.

Todavia, em vez de serem religiosamente conservados como saíram da pena do *P.*, ainda os *L.* não estavam impressos e já havia quem os pretendesse *melhorar*. E o que tem acontecido, desde que foram publicados até hoje, não ha pessoa ilustrada que o ignore. Quási não há estância que tenha escapado a qualquer alteração.

É tempo de voltar ao texto primitivo e de o estudar como êle se encontra na primeira edição.

Lisboa, Agosto de 1921.

(1) Tendo falecido em Dezembro de 1573, Resende foi de todos estes o único que com certeza pôde ler e naturalmente leu os *L.* Como o velho humanista se não devia sentir justamente orgulhoso, com a immortalidade que estava reservada á palavra *Lusíadas*, que êle tinha formado, e que, com íntima satisfação, já nas notas ao *Vincentius*, publicado em 1545, reconhecia ter agradado a muitos, especialmente a Jorge Coelho!

EXEMPLARES DE *Ee*

A Biblioteca Nacional de Lisboa possui quatro, marcados na *Camoneana* com os n.ºs 2, 3 (foi êste o reproduzido), 4 e 11 (preto). O frontispício, licenças, privilégio (4 pág.) e as ff. 177 e segg. do texto de *Ee* 11 pertencem à ed. de 1597, sendo porisso colocado ao pé dos exemplares desta ed. Foi posto o n.º 1 ao exemplar de *E*.

Ha também um exemplar de *Ee* na Biblioteca da Academia das Ciências. Vai reproduzida uma est. deste ex. no § 1 da *Introd.*

Responderam à circular da Direcção da B. N. de Lisboa, informando que possuíam um exemplar de *Ee*, as seguintes entidades:

Portugal, Lisboa: Os Srs. Henrique da Gama Barros, D. Francisco de Almeida e Conde de Avilez. **Porto:** Ateneu Comercial (1). **Guimarães:** Sociedade Martins Sarmento (2).

Brasil, Rio de Janeiro: Gabinete Português de Leitura (3).

França, Paris: Biblioteca Nacional (4).

Inglaterra, Londres: Museu Britânico (5). **Oxford:** A Bodleiana (6). Comunica também a Direcção do Museu Britânico que existem ali dois exemplares de *E*, num dos quais as 2 primeiras folhas são de *Ee*.

Itália, Nápoles: Biblioteca Nacional. Ex. que pertenceu à casa Farnese (7).

(1) Nele se lê: iv, 48,6: *Afrinano*; 71,2: *Por elle*; v 12,5: *Co grande*; ix 74,1: *Q. tão*; x 83,7: *quando f.*; 87,1: *O. estoutro*.

(2) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74,1); *O. estoutro* (x 87,1).

(3) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74,1); *O. estoutro* (x 87,1).

(4) *Co g.* (v 12,5); *Vendo m.* (v 17,7); *Q. tão* (ix 74,1); *quando f.* (x 83,7); *O. estoutro* (x 87,1).

(5) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *sojuçgado* (x 86,6); *Olha o outro* (x 87,1); *do Oriente* (x 88,6).

(6) *Afrinano* (iv 48,6); *Pare le* (iv 71,2); *sojuçgado* (x 86,6); *O. o outro* (x 87,1); *do Oriente* (x 88,6); *Arquiro, & Cuamquem* (x 97,8).

(7) *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74,1); *O. estoutro* (x 87,1); *Arquico, & Suamquem* (x 97,8).

EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS

B. F., Barreto Feio, ed. de Hamburgo, 1834.

B. R., edição preparada para a *Biblioteca Romanica* (Strasburgo) pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis.

C. G., *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. Edições: princeps (1516), de Stuttgart (1846-1852) e Coimbra (1910-1917). Cito por esta.

C. v. R., Dr. Carl von Reinhardstoettner, *Os Lusíadas... Unter Vergleichung der besten Texte, mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer kritischen Einleitung*. Strassburg. 1874.

E. D., Epifânio Dias, *Os Lusíadas commentados*. Porto, 1910.

Euf., *A Eufrosina* de J. F. de Vasconcelos. Edd. de 1561 e 1919.

F. B., João Franco Barreto, edd. de 1631 e 1669.

F. de C., Freire de Carvalho, *Os L... Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada critica em presença das duas edições primordiais e das posteriores de maior credito e reputação*. Lisboa 1843.

F. E., Filinto Elísio. Cf. *Introd.* § v, d).

F. e S., Faria e Sousa, *Lusíadas... comentadas* (!). Madrid, 1639.

G. de A., Gomes de Amorim, *Os Lusíadas... Edição critica e anotada em todos os logares duvidosos, restituindo quanto possivel, o texto primitivo pela correccão de erros que nunca se tinham expungido*.

G. F., Garcez Ferreira, *Lusíada* (!) *Poema... Illustrado com varias e breves notas e com hum precedente Aparato do que lhe pertence*. T. I. Napoles, 1731. T. II. Roma, 1732.

G. P. L., *Os Lusíadas. Ed. consagrada etc. pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Revisão do texto do Poema e observações philologicas por Adolpho Coelho*. Lisboa, 1880.

J. da F., José da Fonseca, *Os L. Poema... restituído á sua primitiva linguagem, auctorizada com exemplos extrahidos de escriptores contemporaneos a Camões...* Paris, 1846.

J. L., *Jóias literarias. Colecção da Imprensa da Universidade de Coimbra: Os Lusíadas... segundo o testo da primeira edição de 1572 com as variantes da 2.^a edição impressa por Manoel de Lyra em 1584. Por A. J. Gonçalvez Guimarães*. Coimbra, 1819.

M. C., Manoel Correia, *Os L. Comentados*. Lisboa, 1613.

Mem., *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda* por J. F. de Vasconcelos. Edd. de 1567 e 1867.

M. de M., *Morgado de Mateus, Os L. Nova edição correcta*. Paris, 1817.

P., a edição de 1584, conhecida pela ed. dos *piscos*, por causa da nota a III 65,2: «*Chama piscosa (a Cezimbra), porq̃ em certo tẽpo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos, pera se passarẽ a Affrica.*»

Palm., *Cronica de Palmeirim de Inglaterra* por Francisco de Moraes. Edd. de 1567 e 1786.

T., texto de *Ee* 3, em cuja reprodução houve deficiência que deve ser notada.

T. dos L., *O Texto dos Lusiadas segundo as ideias do sr. F. Gomes de Amorim*. Por J. L. de Vasconcelos. Porto, 1890.

V. de J., Visconde de Jeromenha, *Obras de Luis de Camões*. Vol. VI. Lisboa, 1869.

W. St., Wilhelm Storck, *Die Lusiaden*. Paderborn, 1883.

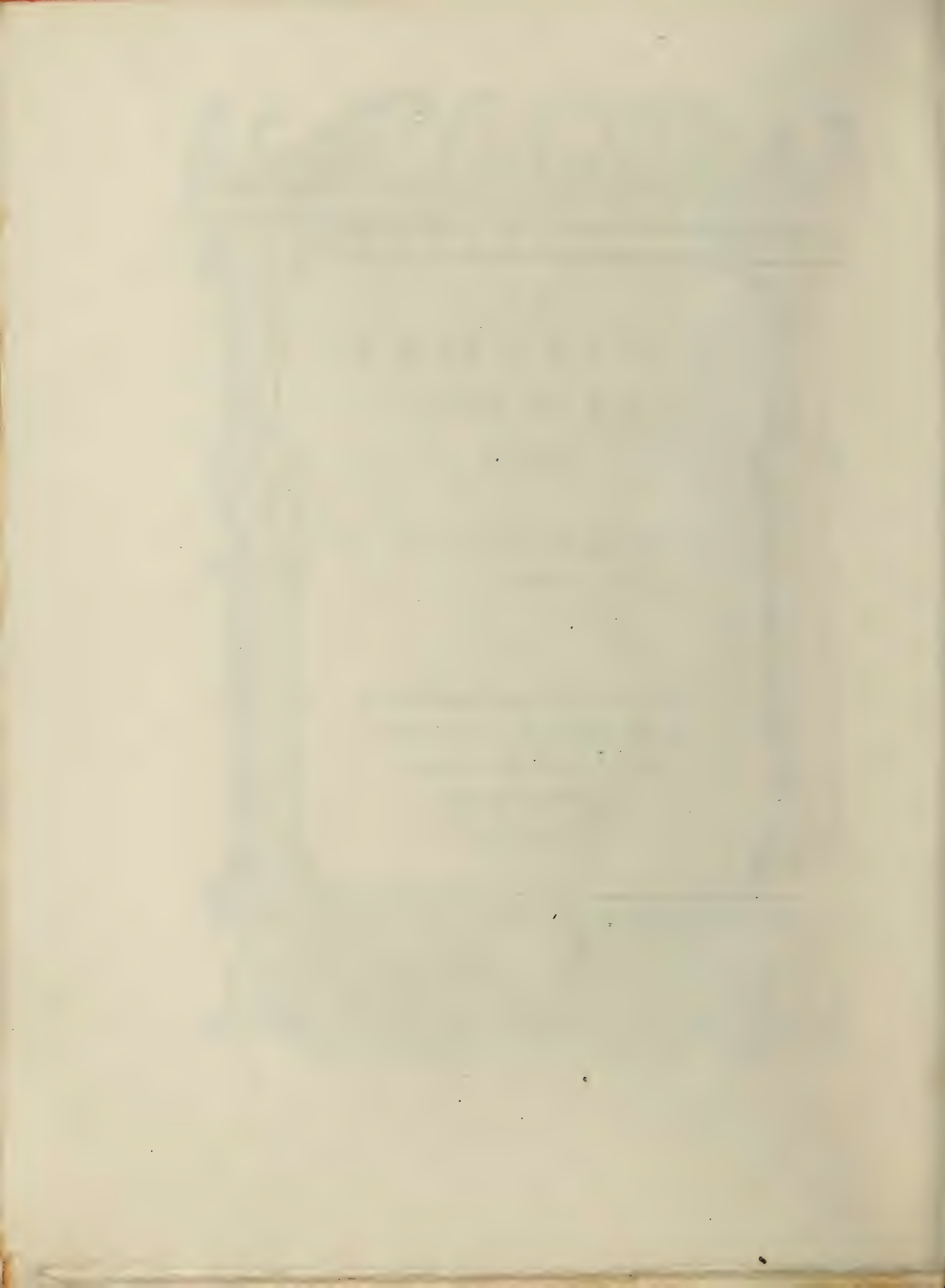
OS
L V S I A D A S
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
Junta da Inquisição, e do Ordina-
rio. em casa de Antonio
Gõaluez Impressor.*

1572.







V el Rey faço saber aos que este Alvara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu visão que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acular. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Alvara se imprimirá outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assinnada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por alvaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiij: de Setembro, de M.D. LXXI. Iorge da Colta o fiz escreuer.

Vl por mandado da Santa & geral inquisição estes dez
Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valeros
sos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia &
Europa, & não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem
contraria â fe & bõs costumes, somente me pareceo que era
necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarrecer
a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na
India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que
sancto Augustinho nas suas Retrações se retracte de ter
chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deos
sas Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Au-
tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poeti-
co não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses
na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salua a ver-
dade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gētios sam
Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se impri-
mir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudi-
ção nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

 OS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto primeiro.

 S armas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusi-
tana,
Por mares nunca de antes na-
uegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando,
Cantando espatharey por toda pay.e,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.
A (essem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizerão:
Callese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiuerão,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Ten'les em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foy de my vosso rio alegremente,
Daim'e agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daim'e hũa furia grande & sonora,
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Daim'e igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO.

2.

*E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.*

*Vos tenro, & nouo ramo florecente,
De hũa aruore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianíssima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amôstra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.*

*Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.*

A 2

Inclinay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno
Que nam he premio vil, ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vã façanhas
Fantasticas, fingidas, mentirozas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engra decer-se desejosas,
As verda leiras vossas sam tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3.

Por estes vos darey hum Nuno fero,
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal serviço,
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
 A Citara parelles fo cobico:
 Pois polos doze pares daruos quero,
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande & prospera victoria.
 Outro loane, inuicto cavalleiro,
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
 Se fizerão por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora.
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
 Albuquerque terribil, castro forte,
 E outros em quem poder não teue a morte.

A 3

E em

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto euestes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreu a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mourro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoco ao jugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vos por dote aparelhado:
Que afeiçãoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,
Dos dous auôs, as almas ca famosas,
Húa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vos esperão, ver se renouada
Sua memoria, & obras valerosas.
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Mas.

CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejão:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam
E vereis ir cortando o salso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que sam vislos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca espuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está, da humana gente
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo sermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuotados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouverna o Ceo, a Terra, & o Mar yr a lo:
Ali se acharão juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, severo, & soberano,
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornàra hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, & a Ordem concertauão:
Precedem os antiquos mais honrrados,
Mais abaixo os menores se assentauão:
Quando Iupiter alto assy dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.
Eternos

CANTO PRIMEIRO. 5.

Eternos moradores do luzente
Estelifero polo & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento
Que por ella se queção os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tam singelo & tam pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obrigã
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico & Noto a força a mais satreue:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue,
Inclinão seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia

Prometido lhe està do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

E por que, como vijtes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, de termino, agasalhados
Nesta costa Affricana como amigos.
Etendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rata:
Estas

CANTO PRIMEIRO. 6.

Estas palauras Iupiter dezia,
 Quando os Deoses por ordem respondendo,
 Na sentença hum do outro disiria,
 Razões diuersas dando & recebendo.
 O padre Baco, ali nam consentia
 No que Iupiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
 Hũa gente fortissimo de Hespanha,
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria
 Da India, tudo quanto Doris banha:
 E com nouas victorias venceria,
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teve o Indo sojugado,
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado,
 De quantos bebem a agoa de Parnaso.
 Teme agora que seja sepultado,
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,
 Dagoa do esquecimento, se la chegão
 Os fortes Portugueses, que nauegão,
 Sustentam

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle *Venus bella*
Afeiçoada aa gente *Lusitana*,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua *Romana*,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrarão na terra *Tingitana*:
E na lingua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a *Latina*.

Estas causas mouião *Cyterea*,
E mais, porque das *Parcas* claro entende
Que ha de ser celebrada a clara *Dea*,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual *Austro fero*, ou *Boreas* na espessura,
De siluestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito e braueza desmedida.
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompen-se as folhas ferue a serra erguida.
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os *Deoses* no *Olimpo* conjurado.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 7.

Mas Marte que da Deosa sustentava,
Entre todos as partes em porfia,
Ou por que o amor antigo o obrigava,
Ou por que a gente forte o merecia,
De entre os Deoses em pee se levantava,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera träs medonho & irado.

Aviscira do elmo de Diamante,
Aleuantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastião, no solio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de to uado,
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste
Não ouças mais, pois es juyz direito,
Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os jostentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam privado:
Mas esta tenção sua, agora posse,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam torres por detras pois he fraqueza
Desistir se da couza começada.
Mercurio pois excede em ligeiriza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Em

Em quanto isto se passa, na fermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente
Cortava o mar a gente belicosa:
Ia la da banda do Ausiro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimava entam os Deoses, que Tifeô
Co temor grande em pexes conuertêo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Seren o ar, & os tempos se mostrauão
Sem nuuês, sem receio de perigo:
O promontorio prasso ja passauão
Na costa de Ethiopia, nome antiquo.
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Nouas ilhas que em torno cerca, & lava.

Vasco da gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, & de altio coração,
A quem fortuna sempre fauorece
Pera se aqui deter, não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava:
Mas nam lhe soccedeo como cuy daua.

E eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis apparecem logo em companhia,
Hũs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, & de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente sera esta, em si dezião,
Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira
Muy veloces, estreitas, & compridas,
As vellas com que vem erão de esteira,
Dũas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de oujado, & não prudente,
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos,
De varias cores, brancos, & listrados,
Hũs trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados,
Das cintas pera cima vem despídos:
Por armas tem adagas, & tarçados.
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

CANTO PRIMEIRO.

2.

Cos panos, & cos braços açenauão,
Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,
Pera que junto aas Ilhas amainassem.
A gente, & marinheiros trabalhauão,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente
Estranha, polas cordas já subia,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lio prantado auia:
Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,
Quem erão, de que terra, que buscavão,
Ou que partes do mar corrido tinhão?
Os fortes Lusitanos lhe tornauão,
As discretas repostas que conuinhão.
Os Portugueses somos do Occidente,
Himos buscando a terras do Oriente.

B

Do

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temõs corrido, & nauegado
Toda a parte do *Antartico*, & *Calisto*,
Toda a costa *Affricana* rodeado,
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de *Acheronte*.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra *Oriental*, que o *Indo* rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos *Focas* se nauega:
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vos a verdade não se nega.
Quem sois, que terra he esta que abitais?
Ou se tendes da *India* algũs sinais?

Somos, hum dos das *Ilhas* lhe tornou,
Estrangeiros na terra, *Lei*, & nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A *Natura* sem *Lei*, & sem *Razão*:
Nos temos a *Lei* certa que insinou,
O claro descendente de *Abrahão*:
Que agora tem do *Mundo* o senhorio,
A mãy *Hebrea* teue, & o pay *Gentio*.
Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o lndo lda spe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bemfeito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proueja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*A noyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuyda, & not a
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo se estendêrão.*

*Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.*

*Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a cmbandeirar-se toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.*
Partia

CANTO PRIMEIRO.

11

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apousentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão: & por ordem do destino,
 O Imperio tomarão a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia:
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente
 Não usado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, & uso,
 E a lingoagem tam barbara & enleada.
 Tambem o Mouro astuto está confuso,
 Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dizia,
 Se por ventura vinhão de Turquia.

B 3

E mais

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deſeja
Os livros de ſua ley, preceito, ou fê,
Pera ver ſe conforme à ſua ſeja,
Ou ſe ſam dos de Chriſto, como crê:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê,
Moſtra das fortes armas de que uſauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Reſponde o valeroſo Capitão,
Por hum que a lingua eſcura bem ſabia:
Darte ey Senhor illuſtre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem ſou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojofas de Turquia:
Mas ſou da forte Europa belicoſa,
Busco as terras da India tam famoſa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o viſibil, & inuiſibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que ſente, & todo o inſenſibil
Que padeceo deſhonra, & vituperio,
Sofrendo morte injuſta, & inſufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por ſubir os mortais da terra ao ceo.
Deſte

Deſte Deos homem, alto, & infinito,
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tẽs dito,
Comprido eſſe deſejo te ſeria:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes
Ministros, amoſtrar as armaduras,
Vem arneſes, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas ſeguras,
Eſcudos de pinturas diferentes,
Pilouros, eſpingardas de aço puras,
Arcos, & ſagittiferas aljauas,
Partaſanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas ſulfureas, tam danosas,
Porem aos de Vulcano nam conſente
Que dem fogo aas bombar das temeroſas:
Porque o generoſo animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medroſas,
Não moſtra quanto pode, & com razão,
Que he fraqueza entre ouelhas ſer lião.

OS LUSIADAS DE L. DE CÂ.

Poren disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Húa vontade mà de pensamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou.
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse aa India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuãrão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometelhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tão danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade
A quem juyzo algum não alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?
Partiose

Partio-se nisto em fim co a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganoza & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido:
Cortarão os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito apouento:

Do claro assento Etereo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foy nascido
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
No pensamento cuyda hum falso engano
Com que seja de todo destruydo.
E em quanto isto so na alma imaginava
Configo estas palauras praticava.

Està do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias tam famosas,
Ajão os Portuguezes alcançado,
Das Indianas gentes belicosas.
E eu so filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas:
Ey de sofrer que o Fado fauoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?
la quizerão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

*Ia quiseram os Deoses que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo somettesse
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
Mas asse de soffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Queu co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lusitan.?*

*Não sera assy, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, reuolueray da Maura gente,
Porque sempre por via yra direita,
Quem do oportuno tempo se aproueita.*

*Isto dizendo yrado, & quasi insano,
Sobre a terra Affricana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moueo.
E por milhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se' conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.
Entrando*

Entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,
 A sua falsidade acomodadas,
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,
 Estas que ora de nouo sam chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas,
 Forão por estes homẽs que passauão,
 Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nos, & que todos seus intentos
 Sam pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O Capitão dos seus accomponhado,
 Que da tençam danada nasce o medo:
 Tu deues de yr tambem cos teus armado
 Esperallo em cilada, occulto & quedo:
 Por que saindo a gente descuydada,
 Cairão facilmente na cilada.

E je inda.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda não ficarem deste geito,
Destruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito,
Outra manha & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os leue aonde sejam destruydos,
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos tais casos, sabio & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano
De quem fiar se possa hum feito grande,
Diz lhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas, & mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se aleuante.

*Ia o rayo Apolineo visitava,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos seus determinava,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano ja sabido:
Mas pode sospeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.*

*E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuydava muy contrario:
Por isto, & porque sabe quanto erra,
Quem se cre de seu perfido aduersario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis samente que trazia:*

*Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embarcado, & de azagaya,
Outro de arco encuruado, & seta eruada:
Esperão que a guerreira gente saya,
Outros muytos ja postos em cillada.
E porque o caso leue se lhe faça,
Poem hũs poucos diante por negaça.
Andão*

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Andão pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a astea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito agente generosa,
Andar lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca, & pondo se diante,
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Terriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta,
Na furiosa & dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado espanta:
Ferido o ar retumba, & assouia:
O coraçam dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Ia foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto auenturoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:

Mas seguindo a victoria estrue, & mata

A pouoação sem muro, & sem defesa,

Esbombardea, acende, & desbarata.

Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,

Que bem cuidou comprala mais barata:

Ia blasfema da guerra, & maldizia,

O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,

Sem força, de couarde, & de apressado,

A pedra, o pao, & o canto arremessando,

Dalhe armas o furor desatinado:

Ia a llha, & todo o mais, desemparrando,

Aa terra firme foge amedrontado.

Passa, & corta do mar o estreito braço,

Que a llha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,

Hum corta o mar a nado diligente,

Quem se affoga nas ondas encurvadas,

Quem bebe o mar, & o deita juntamente:

Arrombão as meudas bombardadas

Os Pangaaios sotis da bruta gente.

Deſta arte o Portugues em fim castiga,

A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Tornão victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente esriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mattenção no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,
Como em final das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Pera yr buscar o lndo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy d'elle alegremente agasado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
Aas vellas manda dar ao largo vento.

De sta

Deſta arte deſpedida a forte armada,
As ondas de Anſitrite diuidia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitão, que não cabia em nada,
Do engañoſo ardil que o Mouro vr dia:
Delle muy largamente ſe informaua,
Da India toda, & coſtas que paſſaua:

Mas o Mouro inſtruido nos enganõs,
Que o maleuolo Baco lhe enſinara
De morte, ou captiueiro nouos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente ſe temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto eſtã hũa Ilha, cujo aſſento,
Pouo antigo Chriſtão ſempre abitou:
O Capitão que a tudo eſtaua a tento,
Tanto co eſta nouas ſe alegrou,
Que com didiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde eſta gente eſtaua.

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede,
Que a liba he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mahamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Mouro nam podendo,
Tal determinação levar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz que pois as agoas discorrendo,
Os leuãrão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Erão Christãos com Mouros juntamente.
Tambem

Tambem nestas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuaua,
Que aqui gente de Christo não auia:
Mas a que a Mahamede celebraua.
O Capitão que em tudo o mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandaua:
Mas nam querendo a Deosa guardadora,
Nam entra pela barra, & surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antiqua idade,
Mombaca he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, por que espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis aa terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o auisara,
Na fôrma doutro Mouro que tomara.

(2 O recado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes & grauiſſimo perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem sua eſperança,
Tenha a vida tam pouca ſegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta neceſſidade auorrecida:
Onde pode acolherſe hum fraco humano,
Onde terá ſegura a curta vida?
Que não ſe arme, & ſe indigne o Ceo ſereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

 Canto Segundo.

 A neste tempo o
 lucido Planeta,
 Que as horas vay do dia distin-
 guindo,
 Chegaua aa desejada, e lenta Meta,
 A luz Celeste aas gentes encobrimdo:
 E da casa maritima secreta,
 Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo:
 Quando as infidas gentes se chegarão
 Aas naos, que pouco auia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,
 O mortifero engano, assi dezia.
 Capitaõ valeroso, que cortado
 Tens de Neptuno o reyno, e salsa via,
 O Rei que manda esta ilha, aluoracado
 Da vinda tua tem tanta alegria,
 Que nam deseja mais que agasalharte,
 Verte, e do necessario reformarte.

C 3 E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E porque está em estremo desejofo
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso,
Traras a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a de sejala,

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crano, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante:
Daqui leuaras tudo tam obejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota não temendo,
Comprira sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe

Perguntalhe despois, se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que não erra,
Lhe diz, que a mais da gẽte em Christo cria:
Desta sorte do peito lhe de terra
Toda a sospeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados,
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.
Ia a companhia perfi la, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

(4 E despois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

E depois que ao Rei apresentarão,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correrão, & notarão
Muito menos daquillo que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardarão
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, està o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquella que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãis: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo:
Estaua nũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido
Mostrandose Christão, & fabricaua
Hum altár sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, so das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.
Aqui

CANTO SEGUNDO. 81

*Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estava
Poem em terra os gíolhos, & os feneidos
Naquelle Deos, que o mundo governava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thioneu, & assi por derradeiro
O falso Deos adora o verdadeiro.*

*Aqui forão de noite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo, & num momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.*

*Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rei, pera que entrassem, & consigo
Os dous que o Capitão tinha mandad
A quem se o Rei mostrou sincêro amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De não aver receio de perigo.
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no saljo rio entrar queria
Dizem*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Dizem lhe os que mandou que em terra virão,
Sacras aras, & sacerdote sãcto,
Que ali se agasalharão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rei, & gentes não sentirão
Senão contentamento, & gozto tanto:
Que não podia certo auer sospeita,
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita,

Co isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subião,
Que leuemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas parecião:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião.
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,
Armas, & munições, que como vissem
Que no Rio os nauios ancorauão,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta treição determinauão,
Que os de Luso de todo destruisssem:
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinhão feito.

As

*As ancoras tenaces vão levando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sos ao vento dando,
Inclinão pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente aßinalada:
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.*

*Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado Mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondo lhe a causa a que decco,
Com todos juntamente se partia:
Pera estoruar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.*

*La na agoa erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atraueßa
Com mais furor o Mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agoa crespa, em força sumo:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.*

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Ia chegão perto donde o vento teso,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em direito
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchado.
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte não forçando.
Outras em derredor leuandoa estauão,
E da barra inimiga a desuiuaão.

Quaes pera a coua as prôuidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado.
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostrão vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nymphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.
Torna

Torna pera detras a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente yrada,
O leme a hum bordo, & a outro atraueſſando
O Mestre aſtuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os eſtaua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha ſe aleuanta,
No rudo Marinheiro que trabalha,
O grande eſtrondo, a Maura gente espanta,
Como ſe viſſem horrida batalha:
Nam ſabem a razão de furia tanta,
Nam ſabem neſta preſſa quem lhe valha,
Cuydão que ſeus enganos ſam ſabidos,
E que ande ſer por iſſo aqui punidos.

Eilos ſubitamente ſe lançaũão,
A ſeus bateis veloces que trazião,
Outros encima o mar aleuantaũão,
Saltando nagoa a nado ſe acolhião:
De hum bordo & doutro ſubito ſaltauão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturar ſe,
Que nas mãos inimigas entregar ſe.

Aſſi

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

*Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendo se ao conto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.*

*Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiâra,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.*

*Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,
O Piloto fugir lhe com presteza,
Enterde o que ordenava a bruta gente,
E vendo sem contraste, & sem braueza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dizia.*

O caso

O caso grande, estranho, & não cuydado,
O milagre clarissimo, & euidente,
O descuberto engano inopinado,
O perfida inimiga, & falsa gente,
Quem poderá do mal aparelhado
Liurar-se sem perigo sabiamente.
Se lá de cima a guarda soberana,
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
Destes portos, a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tam fingidos nam alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem sem ti nam pôde ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,
Desta misera gente peregrina,
Que so por tua altissima bondade,
Da gente a saluas, perfida & malina,
Nalgum porto seguro de verdade:
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amosstra a terra que buscamos,
Pois so por teu seruiço nauégamos.
Ouuiolhe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ouvio-lhe estas palavras piadosas,
A fermosa Dione, e comouida,
Dantre as Nymphas se vay, que saudosas
Ficarão desta subita partida:
La penetra as Estrellas luminosas,
La na terceyra Esphera recebida
Auante passa, e la no sexto Ceo
Pera onde estava o Padre se moveo.

E como hia afrontada do caminho
Tão fermosa no gesto se mostrava,
Queas Estrellas, e o Ceo, e o Ar vizinho,
Etudo quanto a via namorava
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hūs espiritos viuos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, e car
Se lhapresenta assi como ao Troyano,
Na selua ldea ja se apresentara:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabarão.
Os crespos

Os crespos fios dourado se esparzão
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem Amor brincava, e não se via.
Da alva petrina flamas lhe saião,
Onde o minino as almas acendia.
Polas lisas colūnas lhe trepauão,
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veio dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ja se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

Emostrando no angelico semblante,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoadada.
Destá arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE I. DE CA.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caidas vejo,
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: & nisto de mimosa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa.
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a falla piedosa:
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.
E destas

E destas brandas mostras comouido,
Que mouerão de hum Tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo subido,
Torna sereno & claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro.
De modo que dali, se lo se achára,
Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe por em sossego o peito yrado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira em fim lhe està dizendo.

Fermosa filha minha não temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
E/queceren/se Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

D 2 Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo *Vlisses* escapou,
De ser na *Ogigia* Ilha, eterno escravo:
E se *Antenor* os seios penetrou,
Iliricos, & a fonte de *Timauro*.
E se o piadoso *Eneas* nauegou,
De *Scila*, & de *Caribdis* o Mar brauo.
O vossos môres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, *Cidades*, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os *Turcos* belacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os *Reis da India* liures, & seguros,
Vereis ao *Rei* potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o lido vay buscando,
Tremar delle *Neptuno* de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O caso nunca visto, & milagroso
Que trema, & ferua o Mar em calma estado?
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os *Elementos*.
Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,
 Em que vão descanjar da longa via,
 As naos que nauegarem do Occidente.
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
 O mortifero engano, obediente,
 Lhe pagará tributos, conhecendo,
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,
 Tornar selhe amarello de infiado:
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
 Duas vezes tomado, & sojugado.
 Ali vereis o Mouro furioso,
 De suas mesmas setas traspassado.
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo.
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo.
 Enuejoso vereis o grão Mauorte,
 Do peito Lusitano, fero & horrendo.
 Do Mouro ali verão que a voz extrema,
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora,
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altiua, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porá, & a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se,
De Cananor, com pouca força & gente.
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa, & tam potente:
E vereis em Cochim assinalar-se,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Cítara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuís Aétias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos pouos de Aurora, & do famoso
Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egipcia linda & não pudica.
Como

Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelejando,
 Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando.
 Esgoeita a rica Aurea Chersonezo,
 Ate o longico China nauegando.
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
 Amosstrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se vera tam forte peito,
 Do Gangetico mar ao Geditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto que em todo o mundo, de affrontados
 Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia aa terra, por que tenha,
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha:
 E pera que em Mombaca, auenturado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe mada mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

la pelo ar o Cyleneo voava,
Com as asas nos pês aa terra deçe,
Sua vara fatal na mão leuava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas reuocaua,
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.
Na cabeça o galêro costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande, & raro,
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado & caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & perclaro.
la Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço, & arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, & siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo co a luz alheia,
Tinbão o largo Mundo alumiado,
E so co sono a gente se recreia.
O Capitão illustre, ja cansado,
De vigiar a noite, que arreceia,
Breue repouso antam aos oll os daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
Da cilada que o Rei maluado teçe,
Por te trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauorece,
Serenos o tempo tês, & o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

Não tens aqui se não aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De caualllos a gente que hospedaua:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolaua.
Teràs certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaile

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Casalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Não se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento,
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.
Neste

Neste tempo, que as ancoras leuauão,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortauão,
Por serem, dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Lincez vigiauaõ,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentirão,
Voando, e não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento, e brando,
Com suaue e seguro mouimento,
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando virão
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respirão,
Porque auião de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas virão.
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por se salvar a gente aa costa daua.
Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que fica tão manhoso:

Mas nas mãos vay cair do Lusitano,

Sem o rigor de Marte furioso,

E sem a furia horrenda de Vulcano,

Que como fosse debil & medroso,

Da pouca gente o fraco peito humano:

Não teue resistencia, & se a tiuêra,

Mais dâno resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejasse,

Piloto pera a India que buscava,

Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:

Mas não lhe soccedeo como cuidava,

Que nenhum delles ha que lhe insinasse

A que parte dos Ceos a India estaua.

Porem dizem lhe todos, que tem perto,

Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,

Condiçam liberal, sincero peito,

Magnificencia grande, & humanidade,

Com partes de grandissimo respeito.

O Capitão o assella por verdade,

Porque ja lho dissera deste geito,

O Cylênêo em sonhos, & partia,

Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entrava,
 No roubador de Europa a luz Febea,
 Quando hum, & o outro corno lhe aqueitava
 E Flora derramava o de Amalthea:
 A memoria do dia renouava,
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
 Em que aquelle, a quem tudo està sogeito,
 O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,
 Onde o Reino Melinde ja se via,
 De toldos adornada, & leda de arte
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
 A cor porpurea ao longe apparecia.
 Soão os atambores & pandeiros,
 E assi entraão ledos & guerreiros.

En he se toda a praya Melindana,
 Da gente que vem ver a leda armada,
 Gente mais verdadeira, & mais humana
 Que to lla doutra terra atras deixada.
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no findo a ancora pesada.
 Man lão fora hum dos Mouros q tomãrão,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.
 O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muyto que saíssem,
Pera que de seus Reinos se servissem.

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palaura sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
Que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que antam na terra auia,
E a vontade aa dadina excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
Que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.
E manda

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da summa lusiça concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Não menos d'elle amado, que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado.
Que

OS: LUSIADAS: DE L. DE CA:

Que geração tam dura ahí de gente?
Que barbaro costume, & v[er]sança sea,
Que não vedem os portos, tam somente:
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que ma tençam? que peito em nos se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Acharse mais verdade, ô Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros nauegamos,
Conduzidos do interprete diuino.
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peito sincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não saisse,
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a servirte, porque visse
Ou sospetasse em ti peito fingido:
Mas saberas que o fez porque compriisse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.
E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça
Não quereras, pois tês de Rei o officio,
Que ninguém a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo que elle & os seus poderem,
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,
Hũs com outros em pratica fallando,
Louuauão muito o estamago da gente,
Que tantos Ceos & mares vai passando,
E o Rei illustre, o peito obediente,
Dos Portugueses, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, & muy subido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima
Toda a sospeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, & obras sam de geito,
Pera vos ter o mundo em muyta estima.
E quem vos fez molleso tratamento,
Não pode ter jobido pensamento.

E De

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey que a excelencia,
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,
Ao mundo for, em minhas almãdias,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos pensamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro
Coo embaixada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro:
Enchem se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscavao,
E assi ledos a noite festejavão.

Não

Não faltão ali os raios de artefício,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, & as ondas atroando.
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimando,
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,
Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po sulfureo escondido:
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
O Mar se via em fogos acendido:
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hião se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei Milindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

E 2 Vião se

OS LUSIADAS DE L. DE CA

*Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabaiaas,
Luſtrão os panos da tecida ſeda:
Em lugar de guerreiras azagaiaas,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.*

*Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de ſedas de diuerſas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de ſeu Reino, & de ſenhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo ſeus coſtumes, & primores.
Na cabeça hũa fota guarnecida,
De ouro, & de ſeda, & de algodão tecida.*

*Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tiria cor, entre elles eſtimada,
Hum colar ao peſcoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada,
Cum reſplandor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adagá bem laurada.
Nas alparcas dos pês, em fim de tudo,
Cobrem, ouro & aljoſar ao veludo.*

Com

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nua alta & dourada astea enxerido,
Hum ministro aa solar quentura veda,
Que não offenda & queime o Rei subido:
Musica traz na proa, estranha & leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa & honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea espada,
Pruma na gorra, hum pouco declinada.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que da o Mûrice excelente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o fermoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonoras trombetas incitauão,
Os animos alegres resoando
Dos Mouros os bateis o Mar co-lhauão,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horriſſonas bramando,
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Ja no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o leuava,
Elle coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
Cũas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
Como quem em muy grande estima tinha,
Gente que de tam longe à India vinha.
E com

E com grandes palauras lhe offerece,
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse.
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
 Quando nella ganharão a coroa
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
 E com muitas palauras apregoa,
 O menos que os de Luso merecerão:
 E o mais que pela fama o Rei sabia:
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, & aduersidade,
 Dos mares experimenta a furia insana.
 Aquella alta, & diuina eternidade,
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
 Pois que de ti tais obras recebemos,
 Te pague o que nos outros não podemos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Tu so de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, & jocundo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria
Viuirão teus lououres em memoria.

Não dizendo, os barcos vão remando,
Pera a frota, que o Mouro ver deseja
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros respondião.

Mas despois de ser tudo ja notado,
Do generoso Mouro, que pasmaua,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto, & ancorado,
Nagoa o batel ligeiro que as leuava,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, & fama.
Em

Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitava, perguntando agora,
 Pelas guerras famosas & excelentes,
 Co pouo áuidas, que a Masomia adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hyspheria vltima, onde mora:
 Agora pelos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, & região
 Do Mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geração,
 E o principio do Reino tam potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o Mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Affrica ruda tem criado
 Conta: que agora vem cos aureos freios,
 Os caualllos que o carro marchetado,
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.
 E não

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E não menos co tempo se parece,
O desejo de ouirte o que contares,
Que quem ha, que por fama não conhçe
As obras Portuguesas singulares:
Não tanto desviado resplandeçe,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Melindanos tem tam rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Leo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome' auentajado.
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

 Canto Terceiro.


Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.

Assi o claro inuentor da Medicina,

De quem Orpheo pariste, o linda Dama:

Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe

Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,

Como merece a gente Lusitana,

Que veja & saiba o mundo que do Tejo

O licor de Aganipe corre & mana,

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo

Banharme Apolo na agoa soberana.

Senão direy, que tês algum receio,

Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Prompto se estão todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, depois de hum pouco estar cuidão,
Aleuando o rosto, assi dizia:
Mandas me, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a grão genealogia:
Não me manda contar estranha historia:
Mas mandas me louvar dos meus a gloria.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceo,
Que louvor tão sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejás de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
De pois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,
 Meta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
 Com suas salsas ondas o Occeano,
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se auizinha : mas o Rio
 Que dos montes Rifeios vay correndo,
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:
 Onde agora de Troia triumphante,
 Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
 Os montes Hyperboreos aparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome do sopros, se ennobrecem,
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandecem.
 Que a neue està contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Aqui dos Cytas, grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiuerão, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham antão a Egipcia terra:
Mas quem tão fora estava da verdade,
(la que o juyzo humano tanto erra.)
Pera que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.*

*Agora nestas partes se nomea,
A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinauia llba, que se arrca,
Das victorias que Italia não lhe nega
Aqui, em quanto as agoas não refrea,
O congelado Inverno, se nauega.
Hum braço do Sarmatico Occeoano,
Pelo Brusio, Sueio, & frio Dano.*

*Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
Sujeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Lava, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.
Entre*

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope sugeito
Ao Otomano está, que sometida,
Bizancio tem a seu seruiço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria:
E vos tambem, o terras excelentes,
Nos costumes, engenhos, & ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
Enão menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,
Onde Antenor ja muros leuanto,
A soberba Veneza está no meio
Das agoas, que tam baxa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.
Em torno

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,
Que do Sequana, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantão, que segundo
Antiguidades contão, quando arderão,
Rios de ouro, & de prata antão corrêrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força, ou manha,
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha não tire o e forço & ousadia,
Dos belicofos peitos, que em si cria.

Com

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido estreito se ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,
Sujeitando Partênope inquieta,
O Nauarro, as Asturias, que reparo
la forão, contra a gente Mahometa,
Tem o Galego cauto, e o grande e rai
Castelhano, a quem fez o seu Planeta,
Restituidor de Espanha, e senhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a Terra se acaba, e o Mar começa,
E onde Febo repousa no Oceano:
Este quis o Ceo justo, que floresa
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando o de si fora, e la na ardente
Affrica estar quieto o nam consente.

E Esta he

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,
Filhos forão parece, ou companheiros,
E nella antam os Incolas primeiros.

Deſta o Pastor nasceo, que no ſeu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virà que dome,
Pois a grande de Roma não ſe atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illuſtre, & foi deſta arte.

Hum Rei, por nome Affonſo, foy na Eſpanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas ſanguinas, força & manha
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando deſte Rei a fama eſtranha,
Do Herculano Calpe ad Caspia ſerra,
Muitos, pera na guerra eſclarecerſe,
Vinhão a elle, & aa morte offerecerſe.
E com

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares
Despois que em feitos altos & subidos.
Se mostrarão nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras tais,
Leuassem premio digno, & dões iguais.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,
Portugal ouue em sorte, que no Mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal damor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da escrava Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,
Hum filho, que illustrasse o nome vfano
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*La tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerosolima sagrada,
E do lordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lauada,
Que não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudarão,
Pera seus senhorios se tornarão.*

*Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O spirito deu, a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixava seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay tal filho se esperava.*

*Mas o velho rumor, não sey se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, não se despreza:
O filho orfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera.*

Mas

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamaua, do Auô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãy com seu marido as mãda & come,
Feruendo lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Reuoluidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy que tam pouco o parecia,
A seu filho negaua o amor, & a terra,
Co elle posta em campo ja se via,
E não ve a soberba, o muito que erra.
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhay que inda Teresa peca mais:
Incontinencia ma, cubiça fea,
São as causas deste erro principais.
Scilla por hũa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padrao e da inica mãy leuaua,
Ia lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua.
Porem vencido de Ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Pera vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa.
Não so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães esta cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o inimigo magoado:
Mas com se offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podêra ser perdido,
Segundo eslaua mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas moniz mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser fogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana ja agoardava,
Que o Principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuydava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palaura mal comprida.

E com seus filhos e molher se parte,
A aleuantar co elles a fiança,
Descalços, e despídos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.

F 4 Ves

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
Nellas sos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,
De vassillo, que a tanto se obrigava,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
On se rosto & narizes se cortava,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava.
Que mais o seu Zopiro são prezâra,
Que vinte Babilonias que tomâra
Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,
 O Lusitano exercito dioso,
 Contra o Mouro que as terras habitaua,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentaua,
 O arraial soberbo, & belicoso:
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo baptizado,
 Que pera hum so cem Mouros aueria.
 Julga qualquer juyzo soffegado,
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De quem tanto os Troyanos se ajudâo,
 E as que o Termodonte ja gostâo.

A matutina

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

*A matutina luz serena, e fria,
As Estrellas do Pollo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando se a Affonso o animava:
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fê todo inflamado assi gritava:
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E não a my que creio o que podeis.*

*Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados levantauão,
Por seu Rei natural, este excelente
Principe, que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocavão:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.*

*Qual cos gritos e vozes incitada,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiró que forçoso,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.
Tal*

Tal do Reino, o estamago acendido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente:
Leuantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas soão,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando:
A pastoral companhia, que deitada,
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Destla arte o Mouro atonito & toruado,
Toma sem tento as armas muy depressa,
Não foge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atrauessa.
Hūs caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra:
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido
Com que tambem do campo a cor se perde
Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos & presa rica,
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vſano,
Que agora esta vitória certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em final destes cinco Reis vencidos.
E nestes

Enestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta,
 Daquelle de quem foy fauorecido,
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco auia, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas,
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
 Sintra onde as Naiades escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*E tu nobre Lisboa , que no Mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.*

*La do Germanico Albis , & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com lenção sancta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos:
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseeos.*

*Cinco vezes a Lũa se escondêra,
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco , que lhe estaua posto.
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme prosuposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.*

De sta

CANTO TERCEIRO. 6

Deſta arte em fim tomada ſe rendeo,
Aquelle que nos tempos ja paſſados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ouſados:
Cujo poder a tanto ſe eſtendeo,
Que o lbero o vio, & o Tejo amedrontados.
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura
Auera que reſiſta, ſe Lisboa
Não pode reſiſtir aa força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Eſtremadura,
Obidos, Alanquer, por onde ſoa
O tom das freſcas agoas, entre as pedras,
Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras tranſtaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis aas forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, & os poderes.
E tu laurador Mouro, que te enganas,
Se ſuſtentar a fertil terra queres.
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do ſal, eſtão rendidas.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se aleuantão nobremente.
Obedeceo, por meio & ouladia
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso que não sabe solegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscofa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha deligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cauallos furioſos,
Innumeros piões, darmas & deouro
Guarnecidos, guerreiros & luſtroſos:
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
Cos ciumes da vaca, arreceoſos,
Sentindo gente o bruto, & cego amante
Saltea o deſcuidado caminhante.

Deſta arte Affonſo ſubito moſtrado,
Na gente da, que paſſa bem ſegura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, & ſo da vida cura,
Dum Panico terror todo aſombrado,
So de ſeguillo o exercito procura.
Sendo eſtes que fizeram tanto aballo,
Nomais que ſo ſeſenta de cauallo.

Logo ſegue a victoria ſem tardança,
O grão Rei incanſabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja uſança
Era andar ſempre terras conquiſtando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de ſeu deſejo, pelejando
Com tanto eſforço & arte, & valentia,
Que a fez fazer aas outras companhia.

G

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o merece,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercâra,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomâra,
De Lião sendo, & não dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitória dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, & a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
 Eniocos, & Colcos, cuja fama
 O Veo dourado estende: & os Capadozes,
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,
 E que o molles Sofenos, & os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama,
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte
 Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido
 Ia vencedor te vissem, não te espante
 Se o campo Emathio so te vio vencido,
 Porque Affonso veras soberbo & ouante,
 Tudo render, & ser despois rendido.
 Assim o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do diuino juyzo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido,
 Aa cidade Vlissea foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que aas terras se passasse dalentejo,
Com gente, & co beligero aparelho:
Sancho, desforço & d animo sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho,
O rio que Seuilha vay regando,
Co sangue mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobiceoso,
Ia não descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teue o Ceo:
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila não se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.
Entraua

Entraua com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal
Treze Reis mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem não lhe socede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prouê com animo & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço & resistencia

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado
Os trabalhos annos, ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza co a idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eco a famosa gente â guerra usada,
vay socorrer o filho, e assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavalloos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmomim so não fogio,
Porque antes de fogir lhe foge a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão lououres e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,
Da larga, e muita idade foi vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagarão seus annos deste geito,
A triste Libitina seu direito.

Os altos

Os altos promontorios o chorarão,
 E do rios as agoas saudosas,
 Os semeados campos alagarão,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reino chamarão,
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida ja se exprimentara,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratára,
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
 E mais quando os que Beja em vão cercarão,
 Os golpes de seu braço em si prouârão.

Despois que foy por Rei aleuantado,
 Auendo poucos annos que reinaua,
 A cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lauraua:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada, que passaua.
 De armas fortes e gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Passauão a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo padeceo,
Quando Guido co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauão,
As agoas que os de guido desejauião.

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraſte de vento, aaquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
La que em ſerviço vay, do ſancto Marte
Aſſi como a ſeu pay acontecèra,
Quando tomou Lisboa, da meſma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador deſtrue & doma.

E ſe tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay tambem do forte
Liones, não consente eſtar quieta
A terra uſada aos caſos de Mauorte:
Ate que na ceruiç ſeu jugo meta
Da ſoberba Tui, que a meſma ſorte,
Vio ter a muitas villas ſuas vizinhas,
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rei terceiro
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcáçere do sal por derradeiro:
Porque dantes os Mouros o tomarão,
Mas agora estruidos o pagarão.

Morto despois Affonso lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quẽ mandava era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causa dos priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia.
Nem tam cruel aas gentes & molesto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foi Helio gabão,
Nem como o mole Rei Sardanapão.
Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nem era o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o Reino gouernou,
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupêra co braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Esle de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.
Eis

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina.
Co este o Reino prospero floreçe,
(Alcançada ja a paz aurea diuina)
Em constituições, leis & costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
O valeroso officio de Minerua,
E de Helicon as Musas fez passar-se,
A pisar de Mondego a fertil erua:
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas da tecidas de ouro,
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte & excelẽte:
Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme & sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno
Mas porem quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Esperico terreno,
Entrarão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
Veio ôs campos Ydaspicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos aoute horrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rei sublime Castelhano,
A força inexpugnabil, grande & forte,
Temendo mais o fim do pouo Hispano,
Ia perdido hũa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entrauz

Entraua a fermosissima Maria,
 Polos paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia,
 Pelos ebirneos hombros espalhados:
 Diante do Payledo, que a agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
 De Africatoda gente fera & estranha,
 O grão Rei de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso Mar a terra banha.
 Trazem ferocidade, & furor tanto,
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe esta, da Maura espada,
 E se não for contigo socorrido,
 Ver-me as delle & do Reino ser priuada,
 Viua & triste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
 Portanto

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor assella:
Acude & corre pay, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando,
Que a tanta piedade o comouia,
Que caído das mãos o rayo infando:
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborense campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vão rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações aa paz acostumados:
Vay às fulgentes armas incitando
Polas concanidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
 Das insignias Reais acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos, leua o collo aleuantado,
 E somente co gesto esforça & anima,
 A qualquer coração amedrontado.
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Pera quem sam pequenos campo & monte.
 Não ha peito tão alto & tam potente,
 Que de desconfiança não se afronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja,
 Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos casi rindo,
 Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
 As terras como suas repartindo,
 Ante mão, entre o exercito Agareno:
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome Sarraceno.
 Assim tambem com falsa conta & nua,
 Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam tímido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
So de pedras & esforço apercebido,
Com palauras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pode a Fê que a força humana

Deſta arte o Mouro perfido despreza,
O poder dos Chriſtãos, & não entende,
Que eſtá ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico ſe rende.
Co ella o Caſtelhano, & com deſtreza,
De Marrocos o Rei comete & offende.
O Portugues que tudo eſtima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,
Por cima dos arneſes, brauo eſtrago,
Chamão(ſegundo as leis que ali ſeguião,)
Hũs Maſamede, & os outros Sançliago,
Os feridos com grita o Ceo ferião,
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
Onde outros meios mortos ſe afogauão,
Quando do ferro as vidas eſcapauão.

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
 De alcançar tal victoria tam barata,
 Inda não bem contente o forte braço,
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,
 Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,
 Pera a casa de Thetis, & inclinado,
 Pera o Ponente o vespero trazendo,
 Estava o claro dia memorado,
 Quando o poder do Mauro grande & horêdo
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,
 Com tanta mortindade, que a memoria,
 Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morrerão neste vencimento,
 Quando as agoas co sangue do aduersario,
 Fez beber ao exercito sedento,
 Nem o Peno asperissimo contrario,
 Do Romano poder de nascimento:
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

H E se

OS LUSIADAS DE L. DE CÂ.

E se tu tantas almas so podeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a lanêta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissam & vingança foy celeste,
E não força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois por I E S V certificado.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homêes desenterra,
Aconteceoda misera, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro Amor com força crua,
Que os cora ões humano tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiza:
Se dizem fero Anor que a sede tua,
Nem com lagrimas cristes se mitiga:
E por que queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.
Estavas

*Estavas linda Ines posta em sossego
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes insinuando, & às eruinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.*

*Do teu Principe ali te respondião,
 As lembranças que na alma lhe morauão,
 Que sempre ante seus olhos te trazião,
 Quando dos teus fermosos se apartauão
 Denoite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos que voauão.
 E quanto em fim cuidaua, & quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.*

*De outras bellas senhoras, & Princezas,
 Os desejados tálamos engeita,
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
 Quando hum gesto suaue te sogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velho pay sesudo, que respeita
 O murmurar do pouo, & a fantasia
 Do filho, que casarse não queria.*

H 2 Tirar

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue sô da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse aleuantada,
Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ a os horrificos algozes,
Ante o Rei, ja mouido a piedade:
Mas o pouo com falsas, & ferozes
Razões, aa morte crua o persuade:
Ella com tristes & piedosas vozes,
Saidas sô da magoa, & saudade
Do seu Principe, & filhos que deixaua,
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, por que as mãos lhe estaua atando,
Hum dos duros ministros rigurosos.
E despois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,
Cuja orfindade como mãy temia,
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aues agrestes, que somente
 Nas rapinas aerias tem o intento,
 Com pequenas crianças vio a gente,
 Terem tam piadoso sentimento,
 Como co a mãy de Nino ja mostrâão,
 E cos yrmãos que Roma edificârão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito
 (Se de humano he, matar hũa donzella
 Fraca & sem força, so por ter sujeito
 O coração, a quem soube vencella.)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tês aa morte escura della,
 Mouate a piedade sua & minha,
 Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 A quem pera perdela não fez erro:
 Mas se to assi merece esta innocencia,
 Poem me em perpetuo & misero desterro,
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Poem me onde se vſe toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar poſſo a piedade
Que entre peitos humanos não achey:
Ali co amor intrinſeco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias ſuas que aqui viſte,
Que refrigerio ſejão da mãy triſte.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & ſeu deſtino
(Que deſta ſorte o quis) lhe não perdoão,
Arrancão das eſpadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros
Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,
Conſolação extrema da mãy velha,
Porque a ſombra de Achilles a condena,
Co ferro o duro Pirro ſe aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar ſerena,
(Bem como paciente, & manſa ouelha)
Na miſera mãy poſtos, que endoudeçe
Ao duro ſacrificio ſe offereçe.

Tais

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha:
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçauão, feruidos & yrosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de T yestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.
 Vos, ô concauos vales que podestes,
 A voz extrema ouuir da boca fria,
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida & bella,
 Sendo das mãos lacinas mal tratada,
 Da minina que a trouxe na capella:
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
 Tal està morta a palida donzella,
 Secas do rosto as rosas, & perdida
 A branca & viva cor, co a doce vida.

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

*As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memorarão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe poserão, que inda dura,
Dos amores de Ines que ali passarão.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores*

*Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reino a gouernança,
A tomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos immigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.*

*Este castigador foy reguroso,
De latrocinios, mortes & adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justicozo,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.
Do justo*

Do justo & duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
 Que todo o Reino pos em muito aperto,
 Que vindo o Castelhana deuaſtando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casar se co ella de enleuado,
 Num falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração fogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:
 Os que forão roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David Sancto se condena?
 Ou quem o Tribo illustre destruo
 De Benjamim? bem claro nolo insina,
 Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andava transformado,
De Marco Antonio a fama se escureçe,
Com ser tanto a Cleopatra afeiçãoado:
Tu tambem Peno prospero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a neve humana pura,
O ouro, & o alabastro transparente
Quem de hũa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coração conuerte que tem preso,
Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Hũa suave & Angelica excellencia,
Que em si estã sempre as almas trãformãdo
Que tiuesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo estã Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muyto mais culpado o julgaria.

Fim.

 Canto Quarto.

Es pois de procello

*sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,*

*Traz a manhaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Remouendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.*

*Porque se muito os nossos desejarão,
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que tãbem se aproueitãrão,
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançãrão,
Ioanne sempre illustre aleuantando
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.*

Ser isto

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Ser isto ordenação dos ceos diuina,
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz aleuanteou,
Portugal, Portugal, alçando a mão
Disse, polo Rei nouo Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, & euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia desonesto
Mais (depois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordēs) de alta torre
A quem ordēs, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas & em pedaços feito.
Podese

Podêse por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhana està, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pay succede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras que Fernando, & que Rodrigo
Ganharão do tirano & Mauro estado:
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquivir as agoas lauão,
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauão:
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suaue & ledado,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armaesles,
Aaquelles, cujos golpes ja prouaesles.

Tambem mouem da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou delle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.
loane

Ioane, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansam Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece
Cos poucos de seu Reino se aparelha,
E não porque conselho lhe fileçe,
Cos principaes senhores se aconselha:
Mas so por ver das gentes as sentenças,
Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se conuerte,
Em desusada & ma deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte
Que a propria & natural fidelidade,
Negão o Rei & a patria, & se conuem
Negarão(como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
No forte dom Nuno alueres: mas antes
Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,
Reprouando as vontades inconstantes:
A aquellas duuidosas gentes disse,
Com palauras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.
Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuse o patrio Marte?
Como, desta prouincia que princeja
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defeja,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sogeito?

Como, não sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afora a presa que tiuerão?

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis & seu filho, sublimados
Se não cos vossos fortes pais & auôs?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Rei nouo,
Se he certo que co Rei se muda o pouo.
Rei

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não mouerdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,
 (E dizendo isto arranca mea espada)
 Defenderey da força dura, & infesta
 A terra nunca de outrem sojugada,
 Em virtude do Rei, da patria mesta,
 Da lealdade ja por vos negada,
 Vencerey (não so estes aduersarios:)
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,
 Ia pera se entregar quasi mouidos
 A fortuna das forças Affricanas:
 Cornelio moço os faz, que compellidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas, nam deixarão em quanto a vida
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

l Destarte

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Destarte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessoës,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Viua o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão & renouão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinhã:
Capacetes estofam, peitos prouão,
Armise cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto,
Com que passaua Xerxes o Helesponto.
Dom

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Huno o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
Antão vazquez de Almada he Capitão,
Que despois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a seſtra mão,
Logo não retagoarda não se esconde,
Das quinas & castellos o pendão,
Com loanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mais, irmãs, damas, & esposas
Prometendo jeſús, & romarias:
Ia chegão as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duuida concebem.

1 2 Recebem

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferezes volteão as bandeiras,
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,
A tras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
E as mãis que o som terribil escuitârão,
Aos peitos os filhinhos apertârão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro inimigo,
Faz não sentir, que he perda grande & rara
Dos membros corporais da vida cara.
Começa se

Começase a trauar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hũs leua a defenſam da propria terra,
Outros as eſperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quem ſe encerra
Todo o valor, primeiro ſe aſſinala
Derriba, & encontra, & a terra ẽ fim ſemea
Dos que a tanto deſejão, ſendo albea.

Ia pelo eſpeſſo ar, os eſtridentes
Farpões, ſetas, & varios tiros voão,
Debaxo dos pês duros dos ardentes
Caualllos, treme a terra, os vales João:
Eſpedação ſe as lanças, & as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo atroão.
Recreçem os immigos ſobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali ſeus yrmãos contra elle vão,
(Caſo feo & cruel:) mas não ſe eſpanta,
Que menos he querer matar o yrmão,
Quem contra o Rei & a patria ſe aleuanta:
Deſtes arrenegados muitos ſam,
No primeiro eſquadrão, que ſe adianta,
Contra yrmãos & parentes (caſo eſtranho)
Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lâ no reino escuro de Sumano
Receberdes grauíssimos castigos
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs treedores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Esta ali Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita està o fortíssimo lião
Que cercado se ve dos caualleiros
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguem no com as lanças, & elle iroso
Toruado hũ pouco està, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal està o caualeiro que a ver dura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.
Sentio

Sentio loane a afronta que passaua
Nuno, que como sabio capitão,
Tudo corria, & via, & a todos daua
Com presença & palauras coração:
Qual parida Lioa fera & braua
Que os filhos que no ninho sôs estão
Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos
Os montes sete lrmãos atroa & abala,
Tal loane com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode aa primeira ala:
O fortes companheiros, o subidos
Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,
Defendey vossas terras que a esperança
Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
Que entre as lanças & setas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeiro
Pelejay verdadeiros Portugueses:
Isto disse o magnanimo guerreyro
E sopeando a lança quatro vezes,
Com força tira & deste vnico tiro
Muytos lançarão o vltimo sospiro,

I 4 Porque

OS LUSIADAS DE. L. DE CÂ.

Porque eis os seus acesos nouamente
Dhũa nobre vergonha & honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerâ, do Marcio jogo
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assi recebem junto & dão feridas
Como a quem ja não doe per der as vidas.

A muitos mandão ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua
O Mestre morre ali de Sanctiago
Que fortissimamente pelejava
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatraua
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Céo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo
Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passão deste mundo
E porque mais aqui se amanse & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foy derribada os pês da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encruece
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece
 O furor, & sobejão as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor
 Contento de lhe não deixar a vida
 Segue no os que ficarão, & o temor
 Lhe da não pês, mas alas aa fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da desonra, & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando
 Do primeyro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobiçoso & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Pouo aventura aas penas do profundo
 Deixando tantas mãis, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos de jditos.

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O vencedor loanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande gloria
Com offertas despois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Se não por armas sempre soberanas
Pera as terras se passa Trāstaganas.

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo & o vencimento
La de Siuilha a Betica bandeira
E de varios senhores nũ momento
Se lhe derriba aos pès sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Aas duas Illustrissimas Inglesas
Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Não

Não sofre o peito forte usado aa guerra
Não ter imigo ja a quem faça dano,
E aßinão tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Afrinano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamento
De Ceita toma, & o torpe Mahometa
Deita fora, & segura toda Espanha
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes
Inclita geração, altos Infantes.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, & neste Rey
Não v/ou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando
Que a tão altas empresas aspiraua
Que por saluar o pouo miserando
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
Sô por amor da patria estâ passando
A vida de senhora feyta escrava,
Por não se dar por elle ha forte Ceita
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espanha não temesse
A captiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro,
 Tornou em baxa & humilima miseria,
 Fora por certo inuicto caualleiro,
 Se não quisesse yr ver a terra Iberia:
 Mas Affrica dira ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Terintio colher pode,
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
 A ceruiz inda agora nam sacode:
 Na fronte a palma leua, & o verde louro,
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alcaçer forte villa,
 Tangere populoso, & a dura Arzilli.

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaxarão de Diamante,
 Aas Portuguesas forças costumadas,
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dinas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa
 Mais, affinando a fama Portuguesa.
 Porem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem despois tocado de ambição,
E gloria de mandar amara & bella,
Vay cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multidão,
Das soberbas & varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo loanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foy ajuda não pequena,
Saiose em fim do trance perigoso,
Com fronte não toruada, mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar matârão
Nos Philipicos campos se vingârão.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,
 Affonso apouzentou no Ceo sereno,
 O Principe que o Reino então gouerna,
 Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passarão
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E la no illustre porto se embarcârão,
 Onde ja foy Partenope enterrada,
 Napoles onde os fados se mostrârão,
 Fazendoa a varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegão,
 Vão se aas praias de Rodes arenosas,
 E dali aas ribeiras altas chegão,
 Que com morte de Magno jam famosas:
 Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
 Das enchentes Niloticas vndosas,
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
 Que de Christo la guarda o sancto rito.
 Passam

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas
Tornar-se facilmente não podia,
La morrerão em fim, & la ficarão.
Que aa desejada patria não tornârão.
Parece

Parece que guardava o claro ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tão ardua, que o moueo
A subidos & illustres mouimentos:
(Manoel, que a loane socedeo
No reino, & nos altiuos pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficâra
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas que saem
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito
Onde ymaginações mais certas sam,
Reuoluendo contino no conceito
De seu officio, & sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o sonno acceito
Sem lhe de/occupar o coração,
Porque tanto que lasso se adormece
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava aa prima Esphera,
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha, & fera:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiquos longinquos & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.*

*Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte seluatico habitauão,
Mil arnuores syluestres & eruas varias
O passo & o trato aas gentes atalhauão:
Estas duras montanhas aduersarias
De mais conuersação, por si mostrauão
Que desque Adão peccou aos nossos annos
Não as romperão nunca pês humanos.*

*Das agoas se lhe antolha que saião
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homẽs, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrida
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.
Dembos*

Dambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos & eruas tinha,
Hum delles a presença traz cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impito alterada
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
Vay buscar os abraços de Arctusa.

Este que era o mais graue na pessoa
Destarte pera o Rey de longe brada,
O tu a cujos reinos & coroa
Grande parte do mundo esta guardada,
Nos outros, cuja fama tanto voa
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
Te auisamos que he tempo que ja mandes
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro:
Custartemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receyo
A quantas gentes vês poras o freyo.

K. 2 Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não disse mais o rio illustre & sancto,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo espanto
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Febo o claro manto
Pello escuro Emisperio somnolento:
Veyo a menham no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe lhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho
Pera que com sublime coração
Vaa a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito
Se possesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes coulas deste geito
Presago o coração me prometia:
Não sey porque razão, por que respeito,
Ou porque bom final que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chaue
Deste cometimento grande, & graue.
E com

E com rogo & palauras amorosas
Que he hũ mando nos Reis que a mais obrig
Me disse: As cousas arduas & lustrosas
Se alcanção com trabalho & com fadiga:
Faz as pessoas altas & famosas
A vida que se perde & que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para hũa empresa qual a vos se deue,
Trabalho illustre, duro & esclarecido,
O que eu sey que por mi vos sera leue:
Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
Auenturarme a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
Quaes Euristeo a Alcides inuentava,
O lião Cleonêo, Arpias duras
O porco de Erimanto, a Ydra braua:
Decer em fim aas sombras vans & escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava,
Porque a mayor perigo, a môr affronta
Por vos, o Rey, o espirito & carne he prôpta.

K 3 Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agradece
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanhar-me logo se offerece
Obrigado damor & damizade,
Não menos cobicoso de honra & fama,
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho
Dexperencia em armas & furor:
Ia de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valer,
Todos de grande esforço, & assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem:
Assi forão o Mynias ajuntados
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Fatidica nao, que ou sou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja

E ja no porto da inclita *Vlissea*
Cum aluoroço nobre, & cum desejo,
(Onde o licor mestura & branca area
Co salgado *Neptuno* o doce *Tejo*.)
As naos prestes estão, & não refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima & a de *Marte*
Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no *Olimpo* estrellas como a de *Argos*.

Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a *Etherea* corte
Sostenta so coa vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

K 4 Parti-

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Partimonos assi do sancto templo
Que nas Praes do mar estã assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certifico te, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida & receyo
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Agente da cidade aquelle dia
(Hũs por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista & descontentes:
E nos coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso
Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres cum choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancauão:
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauão
A desesperação, & frio medo
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha
So pera refrigerio, & doce emparo
Desta cansada ja velhice minha,
Que em choro acabarâ, penoso & amaro:
Porque me deixas, misera & mezquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado esposo
Sem quem não quis amor que viuer possa,
Porque is auenturar ao mar iroso
Essa vida que he minha, & não he vossa?
Como por hum caminho duuidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que dizião
De amor, & de piadosa humanidade,
Os velhos & os mininos os seguião
Em quem menos esforço poẽ a ydade:
Os montes de mais perto respondião
Quasi mouidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhauão
Que em multidão co ellas se ygoalauão.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, nesse estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do prepcito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento custumado,
Que posto que he de amor vsança boa
Aquem se aparta, on fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pejada hum pouco aleuantando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber so d'experiencias feyto
Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudolento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho & que justiça
fazes no peito vãõ que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

Dura inquietação dalma & da vida
 Fonte de desemparos & adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reynos, & de imperios:
 Chamante illustre, chamante subida,
 Sendo dina de infames vituperios,
 Chamante Fama, & Gloria soberana,
 Nonies com quem se o pouo nescio engana.

Aque nouos desastres determinas
 De leuar estes reynos & esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe deslinas
 Debaixo dalgum nome preminente?
 Que promessas de reynos, & de minas
 Douro, que lhe faras tão facilmente?
 Que famas lhe prometeras, que historias?
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano
 Cuyo peccado & desobediencia,
 Não samente do reino soberano
 Te pos neste desterro & triste ausencia:
 Mas inda doutro estado mais que humano
 Da quieta & da simpres innocencia,
 Idade douro, tanto te priuou
 Que na de ferro & darmas te deitou.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ia que nesta gostosa vaidade
Tanto enleuas a leue fantasia,
Ia que aa bruta crueza & feridade
Possede nome esforço & valentia,
Ia que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdella quem a dà.

Não tens junto com tigo o Ismaelita
Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo so pellejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar aas portas o inimigo
Por yres buscar outro de tão longe,
Por quem se despouoe o reino antigo
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe;
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonge,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.
O maldito

O maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vella pôs en seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
Nunca juyzo algum alto & profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de lapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto milhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio
O grande Achiteſtor co filho, dando
Hum, nome ao mar, & o outro, fama ao rio:
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro agoa, calma & frio,
Deixa intentado a humana geração:
Miseria sorte, estranha condição!

F I M.

 Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando eslaua, quando a-
brimos

As alas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar custume usado
A vella desfraldando, & ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o usado mouimento.

Entruaa neste tempo o eterno lume,
No animal Nemejo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na seista idade andaua enfermo & lento:
Nella ve, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta & sete, em que corria
quando no mar a armada se estendia.

laa

Ia a vista pouco & pouco se desterra
 Daquelles patrios montes que ficauão,
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
 De Sintra, & nella os olhos se alongauão:
 Ficauanos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lâ diyxauão,
 E ja despois que toda se escondeo
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assim fomos abrindo aquelles mares
 Que geração algũa não abrio,
 As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,
 Que o generoso Enrique descobrio:
 De Mauritania os montes & lugares
 Terra que Anteo num tempo possuyo,
 Deyxando aa mão ezquerda, que aa direita
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
 Que do muito arvoredo assi se chama,
 Das que nos pouoamos, a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama:
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,
 Antes sendo esta sua se esquecera
 De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.
 Deixamos

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
On le as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pousos, a quem nega
O filho de Climene a ccr do dia:
Aqui gentes estranhas lava & rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas
Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas
Terras por onde novas maravilhas
Andarão vendo jaa nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella

*A aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenso lago,
Do salgado Oceano, & assi deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.*

*Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficaua ao Oriente,
A prouincia laliso, que reparte
Por diuersas nações a negra gente:
A muy grande Mandinga, por cuja arte,
Logramos o metal rico & luzente,
Que do curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe.*

*As Dorcadas passamos, pouoadas
Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,
Que de vista total sendo priuadas
Todas tres dhum so olho se seruião:
Tu so, tu cujas tranças entrespadas
Neptuno la nas agoas acendião,
Tornada ja de to las a mais fea
De binoras encheşte a ardente area.*

L Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lyoa
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas que ali temos,
Ficou, co a Ilha illustre que tomou
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno estã de Congo
Por nos ja conuertido â fee de Christo,
Por onde o Zaire passa claro & longo
Rio pellos antigos nuca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descoberto tinhamos diante
La no nouo Hemisperio noua estrella,
Nã vista de outra gente, que ignorante
Algũs tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de strellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nã sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assi

*Afsi passando aquellas regioës
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous inuernos fazendo & dous veroës
Em quanto corre dhum ao outro Polo:
Por calmas, por tormentas & opressões
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrsas a pesar de luno
Banbarem-se nas agoas de Neptuno.*

*Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homës não entendem,
Subitas trouoadas temerisas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouoës que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiuesse a voz de ferro.*

*Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre & verdadeiros
Iulgando as cousas so polla apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro engenho & por ciencia,
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.*

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Vi claramente visto o lume viuo

*Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempesta le escura & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Ver as nuuës do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Oceano.*

Eu o vi certamente (& não presumo

*Que a vista me enganaua) levantar se,
No ar hum vapor zinho & sutil fumo
E do vento trazido, rodear se:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergar se
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuës parecia.*

Hia se pouco & pouco acrecentando

*E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazendose mayor mais carregada
Co cargo grande dagoa em si tomada.*

Qual.

Qual roxa Sanguefuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
Chupando mais & mais se engrossa & cria,
Ali se enche & se alarga grandemente,
Tal a grande columna, enchendo aumenta
Assi, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou
O pê que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
Aas ondas torna as ondas que tomou:
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejaõ agora os sabios na escriptura
Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passarão
A tão diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixarão
Que influicão de sinos & de estrellas,
Que estranhezas, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:
Quando da Eterea gauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuës se começã
A descubrir os montes que enxergãmos,
As ancoras pesadas se adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheção
As partes tão remotas onde estãmos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuencão de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhòu,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenoja
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Seluagem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrar-lhe peças mais fomenos
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais & por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando o soltar com tudo, & assi caminha
Pera a pouoação, que perto tinha.

L 4 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nús, & da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto
Se mostra hum bando negro descoberto.

Da

Da espessa nuvem jêtas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida,
E não forão ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tão recida,
Que em mais que nos barretes se sospeita
Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo já Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhum milhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della
E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
He milhor de decer que de subir:
Si he, responde o oujado aventureiro
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles caës, de pressa hum pouco vim
Por me lembrar que estaveis ca sem mim.
Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Contou então que tanto que passarão
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o não deixarão,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornando se, logo se emboscarão
Por que saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pos nos corações hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que môr cousa parece que tormenta?
Não

Não acabaua, quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta & valida,
De disforme & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:
Os olhos encouados, & a postura
Medonha & maa, & a cor terrena & palida,
Cheos de terra & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum tom de voz nos falla horrendo & grosso
Que pareceo sair da mar profundo,
Arrepião se as carnes & o cabelo.
A mi, & a todos, foy de ouzillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes & tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas,
Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.
Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio summa vingança,
E não se acabará so niſto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro lllustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serey eterna & noua sepoltura
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui por à da Turca armada dura
Os soberbos & prosperos tropheos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama
Liberal, caualeiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por gram merce lhe terá dado:
Triste ventura, & negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro & yrado,
Os deixarã dhum crû naufragio viuos
Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
Em tanto amor gêrados & nacidos,
Verão os Cafres asperos & auaros
Tirar aa linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros & perclaros
Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada longa nente
Cos delicados pês a area ardente.

E verão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Everão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta dejuentura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na feruida & implacabil espessura:
Ali despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltaram
Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca & os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso & grande brado,
Me respondeo, com voz pesada & amara
Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passarão fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que pera o Polo Antartico se estende
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que possesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fuy capitão domar, por onde andava
Armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sayr nua na praya, & logo presa,
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançalla
Polla grandeza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa então por mi lhe falla:
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo: Qual sera o amor bastante
De Nympha que sustente o dhum Gigante.
Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com tudo por, liurrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherão-me com grandes abundanças
O peito de desejos & esperanças.

Ja nescio, ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achei cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua:
Estando cum penedo fronte a fronte
Queu pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo
E junto dhum penedo outro penedo
O nimpha

O Nympha a mais fermosa do Oceano
la que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada:
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa & da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
Vencidos & em miseria estrema postos,
E por mais segurar-se os Deoses vãos
Algũs a varios montes sottopostos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecey a sentir do fado imigo
Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizerão,
Estes membros que ves & esta figura
Por estas longas agoas se estenderão:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conuerterão
Os Deoses, & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas.

M Assim

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi contava & cum medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez se a nuvem negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que remouesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

Ia Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy conuertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Ia de cortar as ondas do Leuante,
Por ella abaixo hum pouco nauegamos
Onde segunda vez terra tomamos.

Agente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes erão,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos & com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos vierão,
As mulheres consigo & o manjo gado
Que apacentauão, gordo & bem criado.

As

*As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Tiitiro as Camenas.*

*Estes como na vista prazenteiros
Fosse, humanamente nos tratarão,
Trazendonos galinhas & carneiros
A troco doutras peças que leuarão:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançarão
Que desse algum final do que buscamos:
As vellas dando, as ancoras leuamos.*

*Ja aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, & descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.*

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
Que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que cantro nos ali corria
Que por nos a dō vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estava
Os assopros esforç a iradamente
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nos, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos
Desla

Deſta gente refreſco algum tomamos,
E do rio freſca agoa, mas com tudo
Nenhum ſinal aqui da India achamos
No pouo com nos outros caſi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos
Sem ſair nunca deſte pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem ſinal,
Da deſejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
Andariam os todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas & por mares não ſabidos:
E do eſperar comprido tão canſados
Quanto a deſeſperar já compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade.

Corrupto já & danado o mantimento
Danoso & mão ao fraco corpo humano,
E além diſſo nenhum contentamento
Que ſe quer da eſperança foſſe engano:
Cres tu que ſe eſte noſſo ajuntamento
De ſoldados, não fora Luſitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a ſeu Rey & a ſeu regente?

M 3

Cres

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Cres tu que ja não forão leuantados
Contra seu capitão se os resistira,
Fazendo se Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estão prouados
Pois que nenhum trabalho grande os tir a
Daquella Portuguesa alta excellencia
De lealdade firme, & obediencia.

Deixan lo o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desuio
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso & frio
Nã nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada & geme
A proa inclina dhãa & doutra nao.
Quando indo o coração que espera & teme
E que tanto fiou dhum fraco pao,
Do que esperaua ja desesperado
Foy dhãa nouidade aluorocado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto
Onde as prayas & valles bem se vião,
Num rio, que ali sae ao mar aberto
Bateis aa vela entrauão & sayão:
Alegria muy grande foy por certo
Acharmos ja pessoas que sabião
Nauegar, porque entrellas esperamos
De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
Que com gente milhor comunicauão,
Palaura algũa Arabia se conhece
Entre a lingoagem sua que falauão.
E com pano delgado que se tece
De algodão, as cabeças apertauãa,
Com otro que de tinta azul se tinge
Cadahum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,
E que Fernão martinz muy bem entende
Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoal
As nossas, o seu mar se corta & fende.
Mas que la donde sae o Sol, se abalão
Pera onde a costa ao Sul se alarga, & este
E do Sul pera o Sol, terra onde auia
Gente assí como nos da cor do dia.

M 4 Muy

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Muy grandemente aqui nos alegramos
Coa gente, & com as nouas muito mais.
Pellos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padrão nesta terra aleuamos
Que pera asinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminos
Longos do mar, vem sordidas & immundas:
Dos ospedes que tinhamos vizinhos
Com mostras apraziueis & jocundas,
Ouuemos sempre o usado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande & immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desventura:
Assi no ceo sereno se dispensa,
Coesta condição pesada & dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy que de doença crua & feya
A mais que eu nunca vi, deſemparrão
Muitos a vida, & em terra eſtranha & alheia
Os oſſos pera ſempre ſepultarão:
Quem auerá que ſem o ver o creya
Que tão diſformemente ali lhe incharão,
As gingiuas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,
Não tinhamos ali medico aſtuto,
Sururgião ſutil menos ſe achaua:
Mas qualquer neſte officio pouco inſtructo
Pella carne ja podre aſſi cortaua,
Como ſe fora morta, & bem conuinha
Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que neſta incognita eſpeſſura
Deixamos pera ſempre os companheiros,
Que em tal caminho & em tanta deſventura
Forão ſempre com noſco auentureiros:
Quam facil he ao corpo a ſepultura
Quaeſquer ondas do mar, quaeſquer outeiros,
Eſtranhos, aſſimeſmo como aos noſſos,
Receberão de todo o illuſtre os oſſos.

Aſſi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Assi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança & mór tristeza,
E pella costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade & mã vileza
Ia seras sabedor, & dos enganos
Dos pouos de Mombaça pouco humanos.*

*Ate que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Darâ saude a hum viuo, & vida a hũ morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repousou, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste, & vês aqui se atente ouuiste,
Te contey tudo quanto me pediste.*

*Iulgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneas & o facundo
Ulisses, pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se escreuessem,
Do que eu vi, a poder desforço & de arte,
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?
Esse*

Esse que bebo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
E soutro que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona & diuina
Ouindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos
Desses seus Semideoses, & encareção,
Fingindo Magas Circes, Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Dem lhe mais nauegar â vella & remos
Os Cicones, & a terra onde se esquecem
Os companheiros em gostando o Loto,
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem
Dos odres, & Calippos namoradas,
Harpías, que o manjar lhe contaminem
Decer aas sombras nuas ja passadas:
Que por muito & por muito que se afin m
Nestas Fabulas vaãs tambem sonhada,
A verdade que eu conto nua & pura
Vence toda grandiloca escriptura.

Da

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Da boca do sacundo capitão

Pendendo estauão todos embibidos,
Quando deu fim aa longa narração
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira

O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecie mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria

Dos proprios feitos quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre & alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achiles, Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso so louua, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Temistocles despertão so de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a vez que seus feitos celebrava.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas nauegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria & fama:
Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe que estima & ama
Com doês, merces, fauores, & honra tanta
A lira Mantuana faz que soe
Eneas, & a Romana gloria voc.

Dâ a terra Lusitana Scipioes
Cesares, Alexandros, & da Augustos,
Mas não lhe dê com tudo aquelles doês
Cuja falta os faz duros & robustos.
Otauiio, entre as mayores opressões
Compunha versos doutos & venustos,
Não dirâ Fulvia certo que he mentira
Quando a deixava Antonio por Glaíra.
Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas não lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, e noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se não da Portuguesa tão somente:
Sem vergonha o não digo, que a rezão
Dalgun não ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso e não por falta de Natura
Não ha tambem Virgilio nem Homeros,
Nem auerá se este costume dura
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o pior de tudo he que a vcntura
Tão asperos os fez, e tão Austeros,
Tão rudos, e de ingenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.
Aa

Aas Musas agardeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome & fama
De toda a illustre & bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As tellas douro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o propoſto
Das Tagides gentis, & seu respeito:
Porem não deixe em fim de ter despoſto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

Canto Seisto.



N A M sabia em que
modo festejasse
O Rey Pagão os fortes nauegan
tes,

Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tão possantes:
Pejalhe que tão longe o apousentasse
Das Europeas terras abundantes,
Aventura, que namno fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana,
Com vsadas & ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegre & engana:
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares deusados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha
Ia mais do que deuia, & o fresco vento
O conuida que parta & tome asinha,
Os Pilotos da terra & mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento,
Ia do Pagão benigno se despede
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja
Que dar a tais baroões seu reino & estado:
E que em quanto seu corpo o sprito reja
Estará de contino aparelhado,
A pôr a vida & reino totalmente
Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia
O Capitão, & logo as vellas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
No Piloto que leua não auia
Falsidade, mas antes vay mostrando
A naueração certa, & assi caminha
Ia mais seguro do que dantes vinha.

N As

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*As ondas nauegauão do Oriente
La nos mares da India, & enxergauão
Os talamos do Sol, que nasce ardente,
La quasi seus desejos se acabauão:
Mas o mau de Tioneo, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhauão
Aa gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasfema & deſatina.*

*Via eſtar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa noua Roma,
Não no pode eſtoruar, que deſtinado
Eſtã doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fim deſeſperado,
Nouo remedio em terra busca, & toma,
Entra no humido reino, & vaiſe aa corte
Daquelle, a quem o mar cayo em ſorte.*

*No mais interno fundo das profundas
Cauernas altas, onde o mar ſe eſconde,
La donde as ondas ſaem furibundas,
Quando aas iras do vento o mar reſponde,
Neptuno mora, & morãõ as jocundas
Nereidas, & outros Deoſes do mar, onde
As agoas campo deixãõ aas cidades,
Que habitãõ eſtas humidas deidades.*

Dſcobre

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuerfos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,
Que em nenhũa materia se sustinha,
Daqui as cousas viuas sempre anima,
Depois que Prometeo furtado o tinha:
Logo a pos elle leue se sublima
O inuisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algun deixa no mundo estar vazio

N 2 Estaua

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Estava a terra em montes reueſtida
De verdes eruas & arvores floridas,
Dando paſto diuerſo & dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma ali eſtaua eſculpida
Das agoas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida eſtaua a guerra
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,
Eſta Tiſeo debaixo da alta ſerra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Eſculpido ſe vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes.
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira
De Minerua pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na viſta deſtas couſas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que auizado
Da vinda ſua, o eſtaua ja aguardando:
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que ſe eſtão marauilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.
O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouir me o mais quiseses,
Verão da desventura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dhũa & doutro banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro & feyo
Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros Misilhoes, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta.

N 3 O corpo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nu, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebe crescimento,
Ostras, & Camarões do musco cujos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocava,
A voz grande canora foy ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoses, pera os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nymphas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tambem, mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha,
Grave, & leda no gesto, & tão sermosa
Que se amansaua o mar de marauilha:
Vestida bũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino dexe ver-se,
Que tanto bem não he pera esconder-se.

Anfítrite sermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
Cos olhos que de tudo sam senhores
Qualquer parecera que o Sol vencesse,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas corchinhbas, que o salgado
Mar sempre cria, & aas vezes pella areia
No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circes tinha usado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ja finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia em cheiro passa

Estando sossegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro a:heyo, sala desta sorte.

Princepe

Princepe que de juro senhoreas
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado.
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis
Injuria algũa em vosso reino grande,
Que com castigo ygoal vos não vingueis,
De quemquer que por elle corra, & ande:
Que descuido foy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, con razão endurecidos
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
Forão ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas & insolencias tais, que temo
Que do mar & do Ceo em poucos anos,
Venhão Deoses a ser, & nos humanos.
Vedes

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Vedes agora a fraca geração
Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altiuo coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deuaassando
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aaventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vos a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porque a pondeis em tardança?

E não consinto Deoses que cuideis
Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

Que

Que o gran Senhor & fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baxo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a estes baroës no mar profundo:
Aqui vereis o Deoses como infinão
O mal tambem a Deoses: que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia
Que quem com mais razão valer deuia.

E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos vossos mares:
Mais quis dizer, & não passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A ira com que subito alterado
O coração dos Deoses foy num ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Bem quizer a primeiro ali Proteo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophesia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varoẽs audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças a yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento sossegado proseguia
Pello tranquilo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Emisperio estã remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Pera o segundo os outros despertauão.
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos
Bocijando a miudo se encostauão,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que assoprauão:
Os olhos contra seu querer abertos
Mas estregando os membros estirauão,
Remedios contra o sonno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pesado,
Se não com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos paderemos ter milhores
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do m. ir, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra feruida & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo
Que o trabalho por vir mo esta dizendo.
Consente

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Consentem nisto todos, & encomendão
A Veloso que conte isto que aproua,
Contarei disse, sem que me reprendão
De contar cousa fabulosa, ou noua:
E porque os que me ouuirem daqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que sossegado & liure o teue
Do vizinho poder que o molestaua:
La na grande Inglaterra, que da neuue
Boreal sempre abunda, semeaua
A fera Erinis dura & mâ cizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres cortejaõs, a caso hum dia
Se leuantou discordia em ira acesa,
Ou foy opinião, ou foy porfia:
Os Cortejaõs a quem tam pouco pesa
Soltar palauas graues, de ousadia
Dizem que prouarão, que honras & famas
Em tais damas não ha, pera ser damas.
E que

E que se ouuer alguem com lança & espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
A femenil fraqueza pouco usada
Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua
De forças naturais conuenientes,
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
No reino os inimigos, não se atreuem
Nem parentes, nem feruidos amantes
A sustentar as damas, como deuem:
Com lagrimas fermosas & bastantes
A fazer que em socorro os Deoses leuem
De todo o Ceo, por rostos de alabaastro
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militara
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouara
Dos companheiros, & benigna estrella:
Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a toma.
Esse

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este que socorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras lberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão diuinas,
Que elles sos poderião, se não erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras da fagos & damores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro & forte esteyo.

De flarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze sortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cad hũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

La chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte aluoroça a novidade,
Quisera o Rey sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia Magestade:
Qualquer dos cortezaõs aventureiro
Deseja ser, com feruida vontade,
E so fica por bemaumenturado,
Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebem se os doze em tempo breue
Darmas, & roupas de vso mais moderno,
De elmos, cimeras, letras, & primores
Caualos, & Concertos de mil cores.

La do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles esprimentado:
Não ha na companhia differença
De caualeiro, de ãtro, ou e forçado:
Mas hum so, que Magriço se dizia,
Destarte fala aa forte companhia,
O Fortissimos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fortíſſimos conſocios, eu deſejo
A muito ja de andar terras eſtranhas,
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,
Varias gentes, & leis, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as couſas ſam tamanhas)
Quero ſe me deixais, ir ſô por terra,
Porque eu ſerey conuoſco em Inglaterra.

E quando caſo for, que eu impedido
Por quem das couſas he vltima linha,
Não for com voſco ao prazo inſtituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he diuido:
Mas ſe a verdade o ſprito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,
Não farão que eu com voſco la não ſeja.

Aſſi diz & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim ſe parte,
Paſſa Lião, Caſtella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altiſſimos perigos
Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:
Viſtas em fim de França as couſas grandes,
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali

Ali chegado ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteue muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
Pera Londres ja fazem todos vias,
Do Duque sam com festa agasalhados,
E das damas servidos, & amimados.

Chegasse o prazo, & dia asinalado,
De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
Que pello Rey ja tinhão segurado,
Armanse delmos, greuas, & de arneses:
Ia as damas tem por si fulgente & armado
O Mauorte feroz dos Portugueses,
Vestem se ellas de cores & de sedas
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu caualeiro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Sera o negocio assi na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheção
Posto que dous & tres dos seus falleção.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

*La num sublime & pubrico theatro
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Nã sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,
De força, esforço, & d'animio mais forte,
Outros doze sayr como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.*

*Mastigão os caualos escumando
Os aureos freos, com feroz semblante,
Estaua o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num & noutro bando
Partido desigoal & dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçar se geralmente.*

*Virão todos o rosto aonde auia
A causa principal do reboliço,
Eis entra hum caualeiro, que trazia
Armas, caualo, ao bellico seruiço.
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia
Pera os onze, que este era o gram Magriço,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.
A dama*

*A dama como ouvio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, & fama,
Se alegra, & veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que vertude ama:
La dão sinal, & o som da tuba impelle
Os belicosos animos, que inflama,
Picão desporas, largão redeas logo
Abaxão lanças, fere a terra fogo.*

*Dos caualos o estrepito parece
Que faz, que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se aluoroça, & teme:
Qual do caualo voa, que não dece,
Qual co caualo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual cos penachos do elmo agouta as ancas.*

*Algun dali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breue interualo,
Correndo algum cauallo vay sem dono,
E noutra parte o dono sem caualo:
Cae a soberba Inglesa de seu trono,
Que dous ou tres ja fera vão do valo,
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja que arnes, escudo, & malha*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Gastar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas & affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruiço
Notauel aa condeessa fez de Frandes:
E como quem não era ja nouiço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Frances mata em campo, que o destino
La teue de Torcato & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em *Alemanha*
Se lança, & teue hum fero desafio
Cum Germano enganoso, que com manha
Nã diuida o quis pôr no estremo fio:
Contando assi *Velofo*, ja a companhia
Lhe pede, que nã faça tal desuio
Do caso de *Magriço*, & vencimento
Nem deixe o de *Alemanha* em esquecimento.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordão despertando
Os marinheiros dhã & doutra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas tomar manda,
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuuem negra que aparece.

Nã erã os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande & subita procella,
Amaina, disse o mestre a grandes brados
Amaina, disse, amaina a grande vella,
Nã esperã os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ser destruydo.

O 4 O ceo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Oceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram suma dagoa pello bordo,
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar a bomba não cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar aa bomba, & tanto que chegarão,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros, & forçosos,
A menear o leme não bastarão,
Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte
Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se pera derribar então vierão
A fortíssima torre de Babel:
Nos altísimos mares, que crescerão,
A pequena grandura d'hum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao

*Anno grande, em que vay Paulo da Gama,
Quebrado leua o masto pello meyo,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a Nao de Coelho, com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento:*

*Agora sobre as nuuens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra & feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.*

*As Alcioneas aues triste canto
Junto da costa braua levantarão,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causarão:
Os Delfins namorados entre tanto
La nas couas maritimas entrarão,
Fugindo aa tempestade, & ventos duros
Que nem no fundo os deixa estar seguros
Nunca*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluio, donde sos viuerão
Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão
As ondas que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancarão
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidarão
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto & forte
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar & terra senboreas,
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo & defendeste
Das Syrtes arenosas & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos
Doutra Scylla & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baxos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de ti desemparedados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes soſtinerão
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

Aſſi

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

*Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais a tormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauão,
Feros trouões que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Configo os elementos terem guerra.*

*Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a gouernaua,
De quem fuge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.*

*Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não será, que auante leue
Tão danada tenção, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atrcue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimphas amorosas
Grinaldas nas cabeças por de rosas.*
Grinaldas

Grinaldas manda por de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem não dirá, que nace[m] roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infla:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegarão
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejarão,
E ja como rendidos lhe obedecem.
Os pés e mãos, parece, que lhe atarão
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E não conuem furor a firme amante:
Se ja não pões a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi mesmo a fermosa Galatea

*Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.*

Desta maneira as outras amansauão

*Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauão,
Amanfadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.*

Ia a menham clara daua nos outeiros,

*Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ia fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.*

Esta

*Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledor em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agradeceo.*

*As graças a Deos daua, e razão tinha
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esprimentava,
Mas via se liurado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, feruido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.*

*Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues e temores,
Alcanção os que sam de fama amigos
As honras immortais, e graos mayores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.*

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regioões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro ledó, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que affouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro,
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não vertude justa, & dura.
Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repoujado,
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baxo traçto humano embaraçado,
 Este onde tiuer força o regimento
 Direito, & nam de affeitos occupado,
 Subirà (como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

Canto Septimo.



A se viã chegados

junto aa terra,
 Que desejada ja de tantos fora,
 Que entre as correntes Indicas se
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia sois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

A vos, ô geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o çeo rotundo:
Vos, a quem não samente algum perigo
Estorua conquistar o pouo immundo:
Mas nem cobica, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos çeos estâ em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do çeo deitadas sam as sortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, & noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Não contra o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingles, que se nomea
Rei da velha & sanctissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tam longe da verdade)
Entre as Boreais neues se recrea,
Noua maneira faz de Christandade,
Pera os de Christo tem a espada nua,
Nam por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por emanto hum falso Rei,
A cidade Hierosolima terrestre,
Em quanto elle não guarda a sancta lei,
Da cidade Hierosolima celeste:
Pois de ti Gallo indigno que direy?
Que o nome Christianissimo quiseſte,
Nam pera defendelo, nem guardalo,
Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tẽs direito em senhorios
De Christãos, sendo o teutam largo & tãto,
E nam contra o Cyniffo & Nilo rios
Inimigos do antigo nome sancto,
Ali se ande prouar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto,
De Carlos, de Luis, o nome & a terra
Erdaſte, & as causas nam da justa guerra?

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tão inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes.
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizantias repugnantes,
Olhay se estais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.
Se cobiça

Se cobica de grandes senhorios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Paſtolo & Hermeros,
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Affiria laurão de ouro os fios,
 Affrica esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuensões feras & nouas,
 De instrumentos mortais da artellaria,
 Ia deuem de fazer as duras prouas,
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
 Fazei que torne la aas silueſtres couas,
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estão, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcorão (duro tributo)
 Em caſtigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & aſtuto,
 E não queirais louuores arrogantes,
 De ſerdes contra os vossos muy poſſantes.

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso J ingue , o gente insana,
Não faltarão Christãos atreuimentos,
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegâra.

E vejamos em tanto que acontece
Aaquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraqueçe
O furor d'ão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe appareçe,
Fim de suas perfiias tam constantes,
Onde vê Jamear de Christo a ley,
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegârão,
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhe mostrârão
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinarão,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor , onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.

Alem

Alem do lido jaz, & âquem do Gange,
Hum terreno muy grande, & affaz famoso
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauernoso.
Lugo de Reis diuersos o constrange
A varias leis: algũs o vicioso
Mahoma, algũs os Idolos adorão,
Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersonejo.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço
Say da larga terra hũa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta.
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.

P 4 Mas

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Mas agora de nomes, & de vsança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pê do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portugues mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tam remota parte:
 Entrando o mensageiro pelo Rio,
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte
 A cor, o gesto estranho, o trajo novo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fora na região da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido:
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foy ja aßinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lhe responde o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Esparado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Es-pantado ficou da gram viagem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouui-do as opressões que na possajem
Do mar, o Lusitano lhe conta-ua,
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estava fora da cidade.
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Coelle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vezinha em terra estranha.

O Portugues accita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe, & lhe obedece.
Ambos se tornão logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Lunto de si o assenta, & prompto & quedo
Pela terra pergunta, & cousas della:
Qual se ajuntava em Ro lope o aruoredo,
So por ouvir o amante da donzella
Euridice, tocando a lira de ouro,
Tala gente se ajunta a ouvir o Mouro.

Elle começa, o gente que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tam grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
Nam he sem causa não occulta, & escura
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algun seruiço seu por vos obrado:
Por isso so vos guia, & vos defende
Dos inimigos do mar, do vento yrado:
Sabey que estais na India, onde se estende
Diuerso pouo, rico & prosperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama.
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramâ Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxesssem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertesssem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley toimar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

*Hum Cochim, & a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
 A qual Coulão, a qual dâ Cranganor
 E os mais, a quem o mais serue & contenta
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Pera este Calecu somente fica,
 Cidade ja por tracto nobre & rica.*

*Esta lhe dà co titulo excellente
 De Emperador, que sobre os outros mande,
 Isto feito se parte diligente,
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
 E daqui fica o nome de potente
 Camorî, mais que todos digno, & grande
 Ao moço & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda & tem.*

*A ley da gente toda rica & pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nus, & somente hum pano cobre
 As partes, que a cubrir natura insina:
 Dous modos ha de gente, porque a nobre
 Naires chamados sam, & a menos digna
 Poleâs tem por nome, a quem obriga
 A ley não meſturar a caſta antiga.*
 Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̃ vsaram sempre hum mesmo officio,
De outro nam podẽ receber consorte,
Nem os filhos terem outro exercicio,
Senão o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande viçio
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Desta sorte o Iudaico pouo antigo
Nam tocava na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Oseruão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão cousa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.
Gerais

Gerais sam as molheres: mas somente
Pera os da geração de seus maridos:
Ditosa condiçam, ditosa gente,
Que nam sam de ciumes offendidos.
Estes & outros costumes variamente
Sam pelos Malabares admitidos,
A terra he grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contaua o Mouro: mas vagando
Andaua a fama ja pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandaua da verdade,
La vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, & idade,
Os principaes que o Rei buscar mandâra,
O Capitão da armada que chegâra.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses sem detença
Parte de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa diferença
A vista alegre ao pouo aluoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Na

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
La na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offereçe em que va, costume usado,
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portugueſes vão ao uſo
Que infantaria ſegne eſquadra fera:
O pouo que concorre vay confuſo
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera
Perguntar: mas no tempo ja paſſado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica ſe erguia
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali

*Ali estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A legundo o Demonio lhe fingia:
 Vem se as abominaueis esculturas,
 Qual a Chimêra em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vjados
 Em forma humana estão marauilhados.*

*Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estava,
 Outro num corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Iano se pintava:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briareo parece que imitava:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfítico se adora.*

*Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem cutro algum desvio,
 Pera onde estava o Rei do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitão,
 Estão pelos telhados & janellas
 Velhos & moços, donas & donzellas.*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

La chegão perto, & não passos lentos,
Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escondem os regios apouentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava,
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirfos pelejava,
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirâ por certo, que he seu filho aquelle
Mais

Mais allante bebendo seca o rio,
Mui grande multidão da *Assiria* gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de *Grecia* gloriosas,
Terceira Monarchia, & sojugauão,
Ate as agoas *Gangeticas* vndosas:
Dum capitão mancebo se guiauão
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de *Filipo*, mas sem falta
De pro genie de *Iupiter* se exalta.

Os *Portugueses* vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreuerão novas historias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especulâão.

Q 2

E dizlhe

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Não valerâ dos homẽs resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauão ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz, que nam se igoala
De outra algũa no preço & no lauor:
No recostado gesto se asinala
Hum venerando & prospero senhor,
Hum p.mo de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos grolhos no chão, de quando em quando
Lhe daua a verde folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem, com passo brando,
Pera que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.
Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais asfados, prompto em vista
 Estava o Samori no trajo e geito
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançando a graue voz do sabio peito,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, e do pouo todo
 O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura noda,
 Ouuindo do rumor que la responde
 O eco, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelandá,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Conerção consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proveito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o nõ desta amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmão te tenba, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima resposta.

Tal embaxada daua o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informando se certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differe.
E que

E que em tanto podia do trabalho
Passado yr repouzar, & em tempo breue
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei reposta alegre leue:
La nisto punha a noite o vsado atalho
Aas humanas canseiras, porque ceue
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ocio dados.

Azafalhados foram juntamente,
O Cama, & Portugueses no apousento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com feitas & geral contentan ento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rei, tinha ja por regimento
Saber da gente estranha donde vinha
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do sermoso
M. icebo Delio vio, que a l. z renoua,
Manda chamar Munçaide, desejoso
De poderse informar da gente noua:
La lhe pergunta pron pto & curioso,
Se tem noticia inteira, & certa proua,
Dos estranhos quem sam que ouuido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.

L 4 Que

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse
Informação muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam saberia,
Samente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por baso está aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandeçe,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitarão dos campos abundosos
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos.
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades, & altos muros.
Não

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,
 Em quaesquer outras guerras que acôteção,
 Ou das gentes beligeras de Espanha,
 Ou la dalgũs que do Pirene deção.
 Assim que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheção,
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E se esta informação nam for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja & offende:
 Vay ver lhe a frota, as armas, & a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaras de veres a policia
 Portuguesa na paz, & na milicia.

La com desejos o Idolatra ardia,
 De ver isto, que o Mouro lhe contava,
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria
 Os lenhos em que o Gama nauegava.
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geraçam, que o mar coalhava,
 Aa Capitaina sobem forte & bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os tildos, & as bandeiras
Do rico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
Aceita Epicurea, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrâra aa gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a centa que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra rompe os ares,
Co fogo o diaboli o instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ternos singulares
Feitos dos homẽs, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue.

Alçose

Alçase em pê, co elle os Gamis junto
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujos nome nam pode ser defuncto
Em quanto ouuer no mundo trato humano,
No trajo a Grega vsança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo insano, & temerario,
Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & novos danos:
Agora o mar, agora esprimentando
Os perigos Mauorcios inhumanos,
Qual Canace que â morte se condena,
Nua mão sempre a espada, & noutra a pena:
Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi saluar-se,
Que pera o Rei Iudaico acrescentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,
Que tamanhas misérias me cercassem:
Senão que aquelles que eu cantando andaua,
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inuentarão,
Com que em tam duro estado me deitirão.

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezas com tais fauores
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vosso fauor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuerfos engrandeça:
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
 Que não no empregue em quem o não mereça
 Nem por lisonja louue algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
 A quem ao bem comum, & do seu Rei
 Anteposer seu proprio interesse:
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Vsar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante
 Pera seruir a seu desejo feio,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veio,
 Por contentar o Rei no officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo.
 Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nem quem acha que he justo & que he drcito
Guardase a ley do Rei seueramente,
E não acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturârão
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,
Tambem de suas obras merecida.
Apolo, & as Musas que me acompanharão,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

 Canto O&auo.

A primeira figura

*se detinha**O Catual, que vira estar pintada.*

*Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.*

*Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitania chama.*

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Foy filho & companheiro do Thebano,
Que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que continuo vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vſano,
La dito Elifio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna ſepultura, & nome aos noſſos.

O ramo que lhe ves pera diuiſa,
O verde Tyrſo foi de Baco vſado,
O qual aa noſſa idade amoſtra & auia
Que foi ſeu companheiro & filho amado:
Ves outro, que do Tejo a terra piſa,
Deſpois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edefica,
E templo a Palas, que em memoria fica

Vliffes he o que faz a ſancta caſa
Aa Deoſa, que lhe dâ lingua facunda,
Que ſe lã na Aſia Troia inſigne abraſa,
Ca na Europa Lisboa ingente funda:
Quem ſera eſt outro ca que o campo arraſa
De mortos, com preſença furibunda?
Grandes batalhas tem deſbaratada,
Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

*Assi o Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor ja foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderão
 O primor que com Pirro ja tiuerão.*

*Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grande aperto em gente, inda q̃ honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yrofa
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.*

*Vês com nosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aues de lupiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam sotis artes & maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingidas
 A fatidica Cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.*

R Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros,
Nos Vngaro o fazemos, pore m nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter cos Mouros superado
Galegos, & Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destrocado:
Tantos muros asperremos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pês derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

Se

Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos immigos quantos erão,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderão
 Com glorias imortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Ve que os de seus vassallos sam notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal soffrido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregar-se,
 A corda ao colo, nu de seda & pano,
 Porque nam quis o moço sogeitar-se,
 Como elle prometera ao Castelhanao:
 Fez com siso & promessas leuantar-se
 O cerco que ja estaua soberano,
 Os filhos & molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constante,
Estoutro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando lhe as galês, levando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como então justa & sancta guerra
De acabar pelejando està contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.
Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua:
 Olha Enrique famoso caualleiro,
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos jam os Martyrs de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada,
 Por quem por Maphamede enresta a lança:
 He Teotonio Prior: mas vê cercada
 Sanctarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata,
 E Hyspalico pendão derriba em terra,
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

R 3 Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhana, que agrauado,
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendo se inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros insieis que traz consigo:
Mas vê que hum Portugues com pouca gente
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,
Que destes levar pode a palma, & o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro.
Vêllo entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o final no çeo que lhe appareçe,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.
Vês

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,
Rotos, cos outros dous, & não de espaço,
Rotos mas antes mortos, marauilha
Feita de Deos, que não de humano braço:
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,
Portugues de nação, como conquista
A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha que por armas lhe resista,
Com manha, esforço, & com benigna estrella
Villas, castellos toma a escalla viãa:
Ves Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha
Silues, que elle ganhou com força ingente,
He dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueja aa gente:
Mas não passes os tres q̃ e Frãça & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas & torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

R 4 Vello

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o preço sos leuâão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitâão,
Vê mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiarão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por in lustria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteſo, & Goadiani habita.
Mas

Mas não ves quasi ja desbaratado,
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do Capitão deuoto, que apartado
 Orando inuoca a suma & trina essencia:
 Vello com pressa ja dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, & que viesse,
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assim Pompilio, ouuindo que a possança
 Dos inimigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura noua estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
 Ouuir quiseses como se nomea,
 Portugues Cipião chamar se deue:
 Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
 Ditosa patria que tal filho teue:
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres & Neptuno,
 Sempre suspirará por tal aluno.

Na

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na mesma guerra vê que presas ganha,
Esloutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuão roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano,
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhanos:
Mas olha Rui Pireira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.
Sabe-se

Sabese antigamente que trezentos
La contra mil Romanos pelejarão,
No tempo que os viris atreuimentos
De Viriato tanto se illustrarão,
E delles alcançando vencimentos
Memoraueis, de erança nos deixarão,
Que os muitos por ser poucos nam temamos
O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,
Progenie generosa de Ioane,
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane.
Este, que ella nos mares o pubrique,
Por seu descobridor, & desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde dom Pedro que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria,
Vês outro Conde està que representa
Em terra Marte, em forças & ousadia,
De poder defender se nam contenta
Alcaçere da ingente companhia:
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião:
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes crião,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desuião
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizerão,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̃ esforço & saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,
E como a seu contraio natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que â com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos & excellentes
 Sustentão a nobreza que lhe fica:
 E se ha luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estâ declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos & direitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaxo do Orizonte & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia,
 Quando o Gentio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabolicos, & indícios
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitauão a arte & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Lugo perpetuo , eterno catiueiro,
Destruçam de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que oulhará:

A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a diuina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em senhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam deçe.
E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado
Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gram legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei que eu dei ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro & ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos servos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrará rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios
Ali se dão segundo o que entendião,
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inuentauam & tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruíam da gente pretendião,
Por manhas mais sotis & ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notauéis & discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.
O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia, & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Porque como estè posto na superna
 Cadeira, pode mal dos apartados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde manto,
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hũ bom em tudo he justo & sancto
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderã ter conta,
 A quieta inocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,
 Que o Gentilico pouo governauão,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues despacho dilatauão:
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,
 Que levar a seu Rei hum final certo
 Do mundo, que deixa descoberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CÁ.

Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse:
O Rei que da noticia falsa, & indina
Nim era despantar se sespantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sen.lo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sugeito,
Hum desejo immortal lhe acende, & atica:
Que bem vê que grandissimo proueito
Fará, se com verdade, & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.
Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava muy contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse, se quiseses
Confessar-me a verdade limpa, & nua,
Perdão alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
Que de teu Rei me deste, que he fingida:
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hisperia vltima alongada
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos, & frotas
Tam incertas viagens, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
O teu Rei tem a regia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incognita verdade:
Com peças & dões altos sumptuosos
Se ha dos Reis altos a amizade
Que sinal nem penhor não he bastante,
As palauras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja foram homẽs dalta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte:
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das infidias que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:
Cũa alta confiança, que conuinha,
Com que seguro credito alcançaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Nam causaram, que o vaso da niquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geraçam de Adão, co a falsidade
O poderoso Rei da torpe feita,
Nam conceberas tu tam mãs suspeita.
Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes opressões, & em todo o feyto
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeyto
 Das razões em contrario que acharias
 Senão cresses a quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse
 Vndiuago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carnevro os moradores?

Se com orandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & Reino amigo
 Então verâs o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da vltima Hisperia atime mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre & gram conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuserão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que sempre às grandes cousas se opuserão
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber que fim tinhão, & onde estauão
As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arrou primeiro
O mar, por yr deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias, descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
 Que hũs succedendo aos outros proseguirão:
 De Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nunca as sete flammæ virão,
 Forão vistos de nos, atras deyxando
 Quantos estão os Tropicos queymando.

Assim com firme peyto, & com tamanbo
 Proposito vencemos a Fortuna,
 Ate que nos no teu terreno estranho
 Viemos pôr a vltima coluna:
 Rompendo a força do liquido Estanbo
 Da tempestade horrifica, & importuna
 Ati chegamos, de quem so queremos
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo tão fingido, & vão proemio:
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheys feyto rico.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

*Assi que ô Rey, se minha grão verdade
Tês por qual he, sincera, & não dobrada,
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode ver-se,
Que facil he a verdade dentender-se.*

*Atento estaua o Rey na segurança,
Com que prouaua o Gama o que dizia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutos, mal julgados.*

*Iuntamente a cobiça do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & não co Mauro engano:
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.
Que*

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Iá da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mau Regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na ma tençam dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li nam entendêra:

Era

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Era este Catual, hum dos que estauão
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governauão
As cidades do Samorim potente.
Delle somente os Mouros esperauão
Efeyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe requiere
Que o mande por nas naos, & não lhe val,
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe empede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto
A tais palauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diabolico, & estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abraçasse,
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.
Que

Que nenhum torne aa patria so pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Porque nam saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua yrse podia,
Que as almâdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar aa terra as naos, que longe estão,
Porque milhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo & fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O (atual, porque com ferro, & flama
Lhas assalte, por odio descoberto:
Em varios pensamentos se derrama:
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo, aqui & ali, & deffosssegado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixâra,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte
Imitar os illustres, & igoalalos.
Voar co pensamento a toda parte,
Aduinhar pirigos, & euitallos:
Com militar engenho, & sutil arte
Entender os imigos, & enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

*Insiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar a terra a armada,
Elle constante, e de yra nobre aceso,
Os ameaços seus nam teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso,
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que por em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.*

*Aquella noite esteue ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei, mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena:
Comete lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberâ, se mais tempo ali o detinha.*

*Diz lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, pera a terra,
Pera que de vagar se troque, e venda,
Que quem nam quer commercio, busca guerra:
Poisto que os maos prepositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra co a fazenda a liberdade.*

Concertãse

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Concertã se que o negro mande dar,
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almôdias a buscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Coella fiam Alvaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando & rogo
No peito vil o premio pode, & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiuesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixa descanjado.

Nas

Nas naos estar se deyxá vagaroso,
Atê ver o que o tempo lhe descobre,
Que nã se fia ja do cobiçoso
Regedor corrompido, & pouco nobre.
Veja agora o juyzo curioso
Quanto no rico, aſsi como no pobre
Pode o vil intereſſe & ſede imiga
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,
Sô por ficar ſenhor do grão teſouro:
Entra, pelo fortiſſimo edificio,
Com a filha de Acrifo a chuua douro:
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quaſi afogada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,
Faz tredoros, & falſos os amigos,
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos:
Este corrompe virgins purezas,
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
Este deprava as vezes âs ciencias,
Os juyzos cegando, & as conſciencias.
Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos este faz & desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tirânos torna os Reis.
Ate os que so a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

 Canto Nono.



Iuerão longamen-

te na cidade

Sem vender se a fazenda os do-
us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

Lano seio Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se conuerteo,
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana,
Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidâ se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar mais florescia,
De que tinha proueito grande, e grato
O Soldão que esse Reino possuia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão,
Que como fossem grandes e possantes
Aquellas, que o commercio lhe tomauão,
Com flamas abrasassem crepitantes:
Neste socorro tanto confiauão,
Que ja nam querem mais dos nauegantes,
Se nam que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

T

Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Governador dos ceos, & gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dâ conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piadosos accidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tençam lhe descobre torpe, & fera:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano
Que agora sam dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano.
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremido,
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem considerava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho ja não esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem aas naos: & porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando
Hum rumor nam soasse com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Foram sentidos vir se da cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio capitão, com breuidade
Faz represaria nūs, que aas naos vierão,
A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Caleu, & conhecidos
Da falta delles, logo entre os milhores
Sentido foi, que estão no mar retidos:
Mas ja nas naos os bōs trabalhadores,
Vluem o cabrestante, & repartidos
Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Outros pendem da verga, & ja desatão
A vella, que com grita se soltaua,
Quando com maior grita ao Rei relatão
A pressa, com que a armada se leuaua:
As molheres & filhos, que se maião
Daquelles que vão presos, onde estaua
O Simorim, se aqueixão que perdidos
Hús tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos inimigos Maumetanos,
Porque lbe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as desculpas, & tornando
Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que trataua:
Mas como aquella terra que se eslende
Pela Aurora, sabida ja deixaua,
Com estas nouas torna aa patria cara,
Certos sinais leuando do que achara.

Leua

Leua algũs Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandâra,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leua pimenta ardente que comprara:
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro crauo, que faz clara
A noua ilha Maluco, coa canella,
Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouuera a deligencia
De Monçaide fiel, que tambem leua,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no liuro de Christo que se escreua,
O ditoso Affricano, que a clemencia
Diuina assi tirou de scura treua,
E tam longe da patria achou maneira,
Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,
As venturosas naos, levando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A Meta Austrina da esperanza boa,
Leuando alegres nouas & reposta,
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, temidos & ledos.

T 3 O prazer

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegação, os varios ceos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum tem por gosto tam perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos.
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido
Na mente, o largo mar que nauegarão,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
La trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passarão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, & manso.
Algum

Algum repouso em fim, com que podesse
 Refucilar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parecelhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos jubir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada la no meio
 Das agoas, algũa insula diuina,
 Ornada desmaltado & verde arreio:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanias.

Ali quer que as aquaticas donzellas,
 Esperem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titolo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, & coreas, porque nellas
 Influirã secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeioarem.

T 4 Tal

OS ILVSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle
Que de Achises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido:
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa ja partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ellã por onde passa o ar, & o vento
Serenoz faz, com brando mouimento.

Ia sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estaua então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa fa nosa expedição
Contra o mundo reuelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas que nos forão dadas,
Nam pera ser amadas, mas vsadas.

Via

Via Acleon na caça, tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doce, & seверо,
Mostra lhe a fermosura de Diana,
E guarde se nam seja inda comido
Desses cães que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem pubrico imagina,
Vê nelles, que não tem amor a mais
Que a si somente, & a quem Philaucia insina
Vê que esses que frequentão os reais
Paços, por verdadeira & saã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza
Amor diuino, & ao pouo charidade,
Amão somente mandos, & riqueza,
Simulãdo justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & de aspereza
Fazem direito, & vã seueridade:
Leis em fauor do Rei se estabelecem,
As em fauor do pouo so perecem.

Vê em

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vê em fim que ninguém ama o que deue,
Se não o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias obras trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjaão,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estauão,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauão,
Lagrimas sam de miserós amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Desejo he so que queima, & não consume.
Algũs

Algũs exercitando a mão andauão,
Nos duros corações da plebe ruda,
Crebros sospiros pelo ar soauão,
Dos que feridos vão, da seta aguda,
Fermosas Nymphas sam, as que curauão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dê vida aos mal feridos:
Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas sam algũas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas,
Curão no aas vezes asperas triagas
Algũs ficão ligados em cadeas,
Por palauras sutis de sabias Magas,
Isto acontece aas vezes quando as setas
Acertão de levar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados,
Entre o pouo ferido miserando,
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças, Bibli, e Cynirea
Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.
E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vos ô poderosos por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hūs esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados & paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente:
O frecheiro, que contra o ceo se atreue,
A recebella vem, ledo, & contente,
Vem todos os cupidos seruidores,
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Fulho em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tiféas tês em nada,
A Jocerrem me a tua potestade,
Me traz especial neceſſidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fa ligas,
Que eu ja de muito longe fauoreço,
Porque das Parcas sey minhas amigas,
Que me ande venerar & ter em preço,
E porque tanto imitação as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
Alhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

E porque das infidias do odioso
Baco foram na India molestados,
E das injurias sos do mar vndoso,
Poderão mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Da mor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o nouo mundo,
Todas nua ilha juntas & subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano, terei aparelhada,
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
Damor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobizarem.

Quero que aja no reino Neptunino
Onde eu nasci, progenie forte & bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela,
Por que entendão que muro Adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella.
Mal auerã na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho unico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga aas aues, cujo canto
Ha Phaetonte a morte chorou tanto.
Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria
Hũa famosa, & celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muytas ha tem por companheyras:
A Deosa Gigantea temeraria,
Iaflante, mintirosa, & verdadeyra,
Que com cem olhos ve, & por onde voa
O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente nauegante,
Mais do que nunca os doutrem celebrara:
Ia murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cauernas se espalhara,
Fala verdade, a vida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos Deoses, que indinados
Forão por Baco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco aseycoados:
O peyto feminil, que leuemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Ia julga por mao zelo, & por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algũas vão, & algũas fazem giros:
Caem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos sospiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiua,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ia não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,
E se feridas inda estão viuendo,
Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor aa flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas, & junto caminhaua
Em coreas gentis, vsança velha,
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amaua,
Ellas que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, pera a patria amada,
Desejando prouer-se de agoa fria,
Pera a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria,
Ouuerão vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi fermosa
De Menonio, suaue & deleitosa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pelas ondas lha leuaua
(Bem como o vento leua branca vella)
Pera onde a forte armada se enxergaua,
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem perto, como desejaua,
Pera onde as naos nauegão a mouia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

V

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Mas firme a fez & imobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa aa caça usada:
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornauão,
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauão
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriua,
A sonorosa Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginar-se:
Aruoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto estã pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o estã pintando propriamente.

Mil

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoríferos & bellos,
A Lorangeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está caindo
A Cidreira cos pesos amarellos,
Os fermosos limoões ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos.
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Estã apontando o agudo Cipariso
Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dâ Pomona, ali natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter neceßidade de cultura,
Que sem ella se dão muito milhores.
As Cerejas por pureas na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:
Entre os braços do Vlneiro estã a jocunda
Vide, cūs cachos roxos, & outros verdes:
E vos se na vossa aruore secunda
Peras pyramidais viuer quiserdes,
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o flor Cyfisla inclina,
Sobollo tanque lucido & sereno,
Floreçe o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,
Se daua aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a ella as bellas flores:
Pintando eslaua ali Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

A can.

A candida Cecem das Matutinas

*Lagrimeas ruciada, & a Manjarona,
Vense as letras nas flores Hyacintinas,
Vam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos & boninas,
Que competia Cloris com Pomona:
Pois se as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouoão.*

*A longo da agoa o niueo Cisne canta,
Responde lhe do ramo Philomela,
Da sombra de seus cornos nam se espanta
Acleon nagoa cristalina & bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Alino bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leue passarinho.*

*Nesta frescura tal desembarcauão
la das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixauão
Andar as bellas Deosas como incantas,
Algũas doçes Cytaras tocanão,
Algũas arpas, & sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingião
Seguir os animais, que nam seguião.*

V 3

Aſſi

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

*Assi lho aconselhàra a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeyro desejadas
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estauão confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
nuas lauar-se deyxão na agoa pura.*

*Mas os fortes mancebos, que na praya
Punhão os pes de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles, que não saya
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuydão que sem laço, ou redes caya
Caça naquelles montes deleytosos
Tão suauue, domestica, & benina,
Qual ferida lha tinha ja Ericina.*

*Algũs que em espingardas, & nas bestas
Pera ferir os Ceruos se fiauão,
Pelos sombrios matos, & florestas
Determinadamente se lançauão:
Outros nas sombras, que de as altas sestras
Defendem a verdura, passeauão
Ao longo da agoa, que suauue, & queda
Por aluas pedras corre aa praya leda.
Começão*

Começão de enxergar subitamente

Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem a vista julga, & sente,
 Que não erão das rosas, ou das flores,
 Mas da lam fina, & seda diferente
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais fermosas.

Da Veloso espantado hum grande grito,
 Senhores caça estranha disse he esta,
 Se inda durão o Gentio antigo rito,
 A Deosas he sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca, & bem se manifesta
 Que sam grandes as cousas, & excellentes
 Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
 Se fantasticas sam, se verdadeiras,
 Isto dito velloces mais que Gamos,
 Selançam a correr pelas ribeiras:
 Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,
 Mas mais industriosas que ligeiras,
 Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,
 Se deixão yr dos Galgos alcançando.

V 4 De

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,
Acendese o desejo que se ceua
Nas aluas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae, & ja releua
Com mostras mais mofias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas, que se lauão,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal nam esperauão,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançauão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que aas mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi & calçado(que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
Amatar na agoa o fogo que nelle arde.
Qual

Qual tão de caçador sagaz, & ardido,
Usado a tomar na agoa a aue ferida,
Vendo rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, & da presa nam duvida,
Nadando vay & latindo, assi o mancebo
Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,
Manhoso, caualleiro, & namorado,
A quem amor não dera hum so desgosto,
Mas sempre fora delle mal tratado:
E tinha ja por firme prosuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porem não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera dar-se a natureza,
Ia cansado correndo lhe dizia.
O fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem leuas a alma.
Todos

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Todas de correr cansam, Niimpha pura,
Rendendo se aa vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O nam na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas: & se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella farâ que nam possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notarâs no fim deste successo,
Tra la spica & la man, qual muro he messo.

O não me fujas, assi nunca o breue
Tempo suja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue,
Vencerâs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey me vai seguindo,
O que tu so faras nam me fugindo?

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & corroras mais leuemente.

Não te carrega essa alma tam me zquinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu nam sofrerês o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudarás a triste & dura estrellla.

E se se lhe mudar, nam vas fugindo,

Que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se Amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nimphe, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso, & alegria,

Cair se deixa aos pés do vencedor,

Que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que joaua,
Que afagos tam suaues, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornaua:
O que mais passam na menhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

De sta arte em fim conformes ja as fermosas
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes:
As mãos aluas lhe dauão como esposas
Com palauras formais, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Nimphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,
O Capitão illustre que o merece,
Recebe ali com pompa honesta, & rêgia,
Mostrando se senhora grande, & egregia.
Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dando lhe a entender, que ali viera
Por alta influicam do imobil fado,
Pera lhe descobrir da vnida esphera,
Da terra immensa, & mar não nauegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão a leua, & guia
Fera o cume dum monte alto, & diuino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doçes jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
Nũa alma, doçe, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte & famosa, o mundo està guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto & subido.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra cousa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragoso:
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte
Por feitos imortais & soberanos,
O mundo, cos varões, que esforço & arte
Diuinos os fizerão, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana
Todos forão de fraca carne humana.

Mas

CANTO OCTAVO

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
De Deoses, Semideoses immortais
Indigetes, Eroicos, & de Magnos
Por isso, o vos que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai ja do sono do ocio ignauo,
Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambiçam tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, & no torpe & escuro
Vicio da tirania infame, & urgente:
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor nam dão aa gente,
Milhor he merecellos, sem os ter
Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reinos grandes, & possantes
E todos tereis mais, & nenhum menos
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.
E fareis

S LUSIADAS DE L. DE CA.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pode & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

Canto Decimo

& vltimo.



As ja o claro ama-
dor da Larissea
Adultera, inclinava os animais,
La pera o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,
Co sopro, que nos tanques naturais
Entrespa a agoa serena, & despertava
Os Lirios, & lazmins que a calma agreua.
Quando

CANTO DECIMO. 161

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes,
 Subião pera os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas, daltos manjares, excelentes,
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cõdeiras ricas cristalinas,
 Se essentão, dous & dous, amante & dama,
 Noutras aa cabeceira douro finas,
 Està coa bella Deosa o claro Gama:
 Deygoarias suaues & diuinas
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se acumulão os pratos de fuluo ouro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão não so do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura dagoa fria.

X Mil

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mil praticas alegres se tocauão,
Risos doces, sutis, & argutos ditos,
Que entre hũ & outro mājtar se aleuantauão,
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltauão,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Cũ voz dhũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos accents
Que pellos altos paços vão soando,
Em consonancia ygoal, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir docemente murmurando
As agoas, & nas cascas naturais
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao ceo
Altos varões, que estã por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vão, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.
Materia

Materia he de Coturno, & não de Soco

A que a Nimpha aprende no immenso lago:

Qual Topas não soube, ou Demodoco,

Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.

Aqui minha Caliope te inuoco

Neste trabalho extremo, porque em pago,

Me tornes, do q̃ escreuo, & em vão pretendo,

O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio

Ha pouco que passar ate o Otono,

A fortuna me faz o engenho frio,

Do qual ja não me jaêto, nem me abono:

Os desgostos me vão levando ao rio

Do negro esquecimento, & eterno sono,

Mas tu me dê que cumpra, ô grão Rainha

Das Musas, cõ que quero aa nação minha.

Cantava a bella Deosa, que virião

Do Tejo, pello mar que o Gama abríra,

Armadas que as ribeiras vencerião,

Por onde o Oceano Indico suspira:

E que os Gentios Reis, que não darião

A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra

Prouarião do braço duro & forte,

Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

X 2

Cantava

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Cantava dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por não quebrar cos singulares
Baroões, os nos que dera damizade,
Sofrerâ suas cidades & lugares,
Com ferro, incendios, ira & crueldade
Ver-destruir do Samorim potente:
Que tais odios terâ coa noua gente.

E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado & curuo rio,
Desbaratarâ os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente
Que verâ tanto obrar tão pouca gente.
Chamarâ

Chamarâ o Samorim mais gente noua:

Virão Reis Bipur, & de Tânôr,
Das serras de Narsinga, que alta proua
Estarão prometendo a seu senhor:
Farâque todo o Naire em fim se moua,
Que entre Calicû jaz, & Cananor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que yrâ matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Cometerâ outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immotos

La não defenderâ samente os passos,
Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:
Aceso de yra o Cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas:
Farâ que os seus de vida pouco escassos,
Cometão o Pacheco, que tem asas
Por dous passos num tempo, mas voando
Dhum noutro, tudo yrâ desbaratando.

X 3 Virâ

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virâ ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime:
Ia não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara traçoës, & vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.

Que tornarâ a vez septima, cantava,
Pellejar co inuiçto & forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,
Mas com tudo este so o fará confuso:
Trarâ pera a batalha horrenda, & braua,
Machinas de madeiros fora de vso,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa levarâ serras de fogo
Pera abrasarlhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farâ ser vãã a braueza com que venha:
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.
Porque

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, & artes inuentadas
Tantos Cães não imbelles profligados:
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros inuocados
Decerão a ajudallo, & lhe darão
Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
O grão poder de Dario estrue, & rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Termopilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defenza da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro
Abaxando, fez ronco, & entristecido,
Cantando em baxa voz enuolta em choro
O grande esforço mal agardecido:
O Belisario, disse, que no coro
Das Musas seras sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o brauo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardão injusto & duro,
Em ti & nelle veremos altos peitos,
A baxo estado vir humilde, & escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
Núa apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Aa lingua vaã de Vl:sses fraudulenta:
Mas vingome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se não es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar serâ illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, & humano,
Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaca, que se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, & arteficios,
Contra os Lusos: com vellas, & com remos
O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
Que sae com trouão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela,
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina immiga: dentro nela
Saltando, a farâ so com lança & espada
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O porâ onde esforço, nem prudencia
Poderâ auer, que a vida lhe reserue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe farão, que com vida se não saya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força vende,
Os ventos que faltarão, & os perigos
Domar, que sobejarão, tudo o ofende:
Aqui resurjão todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
Outro Sceua verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços
Lhe leua hum cego tiro, que passara,
Se serue inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficâra:
Ate que outro pilouro quebra os laços,
Com que co alma o corpo se liâra,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Váye alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena,
Que o corpo que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura, & eterna pena,
De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia & magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está mouendo
Fogo no coração, agoa nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo,
Que o sangue fará dar pellos gíolhos
Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
Podêlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro cioso, que se ensaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco d'hum Carualho, ou alta Faya
E o ar ferindo, as forças esprimenta:
Tal, antes que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxandolhe a tumida onfadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Farâ espalhar a fraca & grande armada,
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Farâ yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verâ braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yrão representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que despois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardará: não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle effrito,
Que não tirarão toda a India, & Egito.
Ali

Ali Cafres seluagens poderão,
O que destros inimigos não podêrão,
E rudos paos tostados sos farão,
O que arcos e pelouros não fizerão,
Occultos os juizos de Deos sam,
As gentes vãs que não nos entenderão,
Chamão lbe fado mau, fortuna escura,
Sendo so prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Ninfã, e a voz aleu antaua,
La no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Braua:
Pello Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome, em todo o mar que laua
As ilhas do Austro, e praias, que se chamão
De sam Lourêço, e em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque yra amãsand
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a fe da madre Igreja.
Ali

OS LUSIADAS DE L. DE C A.

*Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pella praya, & mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
Ate que a força so de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigaçãõ de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.*

*Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, & occasiãõ espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço & arte
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.*

*Eis ja sobrella torna & vây rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrendo
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que Liões famelicos, & Touros,
Na luz que sempre celebrada & dina
Sera da Egiptia sancta Caterina.*

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,
Posto que rica, & posto que assentada
La no gremio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que ja te vejo armada,
Malaioz namorados, laos valentes
Todos faras ao Luso obedientes.

Mais estanças cantâra esta Syrena
Em louuor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembroulhe hũa yra que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de jer hum brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas
Doenças, frechas, & trouoës ardentes,
A jazão, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes:
Parece de seluaticas brutezas,
De peitos inhumanos & insolentes,
Dar extremo suplicio pella culpa
Que a fraca humanidade & Amor desculpa.
Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cūa escrava vil lasciua & escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera & dura,
Cos seus hũa ira insana não refrea,
Poẽ na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, & deulha alegremente,
Não sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro & urgente:
Sentio Ciro que andava ja abrasado
Araspas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & prometia
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defesa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num caso grande em recompensa.
Per força de ludita foy marido
O ferreo Balduino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,
 De Soarez cantava, que as bandeiras
 Faria tremolar, & por espanto,
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidâ, coas derradeiras
 Prayas de Abasia. Barborâ se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Ia pello nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della darâ tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa
 Vencendo se erguerâ na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas
 Diuidindo, abrirâ nouo caminho,
 Pera ti grande Imperio que te arreas
 De Jeres de Candace, & Sabâ ninho:
 Maquâ com Cisternas de agoa cheas
 Verâ, & o porto Arquico ali vizinho,
 E fara descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Virâ despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que câ terâ prouado:
Castigarâ de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do desterro
Em que estâs, & serâs inda tornado,
Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,
Virâs mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado coa Regia dignidade,
Te tirarâ do mundo & seus enganos:
Outro Meneses logo, cuja ydade
He mayor na prudencia, que nos anos,
Gouernarâ, & farâ o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerâ samente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão so do peito que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos dalma todos sete,
De cubica triumpho, & incontinnencia,
Que em tal idade he suma de excelleneia.
Mas.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
 Socederás ô sorte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos
 Terâ a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingarás, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubica & ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & justiça, te farão
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem razão
 Com forças & poder, em que está posto,
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, & inteira.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre, & asinalado,
Mostrando se no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verá qualhado:
Em Bacanôr fará cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiaê, com quanta armada tenha.

Enão menos de Dio a fera frota
Que Chaul temerá de grande & ousada,
Fará coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira, & destrocada:
Por Heitor Portugues, de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque a força so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Trase este vem Noronha, cujo Auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da silueira bem sustenta:
 Farâ em Noronha a morte o usado officio,
 Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimêta
 No gouerno do Imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar farâ amarelo,

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que ja sera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances ao mar usado:
 Depois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Dâmão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta aberta
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

Aeste o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza darâ na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe o Jude a defender o senhorio:
 Depois yrâ com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o Rey Gentio
 De Calecu, que assi com quantos veyo
 O farâ retirar de Jangue cheyo
 Y 3 Destroirâ

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Destroirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que deſtroir o mundo não duuida,
Vencerá co furor do ferro & fogo,
Em ſi verá Beadâla o Marcio jogo.

Tendo aſſi limpa a India dos immigos,
Virá deſpois com cetro a gouernala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala:
So quis prouar os asperos caſtigos
Baticalâ, que virá ja Beadala,
De ſangue & corpos mortos ficou chea,
E de fogo & trouões deſfeita & ſea.

Este ſera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em conſelho ſabio & bem cuidado:
Socederlhe ha ali Caſtro, que o eſtandarte
Portuguez terá ſempre leuantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido
Que hum ergue Dio, outro o deſfende erguido.
Perſas

Persas feroces, Abassís & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes
Que mil nações ao cerco feras vem
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque hūs poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portugues juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,
Tra bucos feros, minas encubertas,
Sustenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Ate que nas mayores opressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Será ali arrebatado, & ao ceo subido:
Aluaro quando o inuerno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha dá felice & soberana:
Hũs paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem, na fera esquadra insana,
Feitos farão tão dinos de memoria,
Que não caibão em vêrso, ou larga historia.

Esle despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido, ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydaltham do braço triumphante
Que castigando vay Dâbul na costa
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Baroës por varias partes,
Dinos todos de fama & marauilha,
Fazendose na terra brauos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharão estas Nymphas & estas mesas,
Que glorias & hōras sam de arduas empresas
Assi

Assim cantava a Nympha & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauão,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravão:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nua consona voz todas soavão,
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia & doce suavidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Thetis de graça ornada, & gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre & claro dia,
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pode a vã ciencia
 Dos errados & miseros mortais:
 Sigueme firme, & forte, com prudencia
 Por este monte espedro, tu cos mais.
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.
 Nao

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, & hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca sergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si soslido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto & de desejo ali ficou,
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volumé aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & yrás, & o que desejas.
Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
 Eterea, & elemental, que fabricada
 Assim foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio, & meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficie tão limada,
 He Deos, mas o q̃ he Deos ninguẽ o entende,
 Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que estã com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estã de aquelle bem,
 Tamanho, que elle so se entende & alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos
 Divos estã, porque eu, Saturno & Iano,
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
 Fingidos de mortal & cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, & se mais o trato humano
 Nos pode dar, he so que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.
 E tambem

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E tambem porque a Santa providencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouverna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bõs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinuando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso estã chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozãõ, que não anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile prime'ro.
Com

Com este rapto, e grande mouimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo,
 Por obra deste, o Sol andando atento
 O dia e noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, e sojugado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Dozentos cursos faz, dà elle hum passo.

Olha efloutro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, e radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste, e faz ornado
 Co largo cinto douro, que estellantes
 Animais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, e seu pay, e o drago horrêdo:
 Vê de Cassiopea a fermosura,
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, e os Cães, a Nao, e a doce Lira.
 Debaxo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, differente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esprimentão,
Verã as varias partes, que os infanos
Mares diuidem, onde se apousentão
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves

Ves Europa Christã mais alta & clara
Que as outras em policia, & fortaleza:
Ves Africa dos bens do mundo auara,
Inculca, & toda chea de bruteza,
Co Cabo que ate qui se vos negãra,
Que assentou pera o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De seluatica gente, negra & nua:
Onde Gonçalo morte & vituperio
Padecerã, polla se sancta sua:
Nace por aste incognito Hemisperio
O metál, por que mais a gente sua,
Ve que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estã
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, & defenlam,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidão
Qual bando espesso & negro de Estorninhos,
Combaterã em Sofala a fortaleza,
Que defenderã Nhaya com destreza.
Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos,
velo rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobâ se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos serâ claro,
Ha de ser dom Christouão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Ve ca a Costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio galafoso & caro
O Rapto rio neta, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromâta chamado,
E agora Goard. fû dos moradores,
Onde começa a toca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Este como limite . sta lançado
Que diuide Asia de Africa, & as milhores
Pouoações, que a parte Africa tem
Maçuâ Jam, Arquico, & Suamquem.
Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destroutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre auaras,
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quando as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundantes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reueses
De dom Pedro de Sousa, que prouâra
La seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido
Cabo de lasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, & dos dões vsados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso lndo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,
E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vosontros aqui se estão guardando.

Z 2 Ves

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Ves corre a costa celebre Indiana
Pera o Sul, ate o Cabo Comori
Ia chamado (ori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virâ despois de ti,
Terá vitorias terras, & cidades
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,*

*As prouincias, que entre hum & o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanças & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Qut a Iesu Christo teue a mão no lado.*

*Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermosa, grande, & rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se pubrica,
Thom e vinha prègando, & ja passàra
Prouincias mil do mundo, que insinàra.
Chegado*

Chegado aqui pregando, & junto dando
A doentes saude, a mortos vida
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andaua edificando,
Fazer delle madeira, & não duuida
Poder tiralo a terra compassantes
Forças dhomẽs, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grande o peso do madeiro
Que so pera abalar se, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, & facilmente o leua & arrasta
Pera onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fe formada
Mandar a hum monte surdo, que se moua,
Que obedecerà logo aa voz sagrada,
Que assi lho insinou Christo, & elle o proua:
A gente ficon disto aluoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa noua,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscão desuios
Com que Thome não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa
De homicidio Thome, que era innocente
Dâ falsas testemunhas, como se vsa
Condenarã no a morte breuemente:
O Santo que não vê melhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido
Que refucite, & seja perguntado,
Quem foy seu matador, & serâ crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na ago santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louuor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,
 Com seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voaua,
 No Santo dê ja a tudo offerecido,
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,
 Com crua lança o peito lhe atrauessa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pilaste,
 Mais te chorão as almas, que vestindo
 Se yão da sancta Fe, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vósoutros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a pregar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:
Ve Chatigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa.
Olha

Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja mōstros pouoarão,
Mōstros filhos do seo ajuntamento
Dhũa mulher & hum cão, que sos se acharão:
Aqui Joante Arame no instrumento
Da geração costumão, o que vsarão
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido,
Tenassarî, Quedâ, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio:
Chersonezo foy dita, & das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntarão,
Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

Z 5 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Mas na ponta da terra Cingapura
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,
Daqui tornando a Costa aa Cynosura
Se encurua, & pera a Aurora se endereita:
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura
De Syão que estes & outros mais fugeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes,
Auás, Bramàs, por serras tão compridas:
Ve nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, vsança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
Agente delle crê como indiscreta,
Que pena & gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Esse

*Este receberá placido & brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lira sonora,
Será mais affamada que ditosa.*

*Ves corre a costa que Champà se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada,
Ves Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão ve a incognita enseada,
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, & riqueza não cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio
Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.*

*Olha o muro, & edificio nunca crido,
Que entre hum imperio & o outro se edifica,
Certissimo sinal, & conhecido,
Da potencia real, soberba, & rica:
Estes o Rey que tem não foy nacido
Princepe, nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquelle que he famoso
Por caualeiro sabio & virtuoso.*

Inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inda outra muita terra se te esconde,
Ate que venha o tempo de mostrar se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscar-se,
He lapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada serà coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As aruores veràs do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que não decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no licor qualbado, & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

*Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero, & cheiroso,
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
 Esconde pera o Sul difficultoso:
 Agente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae:*

*Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapôra,
 A fonte que oleo mana, & a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda & fino ouro dà tambem.*

*Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde está a pègada humana:
 Nas ilhas de Maldiua nace a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujó pomo contra o veneno vrgente
 He tido por Antidoto excelente.*

Verás

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Verás de fronte estar do roxo estreito
Socotorâ co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar também sogeito
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, & preciosa,
De Jam Lourenço ve a Ilha ofamada,
Que Madagascar he dalguũs chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito nauegais:
Mas he também razão, que no Ponente
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrando se agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
Castella vossa amiga será dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Irã buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linha,
Dhũa estatura quasi Gigantea
Homẽs verã, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arrea
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar, & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portuguejes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser aceitos
Aas eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lbe disse, & logo mouimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, porque mandou
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria não, que está metida,
No gosto da cubiça, & na rudeza
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.
E não

E não sey porque influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
Que os animos leuanta de contino,
A ter pera trabalhos ledo o rosto:
Por isso vos ò Rey, que por diuino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhay que sois (& vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras, & de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vos tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta promptos & contentes,
So com saber que sam de vos olhados,
Demonios infernais, negros & ardentes,
Cometerão conuoso, & não duuido
Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos

OS LVSIADAS DE L. DE C.A.

Fauoreceyos logo, & alegrayos
Com a presença, & leda humanidade,
De rigurosas leis desaliuayos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esprimentados leuantayos,
Se com a esperiencia tem bondade,
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pellos vicios
Comuns, toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vãã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido & feruente,
Estendem não somente a ley de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.
Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
Possam dizer que sam pera mandados,
Mais que pera mandar os Portugueses:
Tomay conselho so desprimentados,
Que virão largos anos, largos meses,
Que posto que em cientos muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz trataua & lia:
A disciplina militar prestante
Não se aprende senhor na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo
De vos não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sey com tudo,
Que o louuor sae as vezes acabado,
Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa esperiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cosas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Pera servirnos braço aas armas feito,
Pera cantarvos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos accito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede, & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.*

*Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos & Trudante,
A minha ja estimada & leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.*

F I M.

APARATO CRÍTICO

(V. A EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS EM SEGUIDA À INTRODUÇÃO)

Canto I

(Fl. 1, est. 1-5; f. 2, e. 6-11; f. 3, e. 12-17; f. 4, e. 18-23; f. 5, e. 24-29; f. 6, e. 30-35; f. 7, e. 36-41; f. 8, e. 42-47; f. 9, e. 48-53; f. 10, e. 54-59; f. 11, e. 60-65; f. 12, e. 66-71; f. 13, e. 72-77; f. 14, e. 78-83; f. 15, e. 84-89; f. 16, e. 90-95; f. 17, e. 96-101; f. 18, e. 102-106).

E. 1, vv. 5 e 7. Quatro grupos de edd., segundo o modo como estes vv. começam: *a)* *Em* (v. 5), *E entre* (v. 7); *b)* *Em* (v. 5), *Entre* (v. 7); *c)* *Que em* (v. 5), *Entre* (v. 7); *d)* *E em* (v. 5), *Entre* (v. 7). *Ee* pertence a *a)*; *E* a *b)*. Como as est. 1 e 2 constituem gramaticalmente um todo, da ausência da copulativa no v. 7 resulta que este v. e o 8 ficam desligados dos outros e só por um parêntesis descabido ou por um violento assíndeton se poderiam explicar (1). Para evitar isto, F. e S., que considerava *E* como a *princeps*, pôs o relativo *Que* no v. 5 (2). Por fim, B. F., reconhecendo a necessidade da ligação, mas não accitando o relativo de F. e S., que já se acha no v. 2, e supondo, por outro lado, que tal ligação não podia estar no v. 7, mudou a partícula da que ele julgava ser 2.^a ed., deste v. para o 5.^o (3).

E esta mudança é necessária, diz-se, porque a 1.^a est. se compõe de duas partes: *a)* vv. 1-4 (*viagens por mares*, etc.); *b)* vv. 5-8 (*guerras*, de que resultou o *novo reino*). Cf. E. D. Mas a divisão deve ser outra: *a)* vv. 1-6 (*viagens e guerras*); *b)* vv. 7-8 (resultado de umas e outras). Em 1-4 especificam-se as *viagens*, mas não ficam esquecidas as *guerras*, como o mostra a hendiádis — *as armas e os barões* —, isto é, os barões aguerriados (4); por outro lado, em 5-6 mencionam-se expressamente as *guerras*, mas alude-se também aos *perigos* das viagens. E faz-se a repetição, que aliás habilmente se atenua por esta desproporção, para se acrescentar o novo con-

(1) Apesar disto, P. 1291, 1297 e bastantes edd. modernas seguem a lição de *E*.

(2) O mesmo fizeram um certo número de editores da 2.^a metade do séc. xvii, do séc. xviii e ainda dos primeiros decénios do séc. xix. Mas a ligação está incompleta (seria preciso um *E que*) e deslocada.

(3) Adoptam esta modificação não poucas edd. modernas.

(4) Cf. outras hendiádis em iii 66, 3; vi 58, 7 (compare-se ii 94, 2) e viii 14, 2. O *arma virumque* da *Enéida*, que o P. tinha presente, é também geralmente explicado como uma hendiádis, que uns fazem equivaler a *arma viri* e outros a *virum armatum*. Nos *L.* só é possível a segunda equivalência.

ceito de que tais viagens e tais guerras excederam quanto se podia esperar das forças humanas.

Os vv. 1-6 formam assim um todo, estreitamente ligado, a que vem juntar-se os vv. 7-8. A copulativa deve, portanto, manter-se no lugar que ocupa em *Fe*. Cf. *Introd.*, § 1.

V. 4. M. C., J. da F., 1871: *Inda*. Embora C. empregue *inda* com muita frequência (I 8, 31, 81; II 48, 81; III 5, 32, 114; IV 16, 51, 55, 64, 71, 98; etc.) e *ainda* muito mais raras vezes e sempre como trissílabo (I 101; II 87; IV 9; V 16; etc.), não ha motivo para rejeitar aqui *ainda*. Cf., por ex., I 60, 8; II 90, 1; VII 38, 4. No C. G. há oito versos em que o *ão* + *a* formam só uma sílaba. «Que me fez nam auer por mal» (IV, 379, 15). Cf. Cornu na *Romania*, XII, p. 278. V. *Introd.*, § 6, e a n. a III 29, 2.

V. 6. G. F., 1869 (Porto): *Permitia*. Sem dúvida: *prometia*, tão usado, no sentido que lhe dá aqui C., pelos melhores escritores do séc. XVI. Cf. *Palm*, II, p. 185; *Mem.*, p. 22, 34, 116, 117, etc.; Barros, *Déc.* II 10, 8; Cast., *Hist.* II, c. 2.

E. 2, v. 3. W. St. lembra: *A Fé e Imperio*. B. R.: *A fé e o i*. Dá-se assim mais relevo aos dois conceitos. A palavra *Fe* aparece escrita nos L. de quatro maneiras: *Fè* (III 24, 2), *Fee* (V 13, 2), *Fê* (I 63, 2; III 45, 6; III 11, 8) e *Fe*, sendo esta a grafia mais usual (IV 15, 6; VI 83, 4; VIII 47, 4; 69, 7; X 93, 4; 109, 6; 112, 1; 118, 4; 119, 4). Podemos pois supor que no ms. do P. se lia *A Fe e o Imperio*, juntando o compositor os dois *ee* e pondo-se a vírgula que esta junção exigia. C. v. R. lê: *A fé o Imperio*, pois supõe que o assunto do poema, indicado em I 1-2, deve ser assim distribuído: *a*) viagens por *mares* etc. e valor guerreiro dos port. (I, 1-6); *b*) como consequência disto, a fundação de *novo reino* etc. (I, 7-8); *c*) serviços prestados á propagação da fé (2, 1-4) e glória imortal que resultou de todos estes factos (2, 5-6). Sendo assim, a palavra *Imperio* em 2, 3, não pode estar no sentido próprio, pois isso seria voltar a *b*). Mas a divisão deve fazer-se doutra maneira: *a*) as viagens por *mares* etc. e as guerras, de que resultou o *novo reino* (I, 1-8); *b*) serviços prestados pelos reis de P. á propagação da fé e á dilatação do domínio temporal, do *império* (2, 1-4); *c*) glorificação dos herois não incluídos em *a*) nem *b*). Isto é: o assunto do poema são todos os *lusiadas* que trabalharam para a formação e engrandecimento da pátria e para o aumento da cristandade. E o núcleo é constituído por *a*), a série de feitos que dão aos port. o direito a um capítulo na história da humanidade. Em volta de *a*) agrupam-se *b*) e *c*), sendo *b*) tratado especialmente nos c. III e IV e *c*) no VIII 1-43. E a unidade do poema mantém-se engenhosamente, fazendo de *b*) e *c*) episódios, que, como taes, tem cabimento em *a*). A palavra *império* em I 2, 3, está, portanto, tomada no sentido próprio, como em I 8, 1; X 151, 4, etc. V. 7. A ed. de 1644, seguida pela de 1670 e outras: *toda a p*: V. de J.: *tod'a*. E. D. acha provavel *todà*, estando o art. incluído no *a*. Mas o P. tinha ao seu dispor as duas formas e dambas usou. Cf. III 51, 6, e X 78, 7, com I. 2, 7; IV. 15, 4; 25, 7; 84, 8, etc.

O emprego do *todo* sem artigo é atestado pelo plural, em que não havia lugar á fusão. *Todas partes*, *ambas partes*, *todas nações*, *todas cautelas*, etc., lia o poeta a cada passo (*Palm.*, c. 2, 10, 27, 29, 30, 99, 160, etc.; J. de Barros, *Déc.* II, 3, 4; 5, 5); *Mem.*, c. 3, 9, etc.).

E. 4. v. 5. G. de A.: *alto*, *sublimado*, pois «*sublimado* está acima de *alto*.» Mas cf. II 80, 8. *Alto* pode emparelhar com *subl.*, pois não se marcam os limites da altura. Cf.

I 10, 2; II 11, 2; III 69, 1; 73, 7, e a n. a II 101, 6. V. 6. F. E.: *e eloquente*. Mas o P. pede um estilo que seja grandiloco, sem deixar de ser fluente, sem ser retorcido. «Crisandor... tem um estilo aprazível e corrente, nam he de hūs retorcidos, amarrados a sentenças de Tulio, que compoem vocabulos de conserva.» *Eufr.*, p. 236. A conj. e tem força adversativa, como em I 72, 4; II, 8, 7; 36, 4; etc.

E. 5. v. 2. O êrro de imprensa *a vena* foi emendado em P, mas reapareceu nas edd. de 1597, 1609 e 1612. Foi necessário que M. C. explicasse a palavra. V. 4. G. de A.: *a cor do rosto m.*, pois muda-se «a cor do *rosto*, não a do *gesto*.» *Gesto* = *rosto* é muito usado por C. Basta citar nos L: I 9, 2; 36, 6; 49, 3; 69, 5; 72, 4; II 8, 7; 34, 2; etc. Do latim *gestus* (de *gerere*): o que uma pessoa traz consigo, deante de si; daí, o seu aspecto, a sua aparência; daí, aquilo por que esta mais se manifesta, melhor se caracteriza: — os movimentos e o vulto, o rosto. Esta ultima acepção desenvolveu-se na península hispânica. «Vuestro gesto e apparencia» (*Amadis*, ed. de Rivadeneira, p. 12). «De corpo e geesto natureza lhe dera tam boa parte» etc. F. Lopes, *Cr. de D. Fern.*, c. 51. Cf. cc. 55, 85, 95. V. 6. P, 1591: *que Marte*. M. C.: *a que Marte*. Ha quem opte pelo texto de *Ee* e *E.*, argumentando com I 3, 6, e II 50, 5-6. Cf. G. de A. Segundo E. D., se é certa a lição de *Ee*, *ajuda* = *glorifica*. Creio que é certa esta lição e que o P. quis dizer que os port., pelo seu valor e feitos militares, *ajudam* o deus da guerra na realização do seu ideal. Cf., por ex., VII 69, 5, a 71. As alterações propostas não se harmonizam com o contexto, pois o auxilio dado por M. (repare-se no *tanto*) muito diminuiria o merecimento daqueles que o P. quer engrandecer.

E. 6. v. 7. M. C.: *Dado*, por causa do *todo o*. G. F.: «Parece que a rima obrigou a dizer *mande*, devendo ser *o manda*, referindo-se ao mundo; mas pode passar como deprecação». O mesmo repete G. de A. O P. quereria assim dizer: Deus, que manda todo o mundo, enviou D. Seb., *pera do mundo*, etc. Mas isto seria, por um lado, errar a gramática, e por outro, saber muito dos planos divinos. Resta a deprecação, indicada pelo modo do verbo. Mas que pede C.? Segundo as palavras do texto, pode ser: ou que D. Seb. mande todo o mundo, seja o rei de todo o orbe terráqueo, *pera* etc.; ou que Deus envie D. Seb. com o fim único de *do mundo* etc. Ora o primeiro pedido ultrapassaria o que o decoro e o senso comum exigiam do poeta. Que êle desejasse que o jovem monarca viesse a dominar sobre uma grande parte do mundo sujeito aos mouros e pagãos, está bem; e eram essas as esperanças de C. (cf. I 8, 15, 16; etc.) e de muita outra gente. Mas quem se lembraria de, na dedicatória ao próprio rei, manifestar o desejo de que êle viesse a *mandar todo o mundo*, a submeter, portanto, ao seu domínio a Espanha, a França, a Inglaterra, o Império, etc., etc.? Que queria C. que pensassem dêle, neste caso? Resta o pedido para que D. Seb. fôsse mandado por Deus com a missão especial (*todo*, i. é., *totalmente*) de *do mundo* etc.

É o que está em perfeita harmonia com outros passos da dedicatória (cf. est. S. 15, 16). É a fórmula dos L. é a mesma que se encontra nas obras de outros poetas da epoca. «Manoel... que muitos mande | Deos á terra como elle» (Caminha) (1).

(1) *Poesias*, ed. de 1791, p. 29.

«Príncipe João, filho de João terceiro, | ... a que outro igual Deos mande» (Ferreira) (1). Ha, porém, uma dificuldade. Como é que o P., estando a dirigir-se ao rei na 2.^a pessoa do plural, passa de repente para a 3.^a do singular, voltando logo na est. seguinte á 2.^a do plural? Permita-se-me supôr que êle tinha escrito: *todo os mande*, empregando *os* por *vos*, como tantas vezes leu no *Palm.* Cf., na ed. de 1786, I, p. 8, 9, 103, 140, 151, 182, 193, 216, 239, 344, 420, 421, 465; II, 84, 158, 172, 275, 366, 470, 534; III, 118, 150, 155, 164, 181, 186, 201, 204, etc. Como se vê, houve em F. de Moraes o manifesto intuito de nacionalizar o castelhano *os* (= *vos*) e o P., se não estou em êrro, quis neste lugar seguir-lhe o exemplo. Depois o *s* seria expungido do ms. por quem supôs que ali estava indevidamente (2), resultando desta *emenda* uma frase que, tal como está, se não presta a uma interpretação aceitável. Cf. *Introd.*, § 3.^o

E. 9, v. 6. G. de A.: *Pondo*, porque o imperativo seria uma intimação. Mas cf. I 9, 1; 10, 5; 11, 1.

E. 11, v. 5. G. de A.: *As v. nossas*. Mas *vossas* = *dos vossos*. Cf. Castanheda, no pról. do L. I a D. João III: «Sem vos bolir de vossas casas, (vós e el Rey vosso pay) descobristes e conquistastes per vossos capitães o que nenhũs Principes poderão per si descobrir nem conquistar.» E Barros: ... «D. Manuel procurava áquelles Reys e povos, que nouamente descobria», etc. *Déc.* I, 4, 9. Cf. *L.* I 2, 1-4.

E. 12, v. 6. *Os onze*, diz F. e S. ter lido no ms. n.^o 1 (A) e parecer-lhe melhor, para não serem treze. G. de A. concorda. Mas esta maneira de contar não era desconhecida a C. Dela encontrou um ex. em F. Lopes, *Cron. de D. João I*, 2.^a p., c. 108, no passo que lhe serviu de fonte para VIII 35: «Falemos no esforço de M. V. da Cunha, que com dezasete homens darmas», etc. Ora M. V. da Cunha era um dos dezasete. E não é preciso recorrer aos *Treze* do *Mem.*, c. 46 (3). Cf. também *Palm.*, II, p. 91: «O emperador e todos ouuirã aquellas palauras.»

E. 14, v. 3. J. da F.: *Fizeram, so*; G. de A.: *Sós*, para ligar este v. com o seg. Mas não é necessário alterar o texto, pois, para não falar das frases nominais, em que não ha verbo, são correntes as construções em que se subintende quer o verbo expresso em uma oração anterior, quer outro, sugerido por ele ou pelo sentido da frase. Cf. por ex., I 33, 5 e 7. «Fazendo aquelle dia muy gram neuoeiro e a manhãa nom bem descoberta.» F. Lopes, l. c. na n. da est. 12.

E. 19. G. de A.: v. 2, *desinquieta*; v. 8, *pastadas*. Alterações desnecessárias. O

(1) *Poemas lusitanos*, ed. de 1829, t. 2.^o p. 151.

(2) Quem dirigiu a ed. cit. do *Palm.* também não resistiu a antepôr um *v*, aliás sublinhado, para indicar que não está nas duas primeiras edd., a de 154... e a de 1567, a quasi todos os *os*, equivalentes a *ros*, que ia encontrando. Logo no 1.^o passo cit. (I, p. 8) ha nada menos de quatro: «isto *os* ha de doer; me deixara ver *os*; poder *os* ver; trazer *os* a memoria». Diogo Bernardes também empregou *os* por *ros* no soneto *aos cabellos da barba que D. João de Castro* etc. «Como trofeo... | *os* devem venerar *os* que procedem | do tronco donde fostes cortados.» *Rimas varias*, ed. de 1596, f. 90. Cf. *Varias rimas*, ed. de 1594, f. 108.

(3) Provavelmente a fonte deste contava como Camões em I 12, 6, e J. F. de V. interpretou-a, contando como F. e S. e G. de A. E' possível até que o P. se servisse da mesma fonte e dela tirasse *os doze e seu Magriço*.

P. podia empregar *inquietas* como quadrisilabo. Cf. este v. do *C. G.*, III, p. 83: «Vverem ou tentações».

E. 20, v. 3. M. C.: *Concilio*. E foi *concilium* que o P. leu no passo de Ovídio que tinha presente (*Met.*, I, 163. Cf. *Eneida*, x, 1). Não é provável que C. deixasse o termo próprio (1), para recorrer ao duro latinismo *consilio* = *conselho* (Cf. IV 82, 3; VI 35,3). A substituição do c pelo s ou vice-versa é muito frequente no séc. XVI. No *C. G. deos damor* publica uma sentença, *junto todo seu consylio* (I, 121, 15).

V. 7. Foi M. C. o primeiro que mudou o *de* em *do*. Mas C. podia considerar o epíteto como nome próprio. Cf. Lico, I 49; VI 14 e 20. No passo imitado das *Met.* está *Tonans* empregado substantivamente (*magni tecta Tonantis*) e nos *Fastos* (II, 69): *Tonans Capitolinus*. Na *Pharsalia* de Lucano, que o P. imita em III 71-73, este epíteto é sempre usado como nome próprio (I 35, 196; II 34; III 320; V 96; VI 260; etc.).

E. 21, v. 2. G. de A.: *lhes*. No tempo de C. o *lhe* aparece muitas vezes como invariável. É uma das muitas aplicações da *lei do menor esforço*. O contexto não deixa dúvidas sobre o plural e por isso omite-se a letra que o caracterizaria. É um caso análogo ao do verbo na 3.ª pessoa do singular com o sujeito no plural. Cf. a n. a III 61, 8.

E. 22, v. 7. G. de A.: *Com uma c'roa*. O P. emprega por vezes *hũa* como monossilabo. Cf. III, 141,8; V 20,6; VII 19,1; X 31,1; etc. E' do *C. G.*, I, 304,3, este quebrado de 4 sílabas: «e a my huã vinha». Cf. a n. a III 24,1.

E. 24, v. 4. *E* e *P*: *Do Luso*. Cf. *Introd.*, § 1.º V. G. de A.: *grande e certo*, «pois não ha fados grandes nem pequenos». No tempo de C. o pospositivo *grande*, muito usado, nem sempre se contrapunha a *pequeno*. «Albanis... era seu amigo grande». *Palm.*, II, p. 232. *Grandes* = *poderosos*.

E. 25, v. 2. M. C.: *Com*. Sem motivo.

E. 26, v. 3. *E*, *P*, 1591, 1609, 1612: *Variato*, que *P* comenta sob esta forma. *Viriato*: 1597, M. C., etc.

E. 27, v. 2. *P*: *duvidoso*. *E* = *Ee*. V. 7. G. de A.: *Inclina*, porque a referência é a *gente*, e não a *lusitanos*, como se vê por *atreue* (v. 4). E nesta conformidade, diz, deverião também mudar-se para o singular os verbos dos vv. 2, 4 e 6 da est. 26. Mas a palavra *gente* e outros colectivos aparecem muitas vezes, nos nossos melhores escritores do séc. XVI, com o verbo e com os continuados no plural. «O duque mandou toda aquella gente, que repartidos corressem a floresta». *Palm.*, I, p. 15. Cf. *L.* I 38, 5; 39, 3; IV, 88, 1-4; etc. O singular *atreve*, no meio de verbos no plural, explica-se pelo uso das orações do tipo *as aguas lava*. Cf. a n. a III 61, 7-8.

E. 28, v. 4. G. de A.: *roxa estrada*. Sem motivo nenhum. O mar de que se trata é o das Índias e o P. exprime-se aqui segundo o primitivo conceito, que fazia começar o curso do sol no oriente ou, mais precisamente, na Índia, e *lhe* dava como termo o mar do ocidente, o Atlântico. Cf. I 8, 2; 14, 2; 21, 8; II 1; V 77, 5; VI 6, 2-3; etc. (Em outros passos o sol circunda a terra, arrastado pelo ceo, pelo primeiro mobil.

(1) «Concilium vox propria videtur de coetu deorum». *Thes. linguae latinae*, s. v.

Cf. II 68, 1; 72, 6; VIII 44; X 86; etc. Em VII 60, 1-4, dá-se a contaminação dos dois conceitos).

E. 29, v. 5. *E*: *determino*. V. 8. *E* e *P*: *começaram* (*começarão*)... *rota*. Cf. *Introd.*, § 1.º

E. 31, v. 2. *E* e *P*: *fortissima*. V. 7. G. de A.: *E altamente*. O assíndeton pode explicar-se pela pausa usual do 6 v. No *Palm.* é muito freqüente, parecendo até por vezes violenta a falta da copulativa. «Albayzar lhe teue é merce aquella determinação, fazendo acatamento á emperatriz e Gridonia, se foy ao emperador» (III, p. 5).

E. 32, v. 4: *de P.* conservou-se até a ed. de 1663, em que o *de* foi mudado em *do*. Sem razão. Os nomes de montes e rios usavam-se com ou sem artigo. Assim: de Pindo (III 2), de Abila (III 77), de Timavo (II 45), de Mondego (III 97). Mas também: do Tinge (III 77), do Mondego (III 80; 120, 135), do Tejo (VII 78). Cf. *C. G.*, de Pernaso (I, 333, 2), em Pernaso (II, 248, v. 1); de Meandro (III, 246, 2); Castanheda, I, p. 3: de monte Sinay; *Eufr.*, 75: Senhora de Monte; G. Vicente, *F. dos Alm.*: de Mondego; *Palm.*, I, p. 359: de Tejo; *Eufr.*, 8, 75, 113, 247: de Mondego. V. 8. M. C.: *Da agoa*. Ed. de 1626: *D'agoa*. E. D.: *De agoa*, por *vaso* não ter o art. definido. Mas esta regra não se observava sempre, ou antes, não existia no tempo de Camões. «Quando o tirou de poder do gigante». *Palm.*, I, p. 26. *Dagoa*, muitas vezes, — *da a*. «Empedia a vista dagoa... No meio dagoa... viu» etc. *Palm.*, I, p. 359.

E. 33, v. 8. J. da F.: *Que é l*. Mas o *a* faz aqui falta.

E. 34, v. 6. G. de A.: *E a outra*. F. E.: *E Venus*. Da construção obrigatória *debatem um com o outro* (e não: um com a outra) resulta o emprego do masc. *outro*, para designar Venus. E' um caso de atracção do genero.

E. 35, v. 5. M. C.: *toda a*. E' hoje a lição geralmente seguida. Mas não ha razão para contestar que, a par de *toda a armada* (I 59, 5), o poeta escrevesse também *toda armada* (II 3, 4), *toda montanha*, na significação de *a armada inteira*, etc. Cf. *Palm.*, II, p. 128: «é toda sala nenhũa outra cousa soaua». *Mem.*: *toda Christandade* (fl. 52 v.); *toda brevidade* (fl. 53); *tudo tento* (fl. 61 v.) (1). V. 6. T: vírgula apagada depois de *folhas*.

E. 38, v. 4. G. de A., seguindo o 1.º ms. de F. e S.: *Cujo valor*. Cf. IV 82, 3 e 6 (2). V. 5. *E*: *queiras*. *P* = *Ee*. O *queiras* tem o aspecto de uma *emenda* que ficou incompleta, por ter esquecido de cortar o *Se* do v. 3. Cf. *Introd.*, § 1.º G. de A.: *padeça*, por causa de *gente*. Mas cf. a n. a 127.

E. 40, v. 3. M. C.: *para tras*. Mas cf. *por diante* (II 21, 8). F. Lopes, *Cr. de D. J.* I, I.ª p., c. 16: «oolhando por de tras» (= para tras). *Euf.*: «melhor seria lan-

(1) Se podia dizer-se *toda a parte* e *toda p.* (cf. a n. a 12, 7), *toda Africa* (II 103, 1), *toda Asia* (VII 18, 2), a par de *toda a provincia* (IV 8, 1), era natural que também se empregasse ou omitisse o art. em *toda m. = a m. inteira*. No port. do séc. XVI não estava em vigor a regra do castelhano para *todo hombre e t. el h.* A forma que o art. tomou na nossa língua não o deixava empregar como meio seguro para estabelecer a distinção.

(2) *Valia* tem no *Palm.* a significação que aqui lhe dá o P. e a de preço no sentido material. «Começará a batalha das espadas, perigosa e cruel, cada hũ queria mostrar seu preço e valia» (III, p. 170). «Derá joyas e peças de muita valia» (*Ibid.*, p. 288).

çar tudo por detras» (= não fazer caso disso), A. 1.º, sc. 1, p. 228, ed. de 1561. Cf. C. G., iv, 32, 12: «Corree agoas por detras.»

E. 42 v. 7-8. E e P: *Tifeô... converteo.*

E. 43, v. 3. G. de A.: *o tempo*. O plural deve ser uma reminiscência do *tempora nubila* dos conhecidos vv. de Ovídio: *Donec eris sospes* etc. (*Tristia*, I, 9, 5-6).

E. 45, v. 3. E. D.: *a t.* Emenda desnecessária. Cf. I 103, 1; 104, 5. Falando de Melinde, diz Castanheda: «He ho surgidouro das naos longe da terra» (l. 1. c. 10). Cf. a n. a VIII 92, 2.

E. 47, v. 3. G. de A.: *Que uns trazem*. O *Que* altera o sentido, pois *Hũs* refere-se a *panos*, como se vê pela fonte. «Vestidos de panos dalgodão listrados e de muitas cores, hũs cingidos até o giolho e outros sobraçados como capas.» Castanheda, I, c. 5 (1). Ed. de 1663: *ao redor*. V. 4. Ed. de 1663: *em m. brioso*. V. 5. E: *Da cinta*. P = E. C. usou do plural *cintas*, pois embora cada um só tenha uma, em muitos ha muitas. E' um caso de atracção do plural. «Perdidas as estribeiras, se apegauã aos collos dos seus (cavallos).» *Palm.*, II, p. 187. Cf. nos *L.* II 66, 5. V. 6. Ed. de 1651: *adargas*, lição seguida por B. F., C. v. R., etc. Sem razão, pois *adagas* é o que está na fonte do P. (Castanheda, I, c. 5. Cf. c. 6, c. 10, e II, c. 59). V. 8. G. de A.: *véem t.* O P. leu o verbo em Cast.: «como que hião de festa» (l. c.). No latim, *ire* tem ás vezes a significação de *venire*, particularidade que o port. herdou. «Por amor de mi que vos vades comigo.» *Mem.*, p. 154 (ed. de 1867).

E. 50, v. 7-8. G. de A.: *somos; do O. Vimos*, porque não havia então port. que não fossem do Oc. Mas a determinação geográfica tornava-se necessária, pois *Portugueses* só pouco adeantava, para quem até supunha que estava a falar com turcos. *Somos os port., naturais de um país que fica no Oc.* Assim sobressae mais o contraste entre os pontos extremos e observa-se a simetria da construção. Na fonte leu o P.: «V. da Gama mandou responder... que eram Portugueses vassallos del Rey de Portugal; e quanto ao que buscavam,... sua vinda áquelle porto era passagem para a India» etc. Barros, *Déc.* I, 4, 3. A crítica de G. de A. recairia também sobre J. de Barros.

E. 52, v. 4. G. de A.: *das feias focas*. Foi em Boscan (*Historia de Leandro e Hero*) que o P. encontrou esta palavra no gen. masc. «No me turbaran los Phocas.»

E. 53, v. 4. M. C.: *Natureza*, sem o art. Emenda inutil. Cf. IV 35, 1; etc.

E. 55, v. 2. G. de A.: *e a t. a.* A omissão neste caso, quer do art., quer da prep. (I 51, 2), quer de ambos (I 75, 7), é corrente nos livros lidos por C. «Pode mal dissimular a dor e ciumes» (*Palm.*, III, p. 130). «Falando nisto e outras cousas (*Ibid.*, I, p. 94).» «Beroldo e Floramã se encontrarã cõ o principe Arjelao e rey de Bitinia» (*Ibid.*, III, p. 368). V. a n. a IV 11, 5, e VI 81, 5.

E. 56, v. 7. G. de A.: *por cargo*, para evitar o hiato. Mas não faltam versos como este, quer nos *L.*, quer nos melhores poetas contemporâneos de C. E no C. G. aparecem os hiatos a cada passo. «Nam que eu sospiro imdo» (I, 5) «Qua ouuynnos

(1) E dos melindanos diz: «Da cinta pera cima fãdão nuus. & pera baixo se cobrem cõ panos de seda e dalgodão muyto fino: & outros como capelhães sobraçados.» (c. IX)

se emelyne» (*ibid.*, 6) «Poys q̃ ambos nos vencestes». (*ibid.*, 7). «E mays se o dama daua» (p. 44); etc.

E. 59, v. 3. G. de A.: *roxa estrada*. Cf. a n. a 1 28, 4. V. 6. *E e P: toldos*. Os ex. que vi de *Ee* trazem um *l* de tipo diferente na entrelinha superior entre o *o* e o *d*.

E. 60, v. 8. Ed. de 1663, e outras: *tomar*, subordinado a *Vierão* do v. 7, para não fazer de *ão a* uma só sílaba. Cf. 1 1, 4.

E. 61, v. 2. G. de A.: *toda a sua*. É frequente a omissão do art. «Pois minha lança ficou saã» etc. *Palm.*, III, p. 77. Cf. vi 4, 5; 65,5; 77,3, etc.

E. 62, v. 2. Ed. de 1597: *enxarcia*. As duas formas estão entre si como *exame* e *enxame*. Cf. vi 84, 4. A palavra provém do grego bizantino *exartion*, através da Itália e da Catalunha. Cf. os dois *Glossários* de Ducange.

E. 64, v. 1. *E e P: Respondeo*.

E. 68, v. 2. *E: sulfuneas*.

E. 69, v. 5. G. de A.: *Nas fallas*. Mas C. escreveu o que se lê no texto de *Ee*. «Todas suas mostras e vestidos mostrauã» etc. *Palm.*, III, p. 249. «Ao qual (cabo) chamou C. Verde, por causa da mostra e parecer com que então se mostrou». Barros, *Déc.* I, 1, 9 (1).

E. 70, v. 3. M. C.: *que largo*. O art. justifica-se pelo v. 4. *E e P: leuarão*.

E. 71, v. 5. *E: Os. P: Oo*. Talvez no ms: *Ossegredos*, como o *asse* de 1 75, 5, ou antes: *O ssegredos*, grafia muito usada no C. G., especialmente quando precedida de vogal a palavra que começa por um s.

E. 72, v. 7. G. de A., aproveitando o 1.º ms. de F. e S.: *terra, do inimigo*. I. é: vindo do meio dos inimigos. E. D., interpretando o texto de *Ee*: «obsequente = cheio de acatamento; ajuntamento: os mouros que na praia aguardavam o xeque.» Mas o *obs. aj.* é a *companhia* das est. 61 e 72, é o séquito do xeque. «Chegou o çoltão (a frota) acõpanhado de muyta gente» (Cast., l. 1, c. 6). O *recebido* do v. 6 deve provir de uma alteração feita no ms. do P., onde se leria: *despedido*. Cf. *Introd.*, § 3. E essa alteração seria motivada pelo *despedido* do v. 2. Mas sobre casos semelhantes cf. a n. a 1, 81, 1.

E. 75, v. 4. *E e P: de seu*. V. 5. G. de A.: *hade-se*. Mas a grafia e a colocação do pron. *se*, aqui usadas, são correntes entre os contemporâneos do P. V. 7. Ed. de 1612 e outras: *e co R*. Cf. as nn. a 1 55, 2, e 56, 7.

E. 80, v. 3. *E e P: acompanhado*. V. 6. *E: cilado*. V. 8. G. de A.: *Cairá*. O pl. explica-se pelos vv. 3 e 7. Cf. a n. a 1 27, 7.

E. 81, v. 1. M. C. e outros: *deste feito*, por causa do *geito* do v. 5. Mas ha mais rimas como esta nos *L*. Cf. IV 102; VI 56; VII 59; VIII 94. E, como se vê, a identidade dos sons pode coincidir com a identidade morfológica. Limitar-me hei a citar aqui dois exemplos (e não são os únicos) do grande artista do verso que era o Ariosto. No *Furioso*, 1 52, o subst. *mostra* rima com o verbo *mostra* e em VI 48, *d'altri* rima com

(1) Era uma particularidade estilística de que não faltam exemplos. Ainda do *Palm.*: «Essa satisfação me nã satisfaz» (III, p. 101). «Se a dita me disser pior» (*Ibid.*, p. 147).

degli altri e com *agli altri*, i. é: tres vezes a mesma palavra (1). V. 4. F. E.: *outra m., outro a.* G. de A.: *manha ou.* Cf. a n. a II 101, 6.

E. 82, vv. 1-2. G. de A.: *acabou: O moiro.* Mas o sujeito de *acabou* é o *mouro* do v. 2, o mouro sábio e velho, cuja forma B. tomou, e o de *lançou* é o xequê. E' a chamada *mudança de sujeito*, particularidade estilística muito usada no séc. XVI, quando o contexto não permitia dúvidas. Cf. I 95, 6, e VI 14, 5. Na fonte de II 9, 5-7, leu o P.: «Os Mouros,... posto que leuaram os homens, mostrando contentamento de o fazer, sempre foram trazidos per mão.» Barros, *Déc.* I, 4, 5. O sujeito de *for. tr. 17.* não é *Os M.*, mas o subintendido *estes* (homens). Do mesmo modo em I 95, 6, o sujeito é o *piloto* do v. 5, subintendendo-se *este*, e em VI 14, 5 o suj. de *recebe* é um pron., referido a *Neptuno*.

E. 83, v. 3. E e P: *todo dano.* V. 6. Ed. de 1631: *cõ elle.* «Co estes ventos dagora.» C. G.: T. I, p. 138. E um quebrado de tres sílabas: «q̃ coeles.» T. III, p. 17. Cf. a n. a I 56, 7. V. 8. M. C.: *donde.* No tempo de C. empregavam-se indistintamente os adv. *onde, donde, aonde.*

E. 84, v. 3. Ed. de 1663: *Quando o.* Lição hoje corrente, mas o poeta com certeza não escreveu o artigo, que incorporou no o de *Quando.* Cf. *Palm.*, I, p. 118: «Mandou mirrar o corpo de sua filha e meteo em hũa sepultura». «Tomando em meyo ho acometiam.» *Mem.*, p. 37. «Provo (*provo-o*) pela chanceleta.» C. G., I, 39, 3. V. as nn. a IV 28, 5 e V 87, 7. Cf. III 120, 2.

E. 85, v. 2. G. de A.: *Antes, pois de antes* significa *antigamente* e aqui ha continuidade. Mas *de antes* no *Palm.*, por ex., indica ás vezes anterioridade próxima, como aqui. «Hũ sonho que a noite dâtes sonharã» (I, p. 11).

E. 86, vv. 3 e 4. G. de A.: *Uns... Outros.* Está o sing. pelo plural, seguindo-se este no v. 6. Cf. I 52, 1-2, e IX 72, 5 — 73, 1, em que o pl. é seguido do sing. Mais violento parece o singular de I 30, 3, e com tudo não faltam ex. semelhantes (2).

E. 87, v. 3. M. C.: *com a hastea.* Ed. de 1644: *com a hasta.* Ed. de 1669: *com a haste.* O P. empregou a forma derivada de *hastina*. Cf. a n. a I 56, 7, e 83, 3.

E. 89, v. 1. E: *bateis fogo*; P = Ee. V. 2.º G. de A. e B. R.: *Da furiosa.* Mas cf. II 25, 1-2, e talvez II 13, 8. V. 6. G. de A.: *Que o t.* São orações coordenadas.

E. 91, v. 5. Ed. de 1669: *tudo o.* No no séc. XVI *tudo* e *todo* empregam-se indistintamente como formas neutras e adverbiais. «Ordenando todo o mais». *Palm.*, I, p. 235. «Perdida de tudo esperança de poder» etc. *Id.*, II, p. 82.

E. 92, v. 1. E: *almâdias.* P: *almadias.* Ee, em II 88, 2, *almâdias*, VIII 84, 8, *almâdias* e VIII 93, 5, *almâdias*.

E. 93, v. 8. J. da F. propõe *estribam*, G. de A.: *a estriba.* Não é preciso o plural e o verbo está empregado intransitivamente. Cf. *sustentar*, I 33, 1.

(1) O anotador Casella, chamando a atenção para o facto, acrescenta: «Anche Dante usa farlo, quando gli torna bene l'insistere sopra la stessa idea.» Assim no *Purgatorio*, XX, os vv. 65, 67 e 69 terminam pela palavra *ammenda*. No *Paraiso*, XXX, 94, 96, 98, dá-se o mesmo com *vidi*. E para *Christo* não ha outra rima senão esta mesma palavra (*Paraiso*, XII, 71; XIV, 104; XIX, 32, 85, 104). No C. G. ha também casos em que a mesma palavra rima consigo própria. T. I, p. 386, etc. T. II, p. 225, 333 etc.

(2) «(Os sete irmãos), muyto ciosos hum do outro, etc. *Mem.*, p. 109. (As nove donzelas) folgando e motejando hũa da outra» etc. *Palm.*, II, p. 473.

E. 95, v. 7. *E* e *P*: *atento* (1). A fonte mostra que deve manter-se a lição de *Ee* e mudar-se a vírgula para o fim do v. «V. da G., vendo que o tempo não era para muitas réplicas... com palavras conformes ao caso acceptou o Piloto.» Barros, *Déc.* 1, l. 1, c. 4. V. 8. *Ed.* de 1591: *As vellas*. Não ha motivo para emenda, pois o *P.* quis deixar exemplificado o *á* aberto (preposição ou artigo), tão freqüente nos escritores do sec. xvi. Basta abrir, por ex., o *Mem.*, em qualquer pág. (2). Cf. I 99,7, e VII 9,3.

E. 98, v. 5. *Ed.* de 1609: *atento*. «Sua^a alteza com bom tento | ouuyo quanto lhe falei.» *C. G.*, 192. «Viose todo com bom tento.» *Ibid.*, I, 100.

E. 99, v. 3. *T*: pouco visível o *l* de *Ilha*. V. 7. *P*: *A Moç.* V. a n. a 95,8.

E. 103, v. 3. *G. de A.*: *Co' uma*. Mas o verso forma uma oração principal de participio perfeito. Cf. este período de Castanheda: «E chegada a mercadoria a terra e entregue ao Catual, e assi Diogo Diaz que ficava por feitor e Aluaro de Braga por seu escriuão: e foise Vasco da Gama aos nauios.» (L. 1, c. 22). É uma reminiscência das construções latinas em que o participio do perfeito figura em orações principais, sem o verbo *sum* (3). Cf. a n. x 73,7. V. 6. *T*: *descobria*.

E. 104, v. 5. *T*: *da t*.

E. 105, v. 6. *Ed.* de 1631: *da vida*. Mas cf. x 16, 5, e 127, 7, e a n. a VIII 38,4. «Desesperado de vida, começou» etc. *Palm.*, III, p. 301.

Canto II

(Fl. 19, est. 1-5; f. 20, e. 6-11; f. 21, e. 12-17; f. 22, e. 18-23; f. 23, e. 24-29; f. 24, e. 30-35; f. 25, e. 36-41; f. 26, e. 42-47; f. 27, e. 48-53; f. 28, e. 54-59; f. 29, e. 60-65; f. 30, e. 66-71; f. 31, e. 72-77; f. 32, e. 78-83; f. 33, e. 84-89; f. 34, e. 90-95; f. 35, e. 96-101; f. 36, e. 102-107; f. 37, e. 108-113).

E. 1, v. 4. *E*: *aa gentes*. V. 6. *Ed.* de 1626: *nocturno*. Erradamente. Cf. Plauto, *Amphit.*, A. 1, v. 272, e *O. Furioso*, XLV, 102. *Noct.* era, entre os romanos, o deus da noite. V. 7. *E*: *figidas*. *P* — *Ee*.

E. 2, v. 5. *E* e *P*: *alvoroçado*. Mas *aluoraçar* e *aluoraçado* leu o *P.* no *C. G.*, I, p. 61 e 181. Cf. *L.*, v 74, 9.

E. 3, v. 4. *Ed.* de 1626: *toda a a*. Cf. a n. a I 2, 7, e 35, 5.

E. 5, v. 7. *T*: *Comprirà*. *G. de A.*: *o seu*. Cf. a n. a I 61, 2.

(1) *Tento* envolve, em geral, a ideia de precaução. Cf. *Palm.* (III, p. 413): «Co' esta furia, entrando polos inimigos, sem nenhum tento nem ordem» etc. Cf. *L.* 111 50,2. v 1 75,7. Mas cf. I 98,5, e a n.

(2) «Obrigados à manterdes lealdade» (c. 1.^o). «Verterá seu sangue por ás ganhar». Barros, *Déc.* 1. 1.1. «Esperar aa cortezia que co'elle querera usar». *Palm.*, II, p. 445.

(3) Também o participio imperfeito em orações principais, tão usado no latim medievo, e nos nossos melhores escritores do séc. xvi, ficou exemplificado nos *L.* Cf. II 27,5. Em IX 16 ha os dois participios.

E. 7, v. 8. *P*: *Os christãos*. *B. R.*: *Os que Chr. só*. Com certeza como está em *P*. *E* = *Ee*

E. 8, v. 5. *P*: *e nef*. *E* = *Ee*.

E. 10, v. 5. *M. C.*: *numa*. Ed. de 1626: *em hũa*. De 1749: *em huma*. Mas o *P*. com certeza escreveu o dissílabo *nũa*, tão usado no seu tempo.

E. 13, v. 3. O singular *enganado*, que parece um êrro manifesto, cuja correcção seria imposta pela rima (cf. 11 100, 5 e n.), manteve-se até 1613 (1), sendo *M. C.* quem mudou o particípio para o plural. Mas, a meu ver, sem razão. O *P*. aproveitou o *os*, por que começa o v. 4 para, na pronúncia, o ligar com a palavra precedente: *engañados*, de *enganado os*. No *C. G.*, 1, 221, 21, *muyto* (advérbio) rima com *fruytos*, indo buscar o *s* ao *sam* do v. seg. «Estes nossos males muyto | sam geraes». (As edd. de Stuttgart e de Coimbra acrescentam por sua conta um *s* ao advérbio *muyto*). Cf. *Palm.*, 1, p. 187: «deixandos pacer». V. a n. a vi 39,6, e a 11 41,5-6; 111 10,2-3; 69,2-3; iv 29,7-8; 63,7-8; 98,6-7. V. 8: Ed. de 1644: *Da moça*. Lição muito seguida. Mas *E. D.*: *Na m*. E talvez fôsse isto que o *P*. escrevesse, tendo na mente a *aurora*, no sentido de *ceu matutino*. Cf. i 59,1-4; iv 75,7-8; viii 51,5 e 6.

E. 14, v. 8. *G. de A.*: *dentro do*. «Moveo V. da G. a entrar dentro no porto.» Barros, *Déc.* 1, 4, 4. Locução corrente no séc. xvi. No *T* ponto final muito apagado.

E. 15. *T*: ponto final no fim do v. 8.

E. 16, v. 1. *M. C.*: *Com i*. Cf. *Introd.*, § 6, e a n. a i 83,6 V. 6. *G. de A.*: *á borda*. Mas cf. Castanheda (l. 1, c. 9): «Algũs mouros que estauã na nao... recolhe-rãse a hũa barca que tinhã a bordo.»

E. 17, v. 5. Ed. de 1597: *E com esta*. *F. de C.*: *nesta traição*. *Treyção* leu o *P*. três vezes na fonte deste passo (Cast., l. c. na n. á e. 16). E como palavra trissílaba encontrou-a neste v. do *C. G.*: & outro por *treyção* (t. 111, 220, 19). Cf. *Introd.*, § 6.

E. 18, v. 4. *G. de A.*: *balisada*. É um caso do *a* protético, de que não faltam exemplos nos *L.*: *amostrar*, *alevantar*, *arrecear*, *aqueixar-se*, *alooa*, *atambor*, etc.

E. 19, v. 5. *T*: *deceo*. V. 6. Ed. de 1626: *C. todas*. O v. 2 desta est. explica o masculino. No grego, as molheres, quando falam de si próprias no plural, empregam o masculino. V., por ex., Eurípides, *Medeia*, vv. 314-315 e 385.

E. 20, v. 3. *Cloto*, em vez de *Doto*, não é da responsabilidade do *P*, pois houve algumas edd. da *Eneida* que, em x, 102, adoptavam aquela lição, hoje expungida.

E. 22, v. 4. *T*: dois pontos no fim.

E. 23, v. 4. *T*: dois pontos no fim. V. 8. *G. de A.*: *Da g*. A construção de *Ee* corresponde ao dativo de proveito do latim. Cf. a n. a iv 1,6.

E. 24, v. 7. *E*: *O*. *P* = *Ee*. *Os*, porque o ameaçado não era só o mestre.

E. 26, v. 4. *Fr. de C.*: *e a nado*. O assíndeton hoje parece-nos violento, mas ha outros como ele. Cf. a n. a. i 31,2. A 1.^a parte do v. 4 liga-se com o v. 3.

E. 29, v. 1. Ed. de 1626: *Têdo*. *G. de A.*: *Tendo...* na *estranheza*. *Atentado*

(1) Isto mostra que os primeiros editores sabiam se não tratava de um erro de impressão

(cf. III 125, 3; VIII 28, 1; X 101, 3; 102, 5) está empregado transitivamente (cf. a n. a VIII 76,8), como se fosse *atentando*. Na fonte leu o P.: «se não quádo atentando bem virão» etc. (Cast., l. 1, c. 9).

E. 33, v. 6. G. de A.: *é rec.* Não é preciso fazer do part. uma oração. E se o fosse, dispensava-se o verbo. Cf. a n. a I 103,3.

E. 34, v. 3. Ed. de 1779: *estrellas, o ceo*. V. 4: Ed. Biel: *a nam.* Mas Venus é que *namorava, encantava tudo*. Cf. a est. seg., v. 1. «Aquella senhora mayor de corpo me namora.» *Palm.*, II, p. 478. «E posto que a vista (de Mombaça) enamorasse a todos» etc. Barros, *Déc.* I, 4,5 V. 8. Ed. de 1663: *de fogo*. O P. refere-se á esfera do fogo, uma das quatro que constituíam o mundo sublunar. Cf. VI 11-12.

E. 38, v. 1. *E*: *sembante*. V. 6. G. de A.: *alegre e m.* Se fosse necessária a conj., estava no *e* final de *alegre*. Cf. a n. a III 69,2-3. Creio, porém, que o v. 6 exprime, em quiasmo, as mesmas ideias do v. 5: no mesmo instante se queixa e se ri; no m. i., estando alegre, se torna magoada. Não é um estado intermédio; são dois, que se sucedem no m. i., que, por assim dizer, coexistem.

E. 39, v. 6. Em *Êe* (Ac.): *Sem quanto*. Isto é: no ms. do P. estava *Sem q̃ to*, que o compositor interpretou daquele modo. Conhecido o engano, durante a impressão, fez-se a emenda. Cf. as nn. a III, 71, 7; 73, 2; IV 71,2; IX 74,1; X 83,7; 87,1; 88,6; etc. V. *Introd.* § 1.º

E. 41, v. 6. Para completar o v., deficiente em quanto ao sentido e á métrica, M. C. antepôs-lhe o pron. *Se*. Mas os dois inconvenientes remedeam-se, aproveitando para este fim o *s* final do v. precedente e lendo-o como *Se*. Neste passo do *C. G.*, v, 186; «& quem mays por vos obriga, | menos galardam espera» |, o *s* de *vos* tem de ligar-se também a *obriga* (*vos se o*), formando outra palavra (*se*). É um caso análogo a este. Cf. a n. a II 13,3, e *Introd.*, § 6.

E. 42, v. 3. Ed. Biel: *o qual*. Mas subintende-se *tal*. «Vos tenho buscado marido tal, qual me parece que mereceys.» *Palm.*, II, p. 467.

E. 43, v. 4. Uma das ed. de 1609 (a que foi composta só em itálico): *quem o*. Mas *quem no* era e é corrente. Cf. a n. a IX 77,7.

E. 45, v. 4. E. D.: *do Timavo*. Mas v. a n. a I 32,4. V. 7. Ed. de 1626: *intentando*. Mas *atentando* = *tentando*. Cf. a n. a II 18,4.

E. 47, v. 2. G. de A.: *t. mares*. Mas *medos* (cf. VI 82,1; IX 16,7, etc.) é muito usado no *Palm.*, onde os mais valentes cavaleiros *passam medos, acometem medos* etc. (II, p. 143, 182, 184, 196, 202, etc.) V. a n. a VI 92,6.

E. 50, v. 7. F. e S.: *luç ex.* Isto só porque em Virgílio e Lucano se encontra o mesmo conceito.

E. 53, v. 5. M. C.: *da A.* Como o P. emprega esta palavra com o art. (VI 5, 3; IX 13,6; X 44,3; 125,4), devemos concluir que o *a* está incorporado na *A* da palavra seg. Cf. as nn. a III 15, 7; IX 7,2; 28,5.

E. 54, vv. 1-2. Ed. Biel e G. de A.: *accêso*; *Co'os incendios os v.*, pois não é o mar, são os port. que lutam com os incêndios (cf. X 19). Mas é o mar que ferve aceso com os incêndios dos port., que pelejam, prendem, triunfam. Sobre a significação de *incêndios* cf. a n. a IV 39,5. V. 6. Ed. de 1597: *longinco*. No ms. estaria *longico*? Cf. IV 69,7; VII 30,6. Todavia *longico*, com a variante *longinco*, lê-se nas *Obras do M. de*

Santillana (Madrid, 1852), p. 7 (1). V. 3. B. F.: *o idolatra*. Mas o P. podia ter empregado a forma plena e não a que resulta da haplogia, embora esta seja a usual. V. 5. E: *Aureo*. Vv. 6-7, B. F.: *Até ao...* E *ás*. Mas é clássico o emprego de *até* sem a prep. *a*. (Cf. E. D. II, p. 328). Ha grandes divergências na pontuação desta est. A comparação iniciada em 53,1, termina em 54, 4, por um ponto final, e os part. *pelejando*, *leuando*, *triumphando*, especificam os modos como os port. farão ferver o mar.

E. 55, v. 1. G. de A.: *de feito*, por causa do *De modo*. Mas cf., por ex., *Palm.*, II, p. 363: «De sorte que, de qualquer sorte que vos... aconteça». V. 6. B. F.: *mostrará*. G. de A.: *amostra*. Mas não existe o suposto anacronismo (2). Como se trata de uma profecia, o P. quis imitar o estilo dos profetas bíblicos, que falam dos acontecimentos que predizem, umas vezes como futuros, outras como presentes, e outras como já realizados. Assim, por ex., Isaías, no c. VII refere-se no futuro ao nascimento do Messias: *Uma virgem conceberá*, etc., mas no c. IX considera esse nascimento como um facto já passado: *Porque nos nasceo um pequenino*, etc. Cf. X 140, 5-6, e 141, 5-6.

E. 56, v. 1. E: *de Maria*. P — *Ee*.

E. 57, v. 6. Ed. de 1669: *Dos infernos*. «Quanto dizem do ynfferno». C. G. III, p. 45, 29. Cf. a n. a 1 56,7.

E. 58, v. 8. Ed. de 1644: *e o modo*. Cf. a n. a 1 55,2 e a II 101,6.

E. 63, v. 8. G. de A.: *certo e sabio*. Nos clássicos do séc. XVI *guia* (cf. *espia*, *vi-gia*) é do gén. feminino, ainda que se refira a indivíduos do sexo masc. (3).

E. 63, v. 6. J. L.: *gente, ó fraco*. Sem nenhum motivo. Cf. a n. a III 34,5.

E. 70, v. 8. E: *acharam*. G. de A.: *achará*. Mas o sujeito é *eles* (o G. e os companheiros).

E. 72, v. 3. M. C.: *e outro*. Mas cf. no *Palm.*, III, p. 367: «assi de hũa banda, como da outra». Isto a par de: «de hũa e outra parte» (*ibid.*, p. 374) e de: «a vinda dos hũs e dos outros» (*ibid.*, p. 416).

E. 74, v. 2. E: *De g*. P — *Ee*. V. 6. Ed. de 1591: *no fundo*.

E. 76, v. 8. É possível que o P. tivesse escrito: *E ã* (cf. a n. a II 39,6), escapando o *ã* na composição. Cf. II 102,3; VI 4,5, e *Palm.*, I, p. 402: «Argentao... lhe hia dizendo o nome das povoações e que cressem que» etc. Fica assim o v. melhorado, não só na métrica, mas também no sentido, pois gramaticalmente deve estar subordinado a *Manda* (dizer) (v. 5). V. 2. T: *palauras*.

E. 79, v. 6. G. de A.: *Já de todo*. Cf. a n. a 1 56,7.

E. 80, v. 4. V. de J.: *Pra*. No tempo de C. não se evitava o encontro do *por* com palavra que começasse por *r*. Cf. III 86,1; etc.

E. 81, v. 1. M. C.: *há hi*. O P. secreveu o *a* (= ha) junto ao *hi*, pois assim o encontrava a cada passo. Cf. *Palm.*, I, p. 326: «e nã ahi memoria». No esquema *habet*

(1) Cf.: no *Palm.*, II, p. 41: «nem justou cõ niguem». *Niguem e hyenso* se encontram também no C. G., I, p. 268 e 104.

(2) É evidente que não se pode atribuir ao poeta o esquecimento da ordem cronológica por que se realizaram os dous estrondosos feitos das viagens do Gama e de F. de Magalhães.

(3) «Se eu soubera que elle leuava tã boa guia consigo, como Daliarte» etc. *Palm.*, II, p. 421.

homines (*ha homens*), que data já do séc. iv, temos o verbo impessoal com acusativo. Em *habet ibi homines* (*ha ahi, hái* (popular), *h.*) o *ibi* representa vagamente o sujeito. V. 3. V. de J. acha melhor: *nos vedem os p. não. Mas não... tam somente = não somente.* «Nam tã soamente, ... mas inda». *Palm.*, 111, p. 21. A proposição é genérica. V. : G. de A.: *Quem*. Alteração inadmissível. O *Que* do v. 6 está em correlação com os do v. 5 (— *de modo que*) e *se arrecea* (com interrogação) = *se tem medo*. O *Que* do v. 7 está coordenado ao do 6.º, dependendo também dos do 5.º Segundo E. D., o *Que* do v. 6.º é interrogativo e o do 7.º conj. final (= para que).

E. 83, v. 3. M. C.: *e a s.* O *ou* explica-se pela forma negativa da prop.

E. 85, v. 3. G. de A.: *O animo da. Mas estômago ou estâmago*, na forma popular (cf. *C. G.*, 11 281), é usual no tempo do P. com esta significação. «Não lhe sofrendo o estomago de principe... someterse a vasalo de seu imigo». *Mem.*, p. 17. Cf. 1 39,6.

E. 87, v. 2. *E*: *usuda*. No *T.* o verso 4 termina por dois pontos.

E. 89, v. 3. G. de A.: *Com a.* Cf. a n. a 1 56,7. V. 8. *T*: *buscauão*.

E. 90, v. 1. G. de A.: *ali raios*. Cf. a n. a 1 11,4.

E. 92, v. 1. G. de A.: *o inq. ceo se rev.* Este part. está empregado intransitivamente. Cf. 1 33,1, e a n. a 1 19,2.

E. 94, v. 8. G. de A.: *oiro, de.* A conj. é necessária, para ligar os dois participios.

E. 96, v. 6. *E, P.* 1591 e 1609 = *Ee*; 1597 e 1612: *horrisino*; M. C.: *horrisono*. É hoje a lição corrente. Na forma de *Ee* pode ter havido uma simplificação de *horridissimo*, para a qual contribuiria o *horrisono* que aparece logo na est. 100. Certo é que este, pela sua proximidade, constitue um argumento contra a hipótese apresentada. Cf. a n. a 14, 54, 1. Cf. *idololatra* (11 54, 3) e *idolatria*. V. a n. a x 83, 5.

E. 100, v. 2. *E* e *P*: *resonando*. *T*: vírgula no fim do v. V. 5. *E* = *Ee*. *P*: *bramação*, exigido pela rima.

E. 101, v. 6. M. C.: *o gesto, o m.* Ed. de 1631: *o g. e m.* Mas: *o g. e o m.* Cf. *manha e ardil* (1 81,4); *temor e medo* (*Palm.*, 111, p. 282); *nome e gloria* (*ibid.*, p. 291); e *a virtude e o esforço* (*ibid.*, p. 32), *o tempo e a fortuna* (p. 35). Estas *parelhas* de nomes, sinónimos, ou de significação muito próxima, tão frequentes no *Palm.*, são ligadas, em geral, pela copulativa. E repete-se o art., quando se quer dar ao segundo elemento uma certa independência. São mais raros os tipos: *manha, ardil, e m. ou a.* Cf. para os adj. a n. a 1 4,5. De verbos também não faltam ex. nos *L.* (111 5,5; 1111 94, 6; 1x 68,3; x 18,3; etc). Cf. a n. a 1111 77,8.

E. 102, v. 8. G. de A.: *tivera g.* Mas *tivesse*, por atração de *risse*. «Quiserá que... os outrôs capitães tiveram algum repouso». *Palm.*, 11, p. 302.

E. 103, v. 2. B. F.: *diç dos*. Mas *Lhe diç* deve estar, como está, entre vírgulas, e se *soa* ligá-se a *os g. f.*, construção corrente no tempo do P. «No sentimento de sua morte se fez mais sinalados estrem os». *Palm.*, 111, p. 392. É o esquema de latim medievo: *legitur libros* (= lê-se livros). Cf. *Sabido estas cousas: excepto estes casos*. «Curados os cavaleiros e aos mortos dado sepultura». *Palm.*, 11, p. 223. V. 6. *E*: *que de L. P* = *Ee*.

E. 105, v. 6. G. de A.: *der luz*. Cf. *Palm.*, 11, p. 30: «Vio grande lume de tochas acesas» etc.

E. 106, v. 2. *T*: ponto ou vírgula no fim do v. *E*: vírgula.

E. 107, v. 6. M. C. : os l. Emenda necessária.

E. 108, v. 4. *E* : *auidas*. V. 6. Ed. de 1612 : *Hisperia*. M. C. : *Hesperia*. Licença poetica. «Tiene el poeta... licencia para acortar y sincopar qualquier parte ó dición... Puede assi mismo corromper y estender el vocabulo... Y puede tambien mudarle el acento» etc. J. del Encina. *Arte de poesia castellana*, na *Antologia* de Men. y Pelayo, v. 45. Outra licença é o plural *Algarves* em III 95,1, e VIII 25,3, para não falar de *Anibál* (VII 71, x 153), que era corrente; etc.

Canto III

(Fl. 38, est. 1-5 : f. 39, e. 6-11 : f. 40, e. 12-17 : f. 41, e. 18-23 : f. 42, e. 24-29 : f. 43, e. 30-35 : f. 44, e. 36-41 : f. 45, e. 42-47 : f. 46, e. 48-53 : f. 47, e. 54-59 : f. 48, e. 60-65 : f. 49, e. 66-71 : f. 50, e. 72-77 : f. 51, e. 78-83 : f. 52, e. 84-89 : f. 53, e. 90-95 : f. 54, e. 96-101 : f. 55, e. 102-107 : f. 56, e. 108-113 : f. 57, e. 114-119 : f. 58, e. 120-125 : f. 59, e. 126-131 : f. 60, e. 132-137, f. 61, e. 138-143).

E. 1, v. 8. *E* : *Amar*. *P* = *Ee*.

E. 2, v. 5. G. de A. : *do P*. Cf. a n. a 132,4.

E. 3, v. 6. *P* : *genealogia*. Camões encontrou no *Palm.* as formas *geneçloia* (I, p. 121) e *genealosia* (I, p. 417). 417. Era talvez a 2.^a que estava no ms. G. Vicente emprega a 1.^a, em castelhano, na *Fragoa d'amor*. É também a do *C. G.*, III, 86; etc. V. 7. *P* : *mandas*. *E* = *Ee*. *E* : *cantar*. *P* = *Ee*.

E. 8, v. 2. *E* : *Dos montes*. *P* = *Ee*. V. 4. *E* = *Ee* : *P* : *dos sopros* : ed. de 1591 : *do sopro* : J. L. : *de sopro*. Deve manter-se a lição de *Ee*. Cf. *Palm.*, I, p. 266 : «E tomando as armas... antes que a soltasse das mãos» etc. : II, p. 520 : «nós outros... nã sejamos *jugado* segundo» etc. : III, p. 14 : (vós) *yrer* sentindo» etc. V. as m. a III, 84, 2; VII 86,2; IX 26,6, e X 127, 3.

E. 10, v. 2-3. O *a* final de *Noruega* passa para o v. seg., pois *Escandinavia* não é gramaticalmente um continuado de *Noruega*. Cf. a n. a II 13, 3 (1). V. g. Ed. de 1597 : *Oceano*. Dois *ee* em *Ee*, como no *Mem.*, p. 283.

E 11, v. 4. Os *Marcomanos* não são *Polônios* : são de raça germânica. Foi o que o P. leu na respectiva fonte (Sabélico, *Enneades*, VII 4) : assim como aí leu também : *Massovitae sunt et Poloni* (x 4). Creio que foi *Massovitas* o que o P. escreveu, sendo depois feita a substituição por quem estranhou o nome deste povo. Note-se

(1) Vv. como III 10, 2-3 (mas não como II 13, 3-4) também se encontram no *Auto do Fisco*, de J. Ribeiro. Assim na quint. 21, quando o moço manda sair o escudeiro, Inês pondera-lhe que isso é *mao em mo*, ao que ele replica que deixe sair o *salsa-verde* hum pouquinho, pois vai lá chamá-lo outra vez :

«Deixao hir um pequenino, | salsa verde, que já vou».

O art. que devia preceder *salsa verde* está no o final de *pequenino*. É na quint. 114, na bulha entre Inês e Grimanesa, diz esta :

«Fala daquela maneira | que veio ontem da Beira, | sengida com dous farrapos».

O *a* de *maneira* repete-se antes do *que* do v. seg., isto é, aquela palavra deve ler-se *maneira*.

que para Sab. a Silva Hercynia (a *montanha Hircinia* de C.) atravessa toda a Polónia (*ibid.*), e que no fim do v. 4 devia estar ponto final, ou os dois pontos do v. 5.

E. 15, v. 7. M. C.: *da antiga*. E. D. comenta: diz-se «pobre de potestade», mas deve dizer-se «p. da antiga p.» Foi o que C. disse, pois no *a* de *antiga* está fundido o art. fem.: *de antiga* — *de a ant.* (cf. ix 67, 5). É caso vulgarissimo nos melhores escritores do séc. xvi. «(A donzela) disse Arnalta o que passava» (*Palm.*, i, p. 448). «Nam valendo Albarroco sua valentia (*Id.*, ii, p. 141). Cf. as nn. a iii 22; 7; viii 32,5; ix 7,2 etc. viii 32,5; ix 7,2; 28,5. V. 8. M. C.: *da h.* De *h.*, i, é, de actos de *h.* *Da h.*, i, é, da virtude da *h.* Mas no séc. xvi, mesmo neste caso, se omitia ás vezes o art. Cf. iii 32,5; x 55,7; 58,1; etc., e vii 3,8.

E. 17, v. 2. B. F.: *da E.* Neste caso mais se omitia o art. do que se empregava. Cf. iii 20,2; vii 18,2. O art. em vii 14,6.

E. 18, v. 4. G. de A.: *Com o*. Cf. a n. a i 56,7, e 83,3.

E. 19, v. 3. *E*: *Austrias*. *P* = *Ee*. V. 6. *E*: *Castelhauo*. *P* = *Ee*.

E. 20, v. 2. B. F.: *da E*. Cf. a n. a iii 17,2. V. 3. *E*: *acaha*.

E 22, v. 7. *Veoa* = *Veoa a*. Cf. a n. a iii 15, 7.

E 24 v. 1. Ed. de 1507: *c'hũ*. G. de A.: *com amor*. «Ca de jugar com hũa facha.» C. G., i, 322. «Vou com hum homem nesta hyda.» (*id.*, v, 232) Cf. a n. a i 1,4. V. 6. *E mostrarãa*.

E. 27, v. 3. G. de A.: *a agua t*. Mas o antec. do *Que* do v. 4 é *Jordão*. É um caso do *antecedente remoto*, vulgar nos escritores do séc. xvi. Cf. iii 68, 2-3, e a n. a viii 97, 8.

E. 29, v. 2. G. de A.: «verso erradissimo», por ser necessário fazer uma sílaba só de *não ha*. E propõe: *ha incerteza*. Mas C. podia ter escrito *antiguidad*, sem o *e* final, ou tê-lo escrito para não ser lido (cf. na e. 28, v. 4. *spirito*, que tem de ler-se *sprito*). No *Palm.* não é rara a omissão do *e* no final de certas palavras: *verdad* (i, p. 241), *magestad* (i, p. 304), *juventud* (iii, p. 282), *marmor* (ii, p. 405, 412). E na Egloga v (*A quem darei*), v. 122, diz C.: «E tu, como aspid, cerras-lhe» etc. E nos vv. 50 e 56: «de marmor te pariu»; «de marmor tornar-te.» Podemos, portanto, *a priori* supor que nos *L.* se ha de encontrar exemplificada esta espécie. E é o que talvez aconteça aqui. Mas ha ainda outra explicação. No C. G., por ex., encontrou o P., por mais de uma vez, o *não ha* formando só uma sílaba métrica. «Se vos nam aa de contentar.» T. iii, p. 319, 10. Cf. iv, pag. 96, 4, e 174, 2.

E. 30, v. 7. M. C.: *as cousas*. Mas *causa*, donde vem *cousa*, teve tambem a significação depois reservada a esta palavra. «D. Egas lhe contou... como a causa passara», leu C. na fonte destas est. (Galvão, *Cr. de D. A. H.*, c. 9). Cf. *Mem.*, p. 9; *Palm*, ii, p. 507.

E. 31, v. 8. *E*: *era o m.* *P*. — *Ec.*

E. 34, v. 3. M. C.: *r. e ingente*. Inadmissível. V. 5. *E*: *Em trabalho*. *P* — *Ee*. J. L. considera *o peito humano* como um vocativo (*pref.*, p. xiii), sendo o *Lusitano* do v. 3 o sujeito dos verbos dos vv. 7 e 8. Mas o voc. seria aqui inexplicável e a vírgula depois de *cruel* nada prova, dada a irregularidade da pontuação. Nem ha um lugar paralelo em ii 69,6. Cf. a n. a este passo.

E. 35, v. 4. *T*: *immigo*.

E. 36, v. 7. *T*: Depois de *moni* ha vestigios de dois pontos.

E. 38, v. 2. Uma das ed. de 1603 (a do tipo itálico e redondo): *com elles*. Cf. a n. a I 56,7, e 83,6. V. 4. G. de A.: *á p. que á v.* E' corrente a omissão do art. Cf. a n. a III, 15, 8.

E. 39, vv. 1 e 5: G. de A.: *Eis*. Escusadamente. Cf. a n. a VII 4,1. V. 6. Ed. de 1663: *toda a s.* Cf. a n. a I 2,7.

E. 42, v. 8. M. C.: *força grande tam*. É claro que não foi isto o que o P. escreveu.

E. 44, v. 4. G. de A.: *alc. illustre*. *Alc. a fama* diz mais do que *alc. f.* É a f. que torna illustre. Cf. VI 95,4. V. 8. *P.*: *passarão*.

E. 45, v. 4. G. de A.: *o reanimava*. Cf. a n. a I 56,7.

E. 46, v. 6. G. de A.: *o céu trovão*. Mas cf. II 90,7; III 113,5. «Gritos que che-gauã ao ceo;» «gritos que pareciam romper o ceo», lê-se no *Palm.*, II, p. 16 e 297.

E. 48, v. 5. *E*: *larido*. *P* = *E*. *Alarido*, como *alacrau*. V. 6. Ed. de 1597: *t. arma*. B. F.: *t. á a*. G. de A.: *toca alarma*. No *Mem.*, p. 14: «mandou tocar a Arma». E no *Palm.*, III, p. 296: «tocar al arma». *Ee* segue o *Mem.* É o *ad arma!* dos romanos, o nosso actual *ás armas!*

E. 50, v. 5. G. de A.: *o encontra*; e, *denodado*. Alteração escusada. E' um caso de assindeton. Cf. a n. a I 31,2. V. 7. Ed. de 1863 (Porto): *meio mortos*. Mas em Bar-ros, por ex., leu o P.: «edifícios... meios cobertos de areia.» *Déc.* II, 8,1.

E. 52, v. 6. *E*: *de sangue*. *P* = *Ee*. V. 8. *E* e *P*: *Tornando*.

E. 53, v. 3. *P*: *Mouro*. M. C.: *Mauro* no texto, mais *Mouro* no comentário. É possível que o P. empregasse também *Mauro* como subst., do mesmo modo que faz de *Mouro* um adj. (III 62,5). É que as duas formas vem do latim *Maurus*, que é subst. e adj. V. as nn. a III 90,5, e III 115,5.

E. 55, v. 7. B. F.: *Scalabicaastro*. Na fonte destas est. (D. Galvão, *Cr. de D. A. Henr.*) leu o P. a forma *Cabilicrasto*, donde, por uma regressão parcial ao latim *Scalabicastrum*, a palavra que se lê no texto (1).

E. 56, v. 5. Talvez *Sintrã* (= *Sintrã aonde*). V. a n. a III 10,2-3, e VIII 32,5. Cf. *Palm.*, I, p. 3: «O lugar aonde sua gente ficaua».

E. 57, v. 1. *E*: *Lixboa*. *P* = *Ee*.

E. 60, v. 7. *E* e *P* = *Ee*. Ed. de 1597: *alghūs*; as duas de 1609 = *Ee*: a de 1612; *algūs*.

E. 61, v. 8. V. de J.: *Que... lavã*. G. de A.: *Que lavam murmurando*. Outros conservam o singular, fazendo de *tom* o suj. Mas o P. quis deixar um ex. das constru-ções, tão freqüentes ainda no seu tempo, em que o verbo está no singular, 3.ª pessoa, e o sujeito no plural. «No fim da mesa foi apresentado... panos de sirgo» (F. Lopes, *Cr. de D. J.* 1.ª, 1.ª p., c. 119). «Nem as penas de cada dia a faz provida» (*Mem.*, f. 10 v. j). Cf. I 27,4, e X 75,4. E' um caso análogo ao do *lhe* = *lhes*. Cf. a n. a I 21,2.

E. 62, v. 2. *E*: *Affãmdas*.

E. 63, v. 3. *E*: *argenta*. *P* = *Ee*. V. 4. *E* e *P* = *Ee*. Ed. de 1591: *de longe*.

(1) No exemplar *Ee* (4) da B. N. encontra-se a curiosa emenda *Scalabisco*, impressa em tipo igual ao do texto, em uma tira de papel cuidadosamente sobreposta ao original.

Creio não haver motivo para a emenda. Cf. *longo* = *longinquo* (v 41,6; 59,4; etc.) e Barros: «de longo a largo» (*Déc.* II, 7,5), «de longo a longo» (*Ibid.*, 8,8). Cf. *C. G.*, III, p. 169: «Será forçado | passar bem de longo della». v. 6. *E*: *Mos*.

E. 65, v. 1. *E*: *Polmela*. *P* = *Ee*. V. 5. Ed. de 1612: *a senhor*. M. C.: *o senhor*. Lição hoje muito seguida. Esta est. só se pode compreender bem em presença da respectiva a fonte — a *Cr. de D. Af. Henriques* de Duarte Galvão, c. 43 (ou 39). Por ela ficamos sabendo: 1.º que a vila do v. 5 é Palmela, e não Cezimbra, como a construção gramatical o faz supor (1); 2.º que se trata efectivamente de uma serra — a de Azeitão —, em cuja proximidade foi o recontro (2); 3.º que no v. 5, que forma um parêntesis (3); se devia ler no ms. do P., não *a Villa*, mas *Palmella*, pois a V. seria Cezimbra. Cf. a. n. a 1 6,7. V. 7. *E*: *descnydado*. *P*: *descuidado*.

E. 66, v. 3. As duas palavras — *Inumeros peões* — acham-se interpoladas entre o v. 2 e 2.^a p. do v. 3, visto que são os cavalos (i. é, os cavaleiros) e não os peões que veem guarnecidos *de armas e de ouro*, i. é, de armas douradas.

E não é este o único esquema de intercalação que aparece nos *L*. Designando-o por *a*), temos ainda I 12,1-3 (*b*); III 132,5 (*c*); IV 46,4-8, VI 96,4-5, X 32,5-8 (*d*); IV 41,1-2 (*e*); III 69,3-4; VIII 83,5-7 (*f*); I 57,5-8; V 89,1-2; VI 18,1-6 (*g*). A propósito de (*c*), v. a n. resp. Em (*d*) é preciso mudar a ordem dos vv. Assim, em VI 96 deve ler-se: 1, 2, 3, 5, 4; em IV 46: 1-5, 7, 6, 8; em X 32: 5, 7, 6, 8 (4). A respeito de *g*) cf. a n. a VI 18. Sobre cláusulas intercaladas entre o relativo e o seu antec., v. a n. a VIII 97,7.

E. 67, v. 8. Ed. de 1651: *Não mais*. No ms. lia-se por certo o que está no texto. Era fórmula muito usada ainda no sec. XVI. Cf. X 145,1.

E. 68, v. 8. *E*: *faz fazer*. *P* = *Ee*.

E. 69, v. 2-4. Para se entenderem estes vv., é necessário que o *e* final de *merece* figure como copulativa no princípio do v. 3. Cf. a n. a III 10,2-3.

E. 71, v 4. Ed. de 1663: *indigna*. Mas foi ordenada pela *justa* N. V 7. *Ee* (4) e *Ee* (11): *Beotes*.

(1) Cezimbra já estava em poder dos cristãos e foi daí que D. A. Henr. se dirigiu às imediações de Palmela. Ha portanto uma inversão da ordem cronológica.

(2) A *Crôn.* parece distinguir entre a serra e o *enfesto* por onde subia o rei de Badajoz, quando foi surpreendido. Nos *L.* a *serra* do v. 5.º é a mesma do 7.º: é a *serra* de Palmela. Foi esta que viu o desbarato dos mouros. Cf. III 84; X 33 e 118.

(3) Os dois pontos do v. 4 nada tem com o sentido. Representam a pausa do 4.º v., que; juntamente com a do 6.º, aparece numa grande parte das est. dos *L.*, indicada ora por ponto final, ora por dois pontos. O exército mouro vinha tardiamente socorrer Cez. e foi desbaratado junto de Palm., que ainda estava em poder dos mouros, e que foi porisso quem *sentiu* o desbarato.

(4) Um ex. deste esquema, que o P. leu na *Vingança de Agamenom*, de A. Victória:

«Meu pay, a quem eu amava, | foy o que morreu primeiro; | e meu yrmão, a quem esperava, | deste amor foy herdeiro, | e de vello desejava.» | Ed. da *Acad. das Sc. de Lisboa*, p. 73.

Pertence a outro este passo de *O. Furioso*:

«Ezellino..... | Fará, truncando i sudditi. tal danno, | E distrugendo il bel paese ausonio, | Che pietosi» etc. | III 34,1-4. | Cf. outro caso em XI 69,1-4.

Nesta quadra do *C. G.*, v. 180, o verbo está no meio dos sujeitos: «Jacobyntas, abassynnos, | catayos, ultramarinos, | *buscam* godos & latinos | esta porta principal.»

E. 72, v. 5. *E*: os molles Sofenes. O P. decerto escreveu *Sofenos*, do latim *Sopheni*. Ed. de 1597: *atroces*, sem a vírgula. V. 6: M. C.: *Cilícios*.

E. 73, v. 2. *Ee* (ii): *Scitco*. G. de A.: *scythio*. A emenda feita durante a impressão mostra que no ms. estava *Scitico* e não *Scythio*. V. 7. G. de A.: *Assim quiç*. Ditongo sintático. Cf. *C. G.*, IV, 30: «Se queyxa de ti agravada.» M. C.: *alto e cel*. Talvez no ms. estivesse a conj. Cf. a n. a 14, 5.

E. 76, v. 7. G. de A.: *Assim tratado*. Mas cf. o v. 3 desta est. E na fonte (D. Galvão) leu o P. o subst. *estrago* («vendo o dano e estrago»), donde tirou o particípio.

E. 77, v. 4. Ed. de Hitzig (Berlim, 1810), J. da F., E. D.: *do Tinge*. Por ser nome de cidade, observa E. D. Mas o P. leu em Sabélico que a cidade foi fundada pela filha de Anteu, depois da morte deste (*En.* IX, l. 6). Portanto, o assento de Anteu era o monte próximo do sítio onde depois foi fundada a cidade. O monte Tinge, ao lado do Atlas (v. 1-2), do prom. de Ampelusa e do Abila. V. 7. Ed. de 1597: *rouca*. Mas a palavra era corrente. «Soluços roncós», «voz ronca e temerosa», leu o P. no *Palm.* II, p. 429.

E. 80, v. 8. M. C.: *com a*. No *C. G.* é corrente o hiato neste caso. Cf. também a a n. 183, 6.

E. 81, v. 2. *P*: *juntados*. Cf. a n. a 156, 7.

E. 84, v. 2. *E* e *P*: *dos rios*. Deve conservar-se a lição de *Ee*. Cf. *Palm.*, t. I, p. 264: «Nã esta em rezã que quẽ pera cõ seus imigos tẽ... obras virtuosas se lhe paguem com ingratidões, se nam quando os que *a* recebẽ tem as condições desuiadas da virtude». E na *Eufr.*, p. 100: «Do ruge ruge se fazem os cascaveis». *Do* = *Dos*. «E arrêdas de borba (deu) a johã» etc. *Crôn. do Condestabre*, f. 59. V. a n. a III 8, 4; IX 127, 3. Cf. a n. a VIII 92, 2.

E. 85, v. 3. G. de A., com F. de C.: *O que*. Sem motivo. A oração do 3.º v. é copulativa, como o mostra o contexto. O sujeito de *experimentára* (assim está acentuado no *T*.) é o mesmo de *ficâra*.

E. 87, v. 8. *P*: *Guido*.

E. 88, v. 6. *E*: *Lixboa*. Cf. III 57, 1.

E. 89, v. 2. *T*: vestígios de dois pontos, depois de *vay*. V. 7. J. da F.: *sas viç*. Cf., por ex., III 30, 3, a par de I 33, 4.

E. 90, v. 5. Ed. de 1591: *Mouros*. Cf. a n. a III 53, 3.

E. 92, v. 4. *T*: dois pontos no fim. V. 7. *E*: *Heliogabalo*.

E. 93, v. 8. *E*: *tudo*. *P* = *Ee*.

E. 94, v. 5. Ed. de 1631: *o Terceiro se*. O epíteto hoje reservado para D. Afonso 4.º é posterior aos *L*. Cf. *Genealogia* etc. de D. Nunes de Leão.

E. 96, 4. *E*: *liberdade*. *P* = *Ee*.

E. 97, v. 4. E. D.: *do Mondego*. Mas v. a n. a I 32, 4. V. 7. G. de A.: *Aqui c*. Cf. a n. a III 73, 7.

E. 99, v. 2. G. de A.: *Com p*. Alteração desnecessária.

E. 100, v. 2. *P*: *os*. Mas o *o* e *os* acentuados são muito frequentes, por ex., nas *Déc.* de Barros (1.ª ed.). Basta ler a epígrafe do l. 1.º, *D.* 1.ª (1). Cf. IX 63, 8, e a n. a

(1) O sinal gráfico usado por J. de B. é o mesmo dos *L*., mas as avessas, i. é. com o vértice sobre a letra.

199, 7. Cf. D. Rosalía de Castro nas *Follas novas*, p. 234: «Beben os bois n'ò teu río | y ò sol alegre a escampada». E nos *Cantares gallegos*, p. 12: «dan idea d'ò deserto» etc. V. 5 *Goshica gente* é um erro histórico. Sabélico emprega o activo *Hunnicus* e chama aos Hunos *gens scythica* (En. I, l. 3; IX, l. 1). Teria C. escrito *Hunnica gente*?

E. 102, v. 6. *T*: *eburneos*.

E. 104, v. 7. G. de A.: *V. triste*. O polissíndeton dá mais energia a expressão.

E. 107, v. 7. *Ee* (4) *Ee* (11): *Vai as. E: Vay ás. P = E*. Se o P. escreveu *as*, quis deixar registadas as expressões do tipo *as vezes* (= *ás vezes*). «E as vezes lhe dava alguns (golpes)». *Palm.*, I, p. 167. «Elle e a emperatriz se poserá as janelas». *Id.*, II, p. 49. Cf. IV 20, 4; VI 18, 8; 88, 2. V. a n. a I, 99, 7 (2).

E. 110, v. 4. *E*: *ante o exercito. P = E*. V. 6. B. F.: *Estão*. O sujeito é o ex. Ag. G. F.: *saraceno*. Mas o nome de Sara aparece também escrito *Sarra*. Cf. III 140, 8; Petrarca, *T. d'amore*, c. III; *Eufr.*, p. 156.

E. 111, v. 5. *E*: *e arrogante. P = E*. M. C.: *soberbas. arr. T*: ponto final no v. 8.

E. 113, v. 4. *P*: *e outros*. Cf. a n. a II 72, 3. V. 5. *E*: *ao Ceo. P = Ee*. V. 7. Ed. de 1869: *meio mortos*. É um caso de atracção do plural. Cf. *meia morta*. «Edifícios... meios cobertos de areia». Barros, *Déc.* II, 8, 1.

E. 114, v. 7. G. de A.: *o bravo*. Emenda desnecessária.

E. 115, v. 2. *E*: *incliado. P = Ee*. V. 5. M. C.: *Mouro*. Cf. a n. a III 53, 3. *E*: *horrêdo*. Não é rara a grafia de *Ee*. *Aranhar, orivees*, etc., se lê no *C. G.*

E. 116, v. 1. G. de A.: *Não mata*. Mas cf. este v. do *C. G.*, I, 127: «Mandou a mym seu secretario.» V. 4. G. de A.: *Faz beber*, por causa da emenda do v. 1.

E. 117, v. 2. B. F.: *do C*. Cf. a n. a I 32, 4. V. 8. *E*: *de Jesu. P = Ee*.

E. 118, v. 5. *P*: *de mem*. Sem motivo. Trata-se da fama, *Che trae l'uom del sepolcro, e 'n vita il serba* (Petrarca, *Tr. della Fama*, cap. I). V. 6. G. de A. supõe que o P. escreveria *mortos* ou *corpos*. As palavras de Pet. mostram que o P. escreveu o que está em *Ee*.

E. 119, v. 1. O contexto pede: *duro*. V. 2. *T*: *humanos*.

E. 120, v. 2. Talvez *colhendo* = *colhendo o*. «Coged de vuestra alegre primavera | el dulce fruto.» Garcilasso, son. xxiii. Cf. I 84, 3. Ed. de 1651: *o doce*. Vv. 2 e 6. F. de C.: *fruito... enxuito*. C. tinha ao seu dispor estas formas, como também podia recorrer ao *muto*, que encontrava no *Palm.*, I, p. 5. Mas creio que propositadamente escreveu o que está no texto, como um ex. de rima incompleta. Cf. IV 32, 7-8; VII 77, 4; IX 92, 4; X 88, 6; 128, 6. No *C. G.*, II, p. 25 e 161, encontrou ele também *muyto* a rimar com *luto*. E' precisamente o mesmo caso. Outros exemplos de rima incompleta, perto destes: *remediarme* e *acabaime* (p. 5); *descuberto* e *onesto* (p. 6); *serve* e *leve* (p. 25); *hũa* e *mula* (p. 92). V. 5. Ed. Biel: *No saudoso campo*, por causa do *enxuito* do v. 6. Mas cf. v 22, 4. O plural também se encontra na *Castro de Ferreira* (coro final do 3.º acto) e no *C. G.* (*Trovas á morte de D. I. de C.*), t. v, p. 359.

(2) As formas do tipo *a vezes*, *as vezes* e *as vezes* são muito frequentes no *Palm.* Cf. I, p. 114; II, p. 36, 432; III, p. 37, 109, 118, 370. A 3.ª deriva, suponho, da 2.ª. Quando se pronunciavam os dois *aa* (prep. e art.), podia acontecer que o 1.º se suprimisse. «Se deu noua a as outras princesas». *Palm.*, III, p. 440.

E. 123, v. 7. G. de A.: *Do rancor*. Mas cf. III 103,7.

E. 124, v. 1. *E*: *Traçiam aos*; M. C.: *Traçiam na*. Deve conservar-se a lição de *Ee*. Cf., por ex., IX 45, 1. «Poserã os em tã fraco estado» etc. *Palm.*, I, p. 370. Cf. II, p. 41, 375, 485; III, p. 285, etc.

E. 29, v. 5. G. de A.: *e a v.* Cf. a n. a I 55,2. V. 6. G. de A.: *Daquelle*. Mas cf. *Palm.*, II, p. 356: «Vendi o sangue de meus hirmãos, pondo a vontade no matador delles». E o *Mem.*, p. 52: «Pondo... a memoria e desejos em Arindelia, cantava» etc. V. 7. *E* e *P*: *riliquias*.

E. 130, v. 8. *E* e *P*: *mostrais*.

E. 132, v. 3-6. Em uma construção normal, a cláusula *As espadas banhando* do v. 5, intercalada em uma oração relativa, devia estar antes ou depois desta oração, i. é, ou antes do v. 2, ou no fim do 6.º (1). Cf. a n. a III 66. As *brancas flores* do v. 5 são as faces pálidas da desventurada. Cf. III 134, 6-8; IV 42, 4; IX 36, 3-4; 61, 7-8. Como as *obras* do v. 3 já abrangem as *brancas flores*, suponho que o P. teria escrito naquele v.: os *olhos*, sendo a substituição feita por quem não entendeu o que ele quis dizer. Em quanto ao conceito que assim exprimiria o v. 3, cf. II 34, 5-8, e, entre outros, o soneto *Num bosque* (2).

E. 133, v. 7. *E*: *que ouvistes*. *P* = *Ee*.

E. 135, v. 8. M. C.: *são aguas*. Ed. de 1631: *são agoa*. Alterações descabidas.

E. 136, v. 5. G. de A.: *De outro*. Mas sabe-se bem quem é o *outro*.

E. 140, v. 6. G. de A.: *a tribu*. Deve conservar-se a palavra o gen. usado no tempo do P. V. 8. Ed. de 1702 e G. F.: *Sara*. Cf. a n. a III 110,6.

E. 141, v. 8. Ed. de 1597: *a moça*. De ser o art. indef. Ha só uma vaga notícia do facto. Cf. a n. a I 12,7.

E. 142, v. 2. Ed. Biel: *o amor*. *Amor* sem art., como *Fortuna*, etc. «Isto prestou pouco, que amor é palreiro». *Palm.*, I, p. 117, v. 4. *E*: *labastro*. Suposta analogia com *larido* (cf. a n. a III 48,5). *P* = *Ee*.

Canto IV

(Fl. 62, e. 1-5; f. 63, e. 6-11; f. 64, e. 12-17; f. 65, e. 18-23; f. 66, e. 24-29; f. 67, e. 30-35; f. 68, e. 36-41; f. 69, e. 42-47; f. 70, e. 48-53; f. 71, e. 54-59; f. 72, e. 60-65; f. 73, e. 66-71; f. 74, e. 72-77; f. 75, e. 78-83; f. 76, e. 84-89; f. 77, e. 90-95; f. 78, e. 96-101; f. 79, e. 102-104).

E. 1, v. 6. Ed. de 1644: *do p.* E' o dativo com os verbos de *remover*, já usado nos poemas homéricos, em concorrência com o genitivo. Cf. a n. a II 23,8.

(1) O passo do Ariosto, cit. a propósito de III 66, também ficaria corrente, transpondo as palavras *tal danno* para o princípio do v. em que se encontram, ou para o fim do que se lhes segue.

(2) As setas traz nos olhos com que tira. | Ó pastores, fugi, que a todos mata.

E. 4, v. 7. B. F.: *Com que. Mas Com quem = C. o qual.*

E. 5, v. 7. J. da F.: *aras dão resp.* O V. de J. lembra: *Por quem a o., n. a. tem* r. Nos vv. 5-6 ha uma oração de part. perf. Cf. a n. a 1 103,3. No v. 7 subintende-se *valem* (do *valerem* do v. 6). O v. 8 forma uma oração nominal, para que se pôde subintender um verbo apropriado ao sentido.

E. 8, v. 2. G. de A. propõe: *(Se o foi).* Mas: *se foi, i. é: se existiu.*

E. 11, v. 5. G. de A.: *e a das.* A omissão do pron. é frequente no *Palm.*, «Julgaua (a batalha) por cima de todas, se não se foy do caualleiro triste com Palmeirim». Cf. a n. a 1 55,2. Cf. a n. a vi 81,2. V. 7. F. e S. diz que no ms. n.º 1 se lia *moradores*, em vez de *matadores*. A lição foi adoptada na ed. de 1644 e tem hoje muitos partidários: B. R., E. D., etc. Com razão. Em mais de um livro podia o P. encontrar caracterizadas as diferentes regiões da Espanha, quer sob o aspecto fisico, produções, etc., quer emquanto aos moradores e suas qualidades. Assim, a respeito da Biscáia e de Guipúscoa, podia êle lêr na *Suma de geographia* de Fernandez de Enciso (Sevilha, 1530, fl. 26 v.): «Las gêtes destas provincias son colericas y prestes; apasionados, bellicosos... Enestas provincias hay muchas venas de hierro y acero & muy buenas que lo lleuan a otras partes... Labrá en ellas muchas armas & arneses de todas suertes & muy buenas». *Coléricos* chama Enciso aos moradores de Biscáia e de Guipúscoa. A estes últimos e aos das Astúrias qualifica-os P. de *soberbos*.

E. 12, v. 2. B. F.: *Hebreio.* G. de A.: *o da g.* Cf. este v. do *C. G.*, v. 178: «Mem-brot, Pompeo guereyro», em que *Pompeo* tem 3 sílabas. A ed. de Coimbra antepõe a *Pomp.* um *&*, que não está no texto da 1.ª ed. Inadmissível o *o* de G. de A. *Gued.* contrapõe-se a *peito* e ambas as palavras dependem de *crece*.

E. 16, v. 4. B. F.: *Vencêrão.* Na sua enérgica fala, Nunálvares, para incutir ânimo *áquelas duvidosas gentes*, identifica-os com os seus vitoriosos antepassados. *Vencestes* é um caso de atracção, produzida pelo *vós* do v. 1., semelhante a muitos outros. «Sam huñ dos que deçendy | nos abismos ynfernaes.» *C. G.*, 111, 49. «Cada hñ, dos que acudia, tinha bem que fazer». *Palm.*, 111, p. 426.

E. 17, v. 7. *E*: *Reino n. P = Ee.*

E. 18, v. 7. *Atai as mãos a vosso receio* parece que quer dizer: dominai-o, não vos deixeis vencer por êle. Mas o contexto mostra que Nunálvares quer exprimir precisamente a ideia contraria: *soltai* as mãos a vosso receio, deixai-o operar á vontade. Ora na *Vingança de Agamenom* (quint. 212) leu o Poeta estas considerações de Orestes, que via chegada a hora da vingança: «E pois tu soes, piedade, (1) | atar as mãos á vingança, | soltarmas á crueldade.» Inspirando-se neste passo, não teria o P. escrito *soltai* etc? Neste caso a palavra teria sido substituida por quem não comprehendeu o pensamento que êle quis exprimir. Ou quereria C. dizer: *Atai as vossas mãos ao vosso receio*; prendei-vos a êle, por forma que nada façais? (2).

E. 20, v. 2. M. C.: *Canusio.* V. 4. Ed. de 1663: *Aa Fortuna.* Lição hoje seguida

(1) É assim que leio este verso. O texto diz: E tu pois so es piedade.

(2) Em qualquer dos casos, parece manifesta a influência da leitura da tragédia, que se revela ainda em outras particularidades.

geralmente. Mas no ms. dos *L.* por certo se lia *A fort.*, aliás a letra *a* estaria duplicada, como em i 95,8; i 99,7; iv 47,7; etc. É que o P. quis deixar aqui um ex. das expressões do tipo *as vezes* no singular. Cf. a n. iii 107,7. No *Palm.* a cada passo encontrava êle frases como esta: «O escudo que tomastes a donzela devies tornalho». (i, p. 84. Cf. *Ibid.*, p. 162, 167, 327, 491; etc.). F. de C.: *das gentes Af.*

E. 22, v. 3. G. de A. lembra: *Estes... limpam. Em hūs... hūs*, em vez de *hūs... outros*, ha o latinismo *alii... alii*, também usado por A. Ferreira. «Huns s'ouvem, huns nos troncos ficam escritos». *Eleg.* 3.^a

E. 14, v. 3. *E: o forte Huno. P. = Ee.*

E. 25, v. 5. *P: Logo na. E = Ee.*

E. 26, G. de A.: v. 2: *álgido m.* V. 3: *irmãs, filhas.* V. 7: *as r.* V. 8: *todos.* No v. 2 ha um oximoron. É o extremo oposto das *agoas humidas* de viii 48,3. Num caso, a qualidade é tão fundamental, que parece ridículo mencioná-la. No outro, não se coaduna com a natureza do ser a que se attribue. Apesar disso, ou antes, por isso, são as duas construções permitidas em poesia, mas o seu uso deve ser extremamente parco. *A priori* podemos supor que se hão de encontrar as duas espécies nos *L.* Aqui, a contradição que parece existir entre o subst. e o epíteto explica-se pelo facto de, a par do receio de um desbarato, existir também a esperança da vitória. «Quem te faz juntamente leda e triste?» pergunta a ama a D. Inês na *Castro* de Ferreira. Cf. ix 16,8. E. D. aceita a correcção do v. 7. Mas no *Palm.* iii, p. 9, leu o P.: «As gales do turco... em pouco tempo foram em Turquia, onde o grã Turco os esperaua». Cf. a n. a v 24,1, e vii 17. V. 3. *E: mãis.*

E. 28, v. 5. Em *Ouvio* deve o pron. *o* estar incorporado com a vogal final do verbo. Cf. as nn. a i 84, 3, e v 87,7.

E. 29, v. 5. O texto da 1.^a parte deste v. deve estar viciado, porque o motivo aduzido na causal *que o furor* etc, não só não condiz com o que acaba de ser asseverado, mas até pressupõe o contrário. Para remediar esta incoerência, B. F. mudou no v. 4 *maior* para *menor*. Mas a isto se opõem terminantemente os vv. 1-3. A ed. de 1651 suprime o pron. *o* depois de *parece* e faz do *que* uma conj. integrante. E. D. julga que assim se resolve a dificuldade. Mas o que se diz na oração do *que* não é uma simples conjectura; é um facto positivo. O que suponho é que houve um ligeiro transtorno na composição e que no ms. do P. se leria: *E se não o parece, he que o furor* etc. Isto é: se não parece que o temor é maior que o perigo, é porque etc. Ou antes: *E se não se parece, he que.* I. é: se não se mostra, etc. Cf. iii 141,3, e vii 69,8. V. 7. G. de A.: *sentir a perda.* V. 8. Ed. de 1644 e G. F.: *a vida.* Modificações desnecessárias e que antes prejudicam o texto. O que temos aqui é um caso análogo ao de iii 69,2; i. é, o *a* final de *rara* figura também no começo do v. 8, devendo porisso esta palavra ler-se *rarà*. O pronome *a* por que devia começar o v. 8 fundiu-se no *a* final da *rara*. Cf. a n. a viii 32,5.

E. 30, v. 3. G. de A.: *levam.* Mas *leva = impele.* V. 7. G. de A.: *Derriba; en-* contra. O polissíndeton é propositado. V. 8. Ed. de 1669: *que tanto a.* Mudança inutil.

E. 32, v. 8. Apesar de F. e S. attribuir ao 2.^o ms. a indispensável correcção e *Magno*, esta só aparece na ed. de 1772. Deve ler-se *Manho*, aqui e em ix 92,4, apesar da significação depreciativa, deprimente, do adj. *manho*, ou temos um caso de rima

incompleta? Cf. as m. a. iii 120,4, e vii 77,4. *Manhos* (páuetas, segundo Moraes) rima no C. G., i, 30, com *estranhos*. Cf. *ibid.*, iii, 66, *o mauno Alexandre*.

E. 37, v. 1. G. de A.: *raivosa, fremete*. Cf. a n. a iv 30,7.

E. 38, v. 2. M. C.: *lanças, settas*. G. de A.: *lanças, as*. Cf. a n. iv 30,3, e i 55,2. V. 6. *E: sopeando*. *P = Ee*. O P. escreveu o que se lê em *Ee*. J. L. = *E*. V. 7. G. de A.: *a atira*. Tirar = *atirar* (cf. ix 34,2) está aqui empregado intransitivamente, salvo se quisermos ler *forçà* (cf. viii 32,5).

E. 39, v. 6. F. e S. diz ter lido no 2.º ms: *o sangue ardente*, mas já a ed. de 1597 tinha feito a substituição, que é adoptada por bastantes editores modernos (B. F.; E. D., etc.). Alteração desnecessária, pois o *fogo* é aqui o *ardor guerreiro*. Pelo emprego da palavra no v. 2 está o leitor preparado para esta significação no v. 6. É a mesma concepção que leva o P. a servir-se da palavra *incêndios* em ii 54,2, e a dizer em viii 17, 2-4, que D. Fuas *acendeo o fogo nas galés da maura gente* (1).

E. 41, v. 8. *P: aos pés*. É hoje a lição corrente, mas o P. escreveu por certo *os* (= *aos*), pois encontrava esta contracção nos melhores escritores do seu tempo, «Vergonha faz mal os mal afortunados, como a ousadia os bem afortunados» (*Eufr.*, 31). «O diabo que os eu dou a todos» (*Ibid.*, 150). V. também o C. G., *passim*. Cf. a n. a vi 33,5.

E. 43, G. de A.: V. 6. *Das mortes*. Mas: *da m.* de tanta gente. Influência do sug. *fazenda*. Cf. a n. a v 69,7. V. 7: *e o triste*. Cf. a n. a i 55,2. V. 8. *De outrem ver*.

E. 48, v. 6. *Afrinano* em *Ee* 2, 3, 11 e *Ac.*; *Africano* em *Ee* 4.

E. 51, v. 3. G. de A.: *o fado iroso*. No *Palm.* o tempo encontra-se muitas vezes como sinónimo de *fortuna*. «Os empedimentos que o tempo nestes tempos oferece» (11, p. 342). E no *Mem.*, p. 142: «tendo (suas esperanças) em Deos e no tempo». V. 8. *P: lei?* E assim deve ser, me parece.

E. 53, v. 7. Propõe F. de C.: *ouvidos*. Parece-me aceitável. V. 8. *E: Nem os*.

E. 54, v. 1. *Unico herdeiro* é um erro histórico, em flagrante contradição com a fonte do P. — a *Crón. de D. Af. V.* de Rui de Pina. Esta enumera (cap. 1.º) os filhos e filhas que deixou D. Duarte e chama a D. Af. *primogenito herdeiro*. Daqui aproveitou C. a palavra *primo*, que já no *Palm.* encontrava a acompanhar o mesmo subst. «Todos tres sam primos herdeiros de nobres estados». (11, p. 525). Depois o termo, com tanta propriedade e exactidão usado pelo P., foi desastrosamente substituído (2).

E. 57, v. 7. M. C.: *Cadix*. Desnecessariamente. A forma *Caliz* (que era corrente no castelhano, com *i* ou com *e*) encontra-se, por ex., em Barros, *Déc.* 111, 9,7.

E. 62, v. 4. M. C.: *com a morte*. É a lição hoje corrente, mas o P. com certeza escreveu *com m.*, pois quis deixar exemplificado, aqui e em v 2,3, o caso vulgarissimo

(1) A fonte deste lugar diz que D. Fuas tomou os navios dos mouros no porto de Ceuta e os trouxe para Lisboa (D. Galvão, *Cr. de D. Af. Henr.*).

(2) Na est. 69, 2. reaparece a palavra *primo*, o que confirma a minha conjectura, pois, por uma causa psíquica bem conhecida, uma palavra de uso raro, empregada uma vez, tende a ser repetida. E quando não ha o devido cuidado, isto acontece, como todos sabem, mesmo com os vocábulos de uso comum. Cf. a n. a 11 96,6.

da fusão do *a*, *o* ou *ao* com a nasal por que termina a palavra anterior. «Com demonyo | que nam cansa de tentar». *C. G.*, I, 275, 17-18. «Com menos perjuizo de partes que podia». *Mem.*, p. 85. «Foi curado com amor que se lhe devia». *Ibid.*, p. 135. «Em dois (= Em os d.) dias seguintes, venceo seis cavaleyros» (p. 194). «Tinha por condição, se compria cõ desejo, desejar logo outra». *Palm.*, II, p. 269. «De mestura cõ embaixador foram» etc. (*Palm.*, III, p. 7). «Como (amor) fez ao forçoso Sansam, divino musico David, ao sabedor Salomão» (*Eufr.*, 127). Naturalmente a vogal ou vogais elididas na escrita faziam se sentir mais ou menos na pronúncia (1):

E. 63, v. 7-8. O *a* final de *descuberta* serve de artigo a *Feliç*, que se contrapõe às outras duas partes da Arabia. Cf. a n. a IV 29, 7-8.

E. 66, v. 1: *E* e *P*: *Parece*. No *Mem.* são ainda frequentes os verbos em *escer*: *parecer* (p. 240), *agradecer* (p. 27), *merescer* (p. 29); etc. Cf. IV 79, 3.

E. 67, v. 6-8. F. B. (1669): *á luz*. I. é: na parte da noute que foge deante da luz da manhã; pouco antes de amanhecer. Cf. E. D. Mas. a meu ver, nos vv. 6-8 ha apenas uma perifrased para designar a noite (= de noite). Cf. VI 38, 5-6. E esta é caracterizada: a) pela ausência da *luz clara (do sol)*, do *claro Hiperião* (I 59,4) (2); b) pelo brilho e movimento das estrelas, sendo este indicado pelas duas fases da subida para o meridiano e da descida para o ocaso (3). Em vez, porém, de dizer — no tempo em que as estrelas saem (4) e caem, convidando na sua queda ao repouso (5), o P. coloca os dois conceitos em orações subordinadas, de natureza diferente (*que e quando*), resultando daqui, supponho que intencionalmente, uma *crux interpretum*, comparavel a outras com que êle tinha de se defrontar na leitura dos seus poetas favoritos (6). Com efeito, segundo nos fixarmos nesta ou naquela parte do passo, assim o sonho parecerá ter sido á noite ou proximo da manhã; assim poderá tambem parecer que se distinguem aqui tres partes da noite (anoitecer, antes da meia noite, depois desta), para a designar na sua totalidade (cf. ed. Biel). É que o pensamento do P. apresenta-se, por assim dizer, com o aspecto de incoercível e só pode ser apreendido considerando os vv. 6-8 no seu conjunto e não separadamente, em qualquer das suas partes. O que êle quer é apenas indicar a noite, pelas suas qualidades negativas e positivas. A parte da noite em que D. Man. teve o sonho não é aqui especificada,

(1) Isto explica-me parece a dureza das sílabas métricas do tipo *ão a*, *ã a*, *ão o* (Cf. I 1,4: 60,8: VII 38,4). O segundo elemento mal se faria sentir na pronúncia, pois se pode omitir na escrita, quando não ha perigo da confusão.

(2) O verbo *fugir* está aqui usado com a significação durativa, i. é. = *anda fugida*.

(3) O P. considera só as estrelas que surgem no horizonte, quando o sol se esconde no ocaso.

(4) *Sair*=*subir* é um italianismo. «Già ogni stella cade, che salina. Quando mi mossi». Dante. *Inferno*. VII 98-99. Cf. *Furioso*. II 49, 7-8; 52, 7-8). Dele tambem usou Vieira. *Sermões*. I, p. 8 (1854). E. D.: «que saem — que vão desaparecendo da vista».

(5) Reminiscência da *Eneida*. II 8-9: *Iam nox umida caelo Praecipitat suadentque cadentia sidera somnos*.

(6) V. outro caso em IX 82, 1-4. Aqui, o *tanto* do 1.º v. tem por correlativo um subentendido *como ate então fugira*; e em seguida ao *Como* do v. 3 deve repetir-se mentalmente o *ja não fugia tanto* do 1.º v.

mas infere-se do resto da narrativa: de noite, estando já deitado, depois de muito haver cogitado no leito, o rei adormeceu, veio-lhe o sonho, acordou e nisto rompeu o dia (est. 68-75). A que horas se deitou D. Man.? Quanto tempo duraram as cogitações que continuamente o preocupavam? Não o diz o poeta (1). Do que apenas nos informa é que o sonho foi ante-manhã. E com esta informação nada tem os vv. 6-8 da e. 67. Estes abrem a narrativa, exprimindo uma circunstância genérica: de noite.

E. 68, v. 8. *P*: em. Mas en viu o *P*. muitas vezes no *Palm*. (a começar no 1.º período), no *C. G.* e em outras obras.

E. 71, v. 2. *Ee* 3, 11, *Ac.*: Por ele. *Ee* 2, 4: *Parelle*. I. é: fez-se a emenda durante a tiragem de *Ee*. Que estaria no ms. do *P*.? De certo: *Parelle*. Cf. III 115,2-3, e I 12,4. V. 8. O *mas* não pode ser aqui adversativo. Está por *mais*, de que abundam os exemplos. «Pessoa de *mas* credito na corte do que de gigante se esperaua.» *Palm.*, I, p. 364. E a força comparativa do *mais* (por ex., mais do que o usual), perdeu-se ou atenuou-se, a ponto de não ser preciso exprimir o 2.º termo de comparação. I. é: *mais* = muito. Cf. II 5, 8; VI 24, 8; VII 68, 6; 72, 4; os sonetos *Não passes, caminhan-te*, v. 8, e *A violeta mais bela*, v. 9. Cf. nos *L.*, IV 50, 1, *tantos* = muitos.

E. 72, v. 7. *G. de A.*: a *Syr*. E' usual no séc. XVI o emprego da prep. *em* neste caso. Cf. III 7, 3-4; VI 17, 1-2. V. 8. Ed. de 1669: *Vai a b.*; ed. de 1702: *Corre a*. *M. C.*: os *braços*. Nada disto é preciso.

E. 74, v. 3. *E. D.*: *Indo, Rei*, sendo *Rei* um continuado. Mas deve ser, ou um vocativo, sem *ó*, como em VIII 74, 1, ou um voc., cujo *ó* está encorporado no *o* de *Indo*, para se ler: *Indô Rei*. Cf. a n. a I 84,3. Com efeito, o *Rei* de que neste v. se fala não pode deixar de ser o do 2.º v. da est. precedente, isto é, D. Manuel. O Ganges, *que era o mais grave na pessoa*, e que se refere a si próprio pela forma que se lê em 74,1-2, não reservaria para o *Indo* o qualificativo de *Rei*, nem usaria deste na apresentação a D. Manuel.

E. 75, v. 8. Ed. de 1651: *Da p*. Cf. *côr de rosa*.

E. 79, *G. de A.*: V. 4: *E que*. O *que* = O *qual*, aparece a cada passo no séc. XVI (2). V. 6: *fogo e a n*.

E. 80, v. 8. *J. da F.*: e a c. Cf. a n. a I 55,2.

E. 81, v. 5. *M. C.*: *Acompanhar-me*. Podia ser, lendo o *A* aberto; mas não é preciso.

E. 82, v. 6. *P*: valor. *E* = *Ee*.

E. 83, v. 5. *P*: os *M*. *E* = *Ee*. V. 7. *P*: *Fatidica*.

E. 87, v. 2. *E* e *P*: *Praias*. V. 8. *G. de A.*: *ponho fr*. O art. dá mais energia.

E. 91, v. 2. *G. de A.*: *que eu v*.

E. 92, v. 3. *V. de J.*: *nos seg*. *G. de A.*: *as seg*. O contexto mostra que é ne-

(1) Cumpre também não esquecer que «il tempo e lo spazio in arte non hanno la stessa estensione che in natura» (Fraccaroli). Cf., por ex., *L.* x 7.

(2) «Tomando lanças... tornarão-se a encontrar com dobrada ira, a que se quebrou com ellas.» *Mem.*, p. 117. Cf. a n. a VIII 25,4.

cessária a correcção as. V. 8. G. de A.: *com ella*. O plural explica-se, por se tratar de um colectivo.

E. 95, v. 8. *E*: *crueldodes* Ed. de 1597: *experimentas*? Ed. de 1633: *experimentas*!

E. 96, v. 1. G. de A.: *Oh dura*. Cf. a n. a 119,2. V. 8. M. C.: *com que*. Cf. a n. a x54,2.

E. 98, v. 6-7. O *a* de *innocencia* deve servir de artigo antes de *Idade*, que é um apostro, e está em correlação com *a idade de ferro*.

E. 102, v. 2. *E* e *P*: *vellas*. Mas cf. v 1,6; 34,8. «A calmeria grande nam consentia vela». *Palm.* 1, p. 41. V. 5. B. F.: *facundo*. G. de A.: *fecundo*. Cf. a n. a 181, 1. V. 8. *E* e *P*: *e a gloria*. Cf. a n. a 111 101,6. No ms. estava sem dúvida *o n. e g.* É uma parelha.

Canto V

(Fl. 79 v., est. 1-2; f. 80, e. 3-8; f. 81, e. 9-14; f. 82, e. 15-20; f. 83, e. 21-26; f. 84, e. 27-32; f. 85, e. 33-38; f. 86, e. 39-44; f. 87, e. 45-50; f. 88, e. 51-56; f. 89, e. 57-62; f. 90, e. 63-68; f. 91, e. 69-74; f. 92, e. 75-80; f. 93, e. 81-86; f. 94, e. 87-92; f. 95, e. 93-98; f. 96, e. 99-100).

E. 2, v. 1: *E*: *entraua*. V. 3. M. C.: *co tempo*. Mas cf. a n. a iv 62,4.

E. 3, v. 6. *E*: *deixauam*. No *C. G.*, t. iv, 137, 19, leu o *P.* *dy-re* = *deixe*; e no *Palm.*, *dixar* = *deixar* (t. 1, p. 263).

E. 5, v. 4. Não houve, como já supús, alteração no texto deste v., que deve interpretar-se: *M. c. p. n.*, que agora tem, *q. p. f.*, que lhe viesse da antiguidade. Cf. *E. D. V. 8*. Ed. de 1597: *Gnido*.

E. 7, v. 1. G. de A.: *os limites, onde*. Cf. a n. a 156,7. V. 2. *Id.*: *o carro*. Plural poético, usado desde a *Ilhada*. Cf. vii 67,1. Diz-se que é por causa das diferentes peças de que o carro é formado.

E. 8, v. 4. *T*: vestígios de dois pontos. *E* não emprega pontuação, o que é indício de ter sido composto por um exemplar de *Ee* em que ela estava também apagada.

E. 9, v. 6. *E.* e *P.*: *Tornarmos*.

E. 12, v. 4. G. de A.: *a que*. Cf. a n. a x 54,2. V. 5. *Ee* B. N. P. e A. C. P.: *Co grande*. Erro emendado em *Ee* 2, 3, 4, 11, Ac.

E. 16, v. 8. J. da F.: *que eu*.

E. 17, v. 7. *Ee* B. N. P. e A. C. P.: *Vendo mundo*. Correcção feita em *Ee* 2, 3, 4, 11, Ac., S. M. S.

E. 18, v. 6. Ed. Biel: *cousa certa*. G. de A.: *causa certa*. Cf. v 49, 4. e a n. a 111 30,7.

E. 20, v. 3. G. de A.: *ali se al*. Cf. a n. a iv 22,3.

E. 21, v. 2. *E*: *beixos*. *P* = *Ee*. *J. L.* = *E*. V. 4. Ed. de 1663: *Fartar do*. V. 8. A mesma: *á nuve*. Cf. a n. a 155,2.

E. 22, v. 4. G. de A.: *com a*. No *C. G.* é corrente o hiato: *co | a vida*; *co | a dor*; *co | as armas*, etc. Cf. a n. a 111 80,8.

E. 24, v. 1. G. P. L.: *a Planeta*. Correção desnecessária. O género desta palavra já podia considerar-se fixado no tempo do P., principalmente pelas obras de P. Nunes. Em quanto á concordância, cf., por ex., este passo do *Mem.*: «A pranta produzida da flor do amor e da lioa da gruta, trazido por eles ao castelo do rochedo» etc. (p. 75). V. 7. G. de A.: *na borda*. Cf. a n. a 11 16, 6. **E**: *que*.

E. 25, v. 1. Ed. de 1626: *à maneira*. Mas se assim fosse, estaria no ms. *Aa*. «Hũa estatua a maneira de homem.» *Palm.*, 1, p. 33. Aparece a cada passo.

E. 33, v. 6. *Ee* 2 e 4: *tecida*. Em *Ee* 3, 11. *Ac.*, a 1.^a letra está esmagada, o que provavelmente deu origem ao *crecida* de P. **E**: *tecida*. **E. D.** considera *tecida* como um erro devido ao som inicial da palavra anterior. Mas os vv. 1-2 preparam, me parece, para este qualificativo. «Alguns bêteiros dos nossos, diz a fonte do P., empregaram nelles seu almazem» (Barros, *D.* 1, 4 3). Isto é: a espessa nuvem de que chovem setas e pedradas corresponde a bem ligada trama, a densa teia dos virotões arremessados pelos bêteiros. Cf. *batalha trauada* (*Falm.*, II, p. 29).

E. 40, v. 5. *Ee* 4 e *Ac.*: *no falla*. *Ee* 2, 3, 11, B. N. P., A. C. P., S. M. S.: *nos falla*.

E. 41, v. 7. **E**: *ha que*. **P** = *Ee*.

E. 53, v. 1. **E**: *fosse cousa i*. **P** = *Ee*.

E. 56, v. 6. G. de A.: *pelo corpo a*.

E. 58, v. 7. **E**: *amigo*. **P** = *Ee*.

E. 63, v. 5. Ed. de 1597: *em prosa*.

E. 64, v. 7. **E**: *algum*. V. 8. G. de A.: *As velas*. Cf. *Palm.*, II, 400: «Mandou dar as velas, que o vento era prospero». Cf. *L.* II 64,8; 65,1; etc.

E. 65, v. 5. **E**: *ande v*.

E. 66, v. 7. G. de A.: *delle a*.

E. 67, v. 3. **E** e **P**: *contra*.

E. 69, v. 7. G. de A.: *novas*. Cf. 1 57; VIII 31. Provavelmente o sing., por causa de *sinal*. Cf. v 75,8, e 78,2, e a n. a IV 43, 6. Nova no *Palm.*, III, p. 440. V. a n. (2) a III 107,7.

E. 71, v. 2. **E** e **P**: *e mau*. Deve manter-se a lição de *Ee*, pois o P. leu assim a palavra em mais de uma das suas fontes. Cf. na *Coronica do Condestabre*: *maão seu pesar* (f. 26 v.); *atão maão (aquecimento)* (f. 32); *um porto... muy maão;... passou aquelle maão porto* (f. 43); no *C. G.*: *mão vestido* (IV, 372); *mãos de calar* (V, 71); no *Palm.*; *os bôs... os mãos* (II, p. 186) e também *mãos* a p. 244, 399 (*os bôs aos mãos sam odiosos*) e no t. III, p. 43 (33). (Esta grafia da ed. do *Palm.* de 1786 deve provir da 1.^a ed.).

E. 76, v. 6. **E**: *apertauão*.

E. 77, v. 3. **E** = *Ee*. **P**: *naos*. G. de A. lembra: *em naos que na* (ou *por*) *g*. Fiel ao seu plano, o P. deixou aqui este v. de arte maior, formado de dois de cinco sílabas. Cf. os vv. com acento na 4.^a, 7.^a e 10.^a (cf. a n. a IX 46,1), que também figuram entre os de arte maior, e os vv. com acento na 3.^a, 8.^a e 10.^a (II 15,2; IV 94,7; VIII 99,7), como este de Don Juan Manuel: «A grand daño se vos podrie tornar.» Cf. Men. y Pelayo, *J. Boscan*, p. 198. No *T.* faltam as desinências *ão* e *nde* (v. 3 e v. 7), que se encontram nos outros exempl. de *Ee*.

E. 79, v. 3. **E** e **P**: *caminhos*. *Camino*s por *camio*s (*i* com til), como *lumâr* = *lûar* (*C. G.*, v, 302). *gejunhar* = *jejûar* (*ibid.*, 383). E *camio*s (*i* com til), para exemplificar uma espécie usada no *C. G.*, em que *côpâhas* rima com *estranhas* (*T.* III, g. 49) e

testemūhas com *Cunhas* (*ibid.*, p. 200). *Camino* leu o P. no *Mem.*, p. 211 (f. 140). V. 8. J. da F.: *Limpo*. Mas a concord. faz-se com *ospedes*. M. C.: *todo falso*.

E. 80, v. 1. G. de A.: *grande, imensa*. Cf. a n. 14, 5.

E. 83, v. 7. Ed. de 1644: *como nossos*. G. de A.: *os n.* Mas *aos n.* = *os n.*, contraposto a *estranhos*. O P. quis deixar exemplificadas as construções do tipo: *é tão bom coma ti*. «(Elle) te tirará destes pensamentos, em que andas, como fez a outros qu'os tinhã tã' maos com'a ti». *Palm.*, III, p. 33.

E. 85, v. 3. G. de A.: *Dera*. V. 5. P: *repouso*. *E* = *Ee*. V. 7. P: *atento*. *E* = *Ee*. E. D.: *a tento*. Mas não é preciso, pois o adj. *atente* o leu o P. no *C. G.*, II, p. 94: «Conuiday de boamente | qualquer homem estranjeyro, | mas huũ olho nele atente | e o outro no parceyro.» Cf. *contente*.

E. 86, v. 1. Ed. de 1597: *Julga*. De 1631: *Julga tu*. G. F.: *Julga tu agora*, o R. F. e S.: *Agora julga*, o R. F. de C.: *Julgas agora*, R., *que*. Contaminação das duas construções: *Julgas que?* e *Julga se*. Outros tipos de contaminação em I 3, 1-2 (*Cessem as n. do s. G. e do T. e Cessem as n. que fizeram o s. G. e o T.*), e IV 32, 3-4 (*menos é querer... que levantar-se e menos faz quem quer... do que quem*); etc.

E. 87, v. 5. P: *Essoutro*. Ed. de 1597: *E s'outro*. Ed. de 1609: *E esoutro*, uma; outra, como *Ee*. Suponho que no ms. dos *L.* se lia o que está em *Ee*: *E soutro*, i. é, a copulativa, para ligar a 1.^a p. da est. com a 2.^a, e *soutro*, por *essoutro*, com a queda ou fusão do *e* inicial, por causa da conjunção, e a consecutiva simplificação dos ss. «Vos hesoutra que sabees». *C. G.*, I, 109. No final do v., *E: toda a A. P = Ee*. V. 8. *Ouvindo = Ouvindo o*. Cf. a n. a 184, 3.

E. 88, v. 3. *E* e P: *Magas Circes*. Sem motivo, pois *Magas* é um qualificativo de *Circes*. *Magas artes*, diz Ovidio, *Amores*, I, 8, 5. Mas cf. também IX 33,6.

E. 92, v. 3. G. de A.: *trabalho*. Emenda desnecessária. A est. é formada por uma série de pensamentos, cada um deles expresso em dois versos. *Que = para que* (1).

E. 93, v. 8. M. C.: *a voŕ*. Emenda necessária.

E. 95, v. 1. T: *Scipiões*.

E. 97, v. 8. P: *a arte*. No ms. com certeza se lia *arte*, sem o *a*. «Nã sabemos | tam bem arte do cantar | como vos». *C. G.*, II, 147. Cf. as nn. a III 22, 7, VIII 32, 5, etc.

Canto VI

(fl. 96 r., est. 1-2; f. 97, e. 3-8; f. 98, e. 9-14; f. 99, e. 15-20; f. 100, e. 21-26; f. 101, e. 27-32; f. 102, e. 33-38; f. 103, e. 39-44; f. 104, e. 45-50; f. 105, e. 51-56; f. 106, e. 57-62; f. 107, e. 63-68; f. 108, e. 69-74; f. 109, e. 75-80; f. 110, e. 81-86; f. 111, e. 87-92; f. 112, e. 93-98; f. 113, e. 99).

E. 1, v. 7. P: *o feŕ*. Cf. a n. a IX 77,7.

(1) Esta est. fornece-nos um ex. da *slegatura* (Uracaroli. *L. irrazionale nella letteratura*, p. 119).

E. 2, v. 2. M. C.: *Segundo*. G. de A.: *E*, s. Cf. vi 33,6, e. a n. a vii 47,4. V. 8. G. de A.: *frutos*.

E. 4, v. 5. *E*: *sen*. Ed. Biel: *o seu*. V. a n. i 61,2.

E. 5, v. 2. G. de A.: *ás v*. Cf. a n. a v 64,8.

E. 6, v. 5. M. C.: *o mao T*. É corrente no tempo do P. o uso do *de* ou *do* neste caso. «O triste de dom Joham.» *C. G.*, 11, 171, 7. «O coitado de Andrade». *Eufr.*, p. 69. «Ho namorado do mouro Jusquibel». *Mem.*, p. 55. V. 8. G. de A.: *Arde, corre*. Mas *Morre* = *mata-se*.

E. 10, G. de A.: V. 1: *fino, marchetadas*. Douro equivale a um adjectivo, daí a copulativa. V. 2: *De rico*. V. 4: *o irado*.

E. 11, v. 4. *E*: *Promoteo*. *P* = *Ee*.

E. 13, v. 4. G. de A.: *Do Etna*. Cf. a n. a i 32,4.

E. 14, v. 5. B. F.: *E ás p.*, ficando assim esta est. a formar um período gramatical com a seg. Mas *recebe* tem por sujeito o subintendido *este*. «Soltando a redea ao caualllo o guiou pera aquella parte aonde a fortuna tinha ordenado, que assi andando o pos ao pe de hũa torre etc. *Palm.*, 1, p. 5. O sujeito de *guiou* é o subintendido *este* e não o de *soltando*. Cf. a n. a i 82,2-3.

E. 16, v. 4. *E* e *P*: *doutra*.

E. 18, v. 6. *E*: *Phebo*. *P* = *Ee*. V. 9. Ed. de 1597: *do musgo*. F. e S.: *de musco*. M. C.: *e birbigões* (que alguns editores escrevem: *birgigões* (1663) ou *briguigões*). B. F.: *misilhões* (que outros escrevem: *mixilhões* ou *mexilhões*), com o suposto 1.º ms. de F. e S., e «porque o musgo perfeitamente convém a esta espécie de marisco». Parece-me que o v. 7 se deve manter como está. O que falta é um *e* no v. 8, depois de *costas*. A est. divide-se em duas partes: 1-6 e 7-8. Na 1.ª, o começo do 1.º v. liga-se com o 2.º, e a 2.ª p. do 1.º (*e os m. g.*) com os vv. 3-6. (É o esquema *a b a' b'*, de que ha outros ex. nos *L*. Assim, em i 57,5-8: *cuida... na e nota... como*. E em v, 89, 1-4 a 1.ª p. do v. 1 completa-se com o principio do v. 2.º (*Dos odres*) e a 2.ª (*e imaginem*) une-se com o resto do v. 2 e vv. 3 e 4). Os vv. 7 e 8 dizem o que Tritão traz ás costas; pode portanto repetir-se aqui a palavra *camarões* do v. 5. V. 8. Ed. de 1626: *ás*; de 1631: *ás*. Mas deve ser *As*. «V. da gama mandou algũs creados seus que ho leuassê as costas». Castanheda, l. 1, c. 18. V. a n. a iii 107, 7. Ed. de 1644: *cõ a*. V. i 26,2; etc.

E. 19, v. 3. Ed. de 1644: *g. e. c.* O *e* de *grande* serve tambem de conjunção. Menos é isto do que a passagem do *e* de um v. para outro. Cf. as n. a iii 69, 2-3, e a vii 11,6. G. de A.: *A grande voç canora*.

E. 24, v. 6. *E*: *Circos*. *P* = *Ee*. *Circes* tambem, por. ex., no *C. G.*, iv, 2. Cf. a n. a ii 108,6. V. 7. Ed. de 1644: *della sendo*.

E. 25, v. 8. M. C.: *e a A*. Cf. a n. a iii 17,2. *T*: ponto final.

E. 28, v. 7. *E* e *P*: *com*. Cf. a n. a iv 68,8.

E. 30, v. 3. G. de A.: *Com tão s*. Cf. a n. a i 56, 7. V. 5. Id.: *Vedes que o*. Mas *Vedes* = *eis*. Cf. a n. a vii 4,1. V. 7. Ed. de 1631: *Vedes que*. Ed. de 1612: *deuastando*.

E. 33, v. 1. G. de A.: *e os fados*. Cf. a n. a i 55,2. V. 5. *Insinão* não faz sentido. O P. deve ter escrito *indinão* = *incitão*, sendo *O mal* = *Ao m.* (cf. a n. a iv 41,8) e a *D.* = *contra D*. Cf. ix 46,2-3, e *Palm.*, 1, p. 117: »(Floramá) a seguio cõ tamanho

cuydado qu'endinou al rey a fazer o que ouuireis» (mandou envenenar Altea). E a p. 207: «Pareceo cousa fea dous a hum.» A alteração feita no ms. foi devida principalmente ao *O* do v. 6. V. 6. M. C.: *que segundo*. Cf. vi 2,2; vii 47,4.

E. 34, v. 3-4. F. e S.: *se o preço...* Por ventura. Prolepse. Cf. viii 88,2-4. V. 5. *E*: *mais que*. *P* = *Ee*.

E. 38, v. 1. B. F.: *concelho*. Cf. a n. a i 20,3. V. 2. G. de A.: *leda e l*. Sem conj., porque *lassa* está intimamente ligado com *frota*. Cf. as n. a i 4,5, e a ii 101,6. V. 6. *E*: *Eolo*. *P* = *Ee*.

E. 39, v. 2. *E* e *P*: *a miude*. No *Palm.*, encontrou o *P*. as duas formas (i, p. 44; 502. *A miude* é a mais usada). V. 6. Fusão do pronome *os*, que devia seguir-se a *estregando*, com o art. *os*: *estregando-os*, *os membros* etc. «A vida nã se ha de dar a *quem* maas obras a despende». *Palm.*, ii, p. 223. *Quem* — *quem em*. «Qual outra nom vimos *nem* (= *nem em*) livros se nota» *C. G.*, iii, 103. «Estas rezões... todasente o escriuam.» *C. G.*, i, 47, 3-5. *Todasente* — *todas assente*. «Gosã de tam gram valia.» *Ibid.*, ii, 26. *Gosã de* = *Gosando de*, como se vê pelo contexto. Cf. a n. a ii 13, 3. Gramaticalmente, o pron. omitido tanto pode referir-se a *olhos* (v. 5), como a *membros*. Pelo sentido vê-se que é a esta segunda palavra, pois os marinheiros não estregariam os olhos, que, embora contra seu querer, estavam abertos. O v. 5 forma assim uma oração. Cf. a n. a i 103,3. **E.** 40, v. 7. *E*: *poderemos*.

E. 41, v. 3. *E*: *fosse*. *P* = *Ee*.

E. 42, v. 2. G. de A.: *conte isso*.

E. 43, v. 3. G. de A.: *ou na*. Cf. a n. a i 55,2.

E. 47, v. 4. G. de A.: *e a b*. Cf. a n. i 55,2.

E. 48, v. 1. G. de A.: *soccorrêl-as*. A construção deste verbo com *lhe* é muito usada no *Palm.* Cf., por ex., iii, p. 407: «Se Polinardo e o soldão... *lhe* nam socorrera».

E. 49, v. 8. *P*. *tereis*. Creio que o *P*. escreveu propositadamente a forma arcaica.

E. 52, v. 7. *E*: *cimeiras*. *P* = *Ee*. No *Palm.* leu o *P*. *visera*, etc.

E. 56, v. 8. F. e S.: *emporio*.

E. 57, v. 1. G. de A.: *acaso*. V. 8. *E*: *animados*. *P* = *Ee*.

E. 58, v. 1. G. de A.: *o prazo, o dia*. Cf. a n. a ii 101,6. V. 2. G. de A.: *em campo*, (com os...). «Falamos cos que por doo». *C. G.*, iii, 126.

E. 59, 8. G. de A.: *dois ou tres*, pois «dois e tres são cinco». O *P*. usou de uma construção de que não faltam exemplos. *Dois e tres*, i. é: dois e mesmo tres. «Em sua casa auia continos de cote quatorze e quinze escudeyros e vinte e trinta homeês de pee». *Crón. do Condestabre*, f. 5. «Pera melhor seruido trazia sempre consigo dous e tres escudeiros». *Palm.*, ii, p. 400.

E. 60, v. 4. *E*: *cabe*. *P* = *Ee*. V. 5: *E*: *Brato*. *P* = *Ee*.

E. 65, v. 5. G. de A.: *do seu*. Cf. a n. a i 61,2.

E. 66, v. 4. G. de A.: *de t*. Cf. *gastar t*. e *g. o t*.

E. 70, v. 3. G. de A.: *acodem desp*. É uma construção do tipo *fallando orava* (ii 78, 8; cf. iii 3,5), pertencente à linguagem épica, desde os tempos homéricos. Cf. a n. a viii 77, 8. V. 6. G. de A.: *de g*. O *P*. conta que o mestre *os t. das* (duas) *g. t. m*. O sr. Lopes de Mendonça indica-me G. Correia, *Lendas da India*, ii, p. 854: «De noute mandava... tomar os t. das g.»

E. 72, v. 4. *P*: soma. *V.* 7. *P*: á bomba. Mas não é preciso acentuar o *a*. Cf. a n. a III 107, 7.

E. 73, v. 8. *P*: *Sẽ aproveitar*. Ed. de 1644: *Sẽ proveitar*. Ed. de 1702: *Sem aproveitar de h*. «Nem aproveyta ser calada». *C. G.* 1, 309. Cornu (*Romania*, XII, 279) cita doze vv. do *C. G.*, em que *ẽ* + *a* formam uma sílaba. Cf. a n. a I 1, 4.

E. 77, v. 3. Ed. Biel. *do seu*. Cf. a n. a I 61, 2. *V.* 7. *G.* de *A.*: *tempestade*, aos v. Cf. a n. a I 55, 2, e a II 101, 6; IX 24, 8.

E. 81, v. 2. Ed. de 1663: *o mar, a terra*. *G.* de *A.*: *e a t*. Cf. a n. preced. *V.* 5. *J.* da *F.*: *e o defendeste*. É freqüente esta omissão do pronome. Cf. I 90, 7 (*e a mal dizia*); IV 46, 6 (*E as de varios*). «Assi se lhe cerrou o juizo e desemparou a rezã, que» etc. *Palm.*, III, p. 265. *V.* a n. a IV 11, 5.

E. 82, v. 1. *G.* de *A.*: *n. mares*. Cf. a n. a II 47, 2. *V.* 2. *E*: *Doutro*. *P* = *Ee*.

E. 85, v. 6. *E*: *Oriente*. *P* = *Ee*.

E. 87, v. 2. *G.* de *A.*: *á porfia*. Cf. a n. a III 107, 7.

E. 88, v. 2. Ed. de 1626: *Aa v*. Cf. a n. III 107, 2. *V.* 6. *G.* de *A.*: *Co'os c*. O suj. é: *Os c*.

E. 92, v. 5-6. *Primeiros mares* não se sabe o que é. Suponho que o *P.* escreveu *medos*, com a significação de *perigos*. Cf. nos *L.* II 47, VI 82, IX 16 (cf. VI, 94-95), e no *Palm.*: I, p. 288, 380, 385, II 6, 182, 184, 196, 198, 202, etc. (1). Cf. a n. a II 47, 2. Os *primeiros medos* são os da ida (cf. II 47, 2, VI 82, 1, e 94, 3), a que depois se hão de seguir os da volta, expressamente referidos em IX 16, 7-8. Agora, passados os primeiros perigos, foge o temor vão, o temor que já não tem razão de ser. Cf. este passo da *Ceia Policiãna*, de Anrique Lopes (fl. 45 v. — 46):

«Nê vós, terseyro galerno, | nê o temor desses medos | o traram ao meu caderno» (2).

E. 93, v. 5. *G.* de *A.*: *S. o G. aqui*. No tempo do *P.* nem este, nem outros encontros de sílabas (III 86, 1; etc.) eram considerados como vícios que se devessem evitar. «Se começou de enxergar alguma mais fraqueza no outro». *Palm.*, III, p. 14. «Qual haveis por mayor gloria damor, ser ho amador amado, ou ser o que ama mais?» *Mem.*, p. 306. Cf. p. 265 e 317. *V.* a n. a VII 44, 6.

Canto VII

(Fl. 113, est. 1-4; f. 114, e. 5-10; f. 115, e. 11-16; f. 116, e. 17-22; f. 117, e. 23-28; f. 118, e. 29-34; f. 119, e. 35-40; f. 120, e. 41-46; f. 121, e. 47-52; f. 122, e. 53-58; f. 123, e. 59-64; f. 124, e. 65-70; f. 125, e. 71-76; f. 126, e. 77-82; f. 127, e. 83-87).

(1) É claro que *medo* também é no *Palm.* tomado muitas vezes na significação própria de *temor*. «Esta cruel e perigosa batalha gerava medo naquelles» etc (II, p. 143). «Como em Palmeirim estes medos fizessem menos medos que os outros que passara» etc. (Ibid., p. 202).

(2) *Primeira parte dos Autos e Comedias etc. Agora novamente juntas e emendadas por Affonso Lopes*... Anno MDLXXVII. Exemplar da B. N. de Lisboa.

E. 4, v. 1. **F. e S.:** *Vedes os.* Ed. de 1663: *Vede os.* Não ha motivo nenhum para modificar o texto. O P. escreveu, sem dúvida, *Vedelos (de Vedeslos)*. **E** é um indicativo, e não imperativo. Cf. *Eilos (=haveislos)* (1). Aqui já verbo passou a adverbio. *Vedelos* está na transição, já mais adiantada nestes passos: «Pois vos parece que a pe tereys melhor partido, vedes nos decemos todos a pe». *Palm.*, 11, p. 221. «Sam pega-dos cõ vosco e vedes assomã por cima» etc. *Ibid.*, p. 243. «Veis ahi um vintem pera pão». (*Eufr.*, 47). Cf. *Vello* em viii 16 e 20, alternando com *Olha, Vês; Ves* em iii 39, 1 e 5, e *vedes* em iv 38, 1; vi 30, 1, 5, 7; ix 49, 2. **V.** 5. Ed. de 1663: *Vedeo*. Inadmissível, pela mesma razão.

E. 5, v. 1. **F. e S.:** *Vedes o.* Ed. de 1663: *Vede o.* **V.** a n. anterior.

E. 6, v. 4: *E: Hieroselima.* **P = Ee.**

E. 9, v. 3. **P:** a. m. Cf. a n. a i 95, 8; iii 100, 2.

E. 10, v. 5. **B. F.:** *E entre.* Mas o assindeton faz contrastar mais os conceitos expressos em 10, 1-4, e 10, 5-8. Note-se também a pausa do 4.º v.

E. 11, v. 6. **G. de A.:** *Lidia e A.* Na fonte (*O Furioso* xvii 78) lê-se *Migdonia* (região da Assíria) e *Lidia*; mas o P. omitiu a conjunção, que espontaneamente aparece na pronúncia. «Em ti se encerram a verdade a mentira, ... a fraqueza e a força». *Eufr.*, 82 (2). Cf. as m. a i 84, 3; iv 62, 4; vii 50, 1; ix 74, 3.

E. 14, v. 1. *E: em tantos.* **P = Ee.** **V.** 5. **G. de A.:** *Na Af.* Mas *De A.*, sem o art., como em i 2, 4; 15, 8; iv 54, 7; etc.

E. 16, v. 7. Ed. de 1626: *Do reino Malauar, onde.* Mas no texto ha apenas uma transposição: *a cidade milhor das milhores do M.* Cf. iii 94, 7-8. E o P. repete o que diz Castanheda no l. 1, c. 13.

E. 19, v. 8. **M. C.:** *lindas flores.* É possível que haja aqui uma transferência de epíteto: *Do cheiro das f. f.* por *Do fino cheiro das f.* Cf. i 67, 6, e x 3, 3.

E. 20, 7. *E: do B.* **P = Ee.**

E. 22, v. 3. *E: so.* **P = Ee.**

E. 24, v. 5. **G. de A.:** *E ou.* É um assindeton, como tantos outros nos *L.* e aqui precedido da pausa do 4.º v. Cf. a n. a vii 10, 5.

E. 26, v. 2. *E: que.*

E. 33, v. 6. **F. de G.:** *de sabias.* Mas cf. i 38, 3, com 39, 3; iv 88. Com a palavra *gente* o P. faz a concordância tanto no singular, como no plural; tanto no masculino, como no feminino.

E. 35, v. 4. Ed. de 1633: *E o mais.* Parece-me aceitável O s de *mais* pode ter sido a causa do erro. É duro subintender *logares.* **E. D.** lembra as, a concordar com *terras*, mas esta palavra, que aliás está na fonte do poeta (Barros, *D.* i, 9, 3: «e deu a outros outras terras»), nada autoriza a repeti-la aqui, pois já fica longe. Cf. vii 33, 1.

E. 36, v. 6. **P:** *Samorí.* **E = Ee.** O P. escreveu *Çamorí*, como leu em Barros, *D.* i, 9, 3; mas o compositor fez aqui o mesmo que em x 97, 8. **V.** a n. respectiva.

(1) O *conede-la e destrue-la* de G. Vic. (i 253 e 303) são castellanismos.

(2) É assim também que deve explicar-se este passo do *Palm.*, i, p. 18, se está como saiu da pena do autor: «Erã tantas (as lagrimas), que corrião pelas faces hião ter aquelle lugar onde etc. Do *i de hião* é que terá de sair a copulativa *e: e hião*».

E. 38, v. 4. Ed. de 1644: *Senão de*. Mas o *o* funde-se no *ão* precedente, formando com ele uma sílaba. Cf. as nn. a 11, 4; VII 50, 1. «Serãos lembram os que já vy.» *G.*, 11, 337.

E. 41, v. 7. *G.* de *A.*: *e em*. Mas o *P.* quer dizer: *no trato de tudo* etc.

E. 43, v. 3. *P.*: *De*. Mas: *dos n. P.*, que para isso foram escolhidos. É o que sugere a leitura da fonte (*Cast.*, l. 1, c. 16).

E. 44, v. 6. *G.* de *A.*: *leito, rica*, devendo desaparecer *hũa*, por causa da métrica. Mas cf. 122,7, e estes passos do *G. G.*, v., 177: «*Ryca caça, muy rreal*» *E* a p. 99: «*caquabo aqui*» *E* em 111, 13. «*Me trouxeram caacatyvo*» Cf. a n. a VI 93,5.

E. 45, v. 2. *G.* de *A.*: *Caminha*, por causa do *o espera*. Correção escusada. Os dois caminham para onde o rei espera o *G. V.* 4. *E*: *segue*. *P*=*Ee*.

E. 47, v. 3. Ed. de 1702: *Varias*. Mas é uma das chamadas construções *ad synesin*. *C.* tinha na mente a palavra *deoses*, equivalente a *deidades* do v. 1. «*Questa sentenzaia... | Che fosse culta in suo linguaggio io penso: | Et era ne la nostra tale il senso*» *O. Furioso* XXI 111 107. *V.* 4. *M. C.*: *Segundo*. Ed. de 1631: *E s.* Mas *a segundo* era uma locução corrente no tempo do *P.* Cf., por ex., *G. Vic.*, 111 129, e *L.* VI 2, 2, e 33,6.

E. 50, v. 1. *P.*: *e não com*. É a lição corrente (1). Mas não haverá aqui uma construção do tipo *com morte* (= com a morte) de IV 62, 4? Neste caso, porém, o *a*, embora não escrito, deve fazer-se sentir na pronúncia; deve, junto com o *não*, formar duas sílabas métricas. «*A aventura... nam soys vos a quem nenhũa de ficar por acabar*» *Palm.*, 1, p. 173. O *a* de *nenhũa* vale por duas sílabas: *nenhũa ha*. «*A batalha estaua posta em todo rigor... e em cada hũ mor desejo de a leuar auante* (*ibid.*, p. 483). *Hũ mor*=*hum o m*. Na p. 62: «*em outra cousa esto o galardã*» (por: *está o g.*), *a o* contraiu-se em *o* (ó) e depois desenvolveu-se outro *o*. Bastaria *estó g.* Cf. as nn. IV a 63, 7; IX 74, 3. *V.* 4. Ed. de 1626; *Edeficão os*. Mas não ha razão para a emenda, quer o *se* fosse empregado para tornar o verbo passivo, quer, com a fonte (*Barros, D.* 1. 4, 7), se intenda que são os nobres que *se* (isto é: para si) *ed. s. p.* De um e outro uso não faltam exemplos nos *L.* Vid. VII 38, 7; 55, 5; IV 62, 5-6; VI 83, 7.

E. 51, v. 2. *P.*: *faculdade*.

E. 53, v. 3. *F.* e *S.*: *ao fem*. Mas a omissão do art. é semelhante á que se dá nestes passos do *Palm.*: «*El rey o recebeo... com gasalhado, nacido de prazer do ter em seu poder*» (11, p. 278). «*Mansi... em sinal de vitoria do dia passado*» etc. 111, p. 152.

E. 55, v. 5. *E* e *P.*: *nonas hist*.

E. 56, v. 7. *G.* de *A.*: *quẽ fará*. Estas repetições não são raras nos *L.* Cf. 111 55; VIII 19, 2-3; etc. «*O caualleiro... lhe disse que se desdissesse da mentira que dissera... Disse o outrô: a mentira que dizeis que disse nã desdarei, que maior seria essoutra, se eu a dissesse*» *Palm.*, 1, p. 116. «*Os amores de hũa molher, cujo nome traz no escudo, o trazê*» etc. *Ibid.*, p. 336.

E. 57, v. 7. *G.* de *A.*: *o cinge*. Se a construção do verbo exigisse o pronome *o*,

(1) *G.* de *A.* lembra: *e não a. J. L.*: *e não com*. Se o *não* não é erro de imprensa, o texto assim entendido ficaria em oposição com a respectiva fonte (*Barros, D.* 1. 4, 8).

este achar-se-ia incluído no o final de *ouro*. Cf. a n. a 184, 3. Mas o verbo tem por compl. directo *Hum p. de ouro*.

E. 58, v. 6. F. B. (ed. de 1631): *se vem*. F. e S. e E. D.: o verso é intencionalmente froxo, para produzir onomatopeia. Cf. a n. a 156, 7.

E. 59, v. 7. F. B.: *e povo*. B. F.: *do Rei, do p.* Mas cf. a n. a 1190, 1.

E. 61, v. 6. B. F.: *bem onde*. No tempo do P. não se fazia a distinção que hoje é corrente entre os adv. relativos *onde, donde* etc. «Nem... pode saber delle o lugar donde os tinha». *Palm.*, 1, p. 206. **E.** 63, 6. **T:** *tenha*.

E. 64, v. 8. G. de A.: *O Rei, a gente e a t.* Alteração escusada.

E. 67, v. 1. G. de A.: *igneo carro*. Cf. a n. a v. 7, 2. V. 6. **E:** *prona*.

E. 68, v. 8. G. de A. lembra: *Onde é*. Mas não é necessário. É uma construção do tipo «sua presumpçã e confiança era grande.» *Palm.*, 11, p. 39. E pouco adiante (p. 61): *Palauras, que lhe entã o tempo é a isençam ensinava.* «Vase onde a imperatriz e Gridonia esta» (=está). *Id.*, 1, p. 303. É a parelha com o verbo no singular. Cf. a n. a 1924, 8.

E. 69, v. 8. G. de A. pergunta se deverá ler-se — *passados apparece* ou *transparece*. Mas *se parece* está muito bem, pois significa: *se mostra*. Cf. 111 141, 3. «Bem se parece que nam achastes neste passo» etc. *Palm.*, 1, p. 426.

E. 70, v. 3. **E:** *rio T. P = Ee*. Ed. de 1651: *fresco G.* Deve ser assim. Cf. 14 28, 3-4. Na forma antiga — *Odiana* — a primeira vogal dava a impressão de ser o art. masculino, e por isso este se omitia. Cf. VIII 33, 5. V. 5. M. C.: *inda na A.* E' hoje a lição corrente e todavia o P. escreveu o que se lê nas primeiras edd. dos *L.*, pois quis deixar, aqui e em VIII 55, 6, exemplificada a parataxe anormal, freqüente no latim bárbaro e de que também não faltam casos nos nossos melhores escritores, contemporâneos ou anteriores ao P. «E como foram na teemda do Mestre, e elle mandouhos todos prender». F. Lopes, *Cron. de D. J. I*, 1.^a p., c. 110. «E posto ainda... recreciã cavalleiros, e o emperador os mandou tornar». *Palm.*, 11, p. 47. «Se he possivel... valer... convosco o que pretendo, e custeme a vida». *Eufr.*, 94. Sobre outro caso, diferente destes, cf. a n. a x 60, 4.

E. 72, v. 7. G. de A.: *de ver essa p.* Hoje só se emprega o tipo *folgarás de veres*, quando entre os dois verbos medeiam algumas palavras pelo menos (cf. VI 15, 1-2), mas no século XVI era corrente. Cf. x 52, 3; 119, 5-6, x 91, 2-3. Pelo contrario, também não é raro o tipo *não sofre andar-lhe os cães* (187, 5-6) (1).

E. 73, v. 6. G. de A.: *Naire*. O P. estava no seu direito formando o adj. *Naira* do subs. *Naire*, que recentemente tinha entrado na língua portuguesa.

E. 77, v. 1. B. F.: *o Gama*. Correção necessária. V. da Gama estava detido em terra (VII 64-66) e só dias depois é que voltou para bordo (VIII 94-95). No ms. dos *L.* lia-se com certeza *o Gama*, isto é, P. da G., pois o P. sabia muito bem onde tinha deixado o irmão deste; mas o censor do poema é que se esqueceu do que anteriormente ficava dito e emendou irreflectidamente o que estava bem. A hipótese do erro

(1) O emprego das duas formas do infinito depende essencialmente da clareza e da eufonia que deve revestir a expressão do pensamento. E' neste sentido que a evolução se tem feito.

de imprensa não me parece provável, por causa do *junto* e dos dois plurais. V. 4: F. e S.: *aspeito soberano*. Ed. de 1651: *sobre-humano*. A meu ver, C. quis deixar aqui e em x 88,6; 128, 6, exemplificada a rima só em vogais (assonância) (1). (No C. G. ha rimas como estas: *damas e mudanças* (11, 327); *carpiram e dyziam* (p. 171); *afronta e atormenta* (111, p. 347); *misericórdia e memoria* (p. 35); etc.). Leva-me a formular esta hipótese o cuidado que ele mostrou em arquivar tantas particularidades de fonética e de morfologia que tendiam a desaparecer da lingua literária. Cf. também a n. a 111 120,2, e iv 32,7-8.

E. 82, v. 3. E: *sabem prezar*.

E. 83, v. 6. Ed. de 1669: *Que não o*. Ed. de 1702: *Que o não*. Modificação escusada. V. a n. a ix 77,7.

E. 85, v. 7. Fr. de C.: *ao Rei*. Inutil.

E. 86, v. 2. P: *Guardarse*. E todas as ed. depois de P. Contudo no ms. do P. lia-se o que está em *Ee* e *E*. E' que tanto no português arcaico, como no dos bons escritores do séc. xvi, o *r* aparece às vezes assimilado ao *s* e os dois *ss* reduzidos a um só. «Nam pode meu coraçam | libertasse de catiuo». C. G., t. v. 51,4. «Donde se segue apagasse tudo «(*Ulis.*, fl. 116).» Ainda que quisesse encobrise, ellas» etc. (*Palm.*, 1, p. 409). «E os lares... induziram fazese o delífico orago» (*Eufr.*, 5). Cf. as nn. a ix 26,6; 111 8,4; x 127,3; 111 84,2.

Canto VIII

(Fl. 128, est. 1-5; f. 129, e. 6-11; f. 130, e. 12-17; f. 131, e. 18-23; f. 132, e. 24-29; f. 133, e. 30-35; f. 134, e. 36-41; f. 135, e. 42-47; f. 136, e. 48-53; f. 137, e. 54-59; f. 138, e. 60-65; f. 139, e. 66-71; f. 140, e. 72-77; f. 141, e. 78-83; f. 142, e. 84-89; f. 143, e. 90-95; f. 144, e. 96-99).

E. 3, v. 1. Ed. de 1644: *filho ou*, lição que F. e S. diz também ter encontrado no ms. 2.º E isto por causa de 111 21,6-8. O P., baseando-se em um passo de Plínio, transcrito nas notas ao *Vincentius* de A. de Resende, aproveita aqui a interpretação que este humanista deu às palavras do escritor latino (2), fazendo de Luso filho e, portanto, naturalmente também companheiro de Baco. Convinha, com efeito, a P. da Gama fazer sciente o catual de que os homens que ali via tinham o nome de um filho e companheiro de armas de um dos poucos que haviam entrado na Índia

(1) Sobre esta rima diz A. de Nebrija, o célebre humanista do séc. xvi: «Nuestros maiores no eran tan ambiciosos en tassar los consonantes e harto les parecia que bastava la semejança de las vocales, aunque que no se consiguiesse la de las consonantes e assi hazian consonar estas palabras *santa, morada, alva*». *Gram. Castellana*, na *Antologia de poetas liricos castellanos* de Menéndez y Pelayo, v 59-60.

(2) «Lusum Liberi patris filium, non autem socium, ut quidam interpretantur, una cum Lysa. nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse... Et a Luso quidem Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania». Cf. 111 21,5-6.

como conquistadores (cf. vii 52; i 31-32). Em iii 21 não subsistia este motivo e por isso C. refere também a opinião que faz de Luso companheiro, mas não filho de B. E' ainda em obediência ao mesmo critério que em i 39,4, Luso é apenas um *primado* de Baco, e que em vi 30,2, este lhe chama depreciativamente *um seu vassalo*. Assim o exigia a hostilidade de Baco contra os portugueses. Como é que este guerrearia os que tinham o nome de um seu *filho e companheiro*? Daí as expressões empregadas em i 39 e vi 30. Cumpre advertir que não são estes os únicos passos em que o P., quer por se mostrar conhecedor das divergências de opinião sobre o mesmo assunto, quer por outros motivos, parece estar em contradição consigo próprio (1).

V. 5. F. B. (ed. de 1669): *Douro e*. No ms. do P. lia-se naturalmente *Do Douro Guadiana*, para se pronunciar *Do Dourò G.*, fundindo-se o *ao* com o *o* final de *Douro*. Cf. as nn. a iv 41,8 e 74,3. O P. devia empregar *ao* e não *e*, para assim indicar os limites norte e sul do *Campo Lysio*, da Lysitânia (cf. iii 21,5-8). E foi por certo *Lisio* e não *Elisio* que ele escreveu no v. 6. *Elisio* nada tinha que fazer aqui, pois nunca a Lusitânia fora assim designada. O P. aproveitou a ocasião para recordar o nome do esquecido Lysa.

E. 4, v. 4. Ed. de 1644: *ou filho*. Vid. a n. preced.

E. 5, v. 1. Ed. de 1702: *he que*. Sem motivo. Cf. C. G., iv, 99: «Este (= Este é) o cabo dos lououres».

E. 9, v. 5. F. e S.: os *Mouros*. Mas o sentido é: depois de se ter mostrado superior aos cav. galegos e leoneses nas guerras contra os mouros. Cf. iv 8,8.

E. 11, v. 3. E: *Estigio jura*. P = Ee.

E. 12, v. 1. Ed. de 1644: *Reis*. Inadmissível. *Rei* é só A.

E. 14, v. 7. G. de A.: *e a molher*. Inutil. «Os juizes... entregando-lhe a taboa da ymagem e armas em sinal de vencimento». *Palm.* 1, p. 142. Cf. a n. a i 55,2.

E. 15, v. 7. P: *a si*. No ms. do P. estava talvez, aqui e no v. 6: *assi*, como *asse* (i 75,5) = *ha-se*; *Chegasse* (vi 58,1) = *Chega-se*; etc. Cf. a n. a i 71,5.

E. 17, v. 1. P: *He*. Faltava naturalmente o *H*. V. 5. P: *em tão*. No ms. as duas palavras estavam decerto juntas. Cf. *tambem* = *tão bem* (iv 2,3; vii 87,4), grafia corrente no séc. xvi.

E. 20, v. 4. F. B.: *E o H*. Mas v. a n. a i 155,2 V. 8. G. de A.: *derriba, a*.

E. 22, v. 8. Ed. de 1613: *e prende*. Nada obstava a que o P. repetisse o pronome.

E. 25, v. 4. Ed. de 1597: *quẽ*. No séc. xvi era corrente tanto o uso do *quem* — *que* (cf. a n. a x 54,2), como, em certos casos, o do *que* = *quem* ou *qual* Cf. a n. a iv 79,4. A não haver erro de imprensa, está o *que* por *quem*, por ex., no *Mem.* f. 179

(1) Cf., por ex., iii 7,7 *Troia triunfante* com iii 57,4, e vi 19,8; iii 72,7-8 e iv 64,3-4 (localização do paraíso terreal na Arménia) com iv 74,1-2, e vii 1,4; x 93,7-8 (origem do Nilo) com x 95,1-2; i 7,7-8 (explicação dos cinco escudetes das armas reais port.) com iii 53,5-8. Não deve porisso também causar estranheza o facto de no princípio do canto v se acharem entrelaçadas duas derrotas diferentes de Lisboa até às regiões equatoriais — uma, a de Vasco da Gama, pelas Canárias e ilhas de Cabo-Verde; — outra, naturalmente a da nau *S. Bento*, em que o P. foi para a Índia, pela Madeira, Cabo-Verde e proximidades da costa de Africa, até as alturas da Serra Lioa.

(ou p. 271): «Podemos ver quanta força tem o vicio em *que* não lhe resiste.» V. 7. Ed. de 1663: *Tá Vira*, só substituído por *Tavira* na ed. de 1702. Mas o P. escreveu *Tavila*, pois assim leu a palavra na respectiva fonte (*Crón.* de R. de Pina).

E. 28, v. 5. P: *Não o*. Mas o *no* era corrente nestes casos. Cf. a n. ix 77,7. V. 8: G. de A.: *do alheio*. Mas *de*, correspondendo ao *De*.

E. 29, v. 2 G. de A. *so, de*. Sem motivo. Cf. a n. a 11 101,6. V. 3. Creio que deve ler-se: *Se pode*. O sujeito não é Nunálvares: é por conselho e ousadia dele que *se pode* etc. V. 8. E: *o Goad*. P = *Ee*. Cf. a n. a vii 70,3.

E. 30, v. 3. P: *a divina essencia*. Ed. de 1597: *Orando vestocco (pera o ceo?) pede clemencia*. E. D. conjectura que o P. tivesse escrito *huna*, sendo o *suma* do tipógrafo. Se C. escreveu *una*, lembrando-se da expressão *Deus uno e trino*, cometeu um erro teológico (1), que o benévolo revedor não teria remediado completamente com a substituição por *suma*. E daí as duas tentativas de alteração. V. 6. E: *que lhe falta*. P = *Ee*.

E. 31, v. 6. G. de A.: *lhe cobria*. Mas *correr* era por assim dizermos o termo técnico para designar as incursões em território inimigo. «Correo o Xarife Çafim e matou cem lanças». F. de Moraes, *Dialogos*, p. 7.

E. 32, v. 3-4. Estes vv. só se tornam inteligíveis lendo: *se arreà Ditosà*, ou melhor: *se arrea Ditosà patria*. O sujeito de *se arrea* é forçosamente *patria*. Cf. a n. a 111 10,2, e ix 53,4.

E. 33, v. 4. E e P: *levayão*. V. 6. Ed. de 1631: *co amor*. Cf. no C. G., v, 185: «Que com a vida que me days». V. a n. a 11 1,4.

E. 34, v. 2. E: *perjuro*. P = *Ee*. E. 35 V. 4. F. e S: *para os t*. Mas *pelos* é corrente nesta significação.

E. 38, v. 4. G. de A.: *Na terra*. O emprego do artigo não se regulava inteiramente pelas normas actuais. Dois ex. do *Palm.*, com intervalo de poucas linhas. «Nestes casos musica he raynha dos outros remedios... Vingarey esta quebra com fazer confessar verdade a todolos que a negarem.» T. 1, p. 119 e 120. Cf. L. 11 98,4; 111 126,2; x 42,2; 1 105,6; etc.

E. 39, v. 3. Ed. de 1663: *faltam-lhe pincel*. Deve ser lapso (2).

E. 47, v. 1. F. e S.: *que a hum*. G. de A. concorda e suprime o *lhe* do v. 7. Mas esta construção é muito usada por poetas e prosadores do séc. xvi. É o conhecido tipo: *Eu parece-me* Cf. 111 26; iv, 77; v 54,4-8; viii 58,5 — 59,1. V. 5. Ed. de 15 7: *e notho* (i é: bastardo). Mas cf. 1 53,8, e as respectivas fontes (Barros, D. 11, 10,5-6; Sabelico, *Enneades*, l. viii, c. 6).

E. 48, v. 3. G. de A.: *agoas tumidas*. Obs. de E. D.: Corresponde ao *maria humida* da *Eneida* v 594. Cf. *ibid.*, xii 476-7, *umida stagna*, a *acqua molle* do O. *Fu-*

(1) Segundo a doutrina católica, Deus é um na essência e trino em pessoas. Não se pode dizer, portanto, *una e trina essência*. No texto de *Ee* a palavra *essência* já é susceptível de uma significação mais lata, equivalendo a *ser*. No C. G., III, 111: «oo huū deos e trino».

(2) O V. de J. atribue ao *original* a lição *falta-lhe cores*. Ler-se-ha assim em alguma das edd. de E ou de *Ee*?

rioso, XLII 64, e as trevas escuras e alvas cãs do *Palm.*, II, p. 188 e 325. Cf. a n. a IV 26,2.

E. 49, v. 5. *P*: por ti. *E*=*Ee*. Além das fórmulas de juramento: *Par estas barbas* (*Eufr.*, p. 53); *pardelhas* (*G. Vic.*, III 307); *pardez* (*Eufr.*, 76), encontra-se o *par*=*por* neste passo da *C. G.* (t. IV, 88: «Hũa ley se fez e disse, | que quem esta dama visse, | que se perdesse pareela». *F. B.* (1631): *tudo vello*. Está muito bem o *rudo*.

E. 50, v. 3. *G. de A.*: *mui facilmente*, por causa da métrica. Mas no *C. G.* encontrou o *P.* estes vv. de 7 sílabas: «sahe tam demasiado» (t. IV, p. 348, 24), «quem mal cae, mal jaz» (t. III, p. 129,13), em que *sahe* e *cae* são dissílabos. V. 6. O *a* inicial de *agudeza* pode conter o art. Cf. a n. a VIII 32, 4-5.

E. 52, v. 3. Ed. de 1631: *Astucias, traições*. Ed. de 1702: *Astucias e tr.* Mas a palavra *traição*, de *traditione*, pode considerar-se aqui como trissílaba, pois o foi em uma fase da sua evolução. Cf. II 17,5, e este v. do *C. G.* (I,63,9): «os quandã por trayçam».

E. 54, v. 6. *E*: *aparatados*. V. 8. *B. F.*: *Da que*. Contaminação das duas construções: *Do que aquela* (ou *a*) *que* e *Da que*. Cf. a n. a V 86,1. «... Dobrado gosto do que agora podeis sentir». *Palm.*, I, p. 203. Da construção *do que* (= *daquele que*) ha um ex. em VII 39,3. Do simples *de* (latinismo e italianismo) temo-lo em IX 73,2 (*da D.* = *que a D.*) (Cf. sobre o assunto deste último passo *Ovid.*, *Metam.*, III, 138-250, e *O. Furioso* XI 58). Cf. o latim *pretiosior auro* (= *do ouro*) ou *quam aurum*.

E. 55, v. 6. *P*: *Em negocios*. Mas o *E* deve conservar-se, pois temos um caso semelhante ao de VII 70,5. V. a n. a este passo. V. 7. Ed. de 1603: *com elles*. Cf. a n. a V 22,4.

E. 56, v. 1. Em *Ee* II o v. começa as *a uelles*, pela queda do *M* e do *q*. V. 8. *P*: *deixava*. *E*=*Ee*.

E. 57, v. 1. *P*: *que*. *E*=*Ee*. V. 3: *E*: *gente*; *P*=*E*.

E. 61, v. 2. *M. C.*: *deste, he*. É o caso bem conhecido da repetição do *que*, vulgarissimo no séc. XVI, e que já vem do latim. Cf. I 55, 6-8; 83, 7-8; 101, 5-7; etc. V. 8. *G. de A.* muda a ordem das palavras: *Viagens t. in. e rem*. Mas o esquema *adj. + subst. + adj.* é muito usado nos *L.* Cf. II 56,3; IV 4, 3; 89,1; V 25,8; 47,5; VI 96,3; IX 49,3; 69,7, etc.

E. 62, v. 3. *G. de A.*: *valiosos*. Mas *valeroso*=*valioso*, como neste passo do *Palm.*: «A senhora Mansi..., guarnecida das cores de servidor mais valeroso» (era o rei). T. III, p. 146. V. 5. *P*: *peças de d.* V. 7. *Fr. de C.*: *não são*. V. 8. *G. de A.*: *A palavra*. Dois meios diferentes de fazer desaparecer a anomalia gramatical. Mas esta achava-se sancionada pelo uso dos melhores escritores. «Posto que suas tenções era alcançar maior premio» etc. *Palm.*, I, p. 10. «Nossos amos são no Paço; he horas de se virem». *Aul.*, 14. O *P.* quis deixar ainda outro ex. em IX 89, 3-4.

E. 64, v. 5. *F. e S.*: *Com hũa*. Ed. de 1644: *qual convinha*. Mas ambas as correções se dispensam. «Cuña vontade contente». *C. G.*, I, 180.

E. 65, v. 3. *E* e *P*: *iniquicia*. E' claro que o *P.* quis dar forma port. ao latim *nequitia*.

E. 67, v. 2. *E*: *desterrada*.

E. 69, v. 2. Antes de *Rei* omitia-se o art. indef., como, por ex., neste passo do *Mem.*, p. 43: «Não pode ser mayor gloria de rey que ter tais vassalos.»

E. 73, v. 2. M. C.: *a fortuna*. Mas cf. a n. a 195, 8.

E. 74, v. 1. Ed. Biel: *ó Rei*. A omissão do *ó* corresponde ao emprego da palavra sem o art. «Precedeis rrey Salamam». *C. G.*, 11, 220. «A verdade cos (= que os) leais a rey deuem» etc. *Palm.*, 11, p. 185. Cf. a n. á e. 69, e a iv 74,3.

E. 75, v. 3. G. de A.: *a brevidade*. V. 4: *impeças*. Mas foi *impidas* que o P. escreveu, pois era assim que o verbo se conjugava no seu tempo, antes da falsa identificação com *pedir*. Cf. ix 8, 7. «Quem quereis que vos impida a vontade?» (*Pal.*, 11, p. 413).

E. 76, v. 8. F. e S.: *corrutos*. *Mal julgados*. I. é: o rei julga-os mal, porque os supõe apenas enganados, mas eles estão vendidos. Mas *julgados* é um particípio do pret. com significação activa — *que julgam*. Assim, *errados* = os que erram (F. de Moraes, *Dial.*, p. 11); *enganados* = os que enganam (*Mem.*, p. 310.); *pouco sabidos* = que pouco sabem (*Palm.*, 11, p. 133); *fama corrompida* = f. que corrompe, que altera a verdade (*L.*, iv 7, 4). Cf. x 76, 4, e *Auto do Filodemo*, A. 4, sc. 1.^a

E. 77, v. 8. Ed. de 1644: *ou venda*. Mas esta repetição pertence ao estilo épico. Cf. III 2, 3; 5, 5; VII 72, 4; VIII 94, 6; x 18, 3; 21, 2; etc. Cf. a n. a 11 101,6.

E. 79, v. 1. *E: lhe*.

E. 81, v. 3. G. de A.: *E o*. Mas não é preciso o *E*.

E. 87 v. 8. F. e S.: *aqui e ali des*. B. F.: *aqui, ali*. G. de A.: *aqui; e ali des*. Mas parece-me que o P. escreveu propositadamente o v. como ele está em *Ee. Aqui e ali* ligam-se com *tremulo*.

E. 88, G. de A.: v. 3: *caso elle*; v. 8: *falsos*. Prurido de emendar o texto. No v. 3 ha uma prolepse. Cf. a n. a vi 34,3.

E. 90, v. 7. *E: armada*. *P: anda armando*.

E. 92, v. 2. *E: pera terra*. *P=Ee*. Cf. i 45, 3. «Hiá ao (= aos) remos ao longo da terra». *Palm.*, 11, p. 349. Outras vezes omite-se o art. Cf. VIII 90,2; 94,1. V. 3. G. de A.: *ou venda*. Cf. a n. a VIII 77, 8.

E. 93, v. 2. B. F.: *em que*, como em VIII 80, 2. Mas *ir com os barcos* = *ir nos b.*, é o dativo ou instrumental sociativo, de que abundam os ex. nos poemas homéricos.

E. 97, v. 5. M. C.: *o avaro vicio*. O art. é escusado, porque *av. vicio* = *avareza*, e esta podia empregar-se sem art., como *fortuna*, *natureza* etc. Cf. i, 32, 2; III 126, 2; etc.; e a n. a VIII 38, 4. V. 8. M. C.: *Da... em fogo*. Ed. de 1612: *Da*. Correções inadmissíveis. No v. 8 temos uma oração relativa, em que o pron. está separado por um verso do seu antecedente. E' uma or. rel. de antecedente remoto, muito em uso ainda no séc. xvi. Cf. III 27, 3; x 131, 7-8; etc. «Destas maginações foram acompanhadas te que tudo perderam de vista, que lhe depois não durará muito» (*Palm.*, III, 390).

E. 98, v. 2. *E e P: trehores*. Cf. iv 33,8. O P. escreveu com certeza *tredoros* (1),

(1) Nota do Dr. Leite de Vasconcelos: *tráditôr*: *traditôr* (por falsa analogia com *auditor*, etc.). O *traditôr* é étimo postulado pelo fr. ant. *traître*. Temos **traditor* > **tra(d)edor* > **traedor* > *tredor* > *tredro* > *tredoro*.

forma usada também, entre outros, por Castanheda (II, p. 217, IV, p. 40, etc) e por J. F. de Vasc. (*Ulys.*, p. 143, 261, 280, 300, ed. de 1787). Cf. *C. G.*, III, 258, 20. V. 3. B. F.: *aos mais*. Mas o superl. relativo aparece por vezes sem o art. «Que quereys que vos diga, . . . se nã que sam mais malauenturada molher do mundo» (*Palm.*, I, p. 461). «Neste (tempo) he maior bulra do mundo». (*Eufr.*, 107). «Irei de ca mais cedo que poder». (*Ibid.* 109).

Canto IX

(Fl. 144 v., est. 1; f. 145, e. 2-7; f. 146, e. 8-13; f. 147, e. 14-19; f. 148, e. 20-25; f. 149, e. 26-31; f. 150, e. 32-37; f. 151, e. 38-43; f. 152, e. 44-49; f. 153, e. 50-55; f. 154, e. 56-61; f. 155, e. 62-67; f. 156, e. 68-73; f. 157, e. 74-79; f. 158, e. 80-85; f. 159, e. 86-91; f. 160, e. 92-95).

E. 6, v. 7. Ed. de 1651: *dano e*. Mas não é preciso. O que ha é uma transposição, pertencendo *s. r.* a *ordena*.

E. 7, v. 2. Ed. de 1612: *d'Arabica*. M. G.: *da Arabia*. Mas o P. escreveu *de A.*, i. é: *de a A.* Cf. III 15,7; IX 28,5.

E. 9, v. 7. F. e S.: *logo presa*. Sem motivo nenhum. *Represaria* leu o P. mais de uma vez no *Palm*.

E. 12, v. 7. Ed. de 1663: *tomando*. Mas V. da G. tornou uns e tomou outros. V. 8. G. de A.: *às v.* Mas cf. II 18,3; 64,8; 65,1; v 34,8. Vid. a n. 195,8.

E. 16,8. *P*: *timidos*. Cf. IX 63,6. É curioso o mesmo erro nos dois passos. Não se leria *têmidos*, como o *tenha* = *tinha* do *C. G.*, IV, 131: «Cuydarã nos castelhanos que nos tenham já na rrede». Cf. no *Palm.*, II, p. 223; «A causa que (eu) pera isto *teue*». E sem o acento *trestura*, *fengida*, *musca*, *vertude*, etc., *passim*, no *C. G.* etc.

E. 17, v. 6. Alguns exemplares de *E*: *tom l.* *P* = *Ee*. No confronto que fez entre *Ee* e *E*, Trigoso atribue a *Ee* a lição *t. largos* (1). Mas é possível que haja lapso de revisão. Segundo o M. de M., no exemplar *Ee* da B. N. de P. está *tom*, como em *E*. Mas houve equívoco, como consta de informação dada por aquela B. No ex. de *E* da B. Nacional: *tam*.

E. 21, v. 6. Ed. de 1597, seguida pelas de 1609 e 1612: *Da may prim.* (2). M. C. volta a *Ee*, afirmando que «assy fez L. de C. este verso». Nem a lição de *Ee*, nem o aditamento posterior são susceptíveis de uma interpretação aceitável. O P., como se vê por 7-8, devia neste passo localizar a *ilha dos amores* ou na parte do mar das Indias que fica entre a Asia e a Africa, ou no Oceano Atlântico. Com effeito, Venus, além das ilhas que possui no Mediterraneo, tem tambem muitas *no reino*, i. é, no mar que confina *Da . . . co terreno seio*. Mas que é um *terreno seio*? O P. o diz em mais de um

(1) *Exame critico das primeiras cinco edições dos L.*, nas *Mem. da Academia*, t. VIII, parte 2.^a V, a *Taboa dos principaes erros* etc. Cf. *Archivo pitoresco*, IV, p. 173 e segg.

(2) Na tradução castelhana de B. Caldera, publicada em 1580: *de la primera madre*. Na de L. G. de Tapia, publicada no mesmo anno: *Con el que al hombre fue de poca tura*.

lugar. É uma enseada, uma curva, formada pela costa (cf. ix 53,5-8; v 73,3-9), assim como *marítimo seio* é a mesma curva, mas considerada sob outro aspecto (cf. x 106, 5-6) (1). E que *terreno seio* será esse? Só pode ser o que é formado pela costa oriental da Africa e pela da Asia, que se prolonga até o sul da India (2). Ora são precisamente os nomes destas duas partes do mundo que o P. devia ter escrito: *De Af. e de Asia co t. s.* Depois, talvez por causa de x 96,5, entender-se-hia, embora mal (cf. x 77 e segg.), que a *ilha dos amores* deveria ficar muito próxima da Africa, pondo-se por isso no ms. a nota marginal *Da primeira*, que o compositor introduziria no texto, em substituição do que lá estava.

E. 23, v. 2. *P: Anchises. E. = Ee.*

E. 24, v. 8. *G. de A.: Serenos.* Nas parelhas de nomes, que exprimem a mesma ideia, ideias próximas ou as partes de um todo, a concordância no *Palm.* pode fazer-se no singular e com o masculino, ou com o mais próximo. «O cuidado e o amor lhe dava lugar a isso» (111, p. 47). «Contente da gloria... alcançada em tempo e lugar tão sinalado» (*Ibid.*, p. 85) «O amor e afeição... misturado com pouco que lhe parecia» (*Ibid.*, p. 122). Cf. a n. a vii 68,8.

E. 26, v. 6. *Ed. de 1591: Mostrar-lhe.* Mas o P. escreveu o que está em *Ee.*, pois quis deixar exemplificado um caso de fonética sintática que encontrava nos melhores escritores. «Nó era boõ galardoõ *auelhas* asy de tirar». *Crón. do Condestabre*, f. 50. «O escudo que tomastes a donzella devies *tornalho*» (*Palm.*, 1, p. 84). «A elle *nega lhe* seu merecimento nã seria rezã» (*Ibid.*, 426). «Começou *dizelhe*» (p. 413). «Quisesse *segura lhe* as vidas» (t. 3, p. 150). Cf. a n. a vii 86,2.

E. 27, v. 1. *E: todos. P = Ee.*

E. 28, v. 5. *G. de A.: De fea* Mas *Da*, para corresponder a *de (a) aspereza*. Cf. ix 7, 2.

E. 30, v. 2. *E: v. ondas. P = Ee.* V. 8. *Ed. de 1644: toada.* Mas aqui destoaria, por causa da dureza do *t.* *Soada* é mais suave.

E. 35, v. 8. *G. de A.: culpada a mãe, do que o.* Mas não é preciso, pois *mais* é aqui um adj. (= maior).

E. 40, v. 2. Apesar de não oferecer dúvida a significação da palavra *ponto* (= *mar*), F. e S. diz ter encontrado em um dos mss.: *aguoso f.*

E. 45, v. 1. *Ed. de 1626: mandaõna.* *Ed. de 1631: Vão na... mandãona.* Mas abundam os casos do desaparecimento do *n.* «Poserã os em tão fraco estado» etc. (*Pal.*, 1, p. 370). Cf. a n. a ix 77,7. V. 7. *P: auida.*

(1) Como as palavras *seio* e *enseada* podem significar tanto a curvatura da costa, como a agua que dela toma a forma, o P., para ser mais preciso, recorreu em ix 21,6, ao epíteto *terreno*, e em x 106, 5-6, ao complemento *dó mar* (= *marítimo*). *Seio* e *enseada*, sem qualificativo, encontram-se em vários passos dos L. Cf. 11 45,3; x 35,1; 106,2; 129,4; etc.

(2) A este *terreno seio* se refere expressamente uma das fontes do P., Castanheda: «Vasco da gama... partiose de Melinde pera Calicut... e dali começou logo datravessar hum golfão de setecentas e cincoenta legoas, porque faz ali a terra hũa muyto grande enseada» (L. 1, c. 13). Cf. o *Roteiro de V. da G.* p. 49. ed. de 1861.

E. 46, v. 1. Ed. de 1631: *rúmor*. Ed. de 1702: *merito*. Isto para evitar o acento na 7.^a, em vez da 6.^a Mas estes vv. são permitidos e ha outros ainda nos *L.* Cf. viii 73,5. Incluo tambem neste número iv 59,7 e 63,8. Cf. a n. a v 77,3. V. 2. B. F.: *O coração*. Isto por causa de *Mudando* (v. 7). Mas este verbo está empregado causativamente (= causando mudança). Cf. *ondear* (iv 85,6); *desconfiar* (iv 89,6); *subir* (vi 76,1; x 7,1); etc. «Vivireis em odio dos vossos, cousa que... passa vida em receio» (*Palm.*, 111, p. 25).

E. 47, v. 7. G. de A.: *E cae*. Para acertar o v. Mas foi o P. que o escreveu assim. Cf. a n. a viii 50,3.

E. 53, v. 4. G. de A.: *Latona a Ph.*, para senão supor, diz, que os dois nomes designam a mesma entidade. Mas o *a* encontra-se no a final do primeiro: *Latona*. Cf. viii 32,5.

E. 55, v. 6. Ed. de 1597: *Enfeitar-se*.

E. 59, v. 7. F. e S. diz ter encontrado no 2.^o ms.: *Escondei-vos*, que G. de A. aprova. Mas o sentido óbvio, e que não ha motivo para rejeitar, é: sois tamanhas, que só vos podereis conservar nas pereiras, se fordes debicadas pelos pássaros. Interpretação tradicional (M. C.): deixai que os pássaros comam algumas; tantas sois vós.

E. 60, v. 2. *P*: *o rustico*. *E* = *Ee*. V. 5. *P*: *a flor*. *E* = *Ee*.

E. 62, v. 2. *E*: *ruciadas*. *P* = *Ee*. V. 4. *P*: *Tam*. *E* = *Ee*.

E. 63, v. 1. M. C.: *Ao l*. Mas cf. iv 101, 4. V. 2. *E*: *Philomena*. *P* = *Ee*. V. 6. *P*: *timida*. *E* = *Ee*. Cf. ix 16,8. V. 8. Ed. de 1597: *o leve*. Mas cf. a n. a 111 100,2.

E. 64, v. 7. G. de A. (dubitativamente): *só fingiam*. Mas cf. *Palm.*: «Sabete que eu sam o que matey» etc. (11, p. 265).

E. 65, v. 7. Ed. de 1626: *Deposta*. O contexto mostra bem que é esta a significação de *Posta*. E o v. não fica defeituoso.

E. 69, v. 3. *P*: *dura*. *E* = *Ee*.

E. 71, v. 2. F. e S.: *de outra*. *De hũa* (= *De hũas*), & *da outra* (= *das outras*), como nestes passos do *Palm.*: «Assi de hũa banda, como da outra» (11 p. 367). «Os de hũa parte tendo mortos os que da outra se lhe defenderá...» (11, p. 16) Mas tambem: «Da hũa e da outra vanda acodirá todolos» etc. 1, p. 76). «A hũa destas... A outra» (*Ibid.*, 235). Em ix 71, 1-2, ha a contaminação de: *de hũa... de outra*, com: *da hũa... da outra*.

E. 73, v. 7. Ed. de 1597: *De se despir*. Presumo que no ms. se lia *Desse* (= *De se*). Cf. i 71,5; vi 58,1.

E. 74, v. 1. Alguns exemplares de *Ee* trazem *Qual tão*. Noutros está feita a emenda de *tão* para *cão*. *E*: *tão*. *P*: *cão*. V. 3. Ed. de 1597: *Vendo ó*. M. C.: *V. no*. Lição corrente: *ao*. Permita-se-me supor que o P. encorporou o *ao*, reduzido a *ó* (cf. iv 41,8), no o final de *Vendo*, sendo porém necessário ler-se com prolongamento do o (= o ò), para formar tres sílabas. No C. G. ha estes vv.: «Dom Martinho nam me cre, | se lhe falo, nam ve | nem me ouve: | vede, senhor, quem trouue | a pedilo meu por merçe» (v, 192, 10-13), em que o *nam* e o *quem* se desdobram em duas sílabas: *nam me* e *quem me* (1). E' o mesmo caso do *Vendo* = *Vendo ó*. «Flerida perdou a D.

(1) A ed. de Coimbra põe [e] no começo do 2.^o v. e no 3.^o acrescenta [me] depois de *quem*.

Duardos». *Palm.*, 3, p. 325. *Perdou* = *Perdoou* (3 sílabas). «Á minha morte eu lha perdó». *Mem.*, f. 98 (p. 150). Cf. VII 52,1.

E. 77, v. 7. J. da F. e G. de A.: *não a*. E' curioso: quando o poeta escreve *Vão a* (1 x 45,1), ha quem emende para *Vão na*. Quando prefere o *na*, como aqui, aparece tambem logo quem o corrija, como se ambas as formas não fossem legítimas ou como se ele não tivesse o direito de usar de uma e doutra.

E. 80, v. 4. *P*: *correrás*. *E* = *Ee*.

E. 82, v. 6. G. de A.: *riso, de*. É uma parelha. Cf. a n. a II 101,6.

E. 84, v. 8. G. de A.: *e de alegria*. Cf. a n. a I 55,2.

E. 86, v. 5. *E*: *da vinda*.

E. 87, v. 1. Ed. de 1597: *o leva*. *E* — *Ee*.

E. 88, v. 4. *P*: *Os*. *E* = *Ee*.

E. 89, v. 3. G. de A.: *não são*. V. a n. a VIII 62,7.

E. 91, v. 2. *E*: *mortais*. *P* = *Ee*. V. 4. *E*: *Dividos*. *P* = *Ee*.

E. 93, v. 5. G. de A.: *ouro impuro*. Mas o epíteto *puro* está aqui tomado no sentido material: *fino, sem liga* (cf. IX 87,4, X 3,3). Por *puro*, por *fino* que seja, o ouro não dá etc. Cf. *T. dos L.*, p. 47.

E. 94, v. 3. G. de A.: *vesti das*. Mas cf., por ex., *Palm.*, I, p. 327: «o saluaje... vestido em hūas roupas de Palmeirim», etc.

Canto X

(Fl. 160 v., est. 1; f. 161, e. 2-7; f. 162, e. 8-13; f. 163, e. 14-19; f. 164, e. 20-25; f. 165, e. 26-31; f. 166, e. 32-37; f. 167, e. 38-43; f. 168, e. 44-49; f. 169, e. 50-55; f. 170, e. 56-61; f. 171, e. 62-67; f. 172, e. 68-73; f. 173, e. 74-79; f. 174, e. 80-85; f. 175, e. 86-91; f. 176, e. 92-97; f. 177, e. 98-103; f. 178, e. 104-109; f. 179, e. 110-115; f. 180, e. 116-121; f. 181, e. 122-127; f. 182, e. 128-133; f. 183, e. 134-139; f. 184, e. 140-145; f. 185, e. 146-151; f. 186, e. 152-156).

E. 1, v. 1. *E*: *de L*. *P* = *Ee*.

E. 2, v. 7. F. e S.: *aparelhadas*. Ed. de 1663: *aparelhado*. Mas temos aqui um caso de atracção. Cf., por ex., este passo do *Palm*, I, p. 97: «Pera que o medo dellas (i. é: dessas palavras) me façã fazer o que-nã devo». Fica em campo o complemento, como mais importante, fazendo esquecer a palavra de que depende.

E. 3, v. 2. *T*: *assentão*.

E. 5, v. 1. G. P. de L. e G. de A.: *se trocavam*. Cf. *Auto do Fisico* de J. Ribeiro, p. 35: «Quer tocar algum doce?» Cf. p. 37. O v. 2.º, com que se argumenta, diz E. D., deve ter outro verbo, que se subintende por zeugma. A meu ver, nos vv. 2 a 4 ou ha uma construção igual á que se encontra em VII 55, 1, e IX 9, 5-6 (Cf. *Palm.*, II, p. 408: «O gigante... leuando as nouas,... nam tardou muito que a hūa janela se pos um pano» etc.), ou uma oração principal de participio. Depende da pausa do fim do 1.º v.

E. 6, v. 1. *E*. *Minfa*.

E. 8, v. 7. Este v. deve ter sofrido qualquer alteração, pois, tal como está, não se entende. Que é o que o P. pretende em vão? Seja-me permitido supor que no ms. se lia: *Me tornes o que eu só em vão pretendo*. Isto é: peço-te que, em pago da minha invocação, me concedas o que eu, só por mim, pretendo em vão: — o gosto etc. Cf. a n. a iv 29,5.

E. 10, v. 1. *E*: Cantando. *P* = *Ee*.

E. 12, v. 3: M. C.: *o m.*, como também já supôs. «Pera ver o que em si tẽ, quis guardar este passo». *Palm.*, 11, p. 304. M. C.: *Trazia*. V. 6. M. C.: *em o f.* Mas *o f.* O. é também sujeito de *sentirão*.

E. 14, v. 2. *P*: *de Bipur*. *E* = *Ee* (1).

E. 16, v. 5. B. F.: *da vida*. Mas cf. i 105, 6; x 127, 7, as expressões *em vida*, *por morte*, etc., e a n. a viii 38, 4.

E. 18, v. 2. F. e S.: *A p. co'o*. Cf. «Co espada ao pescoço». *C. G.* i. 191. Cf. a n. a i 56, 7.

E. 25, v. 5. G. de A.: *E em*. Está antes a pausa do 4.º v. e o assíndeton dá mais energia ao pensamento.

E. 28, v. 3. F. e S.: *como trovão*. Mas estas palavras podem significar: *com estampido como o do t.* Para a métrica cf. as n. a viii 50, 3, e ix 47, 7.

E. 31, v. 1. F. e S.: *Com hũa c.* Cf. a n. a i, 22,7. V. 3. G. de A.: *do animo e dos b.* Mas *animosos* corresponde a *grão* do v. 4.

E. 32, v. 8. *E*: *e a Ma*. *P* = *Ee*. Cf. a n. a i 55, 2.

E. 38, v. 6. B. F.: *não os ent.* Cf. as n. a ix 45, 1, e 77, 7.

E. 40, v. 2. *E*: *o Albuq.* *P* = *Ee*. Informa J. F. de Castilho que no exemplar de *Ee* que pertenceu ao imperador do Brasil, D. Pedro II, a palavra *Albuquerque* está em breve: *Albuq.e* (2).

E. 41, v. 6. G. de A.: *A baixar*. O P podia escrever como está em *Ee*. Cf. x 78, 5-6, etc.

E. 42, v. 2. G. de A.: *a victoria*. Mas, por causa da personificação, *victoria* sem art., como *Fortuna*, ii 98, 4; *Natura* iii 126, 1; *Amor* x 46, 8; etc.

E. 44, v. 8. *E*: *obedentes*. *P* = *Ee*.

E. 45, v. 1. G. de A.: *estancias*. As duas formas são igualmente legítimas. Cf., por ex., *aliviar* e *desalivar* (x 149, 3), *constância* e *Constança*, *aparença* (*Mem.*, p. 266, 2 77); etc. V. 3. *E*: *alembrote*. *P* = *Ee*. G. de A.: *Lembroulhe*.

E. 46, v. 8. G. de A.: *o amor*. Mas vid. n. a x 42, 2.

E. 48, v. 1. B. F.: *a Apeles*. É escusado o *a*. Basta ler *Apêles* com o *A* aberto. Cf. a n. a viii 32, 5, e a ix 53, 4.

E. 52, v. 4. *E*: *Sobá*.

E. 54, v. 2. M. C.: *De que*. No tempo do P. empregava-se o *quem* mesmo referido a cousas. Cf. ii 36,4 e 37, 2; iii 77, 1; 139, 6; iv 10, 2; 95, 2; 96, 8; v 15, 4; vi

(1) Não é necessaria a alteração que já propus para o principio do v. 1: *E amêas*. O P. quer dizer: para a guerra dos mouros e gentios contra os portuguezes. Cf. I. 11.

(2) *Memoria sobre o exemplar* etc., p. 35.

94, 4; VII 62, 6; VIII 59,3; IX 68, 3; X 54,2. «Outros (escudos), em quẽ vosso parecer está» etc. *Palm.*, II, p. 68.

E. 55, v. 7. J. da F.: *Da cubiça*. Mas cf. a n. a III 15, 8, e X 42, 2.

E. 58, v. 1. G. de A.: *a cubiça e a amb.* Cf. a n. preced. V. 3. *Id.*: *a Justiça*. Mas cf. a n. a X 42, 2.

E. 59, v. 4. *E: innigos. P = Ee.*

E. 60, vv. 3 e 4. É indispensável a vírgula no fim do 3.º v. *Por H. da S.* não é complemento de *rota*, mas de *destroçada*, como se vê pela fonte: Castanheda, l. VII, c. 91 (*co a v. s. p. e r.*) e c. 94 (o v. 4.º). É o esquema *ite ad domuncellas, sedete vobis et modico (Peregrinatio Aetheriae)*, em que o *et* não está no princípio da respectiva oração. É o *e* pospositivo, o *et* *invertiert* de Löfstedt (*Phil. Kommentar* 7. *Peregr. Aeth.*, p. 312). Cf. as nn. a VII 70, 5, e VIII 55,6 (*e* ilógico de Löfstedt) e a X 73, 7.

E. 64, v. 8. *Ee* (B. N. P.): *saugue*.

E. 66, v. 6. *E: ja de. P = Ee. M. C.: vira.*

E. 68, v. 5. G. de A.: *aos ceos do mundo*. O P. quer dizer que se queixarão do ceo, polos não ter protegido. Cf. II 50, 7-8. Provavelmente era indicação que se continha na fonte destas est., hoje perdida: — os l. IX e X de Castanheda.

E. 71, v. 2. *E: Com rest. P = Ee.* O editor de *E* quis talvez imitar a lição de IV 62, 4, e V 2, 3.

E. 72, v. 4. Ed. de 1597: *quadrupedante* (1).

E. 73, v. 7. G. de A. suprime a conjunção por que começa o v. 7. Mas temos aqui exemplificado o esquema *clamor ortus et tendere ad castra visi sunt* (T. Lívio), i. é, uma oração de participio (perfeito ou imperfeito), coordenada a uma oração de verbo no modo finito, que a precede ou se lhe segue. Construção muito em uso no séc. XVI. «Floriano se apeou e *tirando* o elmo ao que ficara co braço menos, que cõ o grande desfalecimento do sangue... fizera fim a seus dias, em companhia dos outros dous, e nam lhe pesou muito, que castigar aos mãos merce he que se faz aos bõs» (*Palm.*, II, p. 66). «Elrey sabido de Brandimar o caso como passava, e, acabado de lhe dizer, expirou (*Ibid.*, p. 103). «*Passados* tres dias em que descansaram do trabalho do mar e no quarto disse Guirmenides etc (*Mem.* p. 213). «E *socedendo* pois vir ali ter Dom Galaor de Gaula em cata de Dom Florestão, com que houve batalha, e por fim se conheceram por irmãos» (*Ibid.*, p. 270). Um ex. do *C. G.*, v, p. 180: «Ho euangelho de Cristo | cinco mil legoas *vysto*, | & se cre ja por jsto | ho mysterio diuinal». A ed. de Stuttgart acrescenta *he* antes de *vysto*. Segue-a a ed. de Coimbra.

E. 75. Ed. de 1651: *harmonica e*. Mas não é necessário. Está o abstrato pelo concreto: *no harmonioso, doce e suave canto*.

E. 77. v. 3. G. de A.: *tal*. Mas como eram as *esm.* e os *rub.* que tornavam o campo *tal*, a concordância fez-se com estes, por atracção. Cf. a n. a X 2, 7. V. 7. G. de A.: *pisava*, em vez de *pisavam*, por apócope (cf. *nume* e *numen*). O sujeito, diz, é o mesmo de *andão* (v. 1), pois a vista não *pisa*. Mas também os olhos não *veem* o

(1) O erro manteve-se até esta data, naturalmente porque se supunha que era *prado* o primeiro elemento do composto.

tom, e todavia no *Palm.* lê-se: «Em algúas partes se nam podia ver da agoa mais que o tom, com que passava» (1, p. 163).

E. 80, v. 6. *P. superficie. E = Ee.* O P. podia escrever como se lê em *Ee.*, pois era forma corrente no seu tempo. Cf. *especia*, na *Eufr.* p. 30, e no *Mem.*, p. 52.

E. 82, v. 3. Ed. de 1631: *somos*. O P. põe na boca de Tethys o conceito que ele forma de mitologia. *Fomos* é por isso mais apropriado, embora subsista a incoerência resultante da ficção.

E. 83, v. 5. M. C.: *Ensinão*. E' a lição corrente. Mas *Insinalo* está por *Insina-no-lo*. E' um caso de haplogia. Cf. *idololatra* (11 54, 3) e *idolatra* (x 147, 6). Os vv. 5-8 formam um parêntesis. V. 7. *Ee* da B. N. de P., do A. C. do P.: *bôs, quando*. Todos os outros exemp. examinados: *guiando*. V. 8. *E: empecem*.

E. 84, v. 5. Ed. de 1626: *da celeste*. Os anjos bons servem *de c.* No ceo não ha *uma c., a c. c.*, pois não se poderia assim designar Deos, embora acompanhado dos anjos. V. 7. B. F.: *Nem nego*. Mas o P. escreveu *nega*, pois o sujeito é o *sacro verso*, onde se lê: *omnes dii gentium daemonia* (1).

E. 86, v. 3. *E: a tento*. Atento ao que se passa no mundo, na sua qualidade de *claro olho do ceo* (x 89,5). Cf. vi 60,5. E nem sempre Helios foi discreto. V. 6. *Ee* 2, 4, Ac., Ox.: *sojuçgado*. Eliminou-se o 7, durante a tiragem, pois *sojuçgado* é castelhano, embora apareça ás vezes em obras portuguesas dos séc xv e xvi.

E. 87, v. 1. *Ee* 2, 4, 11, Ac., Ox.: *Olha o outro. E: estoutro. P = E*. Que estaria no ms.? Naturalmente *estoutro*. Assim o indicam a eufonia, a significação mais precisa e o uso freqüente (cf. viii 5, 5; 9, 1; 10, 1; 15, 7; 33, 1-2).

E. 88, 6. *Ee* 2, 4, Ac., Ox.: *Oriente*. Nos outros ex. fez-se a emenda: *Oriente*. *E* e *P*: *Oriente*. *F.* e *S.* (2.º ms.) e B. F.: *tremendo*; *F.* de C.: *metuendo*; *G.* de A.: *turbulendo*. Estou convencido que é outro caso a acrescentar a vii 77, 4. Vid. também x 128, 6. V. 8. *E: Lebre, os. P = Ee. F. e S.: E a lebre, os cães*. Os quatro nomes formam dois grupos. O P. escreveu como está em *Ee*.

E. 90, v. 6. B. F.: *fez, o ar*. A conj., porque são dois dos elementos. Sem ela, o *v.* e a *n.* seriam outros dois. Mas estes estão incluídos no *ar*. Cf. Dr. L. P. da Silva, *Astron. dos L.*, p. 67. *Neve* sem art. Cf. a *n.* a 1 55, 2. J. da F.: *e a neve*.

E. 93, v. 5. *P: este. E = Ee*.

E. 95, v. 3. *Ee* 2 e 11: *Cocodrilo. E e P: crocodilo*. Naturalmente o P. escreveu como se encontra em *Ee* 3 (texto). Mas cf., por ex., *Eufr.*, 63: «lagrimas de cocodrilo».

E. 97, v. 7. *E: que parte. P = Ee*. V. 8. *Ee* 2, 4, 11, Ox.: *Arquiro & Cuamquem*. Os outros ex.: *Arquico & Suamquem*. No ms. do P. a última destas palavras estava, como tudo leva a crer, escrita com *ç*. Cf. Barros, *D.* 11 8,1; P.^o F. Alvares, *Verd. infor. do P. João*, f. 120 v.; D. J. de Castro, *Roteiro de G. x S.*, 84, etc. (2) *E: Suamquem. P = E* (3).

(1) Esta oitava parece ter por fonte um passo do tratado *De Civitate Dei* de Santo Agostinho. I. o. c. 2.^o

(2) O *a* nasal é dos *L.* Influência do *m* final?

(3) Caldera e Tapia serviram-se de ex. em que se lia *Arquiro e Cuamquem*; mas Tapia transformou esta palavra em *Zuarque*.

E. 98, v. 3. *Ee* 111: *que*. *E*=*Ee* 3. G. de A.: *que de A.* Não é preciso, pois o P. às vezes emprega os nomes de cidades e regiões sem o *de* (cf. 111 64,1; 27,2; x 123,1; 122,1; 101,5). O texto pode interpretar-se: uns dizem que S. foi antigamente a cidade dos Heroas (= *Heroonpolis*), outros supõem que foi A. (cf. 1x 2). Cf. a n. a VIII 3,1. V. 6: *P*: *Moyses*. No ms. do P. estava naturalmente a forma também usada *Mouses*. Cf. *C. G.*, 1, 286, 12.

E. 102, 4. M. C.: *Persia, terras*. Sem razão, pois o P. não quer aplicar á Arabia o epíteto *abundantes*.

E. 107, v. 6: *P*: *Que*. *E*=*Ee*. V. 8. G. de A.: *ha de*. O P. usa do colectivo *gente* também com o verbo e adjectivo no plural. Vid. iv 88.

E. 108, v. 8. *P*: *Que*. *E*=*Ee*.

E. 112, v. 5. *E*: *ficou*.

E. 113, v. 2. Ed. de 1631: *a inveja*. O P. ou quis dispensar o art. (cf. a n. a x 42,2), ou o incorporou no *a* final de *tinha*. Cf. a n. a 111 10,2-3.

E. 114, v. 1. *E*: *mata, logo*. *P*=*Ee*. V. 2. G. de A.: *Do homicidio*. Teremos aqui um caso análogo ao de 1x 7,2, e 28,5? Sobre a fusão dos dois *oo* vid. a n. a 1 84,3. Ou seria a palavra empregada sem o art.? Cf. a n. 111 15,7 C; VIII 38,4.

E. 116, v. 2. *E*: *agoa*.

E. 121, v. 4. G. de A.: *lava da impureza*. Não ha motivo para a emenda. Do *os* se tira o *lhes* de *dá*. É construção corrente nos clássicos. «Assi se lhe cerrou o juizo e desemparrou a rezã, que» etc. *Palm.*, 111, p. 265. *Dá p.* emparelha com *lava*. Cf. a n. a VIII 77,8.

E. 123, v. 6. Ed. de 1626: *Emporio*. Cf. o mesmo erro em vi 56, 8.

E. 126, v. 5. *E*: *remotos ventos*. *P*=*Ee*.

E. 127, v. 3. *Doutro so* = *doutros só*. Cf. a n. a 111 8,4. É de presumir, *a priori*, que as inundações do Mecom não sejam causadas só por um dos seus afluentes. E na fonte desta est. (Barros, *D.* 1 9,3) leu o P. que ao Mecom «se ajuntã tantos e tão cabedaes rios» etc.

E. 128, v. 2 e 4. G. de A.: *o canto que molhado... escapado*, para rimar com *executado*. Mas a facilidade da emenda e os muitos plurais mostram que o que se se lê na ed. *princeps* foi assim propositadamente escrito pelo P. É um caso da rima incompleta. Cf. as nn. a 111 120; iv 32,7-8; vii 77,4, e x 88,6.

E. 130, v. 1. G. de A.: *o muro, o edificio*. Isto por causa do singular *edifica*. Mas o *m.* e *ed.* é uma *parelha*, que, como tal, pode ter o verbo no singular. Cf. a n. a vii 68,8.

E. 132, v. 7. M. C.: *Aqui as*. Mas não é necessária a supressão do *ha*. No *C. G.* a cada passo se encontra, ora o hiato entre *á* + *a*, ora a sua contracção, como aqui. «Vay de pena jalyuando» (= já a.). T' 1. p. 24.

E. 137, v. 2. G. de A.: *co'o amargo*. V. 5. Ed. de 1631: *Aonde*. Cf. a n. a VIII 50,3.

E. 141, 5-6. V. a n. a 11 55, 6.

E. 145, v. 1. F. e S.: *Não... não*. Cf. 111 67, 8. Apesar de o *nom* ir desaparecendo da linguagem literária do séc. xvi (no *Palm.* ainda ha vestígios: «nõ gasteys o tempo», 111, p. 203), era comtudo muito usado ainda antes do *mais* (e *menos*), quer junto, como faz o P., quer separado, como se encontra, por ex., em G. Vic. (1 327;

11 27) Em Castanhenda: *no mais e nomais* (11, 30; vii 91). V. 6: G. de A.: *Não o*. Cf. a n. a ix 77, 7.

E. 146, v. 1. Ed. de 1644: *do destino*. Cf. a n. a x 42, 2, e viii 38, 4.

E. 147, v. 8. P: *profundo*. E — *Ee*.

E. 150, v. 3. *Tenhão Religiosos* — *Tenham os Religiosos*. Cf. as nn. a iii 84, 2 (desaparecimento do s do art.) e vii 50, 1 (incorporação do o ao ão precedente).

E. 153, v. 2. G. de A.: *Sabeis*, porque o *Vereis* seria menos respeitoso!

E. 154, v. 4. P: *às vezes*. Cf. a n. iii 107, 7.

E. 156, v. 4. E: *Os mouros*. P — *Ee*. O P. deve ter escrito: *Os mouros. Os campos de Ampelus*. do v. 3 é a região plana que fica ao sul do cabo de Espartel (1), onde, segundo presumiam os patriotas portugueses, seriam desbaratados, *rotos* (cf. iii 53, 3; iv 34, 1; viii 13, 2; x 57, 8), os mouros de M. e T. E o P. especifica Trudante, pois foi daqui que partiu a terrível reacção contra os portugueses e contra os mouros que os não hostilizavam, reacção que, por um lado, teve como consequência a queda dos Merínidas e a sua substituição pelos xerifes Saadianos, e, por outro, forçou os portugueses ao abandono das praças que se intendeu não ser possível defender contra o renascimento do patriotismo e do fanatismo muçulmanos (2). Ler-se-ia *mouros* no exemplar de *Ee*, por que foi composto *E*, ou seria a triste realidade que levou a fazer a correcção? É curioso que ela não apareça em P, posterior, como *E*, á batalha de Alcácer. V. *Introd.*, § 2.º

ADDENDA ET CORRIGENDA

C. 1, 2, 7. Também o epíteto *Citerea* é usado como subst. Cf. i 34; ix 53, 57. E. 105, 6. «Farey vyda tal, que morte | me deseje cada dia». C. G., 11, 217.

C. 1, 20, 3. C. G. 1, 121, 15, *consylio* = *conselho*. Cf. *ibid.* p. 41, v. 13, e p. 116, v. 2.

C. 11, 112, 2. P: *vãa*. Suponho que o P. escreveu *rão*, som que resulta de *vã o o*. As grafias *ão*, *ã*, e *am* alternavam a cada passo. Nos L.: *não*, *nam*, *nã* (!) (v 73); *grão* *Mavorte* (11 50), *grão verdade* (viii 75); *gram rodeyo* (v 65), *gram victoria* (111 115); *venhão* em rima com *tenhã* (!) (viii 41). No *Palm.*: seu *hirmã* (11, p. 251), em *vã* (*ibid.*, p. 253), ao lado das desinências *ão* e *am*. «Hos muyto vão gloriosos.» C. G. 11, 25.

C. 111, 12, 8. Creio que no ms. se leria *Coa*. Cf. abaixo a n. a vi, 18, 8. E. 73, 7. «Bem mereço... | que me tragays atropelo, | como seu fosse alto bello». C. G., 111, 292. E. 100, 2: «Com oo fingido furor | que fingly». C. G., iv, 17.

C. iv, 26, 7. «Luxuriosas companhias | ... as quais eu muyto desamo» C. G., 111, 225. Penélope fala dos pretendentes.

C. v, 13, 4. E: *nunca*. «Nuca vi males alheos» etc. *Palm.*, 11, p. 73. Erro de

(1) «Ha terra despartel pera adiante ao longo do mar toda he baixo» (Duarte Pacheco. *Esmeraldo*, l. 1. c. 14). «Dans le sud du Cap, les montagnes s'abaissent rapidement pour faire place à une immense plaine» (*Instructions nautiques*, n.º 901. Paris 1917). Não foi precisamente nesta planície, mas um pouco mais ao sul que aconteceu o contrário do que o P. esperava.

(2) Cf. E. Mercier. *Histoire de l'Afrique septentrionale*. Paris, 1891. T. III, p. 21, 25, 26, 54, etc.

imprensa no *Palm.* e em *Le?* Formação análoga a *nigüem?* Cf. a n. a 11 54,6, e *C. G.*, 1,298: «Sejoo galante y potente». (= *impotente*). *E.* 79,3. Cf. *C. G.*: *Gejunar* — *jejúar* (11, 197), *gejumhar* (v, 363); *debrumar* e *debrũar* (1v, 398 e 371).

C. vi, 18,8. Confirma o desaparecimento do *e* o facto de *coa* (*coas*) ser sempre monosílabo nos *L.*, quando está antes de consoante. Cf. ff. 5, 3; 13,1; 29,1; 35 v. 3; 36 v., 2; 48 v., 2; 51 v., 1; 52 v., 1; 59,1; 59 v., 1; 60,3; 67,2; 70 v., 1; 76,3; 76 v., 2; 83 v., 1; 88,2; 92 v., 1; 100 v., 1; 123,2; 138 v., 3; 147, 1; 149 v., 1; 156 v., 3; 160 v., 1; 161, 2 e 3; 162 v., 1; 165,3; 169, 1; 169 v., 2; 171 v., 3; 181,3. *Com a* ora é monosílabo, como por ex., nas ff. 3, 2; 67 v., 2; 133 v., 1; ora dissílabo, ff. 145,1; 185 v., 1; etc.). No *coa* seguido de vogal o *a* elide-se ou fica junto á preposição, como se lhe seguisse consoante. Cf. ff. 15 v., 1; 33 v., 3; 51,3; etc. *E.* 77, 7-8. «Nam ouue alli nenhũ a que suas obras e parecer nam fizesse enveja.» *Palm.* 1, p. 316. «Pode ser que essas palauras e soltura de que nacẽ, castigue seu dono.» (*Id.*, 111, p. 146).

C. viii, 25,4. Estes vv. de Ovídio (*Carta de Laodamia*): «Sors quoque nescio quem fato designat iniquo, | Qui primus Danaum Troada tangat humum», são assim traduzidos no *C. G.*, 111, 237: «Dizem que por fado estaa, | nom sey quẽ este ha de ser, | que primeyro sairaa | na praya, e este seraa | o que primeyro morrer». O 2.º v. forma um parêntesis; o *que* do 3.º, correspondente ao *Qui*, = *quem*; o *e* do 4.º é como o dos *L.* em vii 70,5, e viii 55,6; e o conj. *morrer* = *morrerá*, como o *fizer* dos *L.* v 45,2, = *fará*. Cf. *C. G.*, 11, 197: «...veelo cuydando | na mays ferosa molher | das que deos fez nem fazer». *E.* 98,7. Uma das ed. de 1609: *ás v. as sc.* Cf. as nn. a 111 107,7, e 1 99,7.

C. ix, 16,8. «Que marterio tan profundo». *C. G.*, 11, 42.

C. x, 24, 8. *P*: *Dãos l.* Edd. de 1609: *Dão os*. Provavelmente no ms.: *Dãos l.*, pela fusão do *os* com o verbo. «... Tem deyxados amores | que dantes soya ter.» *C. G.*, 11, 101. Cf. *Ap. crit.* a vi 39,6. *E.* 75,3. É o tipo: *subs.* emparelhado com *subs.* + *adj.* Cf. 11 61,4; 111 95,6; viii 34,2; ix 26,4; x 86,1. O *rapto* deste último v. é portanto subst.



RL 6-1-58

669878

LPor Camoens, Luis de
C185kuRo Os lusiadas. Introd. de J.M. Rodrigues.

NAME OF BORROWER

DATE

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 23 09 03 002 5

